

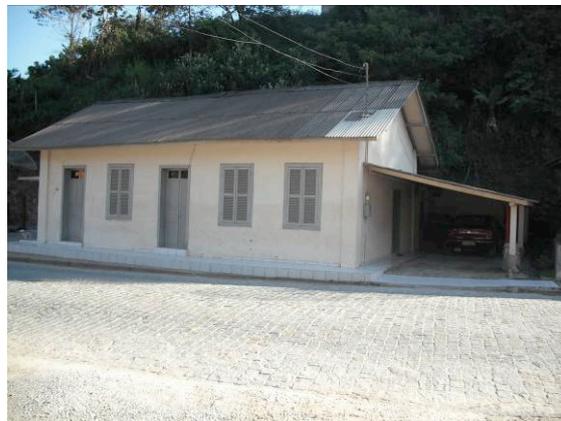
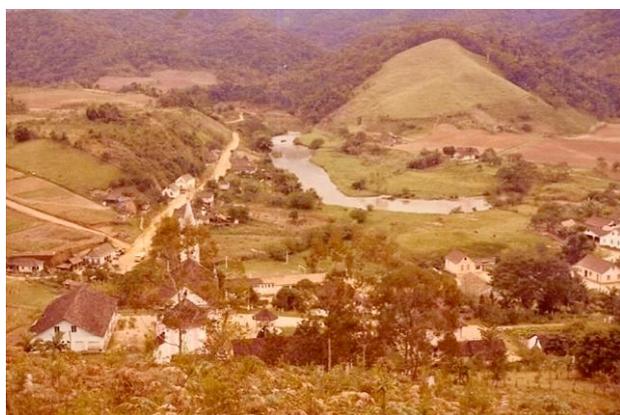
## Cap. 9 – EMANUELE TIRLONI

Emanuele Tirloni é o meu bisavô, e por isso, inevitavelmente, meu conhecimento sobre ele e sobre sua esposa Rosa é mais vasto do que em relação a outros nossos antepassados. Embora a coisa nem sempre seja óbvia porque se tem que encontrar pessoas dispostas a falar, mas acima de tudo, precisamos estar dispostos a ouvir.

Felizmente durante a minha infância e adolescência, meus avós Giuseppe (Peppino) e Cesarina Tirloni me falaram muitas coisas destes meus avós. Mas mesmo agora, além das memórias do meu pai Ferdinando Tirloni, que é atualmente o mais velho de seus sobrinhos, podemos nos valer de uma testemunha excepcional que é a sua última filha, - a única ainda viva – que reside em Paullo, cidade a sudeste de Milão: Íride Tirloni Gattini.

### 9.1 – Os primeiros anos

Emanuele nasceu em Porto Franco (hoje Botuverá), aos 27 de setembro de 1890 na casa da família, na margem direita do rio Itajaí-Mirim . É o sétimo filho de Alessandro e Elizabetta.



Porto Franco: vista da vila e particular da casa Tirloni (fotografias dos anos '60 e 2009)

Como foi mencionado no caso de todas as irmãs e irmãos mais velhos, não sei se a família Tirloni começou a viver logo na sua grande casa, ou se foi morar ali num segundo momento. Pode ser que o pequeno Emanuele começou sua vida, não em um pequeno barraco de madeira, mas já na casa grande, ou talvez tenha sido transferido para lá quando ainda era muito pequeno.

No momento de seu nascimento, seus pais tinham 33 e 37 anos respectivamente. A irmã Joana tinha 10 anos, enquanto sua irmã nascida antes dele (Ângela) tinha 1 ano e 4 meses. Emanuele é o sétimo filho, mas é preciso lembrar que naqueles tempos, ter muitos filhos era praticamente normal. Quando um casal casava, sabia que no futuro se encontrariam sentados à mesa uma dúzia de bocas para alimen-

tar. Portanto, no momento do nascimento de Emanuele, a família Tirloni se situava na média das famílias dos camponeses de seu tempo.

Como já foi referido, sobretudo naquele tempo, era desejo de todos os casais terem filhos homens, porque estes representavam a força de trabalho para ajudar nos campos, e como continuação da linhagem. Então pode-se facilmente imaginar a satisfação que experimentaram, seja Elizabetta, e sobretudo Alessandro, quando viram que o bebê era um menino: o terceiro!

Ao menino não foi dado um nome de família, mas para ele, a fim de continuar o que foi feito com o irmão maior, e para honrar as origens italianas, adotaram o nome do rei da Itália que reinava quando Alessandro e Elizabetta eram jovens e tinham embarcado na aventura para o Brasil. No momento deste nascimento, o rei Vittorio Emanuele II tinha morrido há 12 anos, mas provavelmente a notícia não tinha chegado no Brasil, mas pode muito bem ser que a escolha foi feita de propósito para homenagear o falecido governante italiano.

Emanuele foi batizado no dia 11 de outubro de 1890 na Capela de Porto Franco, que como já vimos, era indicada como paróquia há alguns anos. Seus padrinhos foram João Pavezzi e Teresa Bosio. Analisando esse certificado que foi trazido como um presente para o meu avô Peppino Tirloni pelo tio brasileiro Alessandro Merico, durante sua visita à Itália em 1984, pode-se fazer uma suposição sobre como eram dirigidas as pequenas paróquias nessas comunidades rurais perdidas no mato.

Não há certeza de quem foi o padre que celebrou este batismo porque o nome do Padre João Fritzen, que aparece no presente certificado, também é mencionado em todos os certificados de batismo daqueles anos, mesmo quando era claramente indicado que o celebrante tinha sido outro padre. Aliás, mesmo no caso de João, irmão mais velho, batizado em Nova Trento, no final do certificado aparece o nome deste religioso. Isto sugere que o Padre João Fritzen era o pároco da paróquia, ou um titular de um número de paróquias, que em algumas ocasiões deixava que outros padres celebrassem os sacramentos.

O celebrante de um ritual sagrado é uma figura muito importante, pois para a Igreja tem uma legalidade como se fosse um escrivão, que endossa e garante aquilo que está anotado. O fato de que não se menciona nenhum outro celebrante, permite supor que o batismo de Emanuele foi feito diretamente pelo titular, isto é, pelo pároco em pessoa.

Mesmo no seu caso, como para todos os parentes antigos do Brasil, seu nome foi escrito nos registros paroquiais em italiano "Emanuele", mas como resultado da campanha nacionalista dos anos 40, comandada pelo então ditador Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), em seguida o nome vem escrito em português "Manoel".



dos velhos irmãos Tirloni retornados para a Itália, e tinha decidido fazer cópias para dar de presente a cada um dos vários descendentes. Meu avô Peppo custou a acreditar que seu primo brasileiro lhe tivesse trazido um presente semelhante, e minha avó Cesarina decidiu mo mostrar.

Parece-me var ainda a cena em que a vovó Césara foi à escrivaninha de meu avô, tomou a certidão, colocou os óculos, e permanecendo de pé começou a leitura em voz alta, lentamente, pronunciando bem, e traduzindo uma frase por vez, todas as palavras daquela língua tão diferente da minha realidade de criança, e que me deixava muito curioso porque evocavam imagens de aventuras do tipo Salgariano.

Também a avó estava espantada e incrédula diante desta coisa, e ao ler, sua voz traía uma alegre emoção. Terminada a leitura, a avó entregando-me o certificado para que eu o visse bem, me recomendava de ter muito cuidado para não o estragar, porque este documento era cuidadosamente preservado, pois dizia que "era um presente precioso"!

Emanuele veio ao mundo 14 anos após a fundação de Porto Franco. Pode-se supor que nesta época Porto Franco já estivesse pelo menos na fase inicial de sua emancipação, portanto devia parecer, não mais como um pequeno grupo de dispersas e isoladas cabanas de madeira, engolidas pelo mato, mas como uma vila primordial para a qual o grupo de pioneiros, com uma fadiga e uma incrível constância, tentava dar um mínimo de organização, mas a luta pela sobrevivência continuou a manter-se constante em todos os dias de imigrantes.

Durante estes primeiros anos, os moradores já haviam construído a primeira infraestrutura rudimentar, tais como canalizações e moinhos de água para transportar e cortar madeira, bem como outras obras necessárias para a sobrevivência da aldeia, como moinhos de farinha e fornos de tijolos. Mas é preciso ter em mente que tudo estava ainda numa fase embrionária, e praticamente todos os dias fazia-se algo de "novo": uma nova escavação para trazer água, um novo moinho... ou alguma melhoria para as coisas simples que já tinham sido criadas na década anterior.

Digamos que diante dos olhos do recém-nascido Emanuele talvez não aparecia mais a floresta virgem na qual um punhado de poucos corajosos procuravam obstinada e laboriosamente criar um lugar para viver, mas certamente não aparecia ainda a vila propriamente definida com infraestrutura e edifícios organizados. Provavelmente as estradas eram pouco mais que picadas, e várias casas eram ainda improvisadas, mas começavam a ter uma certa predominância sobre a natureza.

A própria Igreja, construída numa posição dominante sobre uma colina, não longe do “porto franco”, ainda não possui uma torre para os sinos, e provavelmente a fachada não era ainda decorada como é vista nas fotos mais antigas que datam de 1920.

Pode-se imaginar que neste canto remoto da floresta brasileira não existissem os problemas relacionados com o frio, que caracterizam os invernos longos na Europa, mas nisto nos corrigem os nossos parentes antigos do Brasil, que lembram perfeitamente, como muitos anos atrás – ao contrário de agora, quando não mais acontecem - durante o Inverno acontecia de ocorrem as geadas! Certamente não é como na Itália, pois o frio durava muito pouco, e a neve nunca existiu. Mas precisamos pensar que absolutamente ninguém estava equipado para lidar com a menor queda das temperaturas. Certamente, estes primeiros anos foram difíceis para todos, e especialmente para as crianças!

Também para Emanuele são verdadeiras todas as considerações feitas anteriormente em relação às irmãs e aos irmãos. Todas as crianças encontraram as mesmas dificuldades neonatais, e também para Emanuele o fato de chegar à conclusão do primeiro ano de vida não deve ter sido absolutamente uma coisa fácil.

Podemos imaginar que também a infância de Emanuele foi muito breve, se não praticamente inexistentes. Podemos imaginar que Emanuele passou seus primeiros tempos controlado principalmente por suas irmãs mais velhas que, com a coordenação de Joana, a irmã mais velha, tinham de fazer o papel de mãe para todos os

irmãos e irmãs, enquanto a mãe e o pai ficavam ocupados com todas as suas atividades de trabalhar duro e pesado, a fim de fazer nascer do mato esta aldeia primitiva.

Havia muita coisa para fazer, praticamente tudo! Era necessário limpar a floresta para dar lugar a agricultura e aos espaços para a sobrevivência da família, cortar as árvores para obter a lenha para o uso familiar, limpar o terreno removendo as raízes para poder cultivá-lo, e construir toda a infraestrutura útil. Em suma, era comum que houvesse sempre muito entulho e muita desordem, e quando chovia, também havia muita lama. Certamente não havia o clássico mundo rural que imaginamos de idílio bucólico em contato com a natureza.

Com os dias sempre cheios de afazeres, compreendemos bem que os dois genitores tinham muito pouco tempo para se dedicar a seus filhos, os quais certamente deviam logo aprender a cuidar de si mesmos. Como costumavam fazer naquele tempo, as crianças eram enfaixadas, levadas junto pelos pais ao lugar onde deviam trabalhar, e enquanto descansavam as costas, de vez em quando lançavam um olhar para a criança para verificar se não havia algum problema, e quando o pequeno chorava, como por tradição, se o deixava chorar, porque se pensava: "*assim se fortaleciam seus pulmões*"!

No caso de Emanuele, pode-se imaginar que as pequenas irmãs bem pouco podiam fazer por ele, também porque elas tinham que ajudar sua mãe, não apenas para cuidar só dele, mas de todos os pequenos da casa. Na verdade, temos de pensar que Joana tinha 10 anos, Rosa tinha 9 e Albina tinha 7, mas todas elas tinham que cuidar também de João que tinha 5 anos, e especialmente de Vittorio que tinha 2 anos, e de Ângela que tinha 16 meses. Em suma, já havia muitos afazeres para todos!

Após um longo dia de trabalho até ao esgotamento, com o anoitecer chegava o momento do merecido descanso. Certamente a mãe Elizabetta voltava para casa com os sete filhos para preparar o jantar, enquanto o pai Alessandro terminava de organizar as últimas coisas, e só depois podia permitir-se de recuperar-se dos trabalhos, comendo as pobres coisas que a natureza e a agricultura primordial do lugar lhes concedia

Com 7 filhos, dos quais três muito pequenos, e muitas vezes chorando, pode-se imaginar que o tempo para descansar era realmente pouco.

Bem ou mal, estas coisas aconteciam em todos os lugares, e isso era uma constante da realidade dos agricultores, mas aqui no Brasil havia um agravante, porque quando durante a noite se retiravam em suas casas para repousar, era preciso pensar que todos os ouvidos deviam sempre estar em alerta para escutar quaisquer ruídos "estranhos" que poderiam sugerir um ataque de um animal selvagem, ou pior, da parte dos Bugres selvagens. Então, mesmo aqueles poucos momentos de paz terminavam, e era preciso logo estar pronto para defender a própria vida e das crianças pequenas e indefesas. Em suma, a tranquilidade era um bem escasso, e chegar a ser grande era realmente difícil!

Emanuele não tinha feito 2 anos quando veio ao mundo outra irmãzinha, Vitória, que, juntamente com Vittorio e Ângela, provavelmente foram seus companheiros de brinquedos. Depois dela chegaram ainda 4 outros irmãos, e quando nasceu a última filha, Antônia, Emanuele tinha quase 9 anos, e apesar de ser ainda um garoto, certamente precisou abandonar os brinquedos e a experiência infantil, para dedicar-se aos afazeres do trabalho e da dura fadiga.

A realidade de Porto Franco onde cresceu Emanuele, outra coisa não era senão uma “cópia” da província de Berganho, transplantada na América do Sul. Mesmo os hábitos e costumes da Comunidade permaneceram perfeitamente inalterados. Todos falavam o dialeto bergamasco, e o prato típico de todas as famílias era a polenta. Ainda pequeno, Emanuele pronunciava suas primeiras palavras infantis em bergamasco, idioma que usou ao longo de toda sua vida.

Para Emanuele, como para a maioria de seus irmãos e irmãs, não havia muito tempo para se dedicar ao estudo, mas aprendeu a ler e, como se dizia, "*aprendeu a fazer contas*".

Curiosamente, Emanuele não aprendeu a escrever. Durante toda a sua vida era capaz de fazer apenas a sua assinatura, e nada mais. Isso é realmente estranho, porque seus irmãos e irmãs, mesmo aqueles que nasceram antes dele, sabiam ler e escrever. Talvez escreviam de um modo atrofiado, rudimentar e desleixado, mas de todos eles se preservou algum traço caligráfico ou, pelo menos, uma memória de vê-los envolvidos com caneta e papel. Em vez, de Emanuele se sublinhou várias vezes o fato de sua incapacidade de escrever. Aliás, sua filha Íride sempre lembra a imagem de Emanuele, seu pai, que nunca deixou de se manter informado lendo o Jornal, mas confirma de tê-lo visto com a caneta na mão, somente para fazer a sua assinatura.

Pode-se fazer várias suposições sobre isto. A primeira suposição é que talvez, na pequena comunidade rural de Porto Franco, tenha estado presente durante um período limitado, alguma pessoa que teria ensinado às crianças a ler e a escrever, e que Emanuele, talvez demasiado pequeno, não teve a sorte de ir receber aulas desse professor. Mas se assim fosse, onde ele teria aprendido a ler? E se ele aprendeu a ler – talvez de alguém da família – porque eles não lhe ensinaram a escrever?

Chega-se a pensar que Emanuele, durante a infância, não aprendeu a escrever por causa de seu manifesto desejo infantil de não estudar, e a família não tenha insistido, porque não considerava como algo tão importante... Em tempos passados, até muitas décadas atrás, entre as pessoas das vilas existia um ditado que dizia: "é melhor um jumento vivo do que um doutor morto". Pensava-se que a educação não era tão importante, porque ir à escola, além de ser caro, "não enchia o estômago". Mas especialmente se sustentava que o importante era que pelo menos um da família tivesse um mínimo de instrução de base, pois assim, quando houvesse necessidade de ler e escrever, coisa que não ocorria frequentemente, pudesse fazê-lo, também para quem não era capaz. Esta consideração final não era muito própria da família Tirloni,

na qual, graças às muitas atividades comerciais, eram todos os dias impelidos a manter contato com as “folhas de cartas”.

Não sabemos o que na verdade foi a causa desta falta de instrução de Emanuele, mas certamente é uma daquelas mencionadas acima. Tendo chegado na Itália, provavelmente já era muito grande para ir às aulas como seus irmãos mais novos, para seguir os ensinamentos que a velha Bígia (segnuna de Covo) deu a seus irmãos.

Emanuele é o terceiro filho homem nascido em 5 anos e, neste ponto, seu pai Alessandro podia começar a pensar de prosseguir em suas ideias expansionistas, porque ele podia contar, já num futuro próximo, com a ajuda suficiente dos braços domésticos.

Também para Emanuele, portanto, se aplicava o que foi dito anteriormente para os irmãos mais velhos: desde criança começou a tornar um hábito o suor do trabalho e os riscos da vida de pioneiro. Ajudava o pai no corte da madeira e no trabalho de alguns campos conquistados com dificuldade no mato, e certamente era um pouco mais do que uma criança quando, pela primeira vez, usou as perigosas ferramentas de corte, ou começou a se familiarizar com os machados e armas de fogo.

Hoje em dia causa impressão pensar que um menino começa a lidar diariamente com os riscos, tendo menos de 10 anos. Talvez o faça de forma inconsciente, mesmo porque uma criança não chega a compreender os riscos aos quais vai ao encontro, carregando uma espingarda, montando guarda contra os Bugres, trepando em árvores tendo em mãos ferramentas de corte, ou seguindo a madeira ao longo de cursos de água. Mas também esta ilusão de segurança se tornava menor, porque os acidentes estavam sempre na ordem do dia, e as crônicas diárias estavam sempre cheias de notícias de acidentes fatais acontecidos aos pioneiros que acompanharam os Tirloni nesta aventura.

À medida que crescia, Emanuele acompanhava os seus irmãos mais velhos João e Vittorio no trabalho perigoso, mas nos primeiros momentos em que devia criar prática, Emanuele representava um obstáculo para os irmãos, pois precisava ser constantemente ensinado e controlado para evitar que na sua inexperiência pudesse causar grandes problemas para todo o grupo de pequenos trabalhadores.

Na ausência do pai, o comando ia diretamente para as mãos do irmão mais velho, João, e era, portanto, a este último que se dirigem os irmãos, quando se tratava de tomar decisões. Se algo desse errado, era a João, mais do que a todos os outros, que estariam voltadas as tremendas fúrias paternas. Acontecia assim que, além do rancor paterno para com Emanuele, aconteciam em cascata também as acusações dos irmãos maiores.

Estas eram as coisas que aconteciam em todas as realidades, mesmo hoje em dia. Mas em um contexto como aquele de Porto Franco, e com um pai como o dele, devemos imaginar que não deve ter sido nada fácil a adolescência de Emanuele.

Não sabemos exatamente em qual período aconteceu a emancipação que levou Alessandro aos níveis de potência econômica que bem conhecemos. Assim como também nós não sabemos exatamente quando começaram a entrar em operação as serrarias e, finalmente, o empório. Mas podemos imaginar que tudo chegou a

funcionar já durante os últimos anos da infância de Emanuele. Provavelmente, em seguida, Emanuele foi um dos últimos a ser capaz de entender a passagem que trouxe sua família a já não ser uma família de pioneiros que viviam mal, mas uma família de verdadeiros empreendedores que, ainda assim, precisavam trabalhar mais, mas pelo menos com as novas condições de base, mudadas.

Antes de tudo, isso para ele significava um aumento de trabalho, mas acima de tudo, um notável aumento de riscos a enfrentar. Uma quantidade maior de negócios significava mais trabalho no mato e nas serrarias, com o risco de acidentes, bem como mais viagens ao longo do rio, como balseiro, sobre pilhas de madeira, com o risco de morrer afogado, e com o risco de encontros desagradáveis com Bugres selvagens. Em suma, tudo era quase pior do que antes.

O Pai Alessandro provavelmente agora tendia cada vez menos a arriscar sua vida cortando as árvores no mato, ou transportando-as através do rio. Passava mais tempo a dirigir o trabalho na serraria e controlando o empório. Portanto, a parte realmente arriscada agora cabia aos 3 jovens irmãos Tirloni, e Emanuele estava entre os mais pequenos.

Em casa, enquanto ao jovens punham em jogo a própria vida, todas as mulheres da família, apesar de preocupadas com o destino dos meninos, elas deviam envolver-se no complexo gerenciamento de todo este "Império econômico" que estava ligado às serrarias (refeições quentes, cama para os trabalhadores, o empório etc.), tudo isto criado graças à obstinada vontade do pai Alessandro, crescido e mantido graças ao trabalho árduo e incansável da mãe Elizabetta e de seu "exército" obediente das filhas.

Quando depois retiravam-se para dormir e relaxar um pouco dos muitos trabalhos do dia, nada mais fácil do que ocorrer que o sono do jovem Emanuele fosse abruptamente interrompido pelos ataques dos Bugres, ou mesmo porque juntamente com seu pai e seus irmãos devesse montar guarda. Nós podemos apenas imaginar o medo que os jovens experimentavam quando, no meio da noite, eram abruptamente acordados por seu pai que, talvez, já com a espingarda nas mãos, chamava-os a levantar-se e armar-se.

Quem sabe o que estaria acontecendo em casa naquelas longas noites em que os homens estavam montando guarda; quem sabe se as mulheres se reuniam juntamente com a mãe, e talvez rezavam uma oração, ou talvez permaneciam em suas camas e mantinham as suas preocupações para si mesmas. Sem contar que também quando os homens partiam para levar a madeira para a cidade, o pensamento de quem permanecia em casa à mercê dos selvagens, não ajudava a ficarem serenas e concentradas sobre os perigos que poderiam acontecer a elas mesmas.... Definitivamente as oportunidades de oração e de intercessão não eram poucas.

Dos relatos chegados até os nossos dias se deduz claramente que Emanuele era um jovem de bem, disciplinado, e muito obediente à vontade de seus pais, a quem obedecia sempre. Talvez, mais por dever do que por vontade. Ele tinha um forte senso de respeito por eles. Nunca deixava prevalecer a sua vontade e as suas idei-

as, mas sempre abaixava a cabeça diante das imposições de seus pais, seguindo sempre as ordens que lhe eram impostas do tremendo pai Alessandro. Não sabemos com certeza, mas pode ser que por toda a sua vida nunca tivesse desencadeado a menor rebelião contra ele!

Como todos os jovens membros da família Tirloni, também Emanuele foi um trabalhador incansável, assim como seu pai, e estava sempre pronto para fazer o que era preciso. Onde quer que houvesse trabalho a ser feito, de qualquer tipo, ele se oferecia com empenho e dedicação: desde o corte dos troncos no mato, até o trabalho nas serrarias, do perigo do trabalho de balseiro, até do trabalho nos campos, da caça aos Bugres, até como vendedor, atrás do balcão do empório.

Para dizer a verdade, nós não temos notícias certas que Emanuele tenha andado atrás do balcão e lidado diretamente com os clientes, mas certamente se houvesse a necessidade de fazer algum trabalho ali, certamente o jovem teria obedecido.

Emanuele era um jovem de boa índole, de pacata alegria, sempre inclinado a sorrir. Também ele, como seu irmão mais velho, João, não gostava de brigar ou discutir. Talvez até mais do que seu irmão, Emanuele preferia sempre tomar partido em favor da "paz na família", e no caso de discussões, preferia ceder, em vez de ficar com raiva e começa a brigar com seus entes queridos. Manteve esse caráter ao longo de toda sua vida.

Os dois irmãos, Emanuele e João são, como se pode ver, muito semelhantes e exatamente opostos de seu pai! Pode-se crer que estes dois irmãos, também graças à similaridade do caráter, andassem sempre de acordado durante sua juventude.

Uma grande semelhança que Emanuele tinha com seu pai Alessandro residia no fato de que ele também, como o pai, não tinham problemas ou escrúpulos para falar de si mesmos. De fato, por toda a sua não longa vida, gostava de contar todas as experiências e aventuras que ele havia experimentado durante os anos da juventude passados no Brasil. Provavelmente também para ele (como para o pai) narrar estas histórias representava também um motivo de merecido orgulho, pelo fato de ter chegado a sobreviver, Mas é precioso ter em mente o fato de que todas estas experiências o devem ter marcou de forma muito forte.

Próprio pelos méritos dos contos ouvidos diretamente dele, se chega a conhecer não só as suas tarefas, mas também as dificuldades que diariamente enfrentava na vida difícil em Porto Franco, e acima de tudo, se chega a descobrir como ele e todos os seus irmãos viveram essa dura realidade.

Emanuele esforçava-se sobretudo no trabalho das serrarias, e portanto devia entrar na luta muitas vezes junto com seus irmãos no trabalho arriscado de balseiro. Como anteriormente já foi explicado, este trabalho sempre colocava em risco a vida de quem se empenhava para ficar sobre as balsas de madeira que desciam ao longo do rio Itajaí-Mirim, porque no caso de algo não dar certo, era preciso agir na tumultuada água do rio, e em condições de nenhuma segurança. Não era incomum, se ocorressem situações semelhantes, que alguém não voltasse mais para casa!

Das histórias contadas pelas pessoas idosas ainda nos dias de hoje, sabe-se com certeza que para fazer esta viagem era preciso pelo menos uma semana em que

todos os membros da expedição eram expostos aos riscos de afogamento (durante a viagem de ida) ou aos ataques dos Bugres (durante a viagem de volta).

Emanuele permaneceu muito impressionado por causa destes ataques. O medo de encontrar-se na frente do Bugres deve ter realmente impressionado (porque objetivamente era o maior risco que corria). Tanto é verdade que era a coisa que ele contava mais frequentemente. Minha avó Césara, de fato, recordava muito bem a imagem de seu sogro que contava com ênfase "ghera de combat i Bugheri" ou seja, "era preciso combater contra os Bugres". Talvez os confrontos não ocorriam com tal frequência como Emanuele relatava em sua velhice, mas a possibilidade de ter que confrontar-se com eles sempre era muito alta, porque os nativos sabiam muito bem camuflar-se, e por isso os ataques ocorriam sempre muito inesperados, e o perigo poderia estar por detrás de alguma árvore.

Terminada esta tumultuada viagem para Brusque ou Itajaí, depois de uma parada na cidade para comprar o que era necessário para a família e para o empório, partiam de volta para Porto Franco, e apenas deixada a cidade de Brusque, adentrava-se no mato, onde reinava o silêncio da natureza, no qual cada um podia ouvir distintamente o rumor de seus passos, o crepitar das folhas secas pisoteadas. Este silêncio e esta quietude total eram ainda mais temerosos do que o chuá tumultuoso e a força das corredeiras do Rio. De mais a mais, era preciso seguir em frente todos ainda mais em silêncio para evitar de serem percebidos pelos selvagens, e não se podia tentar exorcizar os medos, cantando para criar coragem.

Durante a viagem de regresso, na penumbra silenciosa do mato denso, os olhos e os ouvidos de todos ficavam tensos para ouvir mesmo o mais leve movimento ou ruído proveniente da vegetação, e certamente a cada pequeno ruído, ou talvez pior, a cada grito dos animais da floresta, todos ficavam assustados.

Quando finalmente, após dias de caminhada, chegavam em Porto Franco, definitivamente um suspiro de alívio e um olhar de agradecimento voltado em direção ao céu, aliviavam todos os membros da expedição.

Como já foi referido, as lutas com os bugres, por vezes, ocorriam porque os colonos provocavam os indígenas, atijando-os e rindo deles, e isto muitas vezes acontecia porque os colonos estavam armados com espingardas e, portanto, em uma situação de superioridade em armas, que os fazia sentir-se arrogantes. Pessoalmente, sou levado a crer que Emanuele não pertencia ao grupo de pessoas que provocavam os indígenas sentindo-se fortes por causa das armas de fogo. Sou mais inclinado a acreditar que se tratasse de combates acontecidos simplesmente porque Emanuele teve a infelicidade de estar no lugar errado, na hora errada.

Seja também dito que Emanuele, nos anos de juventude no Brasil, participava juntamente com seu pai e irmãos maiores, da guarda noturna, ou de assaltos empreendidos contra os Bugres, que de noite tentavam queimar as colheitas das famílias. Esses ataques eram planejados e, infelizmente, destes ataques Emanuele não podia se subtrair.

Pessoalmente encontrei-me muitas vezes me perguntando quantos destes indígenas nunca mais retornaram para junto de seus queridos, mortos pelas mãos dos meus antepassados. Mas sobretudo eu me perguntei, "Como se teriam sentido após terem cometido esses assassinatos? Será que nunca tiveram qualquer remorso pela matança que faziam? Nunca teriam chorado diante do sangue de suas vítimas?"

Enquanto o patriarca Alessandro passou para a história como uma pessoa muito forte, dura, fria, quase cruel, quase sem escrúpulos, Emanuele sempre foi descrito por todos como um homem bom, silencioso e quase indiferente à lógica da "emancipação a qualquer custo", típica de seu pai, e por isso, para mim, era inevitável tentar colocar-me em seu lugar, e colocar-me semelhantes perguntas existenciais. Minha única esperança é que meu bisavô não tenha considerado os Bugres como "animais", privados de humanidade, e portanto, a eliminar o maior número possível, mas como sendo homens contra os quais se encontrava "em guerra", em uma realidade na qual infelizmente (é melhor dizer) reinava a "*lei da selva*", onde não havia paridade, e onde um dos dois necessariamente devia sucumbir, pagando o preço absoluto da própria vida!

Sempre a respeito dos perigos da vida em Porto Franco, Emanuele contava muitas vezes sobre o perigo diário vinda das cobras (muito frequentes na área), talvez atraídas pelo cheiro de comida e dos animais domésticos, as quais invadiam até as casas da aldeia. Os encontros eram muito frequentes, e não é de excluir que algumas pessoas também tenham sido vítimas.

Felizmente se descobriu que as cobras ficavam imobilizadas, como que hipnotizadas, diante de sua imagem refletida em um espelho, e assim, para evitar que as cobras entrassem em casa, Emanuele dizia que em frente das portas de entrada e em cada janela de sua grande casa foram colocados vários espelhos. Isto permitia-lhes evitar as inexoráveis picadas, mas também permitia matá-las, e eventualmente comer os próprios animais.

As cobras sempre criavam um outro problema que Emanuele gostava de contar: perto de sua grande casa cresceram determinadas palmas, das quais se extraía uma medula comestível, chamadas palmito, das quais Emanuele era sempre um glutton. Mas infelizmente, justamente na base destas plantas as cobras geralmente se escondiam, e por isso era muito difícil de se aproximar.



Plantas e miolo de Palmito (fotografias – ano 2009)

Emanuele acabara de completar 10 anos de idade quando sua irmã Joana se casou, e pouco mais de um ano mais tarde, ele se tornou um tio pela primeira vez. Nos anos sucessivos, também viu se casarem as outras duas irmãs maiores, e no final da primeira década dos anos 1.900, Emanuele começou a visitar, e em seguida a namorar uma menina que, infelizmente, não se sabe o nome, mas provavelmente também ela residia em Porto Franco, ou como alternativa, em Nova Trento, a mesma vila em que residia também a namorada de seu irmão João, e na qual vivia a irmã Rosa e o cunhado Carlos Tridapalli.

Tudo indicava que a sua vida se destinaria a trabalhar na serraria, e a um casamento com esta moça. Mas também para ele o ano de 1909 lhe destinou uma revolução em sua vida, a mesma que colheu todos os membros da grande família Tirloni, porque o Patriarca Alessandro, o pai-patrão que sempre sujeitava todos os seus familiares às suas vontades, tomou a decisão de retornar para a Itália!

Como já se disse, não sabemos como esta notícia foi comunicada aos vários membros da família. Não sabemos se se encontraram diante de uma escolha irrevogável tomada pelo pai, ou se foram envolvidos desde logo pelas reflexões paternas. Mas conhecendo o temperamento difícil de Alessandro, nada mais fácil do que ter ocorrido que os filhos tivessem podido falar muito pouco para dizer sua opinião, e tenham podido influir bem pouco sobre a escolha final do seu pai. Não sabemos nem sequer se aos vários membros da família foi dada a liberdade de escolha sobre seus destinos!

Certamente a mãe Elizabetta era obrigada a seguir o marido por dever conjugal, mas suponho que a ideia de retornar para a Itália, afinal, não lhe desagradava de todo. Os irmãos mais novos (Francesca, Eliseu, Ângelo e Antônia) foram praticamente obrigados a acompanhar os pais para a Itália. As irmãs casadas e os cunhados foram certamente deixados livres para decidir por própria conta. Mas o que teria acontecido com os 5 irmãos maiores ainda não casados? As irmãs solteiras não ti-

nham muita escolha e foram forçadas a seguir seus pais. Mas o que estaria sendo dito a João, a Vittorio e Emanuele? Eles teriam podido escolher o seu destino, ou teriam sido obrigados a obedecer à vontade paterna?

É mais do que evidente que Alessandro queria que os seus três filhos já grandes fossem com ele para a Itália para trabalhar a terra que se preparava para comprar. Não teria sentido comprar uma fazenda para fazê-la trabalhar por terceiros. Os três filhos mais velhos representavam uma força de trabalho que era absolutamente essencial para os projetos de Alessandro, e portanto não estava absolutamente disposto a perdê-los, por nenhuma razão no mundo!

Emanuele participou destes primeiros momentos decisivos não como "ator protagonista" (sorte destinada apenas para o irmão mais velho, João) mas todavia tornou-se um dos atores principais, porque para ele, não seria apenas de ter que se desenraizar de sua terra natal e da sua realidade. Emanuele tinha em jogo também o afeto... Não estava sozinho diante desta encruzilhada, mas definitivamente, em pensamento, tomava parte também a sua namorada. Também neste momento o destino ligava muito os irmãos Emanuele e João. Dois rapazes jovens, (Emanuele com 18 anos e João com 23 anos) muito semelhantes no caráter, encontravam-se ambos a terem que conviver com um grande peso.

Não se sabe com precisão quem dos dois começou primeiro a namorar, mas a diferença de idade sugere que João estava namorando a mais tempo que Emanuele, e a namorada de Emanuele deveria ser uma moça muito jovem, e por isso a posição de Emanuele pareceria ser muito menos "definitiva" do que a de João. Mas é preciso lembrar que naqueles tempos casava-se muito jovem, e por isso os namoros que começavam na pós-adolescência eram praticamente destinados (exceto em casos especiais) ao casamento. Por isso se pode concluir que ambos os irmãos viveram estes momentos com igual intensidade emocional.

A única sorte de Emanuele é que, pelo menos ele podia passar em Porto Franco estes últimos meses antes da partida, enquanto seu irmão João precisou partir imediatamente com o seu pai Alessandro para a Itália, para acompanhá-lo na escolha e compra de uma fazenda. Enquanto João tinha pouco tempo para tomar qualquer decisão, Emanuele, de sua parte, tinha vários meses para pensar, mas acima de tudo, para falar e confrontar-se com a sua namorada.

Para ele não se tratava apenas de deixar todas as suas certezas e o seu mundo, mas também de cancelar todos os seus sonhos e projetos que certamente tinha em mente, projetos em que entrava especialmente esta moça para nós desconhecida. Certamente Emanuele informou imediatamente à namorada a vontade de seu pai, e por certo ambos perderam o sono por um longo tempo.

Para ambos os jovens, a escolha não era nada fácil: se decidissem ficar juntos, significaria que um dos dois deveria dizer adeus para sempre à sua família, por amor ao outro, mas se prevalecesse a obediência para com seus pais, significaria que os dois jovens deveriam deixar-se para nunca mais se verem.

Quem sabe se, neste momento difícil, Emanuele falou com alguns de seus familiares. Pode ser que tenha falado com sua mãe Elizabetta, mulher boa e de gran-

de coração, mas submissa às vontades de seu marido. Ou tenha falado com os irmãos (talvez com João). Quem sabe tenha falado com algumas das irmãs, ou pode ser que tenha mantido todos os seus pensamentos e perturbações dentro de si mesmo, e não tenha falado com ninguém.

Enquanto isso, o tempo passava rapidamente, e logo Emanuele se viu cumprimentando seu irmão João, que visivelmente repleto de pensamentos e preocupações, se preparava para partir para a Itália com seu pai, Alessandro.

Considerado o tempo aproximado do percurso dos navios daquele tempo, pode-se acreditar que o pai Alessandro e seu irmão João mantiveram-se longe de Porto Franco, pelo menos 4 meses, e este período de "vazio institucional" sem a presença do terrível chefe de famílias, devem ter sido meses no quais Emanuele (mas também todos os seus irmãos) teria podido saber o que significaria para ele ficar no Brasil, sem a presença opressiva constante e vigilante do pai-patrão.

Mesmo que precisasse fazer exatamente as mesmas coisas como antes, certamente a pressão teria sido menor, e Emanuele teve certamente modo de pensar e analisar o que ele preferia fazer. Teria certamente percebido que a aventura na Itália (que talvez o atraía) significava, antes de tudo, permanecer ainda submisso ao jugo paterno, e teria conseguido saborear o gosto da liberdade vivida na realidade a que estava acostumado, e manteve uma relação sentimental que talvez já era uma promessa.

Portanto não se pode excluir que também tenha levado em consideração a hipótese de rebelar-se do poder paterno, e tenha até estudado uma conversa a fazer com seu pai, quando ele voltasse da viagem da Itália. Mas uma coisa é estudar uma conversa na mente e convencer-se das próprias ideias quando se está sozinho, e outra coisa é ter a força e a coragem de colocá-las em prática quando se encontraria diante dos olhos fixos e do olhar de desconfiança do terrível genitor.

Pensamos também que provavelmente durante a viagem de seu pai e do irmão para a Itália, não teria chegado nenhuma notícia dos dois até Porto Franco. Sempre permanecia a incógnita que acompanhava cada viagem, uma vez que os riscos sempre estavam na porta. Portanto a ideia de qualquer problema (ou pior, de algum azar) que tivesse surpreendido os dois viajantes, não era de todo deixada de lado.

Quando, finalmente, depois de meses de silêncio e de dúvidas, viu retornar a Porto Franco o chefe da família e o filho mais velho, pelo menos essa preocupação desapareceu, mas era preciso enfrentar um outro grande problema que neste entre-meu surgiu, desconhecido de todos: a rebelião de João!

Infelizmente não sabemos exatamente como ocorreram esses eventos e não sabemos nem sequer como a família acolheu a notícia, quando os dois retornaram a Porto Franco, mas certamente não deve ter sido um momento fácil. É de se esperar que pelo menos alguém da família tenha entendido João e se tenha posto em sua defesa, tentando acalmar a raiva do velho Alessandro, que magoado por esta decisão de seu filho mais velho, estaria, sem dúvida, furioso e intratável.

Esta situação não deve ter sido de ajuda para Emanuele que talvez, em frente do pai furioso, pôde ter perdido a coragem de desafiá-lo anunciando sua deserção, e

no lugar de aproveitar a tempestade desencadeada aliando-se ao seu irmão, Emanuele pode ter decidido escolher a obediência.

Outra possibilidade diametralmente oposta é que Emanuele já tinha feito sua decisão de seguir os pais para a Itália, e então esta posição pode ter colocado dificuldades ainda maiores a seu irmão João que, sozinho na frente de todos, também precisou confrontar-se com a escolha de Emanuele que, no seio da família, certamente foi julgada como mais "responsável e de bom senso".

Naturalmente, todas estas considerações não são nada mais do que meras suposições, porque é preciso ter em mente que, naqueles tempos, a maioria chegava apenas com a idade de 21 anos, então, ao contrário de João, Emanuele ainda era menor de idade, e pode ser que ainda não tivesse tido a chance de escolher.

A única coisa que sabemos com certeza é que a namorada de Emanuele, provavelmente ainda muito jovem, não ousou deixar seu mundo e sua família para seguir com seu namorado nesta aventura em uma terra que, talvez, não fosse a sua. Era uma escolha muito grande para ela, e Emanuele não insistiu. Ele não sentiu que deveria forçá-la a segui-lo (o que provavelmente faria o seu pai Alessandro se tivesse se encontrado em sua situação). Em face desta encruzilhada de seu destino, contra a sua vontade pronunciou o seu "obedeço" à vontade do pai, e com tristeza se preparou para a definitiva separação de sua namorada.

Nós não sabemos exatamente quanto tempo tenha decorrido entre o regresso a Porto Franco do ancião chefe da família, e da partida definitiva de todo o núcleo familiar, mas pode-se crer que pelo menos tenha passado um mês ou mais, também porque, além de preparar todas as coisas para levar para a Itália, o pai devia cuidar de regularizar todos os aspectos burocráticos, a venda e a sucessão das várias terras e propriedades para os filhos que permaneciam no Brasil. Mas para Emanuele este foi um tempo de preparação para o desprendimento do seu mundo.

Pensamos que nestes momentos Emanuele, mesmo continuando a lidar no trabalho e a todos os seus deveres, tenha reservado algum tempo para si mesmo. Podemos pensar que, pelo menos, à noite, terminados os seus dias de trabalho, chegasse a passar algum tempo com sua namorada, com seu povo, com seus amigos, irmãs e cunhados, com seus sobrinhos, dos quais estava prestes a se separar. Este era o momento em que se recordavam as memórias mais bonitas e inesquecíveis, mas é também, e acima de tudo, o tempo em que se podia confiar sem medo, e podia-se abertamente dizer tudo o que se sentia, mas que por modéstia ou deferência, nunca se atreveu a dizer.

Podemos pensar que ele pôde usar este tempo para confraternizar-se com todos eles, mas também para olhar com olhos diferentes seu mundo onde viveu até agora: sua casa e os cenários que via todos os dias apenas acordado, e à noite, antes de dormir, lembrava da Igreja onde ia participar da Santa Missa, o rio atravessado muitas vezes com estacas de madeira, e os vários lugares aos quais vivia ligado, porque eram carregados das memórias dos jogos da infância ou, talvez, de lazer junto com os amigos.

É sabido que em casos como este o tempo corre muito rapidamente e logo chega no dia da partida. Emanuele tinha 18 anos e estava para mudar radicalmente sua vida, abandonando todas as certezas, todas as coisas normais às quais estava habituado, para enfrentar uma aventura em um mundo desconhecido, ouvido apenas nas histórias contadas pelos antigos, nas quais dominavam as imagens de pobreza e sacrifício. Obviamente, nesta nova aventura não estava sozinho e não era um desorientado (como havia acontecido com seu pai, quando, pouco maior do que ele, tinha emigrado para o Brasil). Mas em vez disso era o herdeiro de um rico senhor, e por isso tudo o levaria a pensar que agora o seu caminho era cômodo e em declive, mas definitivamente não deve ter sido fácil realizar este passo.

Eu me perguntei muitas vezes como o bisavô Emanuele teria passado as últimas 24 horas em seu mundo, como o teria observado, o que teria feito. Principalmente eu parei para imaginar sobre o que poderia ter pensado na última manhã em que teria se acordado em sua cama, e como teria atravessado pela última vez o limiar de sua grande casa ao longo do rio, e teria visto as pessoas virem para cumprimentá-lo. Certamente o jovem Emanuele deve ter olhado ao redor, e com atenção teria lançado os olhos como a querer capturar pela última vez aquelas imagens, tantas vezes vistas, de Porto Franco e de sua gente.

Certamente também para Emanuele deve ter sido um impacto muito forte o momento da despedida final de seus familiares. Só podemos imaginar como deve ter sido triste esse momento, sobretudo para uma pessoa boa e sensível como ele. A saudação dirigida reciprocamente era "*Adeus*"! e não "*até logo*"! Cumprimentavam-se com a certeza de que não se veriam nunca mais.

Nós não temos narrativas detalhadas deste momento, por isso nós não sabemos exatamente como foi este momento. Mas podemos pensar que, pelo menos numa ocasião de um semelhante "acontecimento", todos estariam presentes, juntamente com seus amigos e conhecidos da vila:

- Joana, a irmã mais velha, tinha 29 anos, e 8 anos antes ela contraiu um bom casamento com João Morelli que tinha 35 anos. Os dois tinham quatro filhos: Luiz que tinha 7 anos, Maria que tinha cerca de 5 anos, Anna tinha 3 anos e José que tinha apenas 1 ano.
- Rosa, a segunda irmã, tinha 27 anos, e também ela contraiu um ótimo casamento com o neotrentino Carlos Tridapalli de 36 anos. Não sabemos exatamente quantos filhos tinham neste momento, além do primogênito, Luís de 3 anos.
- Albina, a terceira irmã, tinha 25 anos e era casada havia 2 anos com José André Maestri, que tinha 26 anos. Este casal tinha uma filha, pouco mais do que um ano, de nome Maria
- João, o irmão mais velho, como foi mencionado, tinha 23 anos e estava próximo ao casamento com a namorada coetânea neotrentina chamado Narcisa Gesselle
- Vittorio, o segundo irmão de Emanuele, estava entre aqueles que se despediam, pois de fato permaneceu no Brasil por mais três anos para concluir seus

estudos, e se reuniu à sua familiar só mais tarde, e provavelmente a ele foram confiados os últimos pensamentos de Emanuele e de seus irmãos, para todos os amigos e conhecidos que permaneciam no Brasil.

Estes eram os familiares que permaneceram, e além deles, certamente havia os parentes (irmãos de sua mãe e suas famílias. Não sabemos se os pais de Elizabetta, avós maternos de Emanuele, ainda estavam vivos, e não sabemos se eles ficaram no Brasil ou se voltaram junto para a Itália). Os velhos "camaradas de aventuras" do pai, isto é, os pioneiros que juntamente com Alessandro chegaram pela primeira vez a Porto Franco, como por exemplo os cônjuges Morelli e Maestri (agora tornados sogros das irmãs mais velhas de Emanuele) mas havia principalmente todos os seus amigos, e os amigos de seus irmãos e Irmãs. Todos provavelmente acorreram a se despedir dos parentes, e entre eles certamente estava também a namorada que Emanuele deixava Brasil. Quem sabe o que eles se disseram neste extremo cumprimento estes dois jovens, cuja história foi assim duramente interrompida. Infelizmente nós nunca o saberemos!

Certamente houve muitas lágrimas, acima de tudo é de se acreditar que a mãe Elizabetta, mulher delicada e doce, sofreu muito para separar-se das filhas e dos netos, mas não é de se excluir que também Emanuele, como também um homem todo insensível como o pai Alessandro, cederam à comoção.

Chegou o momento da definitiva despedida. Enquanto todos ficavam parados e se despediam, o grupo de 9 pessoas virava as costas a Porto Franco, e iniciava a viagem para a Itália, e pouco a pouco suas figuras desapareceram para sempre, e também para Emanuele que voltava a olhar para trás pela última vez, os rostos dos amigos e familiares tornavam-se cada vez menores até desaparecer. E à medida que prosseguiam, também a pequena vila de Porto Franco e os cumes das colinas tão familiares a eles, acabaram sendo engolidos pela densa vegetação.

Enquanto o navio soltava a amarração e zarpava para a Itália, podemos imaginá-los todos com vestidos bonitos e os rostos sérios voltados para a popa do navio para saudar pela última vez a este canto do mundo que lhes deu tanta coisa, e ver a terra firme desaparecer, e dentro deles dizerem: "*Adeus, Brasil!*"!

As condições em que a família viajou eram boas. O pai Alessandro tinha os recursos financeiros para fazer com que todos viajassem em primeira classe. Mas dado o grande número de passageiros, pode-se presumir que o Patriarca tenha optado por fazer a família viajar numa classe mais econômica, no entanto sempre na digna segunda classe. A vida de todos os dias, por mais de um mês, mudou totalmente e assumiu uma dimensão realmente desconhecida: ali se podia descansar ou explorar estas máquinas nunca vistas antes, chamadas navios. Pode ser que as condições adversas do mar tenham causado maus momentos de indisposição, ou pior, de medo, mas uma vez passadas as turbulências, tudo voltava a ser uma novidade fascinante.

Para todos os jovens, esta era a primeira viagem de suas vidas, portanto certamente cheia de emoções. A experiência de uma viagem por navio certamente deve ser emocionante, especialmente para as crianças, mas também para os maiores, por causa de sua inusitada experiência. Agora todos podem entender as diferenças entre as histórias que os velhos emigrantes contavam sobre as condições bestiais de suas viagens, e a beleza que os mesmos navios podiam oferecer às pessoas mais bem sucedidas e possuidoras de bens.

Podemos imaginar que também o jovem Emanuele passeasse pelo navio, observando os detalhes que mais lhe chamavam a atenção, ou se entretivesse para conhecer outros jovens companheiros de viagem, ou até podemos pensar que ele ficava abraçado aos balaústres de navio, a olhar fixamente para o infinito do mar. Tudo era um novo mundo absolutamente inimaginável!

Na verdade, esta era a última imagem que pessoalmente eu imagino mais adequada ao bisavô Emanuele, porque eu sempre pensei que o único que não teria totalmente curtido esta viagem era realmente ele. Enquanto todos os de sua família, talvez com exceção de seu pai Alessandro, que provavelmente ainda se ressentia da falta de João, teriam desfrutado ao máximo este momento único de descanso e relaxamento de suas vidas, pode-se acreditar que ele era a pessoa que mais frequentemente voltava seu olhar para a popa do navio e assistia a esteira deixada pelo navio, uma trilha que conduzia ao Brasil...

Não deve ter sido fácil para ele, jovem obediente e de caráter tranquilo, deixar sua namorada para seguir os desejos da família. Quem sabe como ele se sentia... Talvez como um traidor! Infelizmente nós não temos provas deste fato.

Infelizmente, também para ele, esta viagem ficou marcada por uma desagradável e indelével memória. De fato, durante esta longa viagem, Emanuele assistiu a doença, a piora e, finalmente, a morte do último irmão: Ângelo.

Como já disse, não se sabe exatamente o que aconteceu com Ângelo, e não é mesmo certo se o funeral do jovem foi celebrado de acordo com o direito do mar (com o corpo jogado na água dentro de um saco branco) ou se – como foi transmitido pela Tia Giuseppina, cunhada de Emanuele – o corpo de Ângelo foi ocultado por alguns dias, e a morte revelada apenas após a chegada em Gênova. O certo é que, seja como tenham andado as coisas, deve ter sido uma experiência horrível.

Se esta segunda hipótese fosse verdadeira, significaria que Ângelo teria morrido sem o conforto religioso que poderia ter sido ministrado por um padre que estivesse a bordo do navio, mas não é de se excluir que a presença de um padre não era uma prática em cada navio, e o comandante teria tido a oportunidade de conferir uma bênção para os mortos. Obviamente, eu não estou absolutamente certo desta coisa, mas é estranho que a grande devoção católica daqueles tempos não previsse algo muito preciso para casos semelhantes.

Se for considerada como certa esta hipótese, abrir-se-ia um cenário, a dizer pouco, absurdo, em que todos os membros da família devessem por alguns dias fingir apreensão sobre o destino de Ângelo, enquanto na realidade eles só queriam la-

mentar sua tristeza. Eu realmente não posso imaginar a cena de uma mãe reduzida a reter quanto possível as lágrimas e soluços, para não despertar suspeita...



Enterro no mar (fotografia – ano de 1911)

Como já tivemos ocasião de dizer, Emanuele foi o único de toda sua grande família que transmitiu a memória deste seu irmão infeliz, porque deu ao filho primogênito (que nasceu 4 anos após este evento) o seu nome, e este foi o único gesto feito por toda a família para fazer com que até hoje, pelo menos se possa associar um nome a este pedaço da história. Este gesto está claramente a indicar que Emanuele não era apenas associado à tradição, mas também aos afetos familiares, e que era afeiçoado a este jovem irmão.

### *9.3 – A nova vida na Itália*

Chegado na Itália, o jovem Emanuele foi viver na fazenda Battagliona com sua família e assim começava a sua nova aventura na Itália.



Fazenda Battagliona: vista da casa onde moravam os Tironi e visão geral do pátio (fotografias – ano 2002)

Muitas vezes encontrei-me a imaginar como poderiam ter sido vividos pelos jovens irmãos Tironi estes primeiros tempos na fazenda Battagliona. É preciso pensar que todos tiveram que mudar completamente suas vidas e seus hábitos. A comida era diferente, o trabalho era diferente e, acima de tudo, as condições meteorológicas eram diferentes.

O longo e frio do inverno era definitivamente uma coisa a que os jovens Tironi não estavam preparados, e ao qual Alessandro e Elizabetta já não estavam habituados. Quem sabe o que teriam experimentado os rapazes durante o primeiro Inverno na Itália: as longas horas de escuridão teriam parecido intermináveis, o frio úmido que entrava na carne e atingia os ossos parecia ser um enorme obstáculo e, em seguida, o frio ia se agravar e chegava a neve. Quem sabe como eles reagiram à frente da primeira queda de neve de suas vidas. Quem sabe o que eles achavam após meses de frio, o mais impensável. Certamente pensaram na sua terra natal, o Brasil, pensaram no calor escaldante do longo verão, e certamente todos pensaram que teria sido melhor estarem no meio do mato, com medo de serem agredidos pelos Bugres, em vez de estarem na Itália a morrer de frio.

Até agora os parentes brasileiros não tem uma ideia do que pode significar uma queda de neve e viver por meses em meio à neve, porque na região de Brusque a neve nunca foi vista, e todos dela falam de uma forma indefinida, sem saber exatamente o que estão dizendo. Sempre lembro os rostos espantados das crianças dos nossos parentes, enquanto ouviam nossas histórias como se fossem fábulas!

A Comunidade de Covo tomou logo conhecimento da chegada desta nova família, porque não se tratava de pessoas comuns. Primeiro os rapazes, e portanto também Emanuele, em sua primeira aparição na comunidade, foram longamente ridicularizados pelos coveses, por causa que estavam vestindo calças xadrez e com cores muito vistosas, como é típico em todos os "país quentes". Se pensarmos que naquele tempo para o homem só era permitido vestir terno escuro, os jovens Tironi devem ter parecido muito extravagantes, e considerados como palhaços de circo, ou mesmo como "meio loucos". Eu não ficaria surpreso se as pessoas de Covo tivessem inicialmente chegado ao ponto de marginalizá-los e de evitar contatos com esses estranhos.



Comune di Covo: veduta aerea con indicata la posizione della cascina Battagliona (Google - anno 2011)

Não sabemos quanto isto teria pesado a Emanuele, mas certamente não deve ter sido divertido ser tratado como pessoas loucas. Com o passar do tempo todos começaram a adaptar-se à moda local, e superado este problema embaraçoso, as pessoas começaram a se aproximar destes novos compatriotas. Cada um dos Tirloni podia fazer transparecer seu caráter e mostrar sua personalidade mais genuína e autêntica, e assim o processo de integração com o povo de Covo se encaminha para uma conclusão bem sucedida.

Certamente estes jovens bizarros também devem ter ficado curiosos em relação ao povo de Covo que, especialmente naquele tempo, não tinha a menor ideia do que significava uma realidade de vida diferente daquela das planícies bergamascas, porque a escolaridade estava em níveis muito baixos e a cultura era uma experiência limitada e restrita a quanto se poderia "tocar com a mão". Definitivamente, ouvir os contos de vida destes bizarros jovens deveria ter sido igualmente intrigante ou talvez simplesmente engraçado. Pode ser que realmente os coveses teriam gostado de ouvi-

los, e talvez, de ter-lhes pedido repetidamente que contassem detalhes já ouvidos repetidas vezes, só pelo gosto de ouvir pela enésima vez uma história que poderia aparecer aventureira ou hilariante.

Provavelmente todas as histórias que contavam os Tirloni teriam parecido pura fantasia, e pode-se crer que talvez tivessem sido levados pouco a sério, ou mesmo resultassem em grandes risadas, mas permanecia o fato de que representavam os "romances" narrados diretamente pelos protagonistas, e portanto despertavam curiosidades.

Outro detalhe a não esquecer é o fato de que naquela época, muitos eram os imigrantes, e então em quase todas as famílias havia alguém que havia partido há muito tempo em busca de fortuna, e de quem, talvez, ninguém sabia mais nada há muito tempo. Então falar com essas pessoas que haviam emigrado e tinham retornado, ouvir suas histórias fantásticas, provavelmente não só criava curiosidade, mas fazia também sentirem-se mais perto de seus parentes distantes.

Podemos arriscar a suposição que aquilo que originalmente poderia parecer uma dificuldade, (sendo considerados estranhos e extravagantes) agora tornava-se um caminho que ajudava os jovens Tirloni nas relações sociais e os tornava "pessoas interessantes". Talvez até mesmo auxiliados por este fato os Tirloni eram notados pelos jovens da vila, e Emanuele, como também a irmã mais velha Angelina, não teve muita dificuldade para superar a memória da namorada deixada no Brasil, e começou a namorar uma moça da vila.

No início de 1911 Emanuele participava do casamento de sua irmã Angelina, a mais velha das irmãs vindas para a Itália, e no ano seguinte chegou do Brasil seu irmão Vittorio que, uma vez concluídos os estudos, reuniu-se à família. A chegada de Vittorio foi um momento de festa. Certamente todos queriam saber notícias dos parentes e amigos, que não viam há 3 anos, e também Emanuele não teria ficado menos curioso do que os outros, porque o Brasil permaneceria no seu coração por toda a sua vida.

Gostamos de imaginá-lo também preso às emoções, enquanto ouvia, com viva e vibrante participação, os relatos do seu irmão mais velho, e possivelmente o interrompia em seus discursos para pedir mais esclarecimentos sobre particularidades ou sobre pessoas que lhe tinham sido importantes. As saudades, como dizemos em português, a nostalgia pela exuberante terra do Brasil iria acompanhá-lo para sempre, e muitas vezes se encontrou a recontar as histórias com esse sentimento!

Quem sabe se Emanuele pediu a seu irmão notícias sobre sua jovem namorada que tinha deixado em Porto Franco... Quem sabe como ele se teria sentido ao ouvir qualquer notícia a seu respeito... Talvez o pensamento teria retornado para aquela pequena aldeia junto ao verdejante vale do rio Itajaí-Mirim, e mentalmente teria revisto o rosto daquela moça que agora era apenas uma cara memória.

Provavelmente mesmo para comemorar a chegada de Vittorio na família, o qual assumia seu lugar definitivo, foi chamado um fotógrafo que fez o famoso retrato da família, a primeira testemunha fotográfica que temos dos nossos antepassados, e Emanuele estava entre as pessoas fotografadas, aliás a sua primeira foto!



Emanuele Tirloni (fotografia – ano 1912)

No dia desta foto Emanuele tinha 21 anos, e foi o único de toda a sua família que manifestou um sorriso. Como era costume na época, Emanuele deixou crescer o bigode, mas de acordo com a moda do tempo, mantém-no curto e fino, muito parecido com o do irmão Victor, ao contrário de seu pai, Alessandro, que em vez disso usava bigode espesso e longo que era uma herança de uma moda já passada, moda do final dos anos 1.800, nos quais todos os homens já em tenra idade mostravam aqueles que foram chamados de "bigodes Umbertinos" em memória do rei da Itália, Umberto I.

Emanuele tem longos cabelos untados, moda chegada da América com os primeiros filmes mudos de Rodolfo Valentino, moda que foi ganhando cada vez mais terreno e se estabeleceria especialmente no final da década, para depois ser definitivamente superada na Itália durante os vinte anos fascistas que impuseram rigores militaristas.

Ele estava vestido com cuidado, já não traz mais as cores berrante que lhe tinham causado tantos risos em suas primeiras aparições em Covo, estava vestido com um belo terno escuro, e por cima do colete fazia mostrar uma joia, provavelmente a corrente do relógio de algibeira.

Assemelhava-se muito a seu irmão Vittorio, e também a seu pai Alessandro (ambos fotografados com ele) e também se parecia com seu irmão João que permaneceu no Brasil. Tinha a mesma face afunilada, o queixo mais quadrado (nisso era mais parecido com sua mãe), mas seu rosto aparecia menos magro e era fisicamente mais preparado.



Alessandro, Emanuele e João Tirloni como apareciam na primeira década do século (fotografias – a partir do século XX)

Não sabemos se o pai Alessandro era um homem alto, mas a julgar pela foto em que o pai está sentado, se diria que sua estatura, bem como a dos outros irmãos de Emanuele, seriam iguais à média da época. Na foto, em vez, se vê claramente que Emanuele superava seu irmão Vittorio pelo menos em 8 ou 10 centímetros e é, portanto, o mais alto da família. Sua estatura, que era superior a 180 cm, era definitivamente muito mais elevada do que se estava acostumado a ver. Na vila de Covo, na década de 1910, Emanuele devia ser particularmente forte!

Pouco tempo depois de ter posado para esta foto, Emanuele foi subitamente atingido por uma horrível desgraça: o dia 10 de abril de 1912 para Emanuele era um dia laborioso como muitos outros em que acordava cedo e começava a trabalhar nos campos ou na estrebaria. Apenas havia iniciado seu trabalho, um grito de terror da irmã menor Antônia (ou de alguém que em desespero vinha para avisá-lo) alterava esta normalidade. Apressou-se a ir em direção a nordeste da fazenda, onde naquele tempo se encontrava um córrego, (agora enterrado) onde sua mãe Elizabetta estava acostumada a ir para lavar roupas. Ali mesmo viu a irmãzinha Antônia e os outros membros da família que chegaram antes do que ele, desesperados e impotentes, a olhar o corpo sem vida de sua mãe, de barriga para baixo, flutuando, arrastado em círculos pela correnteza do regato. Uma das cenas mais horríveis a que possa assistir uma pessoa!



Emanuele Tirloni e mãe Elizabetta Colombi (fotografia – ano 1912)

Não sabemos exatamente como teriam sido esses momentos trágicos. Provavelmente algum dos homens tenha dado o que fazer em meio ao desespero e ao choro de todos, para recuperar o corpo sem a vida da mãe, e depois para prepará-lo para a piedade dos familiares. Talvez o próprio pai Alessandro se tenha lançado na água fria do riacho, ou então teria incitado os filhos a retirar o corpo da mãe, e na margem teria recebido o corpo de sua esposa, depois que fora retirado para fora da água, para apertá-lo contra si mesmo, e talvez perguntar, com os olhos voltados para o céu: " ... Mas por quê???"

Provavelmente a mãe Elizabetta foi acometida de um mal súbito, enquanto inclinada sobre o regato estava a lavar roupas, e o ataque teria sido fulminante, e a pobre mulher teria caído na água, já morta. Mas não é de se excluir que acidentalmente tivesse escorregado e caído no regato, e suas roupas pesadas que usava, impregnadas com água, instantaneamente se transformaram em uma armadilha cruel.

De acordo com o atestado de óbito encontrado nos arquivos da freguesia de Covo, Elizabetta concluiu sua desgastante viagem terrena aos 56 anos completos, 34 dos quais passou ao lado de um homem que certamente lhe havia dado menos afeto e atenção do que ela merecia. O caso foi oficializado como morte por causas naturais. (Nos registros paroquiais se lê: "*falecida por morte repentina*").



Fazenda Battagliona: vista da área onde uma vez havia uma fábrica, onde se afogou Elizabetta Colombi (fotografias – ano 2002 e ano 1997)

#### 9.4 – O casamento e os filhos

Em seguida ao infortúnio grave acontecido com a mãe Elizabetta, a família se encontrou em pouco tempo sem duas mulheres, porque Ângela agora estava casada há um ano, e estava para ter (ou talvez já tivesse, não sabemos) uma menina chamada Narcisa (nome dado em memória de sua tia que vivia no Brasil). Portanto a situa-

ção não estava sendo fácil, e o pai Alessandro começou a encorajar Emanuele, o único que tinha uma namorada, a casar-se, para que entrasse em casa uma mulher que podia ajudar nos trabalhos desta grande família.

Mas quem é esta namorada de Emanuele? Ela era uma jovem da mesma vila, que tinha 2 anos e meio menos do que ele, chamada Rosa Domênica Morosini, nascida em Covo, provavelmente na fazenda Trobiate, no dia **22 de Janeiro de 1893**, e era uma dos filhos do casal Batista e Luigina Morosini.



Rosa Domenica Morosini (fotografia – início de 1910)

Infelizmente não foi encontrado o certificado de batismo de Rosa, e não há notícias sobre sua infância. Mas de Rosa temos uma fotografia que a retrata muito jovem, talvez mesmo antes de se casar. Esta foto, tirada há quase um século atrás e amarelada pelo tempo, nos apresenta uma jovem que para os cânones do tempo deveria ser considerada muito bonita: com cabelos escuros cortados, rosto cheio, sobrancelhas marcadas, lábios finos, expressão doce, que para o pudor daquele tempo era quase obrigatório.

As notícias relacionadas à família Morosini são realmente muito poucas: não sabemos o sobrenome de sua mãe, não sabemos as datas de nascimento e de morte de ambos os pais, não sabemos de quantas pessoas era composta a família e nem mesmo sabemos com certeza a profissão do pai de família. No entanto, podemos imaginar que se tratava de uma família de camponeses, como muitos na realidade rural da época.

As poucas coisas que se sabe sobre esta família se devem só e exclusivamente graças ao fato de que a família Morosini se vinculou através de numerosos laços matrimoniais com uma grande família de afamados coveses: Os Colzani. Esta grande família era diretamente parente dos irmãos Pedro e Ângelo Colzani, que em 1875 tinham emigrado para o Brasil, levando consigo a imagem de nossa Senhora de Caravaggio, e que depois fundaram o Santuário de Azambuja, que ainda hoje é lugar de peregrinação por parte de muitos devotos brasileiros.



Santuário de Nossa Senhora de Azambuja e quadro de Nossa Sra. de Caravaggio (fotos - ano 2009)

Os contatos entre os dois ramos italiano e brasileiro dos Colzani tinha-se perdido ao longo dos anos, e foram reatados através de meu avô Giuseppe (primo, por parte de mãe, dos Colzani italianos) e o tio brasileiro Alexandre Merico (primo por parte de pai com o ramo brasileiro desta família) que no curso de suas visitas (seja de meu avô no Brasil, seja do Tio Alexandre na Itália) colocaram em contato os dois ramos desta grande família. Giuseppe Colzani, um primo de meu avô, descendente do ramo italiano desta família, em 1988, redige e imprime uma história bastante detalhada desta família.



Cobertura da história e da árvore genealógica da casa Colzani (ano de imprensa - 1988),

Graças a este livro (uma cópia do qual foi dado ao meu avô) pode ser reconstruído com certeza incontestável pelo menos parte do agregado familiar Morosini que era assim composto:

- O chefe de família Batista Morosini
- A Esposa Luigina (ou Luigia)???
- 4 filhas:
  - Vittoria Maddalena (???-???)
  - Cesira Maria (21.11.1881 – 24.09.1932)
  - Rosa Domenica (22.01.1893 - 27.12.1939)
  - Ângela (30.04.1895 – 29.08.1966)

Parece realmente incrível, mas o acaso decidiu que três irmãs da Rosa tenham se casado com dois irmãos (Battista e Giuseppe Emanuele) e um sobrinho (Basílio, filho de um irmão mais velho dos dois mencionada acima). Graças à árvore genealógica da família Colzani conseguimos encontrar as únicas notícias relacionadas à família Morosini!

Os dados relatados na história da família Colzani não estão completos, mas existem algumas suposições que nos levam a esta situação:

1. Cesira Maria Morosini, na árvore genealógica da família Colzani, é listada como nascida em 1891, mas sempre no mesmo documento é revelado que ela teve o primeiro filho em 1901. Pode-se hipotizar que foi um erro de impressão e supor-se que ela nasceu provavelmente em 1881. Este fato também é corroborado pela grande diferença de idade com o marido que, sendo corretas oficialmente as datas relatadas, ele teria 13 anos mais do que ela, mas considerando como mais correta a data, ele teria apenas 3 anos a mais.
2. Vitória Maddalena Morosini casou-se com o mais velho dentre os dois irmãos Colzani, então provavelmente era mais velho do que a irmã Cesira que se casou com o irmão mais novo. Tendo em conta o que foi dito acima sobre a irmã, podemos teorizar o nascimento Vittoria por volta de 1875/80
3. Considerando a hipótese do nascimento de Vittoria Maddalena, pode-se arriscar que seus pais teriam nascido nos anos 50 dos anos 1.800, exatamente como Alessandro e Elizabetta Tirloni.

O fato de quatro irmãs de condições modestas terem contraído bons casamentos com descendentes de família abastada faz pensar que as condições econômicas dos Morosini não eram precisamente aquelas de camponeses humildes, mas de pessoas pelo menos moderadamente ricos.

Esta hipótese tem não, no entanto, nenhuma base, porque a olhar, por exemplo, para os movimentos do antigo patriarca Alessandro Tirloni, faz pensar que ele nunca interferiu em uniões sentimentais dos filhos, (especialmente os homens que não lhe teriam criado os problemas relacionados aos dotes) ou talvez nunca tenha exigido deles de frequentar pessoas ricas. Portanto pode ser que a família Morosini tivesse origem humilde, e simplesmente essas moças tivessem tido a sorte de encontrar aquilo que naquele tempo se dizia “*um bom partido*”.

Entre todos os documentos das famílias que meu avô Giuseppino me deixou, há também algumas fotos dos parentes falecidos, entre os quais aparecem alguns parentes chamados Morosini. Observando as datas de nascimento de todas essas pessoas, nota-se que não há nenhum desacordo evidente que poderia sugerir que fossem primos ou talvez estranhos a este grupo de família...

Outra prova é o fato de que em casa sempre se falava sobre parentes que residiam em Arona. Meu avô falou de seu primo, por parte da mãe "Angiuli de Arona" que poderia ser o filho de Tommaso Morosini, irmão mais velho de Rosa.

Considerando estes dados se pode supor que todos estes parentes dos quais achei a foto poderiam ser parte de uma mesma grande família formada por pais e 7 filhos (cifra média para o tempo):

-**Thommaso** (10.12.1874 – 07.08.1957) morto em Mercurago, distrito de Arona casou-se com Giuseppina Grisoni (10.08.1873 – 05.12.1943)

-**Vittoria Maddalena** (???-???)

Casou-se com Batista Colzani (19.05.1874 – 05.05.1962)

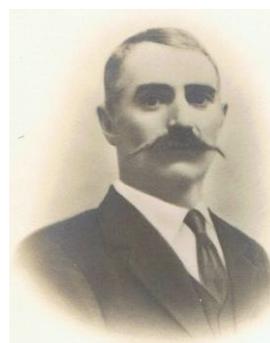
**-Cesira Maria** (21.11.1881 – 24.09.1932)  
casou-se com Giuseppe Emanuele Colzani (30.09.1878-03.01.1931)

**-Elizabetta** (03.06.1883 – 08.07.1960)  
casou-se com Terzi e morreu em Saronno

**-Luigia** (14.01.1888 – 06.01.1965)  
casou-se com Galli e morreu em Covo

**-Rosa Domenica** (22.01.1893 – 27.12.1939)  
Casou-se com Emanuele Tirloni (27.09.1890-28.11.1950)

**-Ângela** (30.04.1895 – 29.08.1966)  
Casou-se com Basílio Colzani (???-???)



Fotografias de alguns irmãos Morosini e suas consortes. Ordem de posição são:  
Thomas Morosini, Elisabetta Morosini, Luigia Morosini Galli, Ângela Morosini Colzani,  
Giuseppina Grisoni Morosini (esposa de Thomas), Batista Colzani (marido de Vittoria Maddalena Morosini)

Das poucas histórias ouvidas do meu avô, e lendo sobre o único documento em que apareceu seu nome, se deduz que o chefe da família, Battista, morreu entre o final de 1912 e 1916 (então provavelmente com cerca de 60 anos) uma vez que apareceu ainda vivo no dia do casamento de Emanuele e Rosa, mas meu avô sempre disse de não ter tido o tempo para conhecê-lo.

Sua esposa Luigina (ou Luigia, não se sabe exatamente) sobreviveu, em vez disso, pelo menos cinco ou até dez anos mais que seu marido (morto provavelmente em torno de 65/70 anos) porque meu avô lembrava muito bem algumas cenas da vida ligada à avó materna que ele chamava de "me nona Bìgia" (minha avó Bìgia).

Não se sabe desde quando Emanuele e Rosa namoravam, mas provavelmente já há algum tempo, provavelmente, mais do que um ano. Sempre se disse em família que Emanuele, chegado do Brasil, rapidamente encontrou uma nova namorada e sabemos que naquele tempo os casais de namorados não se deixavam com tanta facilidade como hoje em dia. Quando uma garota aceitava a companhia de um jovem, e o jovem era uma pessoa séria, começavam a frequentar a casa, e era quase certo que terminasse chegando ao altar. Era apenas uma questão de tempo!

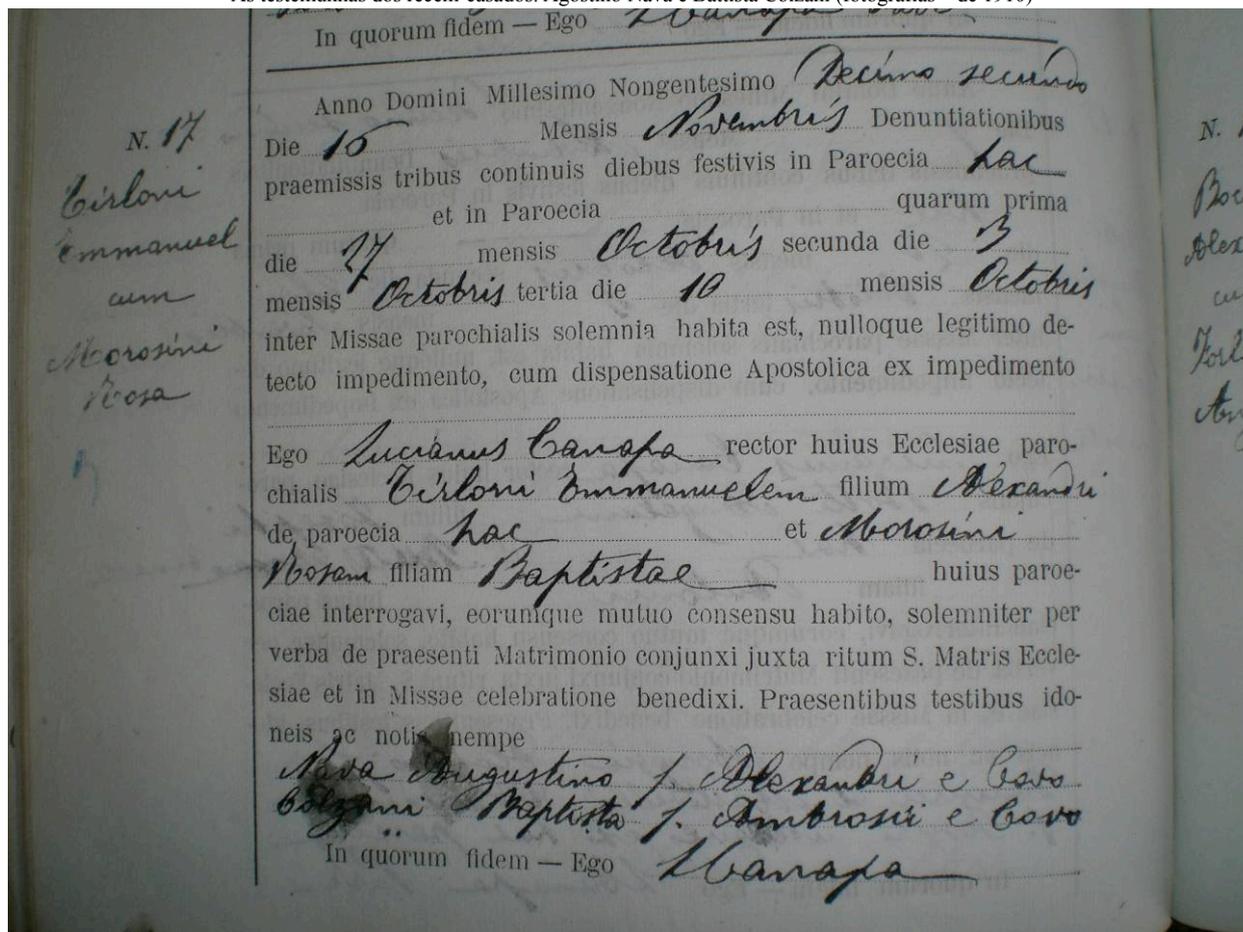
Pode ser que esta moça que Emanuele tinha começado a namorar após a chegada na Itália era a que estava destinada a tornar-se sua futura esposa!

Logo após as grandes pressões que o velho Alessandro exerceu sobre o filho, os dois jovens começaram a desenvolver rapidamente todas as práticas necessárias para o casamento, e em curto espaço de tempo, aos **16 de novembro de 1912** (então 6 meses após a morte de sua mãe Elizabetta) Emanuele e Rosa apresentaram-se diante do altar da Igreja de Covo para se unirem em casamento. Eles tinham respectivamente 22 e 19 anos.

Como se pode ver de seu certidão de casamento, para atuar como testemunha de Emanuele foi escolhido o cunhado Agostino Nava, marido de Angelina, enquanto para Rosa foi testemunha seu cunhado, Batista Colzani, marido da irmã Vittoria Maddalena.



As testemunhas dos recém-casados: Agostino Nava e Battista Colzani (fotografias – de 1910)



Atto di nozze di Emanuele Tirloni e Rosa Morosini (fotografia – anno 2009)

Infelizmente não foram feitas (ou não chegaram até nós) fotografias deste casamento, nem mesmo o retrato típico que casais (ricos) faziam após o casamento. O casal teve 6 filhos:

- 1) **Batista Ângelo**, dito "*Angel*" (10/6/1913 - 10/6/1996)  
casou-se com Inês Bocchi (nascida em 04/01/1921)
- 2) **Mário** (natimorto em 1914 ou 1915)
- 3) **Giuseppe Mário** dito "*Peppino*" (5/20/1916 - 6/16/1992)  
casou-se com Cesarina Bosetti (11/30/1920 - 5/12/1997)
- 4) **Antônio Alessandro** dito "*Sandro*" (3/21/1922 - 7/14/1996)  
casou-se com sua prima Elizabetta Pesenti (12/26/1919 - 12/1/1997)
- 5) **Dante** (2/11/1924 - 1/18/1968)  
casou-se com Eleonora Cappellini dita "*Noris*" (nascida em 10/06/1924)

6) **Íride** (nascida em 27/10/1927)

casou-se com Giuseppe "*Beppe*" Gattini (nascido 16/02/1927),

Todos os 6 nascimentos tiveram lugar em um período de 14 anos e aparecem uniformemente distribuídos. Percebe-se uma distância maior(6 anos) entre a terceira e quarta gravidez, mas deve-se pensar que, por um período, Emanuele serviu a Pátria durante a primeira Guerra Mundial.

O primeiro filho veio à luz 11 meses após o casamento, e quando nasceu a última, Íride, os pais tinham 37 e 34 anos respectivamente. Em se tratando da minha família, eu posso dizer com certeza que estas foram todas as gestações de Rosa, e não houve outros filhos mortos prematuramente.

Olhando os nomes dados às crianças podemos ver que, em alguns casos, os casais se mantiveram em consonância com a tradição, enquanto em outros casos diferem totalmente ao escolher nomes que não pertencem nem à família, nem ao hábito popular de dar nomes religiosos aos bebês:

- Ao primogênito foi dado o nome de seu avô materno (talvez apenas morto) e do irmão de Emanuele, o pobre jovem que veio a faltar durante a travessia do oceano de volta do Brasil.
- Para o segundo filho (que deve ter vivido por apenas algumas horas) foi escolhido o nome mariano por excelência: Mário
- Ao terceiro filho foi dado um nome que existia na família, mas que muitas vezes foi escolhido por razões devocionais, e junto com este foi dado o nome de seu irmão mais velho que morreu.
- Para o quarto filho foi escolhido um nome tirado da devoção religiosa, que foi combinada com o nome de seu avô paterno (possivelmente porque o bebê nasceu no ano dos 70 anos do Patriarca).
- Para os restantes dois filhos foram escolhidos nomes absolutamente fora da família e também incomuns (especialmente no caso da última filha, única mulher).

Uma coisa curiosa ocorre com relação aos nomes de duas destas crianças: a vontade familiar foi transtornada ao fazer o registro! Quando nasceu o filho primogênito, seus pais decidiram chamá-lo de Ângelo Batista. Mas a parteira (que não era a famosa "Bígia de Cof), indo para registrar o bebê nascido, ela se confundiu e inverteu os nomes. O mesmo destino recaiu sobre o quarto filho e, por coincidência, a parteira era a mesma que cometeu o erro na ocasião anterior!

Eu me lembro muito bem que meu avô Peppo me contava esse fato enfatizando a "distração" da parteira, que nem se preocupou em esconder o incidente, mas na casa Tirloni estes problemas não eram do agrado.

### *9.5- Os anos de vida conjugal*

Emanuele e Rosa obviamente permaneceram morando na fazenda Battagliona juntamente com o velho pai Alessandro e vários irmãos e irmãs ainda não casados. Provavelmente Rosa tinha feito seu "ingresso oficial" na casa Tirloni por ocasião da morte da sua sogra, no momento em que ter-se-ia apresentado como a namorada de Emanuele, ou talvez, dada a ocasião especial, simplesmente teria se limitado às condolências.

Naqueles tempos não era de praxe a moça entrar para a casa da família do marido antes de seu casamento, embora os membros da família soubessem e talvez já conhecessem a jovem. Oficialmente a entrada ocorria apenas alguns dias antes do casamento. Por isso pode-se imaginar o constrangimento que tinha uma mocinha, especialmente tão jovem como a Rosa, durante os primeiros momentos de convivência com a família do marido. Para Rosa, estes primeiros meses de casamento devem ter sido terríveis, para dizer o mínimo.

Naqueles tempos a educação impunha o maior respeito e devoção a qualquer custo, no relacionamento com os idosos, especialmente se estes anciãos eram os pais do marido, e ainda mais se eles eram homens. Rosa estava defronte de Alessandro: um homem velho que não só era o chefe de família (ou, como era chamado *regidur* = regente, no institucional sentido do termo), mas na verdade era também o absoluto dono de tudo, e o único administrador de toda a economia familiar. Pelo mais, tinha um caráter difícil que bem conhecemos.

Não sabemos como foi o passado de Rosa no seio da família Morosini, mas certamente podemos imaginar que o tempo presente na casa Tirloni teria sido definitivamente terrificante! Estava praticamente sozinha defronte do velho déspota e nem sequer tinha o direito de intervenção ou réplica às suas ordens e reprimendas. Se as palavras de seu marido e dos cunhados pouco ou nada podiam contra a vontade do velho Alessandro, as palavras de Rosa nem mesmo poderiam ser proferidas, seja porque "não se podia", seja porque apenas tinha entrado para esta casa. Portanto, Emanuele e Rosa não tinham nem mesmo aquele pouco de confiança que permitiria ousar um pouco mais.

Se Rosa já se sentia seguramente embaraçada e desconfortável diante de seu sogro, havia também as convenções e a educação a remar contra... Podemos facilmente imaginá-la perenemente agitada a cada ordem do velho sogro, e sempre preocupada em fazer o melhor que podia do quanto lhe era solicitado por todos, na esperança de que, pelo menos uma vez, o velho e rabugento sogro não julgasse como erradas as coisas feitas por ela. A Casa Tirloni para Rosa, moça tranquila, boa e submissa, deve ter sido um autêntico quartel ou colégio, onde seu sogro era o sargento clássico que aterrorizava os recrutas! Emanuele certamente percebia as dificuldades de sua esposa, mas não podia fazer nada. Estas eram as regras que desde sempre moviam sua casa e a única coisa que podia fazer era reconhecer os desabafos de sua

jovem esposa, e procurar o quanto mais possível de consolá-la e apoiá-la, reanimando-a quando estava mais triste ou com medo.

### *9.5.1- Os Primeiros Filhos*

Com o passar dos meses, por certo, as coisas não melhoraram. A relação com o tremendo sogro nunca teria sido fácil, mas pelo menos Rosa crescia cada vez mais na familiaridade com os vários cunhados e cunhadas, com as quais começava a tecer uma relação de mútua amizade e estima que irá ajudar em momentos difíceis, e como suporte para resistir ao assédio contínuo do velho sogro Alessandro.

Mesmo a intimidade do casal, naquele tempo, foi reduzida ao mínimo. Do alvorecer (na verdade, da madrugada, tendo em conta os horários que o velho Alessandro impunha) até a hora de dormir, havia pessoas em casa, e quando se sentavam à mesa eram oito. Portanto não havia oportunidades para tirar tempo "para si mesmos", embora naquele tempo era praxe... estava bem assim mesmo.

Cerca de dois meses após o casamento, Rosa ficou grávida. A coisa poderia parecer uma notícia maravilhosa, mas mesmo nesse caso, deve-se contar com o sentimento de modéstia daquele tempo, pois quando uma mulher ficava grávida obviamente ficava entusiasmada com a gravidez, mas ao mesmo tempo "tinha vergonha" por causa do gradíssimo pudor que todas as mulheres tinham naqueles tempos. Os nove meses de gravidez eram momentos em que uma mulher procurava ser vista o menos possível, tanto em público como na própria família. A grande barriga era escondida, tanto quanto possível, para não dar lugar a brincadeiras de mau gosto. Quando finalmente chegava o momento do nascimento, para uma mulher era uma autêntica libertação do embaraço que uma gravidez criava.

Emanuele e Rosa foram de sorte porque eles tiveram um filho homem, o primeiro neto masculino de Alessandro, nascido na Itália! Os dois jovens recém-casados teriam ficado muito satisfeitos por verem coroado tão bem sua união. Certamente também o velho avô estava entusiasmado com o nascimento de uma criança do sexo masculino, e este menino era um grande ponto a favor de Rosa para ser melhor aceita e para ter mais peso na sua nova família. Mas também isso não deve induzir a um engano, porque afinal também o fato de gerar crianças estava entre os "deveres" de uma boa esposa.

Passada a euforia dos primeiros momentos, tudo teria voltado a ser como antes. O velho Alessandro certamente teria começado a reclamar que a jovem nora teria que retornar ao trabalho e às tarefas domésticas, e Rosa encontrava-se novamente a sucumbir à vontade do malvado sogro e a "engolir em seco" O tempo de recuperação da primeira gravidez certamente foi bem pouco!

Um mês depois deste nascimento entra na família uma nova noiva: Lucia Cucchi, esposa de Vittorio, irmão mais velho do que Emanuele. Rosa criou uma forte amizade com sua cunhada Lucia, e com sua cumplicidade procurou superar os escolhos familiares e contornar a estrita vigilância feita na fazenda por seu sogro e

por sua filha mais velha, Vittoria, que era, na verdade, a “*regente*” da casa Tirloni, enquanto era a filha mais velha na casa do velho Alessandro.

A segunda gravidez de Rosa não foi de tanta sorte, porque a criança morreu pouco depois do nascimento (ou até mesmo teria nascido morta. Meu avô não recordava com precisão como teria acontecido este fato). Provavelmente nem sequer tiveram tempo para batizá-la (e em um caso como esse, os pequenos remanescentes desta infeliz criança eram enterrados no Limbo, um canto do cemitério não consagrado, onde eram enterrados os não batizados). No entanto os pais ainda optam por consagrar este pequeno aos cuidados de Nossa Senhora, e de fato, por devoção, decidiram chamá-lo de Mário.

Naqueles tempos as pessoas eram muito mais preparadas para um evento como este. Em todas as famílias, mesmo naquelas dentre as mais ricas, era praticamente normal irem rezar no túmulo de um bebê, talvez mesmo enterrado no Limbo porque tinha morrido antes de receber o batismo. Certamente isso não significa que Emanuele e Rosa não tivessem sentido dor pela perda desta pequena vida que abriu os olhos para o mundo por tão pouco tempo. Mas por certo não deve ter sido uma dor excruciante.

Enquanto na casa da família, aconteceram estas coisas, no mundo aconteciam coisas muito mais graves e perigosas para todos: em 1914 irrompeu a primeira Guerra Mundial! É deste período a carta mais antigo que chegou até os dias atuais, que é datada de 1 de Dezembro de 1914.

A partir desta carta, descobrimos que a correspondência não era sempre portadora de notícias boas e serenas, mas pelo contrário, em todas as cartas encontradas, se vê como elas eram um instrumento de desabafo dos filhos oprimidos pelo despótico jugo do velho Alessandro. Esta primeira carta foi escrita pela irmã Ângela e o cunhado Agostino Nava para a irmã Rosa, residente em Nova Trento, no Brasil. A carta não é completa, mas é também muito interessante porque esta leitura é muito importante para saber notícias relativas à vida familiar:

- Alessandro tornou-se cada vez mais mesquinho, e até mesmo havia piorado no seu já duro caráter, tanto que os filhos no Brasil encontrariam dificuldades em reconhecê-lo.
- Ângela não tinha recebido sua parte do dote que seu pai tinha prometido (por intercessão da mãe).
- Eliseu, no início do ano novo, deveria partir para o serviço militar, apesar de todos os esforços empreendidos por seu pai para mantê-lo em casa.
- Francisca pretende casar, mas o pai não consente no casamento porque pretende que permaneça em casa para ajudar a família.

Na carta, não há nenhuma menção a Emanuele e Rosa, não se fez nenhuma menção a respeito da perda do segundo filho do casal, então pode-se pensar que o evento ainda não tinha acontecido, ou inversamente tinha já acontecido há mais tempo, e então pertencia à memória. Diz-se expressamente que o irmão mais novo Eliseu partiria para o serviço militar, e o próprio cunhado Agostino Nava estava prova-

velmente entre os primeiros reservistas a ser chamado em caso de guerra. O fato de não se fazer menção alguma de Emanuele, sugere que pelo menos por enquanto sua posição era tranquila. Não se deve pensar que Emanuele seja poupado inicialmente pelo fato de que ele era pai da família, ou porque talvez já tivesse feito seu serviço militar (talvez feito logo após a chegada na Itália), até porque seu cunhado Agostino, mais velho do que ele, e casado há mais tempo, estava entre os primeiros a ser convocado.

Nesta primeira carta, especialmente a parte escrita pelo cunhado Agostino Nava ajudam a enquadrar a situação econômica e social em que se encontrava a Itália inteira nesse período. Há poucos meses havia eclodido a primeira Guerra Mundial. Por enquanto a Itália não havia tomado parte, mas já estava em sobreaviso de alarme, e todos os homens hábeis tinham sido chamados às armas, e portanto havia menos pessoas disponíveis para trabalhar, havia uma grande crise econômica (chamada "carestia"), também causada pelo fechamento do comércio internacional, e para "pagar a conta", como sempre, eram os pobres, enquanto os agricultores ricos (tais como o pai Alessandro) conseguiam colher grandes lucros pelo inevitável aumento nos preços dos produtos agrícolas.

O velho Alessandro provavelmente percebeu as consequências futuras desta situação político-econômica e, se de um lado se esforçou para que seu filho Eliseu não viesse a ser chamado às armas, por outro lado se fechava ainda mais em sua avareza, por medo de perder dinheiro. Pode ser também que seu empenho era principalmente devido ao fato de que ele não queria perder sua força de trabalho na fazenda, e não tanto pelo medo da sorte do filho.

Nesta carta, o cunhado Agostino escreveu em uma passagem que devido à difícil situação em que se vive na Itália, lhe agradaria muito, de fato, poder ir para o Brasil, mas infelizmente não podia porque também ele havia sido chamado às armas. Isto faz entender como a memória do Brasil, como sendo uma terra afortunada, tenham também contagiado os recém-chegados à família.

Com a eclosão da primeira Guerra Mundial, todos os homens foram chamados para a visita militar, para julgar a habilidade para as armas. Também Emanuele recebeu o cartão de aviso. Provavelmente se apresentou em um quartel em Berganho para fazer visita, mas foi feliz por ter sido julgada inábil devido aos "dentes gastos" (como disse meu avô Peppo), então ele pôde ficar em casa com sua família.

Provavelmente também para o irmão Vittorio aconteceu a mesma sorte, e considerada a desculpa trivial com a qual Emanuele inicialmente foi descartado, pode-se suspeitar de que, pelo menos, neste caso, o velho pai Alessandro chegou a fazer valer o poder do seu dinheiro para subornar os oficiais e manter pelo menos esses dois filhos em casa. Esta não é uma hipótese a ser excluída a priori, porque numa passagem desta primeira carta – que infelizmente não veio até nós na íntegra – a irmã Angelina, referindo-se à partida iminente do jovem irmão Eliseu, escreveu à irmã Rosa no Brasil: *“o pai fez tanto para poder...”* E também o cunhado Agostino escreveu: *“o pai fez de tudo, mas tudo deu em nada porque são tempos em que a respeito dos soldados ocorrem muitos”*.

Emanuele, pelo menos por mais dois anos permaneceu em casa, e continuou a trabalhar na fazenda do pai, provavelmente ajudado pelo seu irmão, mas também por algum colono chamado para compensar a falta do irmão mais novo. Sobretudo pôde permanecer junto ao filho pequeno Ângelo e de sua esposa, e assim pôde mediar um pouco a pesada incumbência do velho pai que, agora ainda mais preocupado porque ele tem um filho fora de casa, certamente era ainda mais difícil de ser suportado.

É provavelmente durante este período, durante o primeiro ano da grande guerra, que a jovem família se retraiu por completo.



Emanuele Tirloni e Rosa Morosini juntamente com o primogênito Ângelo (fotografia – ano 1915)

Esta bela foto, por anos conservada em Soresina, é muito valiosa para mim, porque é a única em que o casal é retratado juntos. Recordo o meu espanto, mas especialmente o meu entusiasmo quando os jovens primos, revistando os velhos papéis de seus avós, tinham encontrado esta fotografia (cujas originais agora é preservada por sua filha Íride, única ainda viva), e mostrando-ma me perguntavam: "Segundo tua opinião quem são? É possível que sejam os bisavós"?

Infelizmente esta foto foi encontrada apenas em épocas recentes, quando meu avô Peppo já tinha falecido, mas eu tenho certeza de que ele teria tido alguma anedota para contar sobre esta foto ou, como se dizia, há tempos, com voz dialetal, "el li-trat"(o retrato), no qual tinham posado seus pais e seu irmão mais velho. (Exatamente como tinha narrado toda a história que estava por detrás do famoso retrato de família, em que aparecem os antigos patriarcas da nossa família).

A julgar pelas as roupas de todos que parecem bastante pesadas, pode-se pensar que a fotografia foi tirada não no verão, mas provavelmente quando a temporada era fresca. O pequeno Ângelo deveria ter aproximadamente 2 anos e, portanto, pode-se presumir que a fotografia deve ter sido tirada, ou no outono de 1915, ou no início da Primavera de 1916. Talvez Rosa já estava esperando a terceira criança: meu avô Giuseppe.

Olhando para a foto, pode-se colher detalhes realmente bonitos. Podemos partir das roupas, porque todos estão definitivamente muito elegantes, como se dizia naqueles tempos: "estão vestidos com roupas de festa", até porque fazer-se retratar não era coisa de todos os dias, e todos deviam apresentar-se muito bem.

O filho pequeno Ângelo estava vestido com uma bela casaca, e como costumava-se fazer até poucas décadas atrás, era confeccionada "em crescendo" para ser usada mais frequentemente, também na medida em que a criança ia crescendo. Percebe-se isto por causa das mangas arregaçadas e, talvez, pelo excessivo comprimento, pois realmente chega até embaixo dos joelhos do pequeno. O colete de renda trabalhada, verdadeiro elemento de brilho da roupa, parece quase postiço e adicionado especificamente para a foto, pois de fato é muito maior do que o pescoço ou os ombros, ao qual provavelmente teria sido obrigado a adaptar-se.

Rosa aparece decididamente reforçada em relação à forma como a vemos em sua primeira imagem. Seu rosto estava muito cheio e sua mão direita (também um pouco cheia) estava esticada no ato de tomar no colo o filho, e revelava unhas pouco cuidadas, quase sujas, um sinal de que o trabalho duro certamente não lhe era poupado. Com toda a honestidade temos de admitir que aparece prematuramente envelhecida, e por sua expressão não parece em plena saúde, não obstante tenha somente 22 ou 23 anos.

Parece quase estar em sofrimento, ou talvez indisposta. A provável gravidez mencionada pode ser também indicativa deste estado de presumida indisposição na qual parece estar. Espero que minha hipótese seja totalmente incorreta, e simplesmente ela foi fotografada enquanto se movia ou falava para advertir o filho pequeno

para sentar-se e ficar quieto para o retrato. Talvez, a coisa mais provável é que esta não teria sido uma das melhores de suas fotografias chegadas a nós.

Ela estava vestida como se usava tipicamente naqueles tempos, últimas relíquias daquelas modas, últimas relíquias daquelas roupas pomposas da “Belle Époque” que ainda eram usadas, e que ainda não deixavam espaço para modas mais essenciais que teriam lugar no futuro. A saia grande e pesada, tornada ainda mais inchada por vários saiotos (ou "sotainas", como eram chamados), era longa até os pés, o tom e o bordado sóbrio que a adornava são obviamente escuros como estava em uso pelo povo morigerado do campo, para "não aparecer demais".

As mangas eram muito curtas, provavelmente devido a algum remendo para não jogar fora uma roupa ainda em boas condições. A blusa de bolinhas brancas (muito pequena, para não fazer perder a coloração escura da base) é fechada com um pequeno broche, e este não é o único objeto de valor que é apresentado, porque destaca-se sobretudo a grande corrente que era usada apenas por mulheres.

A estola que Rosa usa (não sei de que pele de animal, talvez de lebre) era o único hábito que a jovem esposa se permitiu para fazer-se notar, isto era um verdadeiro "luxo" que poucas mulheres poderiam desfrutar. É usada de forma duvidosa quase para nos fazer acreditar que não estava muito acostumada a usá-la... Imagina-se que era realmente sua, e que não tenha sido emprestada pelo fotógrafo (como muitas vezes acontecia) para dar ornamento e brilho para a pessoa retratada!

Emanuele estava mais elegante e melhor apresentado entre todos! Ele tinha cerca de 25 anos e estava em plena forma. Era objetivamente um homem bonito, bem vestido em seu terno e colete, com camisa branca e gravata com grandes linhas diagonais. Se vê que o terno era de bonita feitura e sob medida para as proporções dos ombros, das mangas e são bem cuidadas. Mesmo os sapatos são bem feitos, e sobre o colete observa-se o relógio de algibeira. O belo terno, diferente, e de corte mais moderno do que o utilizado para sua primeira foto de apenas 3 anos antes, fazia ressaltar o seu físico esguio e belo.

Seu sorriso (desta vez mostrado com evidências e não apenas acenado como na primeira foto) nos dá a ideia de uma pessoa serena e distendida, contente de fazer-se fotografar junto com a família amada, mas também nos mostra o queixo saliente, típico, que caracteriza muitos de seus descendentes. Emanuele deixou crescer os bigodes que começaram a ser cada vez mais "Umbertinos", mudou o penteado, mas parece que não renunciou ao uso da pomada para manter os cabelos presos

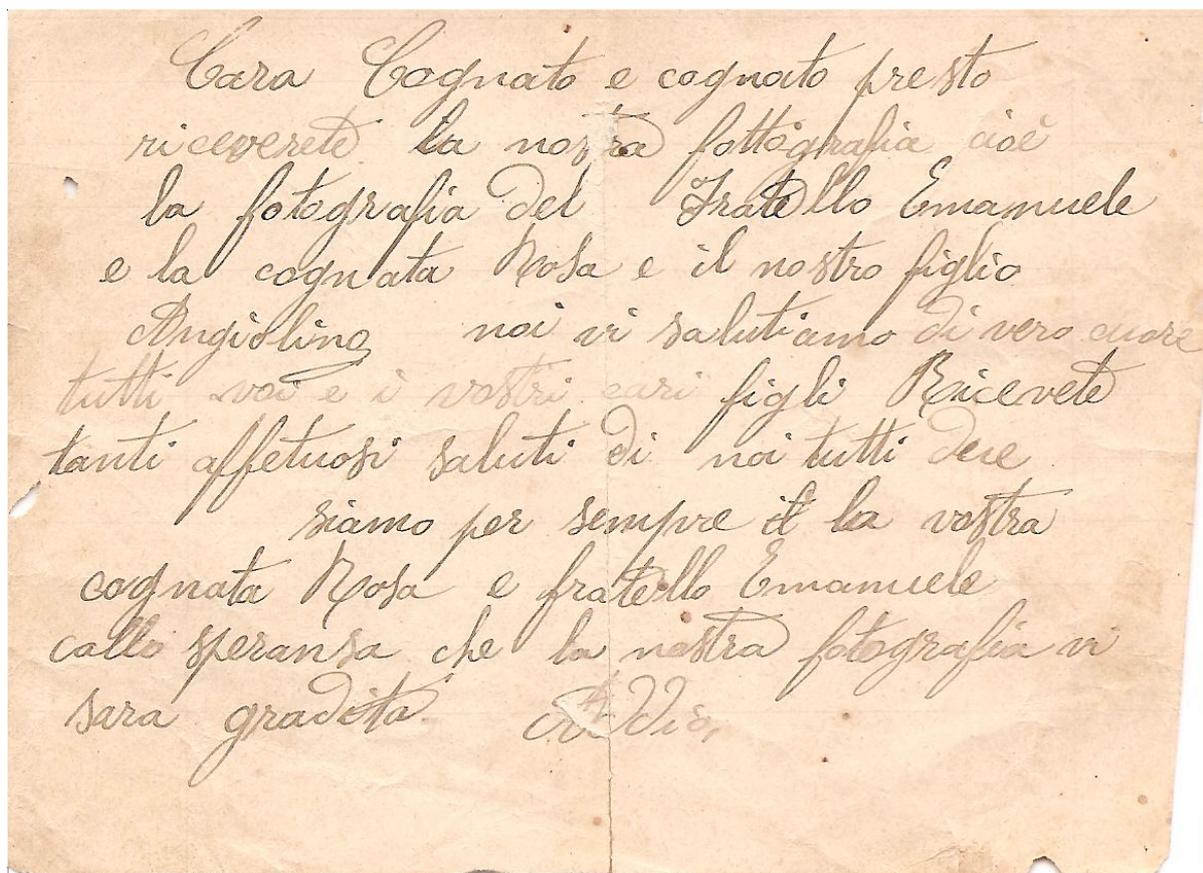
Julgado globalmente, Emanuele parece um verdadeiro senhor, de fato um nobre, e não um agricultor que, sob o pesado jugo paterno, precisava dobrar as costas todos os dias na fazenda. Rosa deve ter-se sentido orgulhosa de ter a seu lado um homem de tão bela presença!

Também a posição que os três assumem na fotografia é muito interessante: a única sentada – posição dominante de quem comanda – é Rosa. Isso não era típico de quando se fazia uma foto de família, porque deixava transparecer um conceito preciso que nem todos os homens aceitavam para destacar: a Rainha da casa era a

mulher, e o homem tinha um papel subalterno de proteção, e portanto tinha que ficar de pé, em segundo plano, por detrás da esposa.

O pequeno Ângelo para todos os efeitos estava numa posição dominante no centro da cena, à direita da mãe, de pé sobre o banquinho para colocar-se em evidência, uma vez que ele representava o futuro da família.

A beleza e o valor desta foto não terminam aqui, porque dos parentes do Brasil chegou, em anos recentes, uma velha folha de carta que era de fato inesperada: o bilhete que acompanhava esta fotografia.



Cara Cognato e cognato presto  
riceverete la nostra fotografia cioè  
la fotografia del Fratello Emanuele  
e la cognata Rosa e il nostro figlio  
Angelino, noi vi salutiamo di vero cuore  
tutti voi e i vostri cari figli. Ricevete  
tanti affettuosi saluti di noi tutti. Se  
siamo per sempre il la vostra  
cognata Rosa e fratello Emanuele  
callo speranza che la nostra fotografia vi  
sara gradita. Adeus.

Caros Cunhada e cunhado. Em breve  
recebereis a nossa fotografia, ou seja,  
a fotografia do irmão Emanuele  
e da cunhada Rosa, e o nosso filho  
Angelino. Nós vos saudamos de verdadeiro coração,  
todos vós e vossos queridos filhos. Recebei  
muitos cumprimentos carinhosos de todos nós dois.  
Somos para sempre a vossa  
cunhada Rosa e o irmão Emanuele  
com a esperança de que nossa fotografia vos  
seja agradável. Adeus.

Esta descoberta foi um autêntico, mas especialmente, um inesperado golpe de sorte, porque ele nos permitiu tornarmo-nos conscientes de uma parte da história ligada a esta foto, mas especialmente é uma prova luminosa de tudo o que foi transmitido, isto é, que Rosa, ao contrário de seu marido, sabia escrever.

Meu avô Peppino sempre contava que sua mãe escrevia as cartas para os cunhados do Brasil em nome do velho sogro Alessandro que, num esforço de que algum dos filhos decidisse de vir para a Itália, sugeria à nora de escrever que "na Itália era sempre Primavera". No Brasil, portanto, as cartas e a caligrafia de Rosa tinham-se tornado familiares, mas este era o seu único testemunho escrito que chegou até os dias atuais. Não sabemos a quem foi dirigida esta carta e a fotografia, mas nós podemos imaginar que tenha sido escrita para a sua cunhada Rosa, residente em Nova Trento, porque foi ela e seus descendentes que a guardaram ciosamente e com grande cuidado, e fizeram chegar até os nossos dias este autêntico tesouro.

Esta fotografia (ou mais provavelmente, uma cópia), e este bilhete cruzaram o oceano, e pode-se supor que a decisão de ser fotografado destinava-se, não tanto para ter uma fotografia para conservar, mas principalmente para enviá-la aos irmãos e irmãs no Brasil. É uma pena que Rosa não tenha marcado a data, mas esta não era uma carta, mas um bilhete que acompanhava a foto com uma breve saudação e, portanto, a data podia ser omitida.

Analisando o escrito de Rosa se deduz que a jovem tinha um grau de boa escolaridade para aqueles tempos: a elegante caligrafia gótica é firme e segura, sinal de que Rosa estava acostumada a escrever. Os termos usados – inevitavelmente obsoletos e arcaicos para hoje – são todos corretamente da língua italiana, não aparece nenhum termo dialetal, e os dois únicos erros de ortografia são devidos à distração (como no caso de "fottografia", que depois veio imediatamente repetido corretamente) e o uso impróprio de como se fala, (como no caso de "colla", em vez de "con la")

Curioso é o fato da tinta que, na escrita, se vê diminuir aos poucos até acabar, para em seguida ser recarregada. Na casa Tirloni, especialmente nesses anos em que o velho Alessandro supervisionava todas as coisas, era necessário fazer economia sobre todas as coisas, e também o bico da pena era mergulhado em tinta apenas quando a linha escrita ficava completamente branca, porque a tinta estava completamente esgotada!

Como foi dito, Emanuele, ao contrário do irmão mais novo Eliseu e do cunhado Agostino Nava (de quem, entre outras coisas não havia mais notícias fazia tempo), escapou uma boa parte da grande guerra e, portanto, pôde ajudar a sua esposa em sua terceira gravidez, e ver nascido o seu segundo filho: meu avô Giuseppe!

### *9.5.2 - Soldado durante a Grande Guerra*

O problema dos dentes que salvou Emanuele foi, como se disse, bagatela trivial, mas infelizmente foi uma desculpa destinada a durar apenas um pouco, porque, por causa dos resultados negativos da longa guerra, logo se entendeu que as coisas estavam destinadas a mudar radicalmente. O desastroso resultado da batalha de Caporetto, de 24 de outubro de 1917, impulsionou o exército para exigir uma enorme quantidade de homens, e dois cartões de requisição foram enviados para a fazenda Battagliona, para Emanuele e seu irmão mais velho, Vittorio. Emanuele foi convocado para se apresentar novamente para visita, e desta vez de nada valeram as cáries que o tinham salvo alguns anos antes: o resultado da visita julgou Emanuele hábil para armas, e foi expedido para casa para se preparar para a partida iminente para a frente da guerra.

O mesmo destino também coube ao irmão Vittorio, e sobre isto existem provas na segunda carta encontrada no Brasil, que foi escrita no dia 4 de novembro de 1917, pela Irmã Angelina, à irmã Rosa, que declara estas tristes notícias.

- Agostino Nava foi um dos primeiros a sair para a frente de guerra e fazia muito tempo que não se tinha mais notícias suas, e nem se sabia se ele ainda estava vivo. Emanuele e Vittorio partiram para a frente de guerra no dia seguinte a esta carta, apesar de todos os esforços desesperados de Alessandro.
- Alessandro, encontrando-se sem mais filhos que trabalhavam a terra resolveu arrendar a fazenda aos vizinhos Colzani e mudou-se com sua família para um pequeno sítio no centro da vila, logo atrás da Igreja, e chamou para junto de si também as duas filhas casadas: Ângela e Francesca cujos maridos estavam na frente de guerra.
- Eliseu estava na Albânia, mas sua situação foi descrita como a mais tranquila.

Como se pode facilmente constatar, a casa Tirloni permanecia totalmente privada de homens, e o velho Alessandro caiu no desespero mais profundo! Angelina de fato escreveu: *"Se você visse a que estado o nosso pai está reduzido,... já não sabe, também ele, o que pensar!"*. Nesta carta se vê pela primeira vez e possivelmente única vez o aspecto humano do velho despótico Alessandro e podia-se perceber toda sua fragilidade e seu medo diante da impotência desta situação muito maior do que ele.

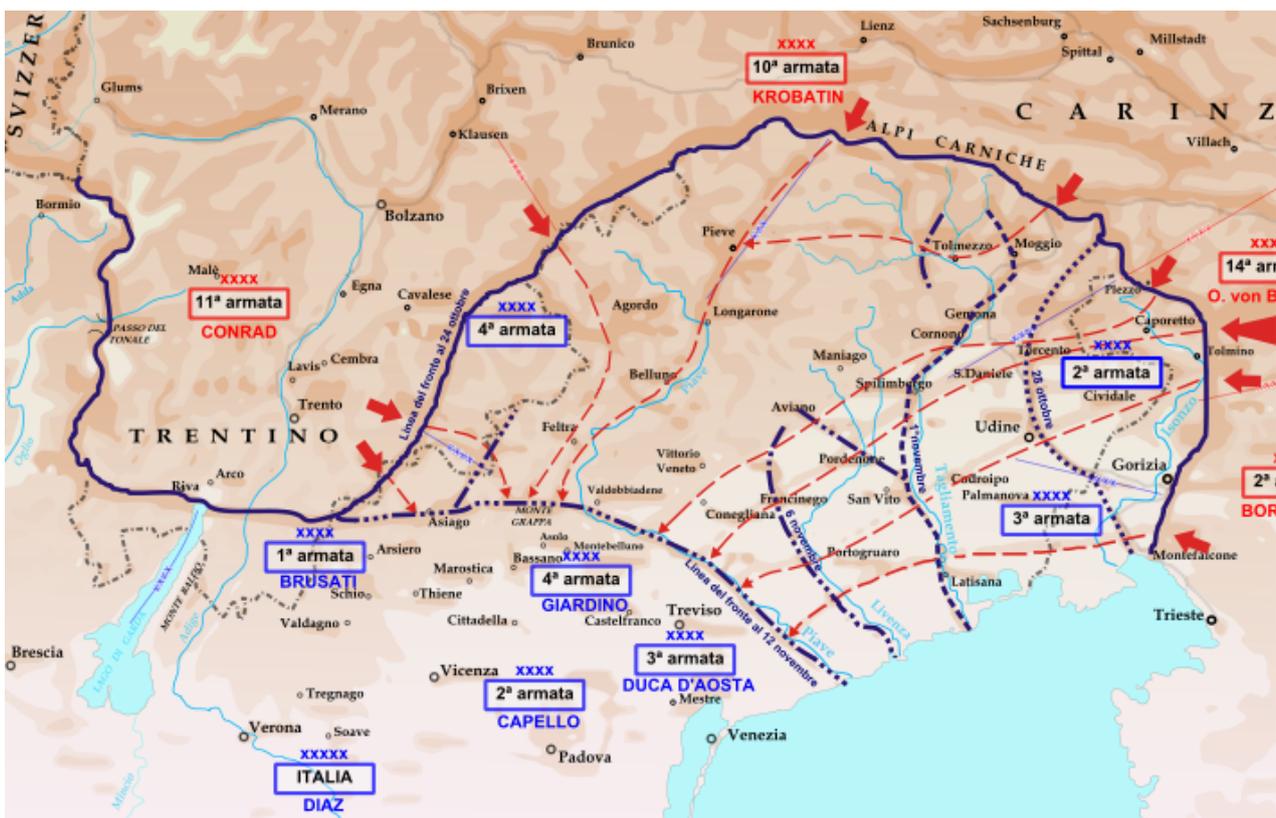
Definitivamente tentou comprar com o seu dinheiro a liberdade dos filhos do jugo da guerra, mas pela primeira vez em sua vida falhou em sua intenção. Fez todas as tentativas de impedir a partida de seus filhos, mas precisou render à evidência dos fatos e foi obrigado a tomar decisões que mudaram radicalmente a configuração da família, porque foi atingido também nos seus interesses monetários. Foi obrigado a alugar a sua terra, a sua casa, e ser o único homem a permanecer na família, e mesmo quando estava prestes a fazer 65 anos, encontrava-se a ter que cuidar de 4 filhas, 2 noras e 4 netos.

Por esta carta, descobriu-se que a relação entre Alessandro e seu filho Vittorio não era nada agradável, e os dois já não se falam há 6 meses, mas parece que a irmã Ângela tomou as defesas do pai, em vez de seu irmão. Provavelmente Ângela, neste momento, aproveitando a dificuldade e a fraqueza do pai, esmagado pela gravidade

deste momento, pela primeira vez sentiu-se obrigada a apressar a sua ajuda e a abandonar o ódio que nunca deixou de transparecer em suas cartas contra o tremendo pai.

Graças a esta carta podemos descobrir que Emanuele partiu para a frente de guerra com seu irmão Vittorio no dia 5 de novembro de 1917 e deveram viver praticamente por um ano neste pesadelo. Não se sabia exatamente para onde Emanuele tinha sido destinado, e não se sabe em que sangrentas batalhas que, aliás, tinham caracterizado o último ano desta guerra, lhe coube participar. Mas certamente foi destinado para a parte vêneta da Frente Oriental, nas quais tinha havido as maiores perdas, e onde mais estava presente o inimigo.

Provavelmente também Emanuele se encontrava localizado para defender a longa linha de trincheiras do lado direito do Rio Piave, ou nos outros dois postos localizados no monte Grappa ou no planalto de Asiago. Para a defesa desta linha, os altos comandos do Estado Maior da Defesa, prescreviam: "defesa a todo o custo" como havia dito o novo Chefe de Estado maior do Régio Exército, o General Armando Diaz!

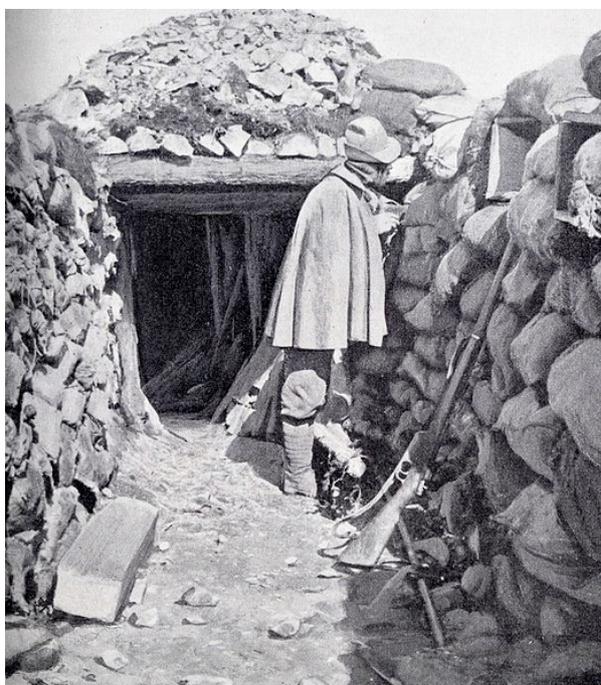


Retirada do fronte italiano oriental de 24 de outubro a 12 de novembro (o ano de 1917)

Neste conflito, a Itália estava aliada com a França e o Reino Unido, e confrontava-se em uma linha que ia dos Alpes ao mar Adriático e a Alemanha, mas especialmente o Império Austro-Húngaro. Portanto, a frente de guerra era relativamente "fácil" de gerenciar, uma vez que não era grande e era principalmente unidirecional. Portanto os esforços de guerra podiam concentrar-se todos em uma única direção,

sem medo de serem "atacados pelas costas". Nem tudo, porém, era tão simples como poderia parecer, porque isso ficou conhecido como a "guerra de trincheiras" por excelência. Enquanto na frente ocidental foram escavadas trincheiras na lama, na frente Oriental (ou seja, aquele na qual estava empenhada a Itália) foram cavadas trincheiras nas rochas e geleiras dos Alpes, para além de 3.000 metros de altitude.

A trincheira era um fosso estreito escavado cerca de dois metros de profundidade e outros dois de largura, que se estendia por vários quilômetros ao longo do território. O soldado estava assim protegido contra as balas do inimigo, mas nesses "corredores" vivia-se uma vida em contato constante com o perigo de morte. Na frente oriental, de um lado os austríacos não tiveram problemas para construir fortificações sólidas de concreto armado, do outro lado os italianos tiveram que construir seus próprios abrigos com mais dificuldades, pois a guerra já havia começado e sob bombardeio inimigo.



Trincheiras italianas sobre o Carso e as Dolomitas italianas (fotografias – ano 1915/18)

Depois da invenção da metralhadora, justamente durante a primeira Guerra Mundial, o ataque de trincheiras tornou-se um verdadeiro suicídio. Estas armas, geralmente colocadas dentro de um lugar fechado e cobertas com vegetação para tornar mais difícil a localização, eram capazes de matar dezenas e dezenas de inimigos em poucos minutos, quando eles saíam de suas trincheiras para atacar o inimigo das trincheiras colocadas à sua frente.

Quando o apito de um oficial lançava um ataque à linha do inimigo, os soldados iam para o assalto com as armas brancas, com as baionetas encaixadas nos fuzis: muitos eram ceifados pelo fogo das metralhadoras inimigas, outros eram feridos ou mutilados, caídos na terra de ninguém (que era o espaço entre duas trincheiras opostas) sem poderem ser socorridos. Muitas vezes todos os esforços para conquistar al-

guma linha de trincheiras inimigas se revelavam inúteis por causa da contraofensiva do inimigo. Ir para frente significava ir à morte, mas também aqueles que voltavam eram executados de forma sumária, por covardia ou motim. Era verdadeiro massacre: milhares de homens foram mortos para conquistar poucos metros que, muitas vezes, em seguida, eram novamente perdidos.

Para um soldado de primeira linha, a possibilidade de superar a guerra sem uma lesão ou ser morto era muito baixa. Praticamente ninguém voltava para casa da frente de guerra sem pelo menos uma ferida! No momento da primeira Guerra Mundial a assistência médica ainda era rudimentar. Não havia antibióticos, e ainda que fosse uma ferida relativamente pequena, poderia facilmente evoluir para uma septicemia fatal. As estatísticas relatadas pelos médicos militares confirmam que 12% das feridas nas pernas e 23% das feridas nos braços tinham um resultado letal. Estavam destinados à morte a metade dos feridos na cabeça e 99% dos feridos na barriga.

Três quartos dos ferimentos eram causado por estilhaços de artilharia. Tratava-se muitas vezes de feridas mais perigosas e mais cruéis do que aquelas causadas por armas de pequeno calibre. A explosão de uma Granada causava uma chuva de detritos que, penetrando na ferida, tornavam muito mais provável o surgimento de uma infecção, mas além disso, quem não era ferido diretamente tinha que contar com o fato de que as condições de saúde nas trincheiras eram catastróficas, e na verdade muitos soldados tornaram-se vítimas de doenças infecciosas: disenteria, febre tifoide, cólera, ou eram atingidos por várias doenças causadas por parasitas.

A situação era agravada pelo fato de que os soldados nas trincheiras sempre eram expostos ao risco de morte durante as longas horas de inércia entre um combate e outro: o fogo de franco-atiradores, as granadas, as metralhadoras e os assaltos inimigos estavam sempre na ordem do dia, sobrecarregando os nervos das tropas já provados pelas más condições de vida devido à sujeira, e no Inverno, devido ao frio, à chuva, à neve e à lama.

Os soldados submetidos a um bombardeio de longa duração (em um caso, na parte da frente anglo-alemã chegou-se a atingir um contínuo bombardeio que durou uma semana inteira) muitas vezes sofriam da síndrome de stress pós-traumático (na Itália, para indicar as pessoas afetadas por esta síndrome, usaram a expressão "scemo di guerra").

Para suportar a tensão mental e a fadiga sobre-humana à qual eram submetidos, os soldados tinham apenas como únicos confortos: o álcool, a correspondência de casa e as licenças ocasionais. Provavelmente também Emanuele pôde usufruir alguma licença e pôde, pelo menos por alguns dias, voltar para casa e se reuniu com seus entes queridos, mas nenhuma notícia a este respeito chegou até nós. Sabendo e considerando que Emanuele estivesse entre os últimos que partiram para a frente de guerra, e se encontrou na fase mais sangrenta das batalhas finais, pode ser que ele nunca tenha recebido esse privilégio de licença, e pôde rever sua família somente após a guerra.

Certamente recebeu correspondência dos membros de sua família, de sua amada esposa e das irmãs. Geralmente essas cartas estavam cheias de boas notícias sobre os membros da família que estavam em casa, e orações para aqueles que, assentados nas trincheiras, liam as poucas linhas, e talvez choravam sobre as fotos de seus entes queridos que eram enviadas juntamente com as cartas. Emanuele não sabia escrever, mas provavelmente se fazia ajudar, como muitas vezes aconteceu, por alguns amigos militares para quem teria ditado seus pensamentos.

Uma coisa que certamente Emanuele poderia fazer para consolar a sua família: fazer-se fotografar para demonstrar de maneira inequívoca que ele estava vivo, que ele estava bem e em boa saúde. Isso foi o que ele fez, e para nossa grande sorte, pelo menos uma dessas fotos veio até nós!

Não sabemos em que momento foi feita esta foto, e não sabemos de que área da frente de guerra foi enviada, mas há como achar que foi feita durante os primeiros meses da guerra, porque Emanuele aparece em perfeita forma e sem nenhuma perturbação ou cansado pela guerra.

O seu é o típico uniforme verde-cinza adotado pelo corpo dos alpinos, e o chapéu tradicional aparece logo à esquerda sobre o movelzinho. Está em perfeita ordem, limpa e sem remendos (coisa que infelizmente os soldados deviam fazer muitas vezes porque o orçamento não incluía muitas peças sobressalentes). Pode-se imaginar que era um uniforme que tinha sido emprestado só para o momento em que vários soldados se faziam imortais na foto para enviar à sua família, mas também para causar uma boa impressão aos membros da família em casa, e para dar valor à fotografia que ainda era algo não usual, portanto primeiro tinha a intenção de ser uma bela memória a ser preservado para a posteridade.

Infelizmente não se consegue distinguir qualquer grau de Emanuele, mas é mais provável que não o tivesse. São bem evidentes as grandes estrelas (que distinguem um uniforme de uma roupa comum – para não ser confundido com graus de segundo-tenente do exército) colocadas sobre o colarinho da camisa e do manto. Nem sobre os ombros e nem sobre as mangas da jaqueta aparece algum sinal de qualquer "grau". De mais a mais, se vê claramente que a jaqueta de Emanuele é muito simples, totalmente desprovida de elementos decorativos, e sem mesmo os bolsos, e portanto se pode concluir que Emanuele era um soldado comum do exército real.



Emanuele Tirloni vestido com o uniforme degli alpini (fotografia – ano de 1918)

Também nessa foto, como em outras anteriores, Emanuele faz bela figura: penteado com cuidado, e com longo bigode ajeitado. (Sabe-se que entre os Alpini o bigode, mas especialmente a barba, serviam para dar mais importância e respeito a uma pessoa, em suma, como se costumava dizer no jargão militar: "fazem graduação").

Seu sorriso, a que estávamos acostumados em retratos anteriores, deixa o lugar para um olhar quase altivo para indicar que ele se encontra bem, e é "dono" da situação. Também a sua postura, provavelmente sugerida pelo fotógrafo, destinava-se a própria arte de comunicar uma situação de imperturbável ousadia e complacência: as luvas seguradas em sua mão direita, o manto sob o antebraço esquerdo e a

perna cruzada, são todos sinais que servem para enfatizar que Emanuele não está em perigo, nem mesmo com medo da guerra que existe em torno dele. Ele está em uma situação tal tranquilidade e segurança que pode permitir-se até mesmo um relaxamento para uma pose fotográfica.

O resultado final desta foto quer ser algo que possa levar os membros da família que veem seu familiar como um "herói sem medo" em uma situação de clara superioridade que impedia o inimigo de avançar e assim salvava a pátria. Tudo era estudado para a arte da propaganda!

Felizmente, para Emanuele, a sorte geral da guerra voltou-se em favor da Itália: a retirada na frente do Grappa-Piave, após a derrota em Caporetto, ajudou o exército italiano, agora nas mãos do General Diaz, a concentrar suas forças numa frente mais curta e, acima de tudo, com uma postura tática alterada, mais orgulhosa e determinada, e para reanimar os soldados italianos, veio uma notícia de que a América havia entrado na guerra em defesa dos estados do acordo (incluindo a Itália).

A única nota negativa era que, com o armistício da Rússia, onde a revolução civil levou ao poder os comunistas de Lenin, todos os soldados alemães e austríacos tinham sido derrotados na frente italiana a fim de preparar a grande ofensiva que teve lugar no início do ano novo.

A ofensiva austro-húngara veio em 15 de Junho: o exército do império atacou com 66 divisões na chamada "batalha do solstício", que viu os italianos resistirem ao ataque e infligindo pesadas baixas ao inimigo. Os austro-húngaros, para quem a batalha do solstício era a última chance de fazer uma mudança no conflito e reverter a sorte, perderam suas esperanças. A Itália decidiu tirar proveito deste fato e, com os povos do Império de Habsburgo à beira da revolução, antecipou para outubro a ofensiva prevista para 1919, impedindo a continuação da ofensiva.

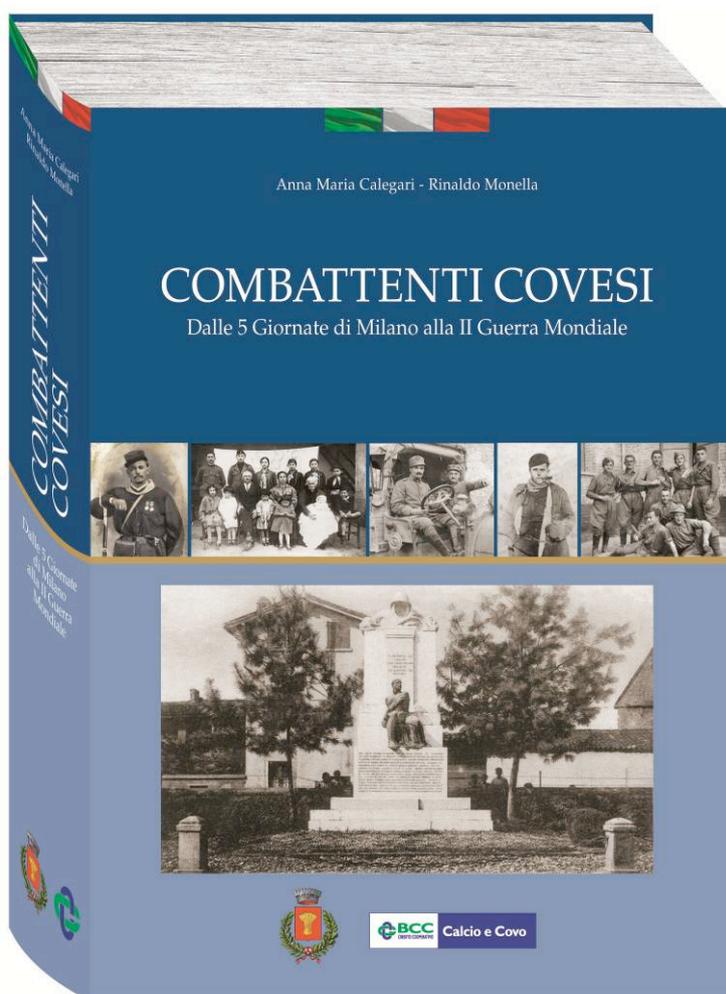
De Vittorio Vêneto, no dia 23 de outubro parte a ofensiva, com condições atmosféricas péssimas. Os italianos avançam rapidamente pelo Vêneto, Friuli e Cadorre, e a 29 de outubro, a Austro-Hungria se rendeu. Em 3 de novembro, na Villa Giusti, perto de Pádua, o exército do império assinou o armistício que seria efetivo a partir de 12, que era o dia seguinte, (ou seja, exatamente de 364 dias depois que Emanuele partiu para a frente de guerra).

Por histórias ouvidas no Brasil, sabemos que Emanuele, durante esse conflito, foi ferido em uma perna (não se sabe se foi resultado de um ato de guerra, ou por culpa talvez uma lasca de granada) mas conseguiu sobreviver, e não sofreu lesões irreversíveis, voltando para casa são e salvo.

Emanuele teve muita sorte. Pelas cartas encontradas, sabemos que Agostino Nava, após anos de trincheira, adoeceu seriamente, e precisou tratar-se por muitos anos. Não sabemos que destino recaiu sobre os outros homens da família, mas sabemos que todos eles sobreviveram à guerra e retornaram às suas casas. Em pouco tempo, a família se recompôs totalmente, e a vida de família foi retomada à sua costumeira rotina.

Foi precisamente nestes dias de Outono de 2011 – enquanto este capítulo estava sendo escrito – uma descoberta realmente valiosa, cujo mérito é atribuído inteiramente à grande competência, à força de vontade, mas especialmente à meritória e frutífera "sede de conhecimento" que tem animado o Sr. Rinaldo Monella, um escritor de Covo, vivamente apaixonado pela história local. A aprofundada pesquisa histórica realizada por Monella não se limitou apenas para as famílias de descendentes, mas foi focalizada especialmente em arquivos militares de Milão e Bérgamo, dando os melhores resultados, e as descobertas do Senhor Monella trouxeram à luz muitos documentos desconhecidos, entre os quais a carta de registro de Emanuele.

Toda a preciosa documentação encontrada por Monella, e todos os relatos que ele ouviu dos antigos de Covo foram registrados num grande livro escrito por ele, com a ajuda de sua esposa, senhora Anna Maria Calegari, livro que é intitulado: "Combatentes Covese: dos 5 dias de Milão à II Guerra Mundial".



Capa do livro Combatentes Covese: dos 5 dias de Milão à II Segunda Guerra Mundial (impressão - ano 2011)

Pela leitura da carta de matrícula de Emanuele podemos realçar dados muito interessantes relacionados ao “Simple Soldado Emanuele Tirloni” que dão respaldo indiscutível para várias histórias transmitidas oralmente, e que veio também oficiali-

zar o fato de que Emanuele sabia ler, mas não sabia como escrever. Também neste documento existem alguns erros: está relatado como tendo nascido no dia 29 de setembro, em vez de 27, como está registrado em todos os seus documentos, e o sobrenome da mãe é referido como "Colombo", em vez de "Colombi", Contudo este erro do nome materno é uma dúvida que permanece para sempre não resolvida. Um erro deveras grosseiro está no fato de que foi considerado como nascido em Covo, e não no Brasil. como em vez está corretamente registrado na carta de matrícula do irmão Vittorio.

Curioso é o comentário a respeito de seu nariz: é descrito como "Grego", para indicar um nariz reto, grande, mas proporcional. Igualmente curioso é o fato de que não há nada informado sobre o fato de que Emanuele era casado, só porque o casamento foi celebrado enquanto ele era um civil, e não durante o serviço militar.

REGOLAM. PER LE MATRICOLE 12 (26) R. ESERCITO ITALIANO N. 59 del Catal. (R. 1926)

N. di matricola *22* *2245* *bis* del distretto di *Milano* (22)

### Foglio matricolare e caratteristico

di *Carlo Emanuele* *Alessandro*  
 e di *Colombo Elisabetta* il *29-9-* *1890* *Covo*  
 mandamento di *Tommaso Loui.* circondario di *Cremona*  
 inserito nel comune di *Covo* mandamento di *Tommaso Loui*  
 circondario di *Milano*

Contrassegni personali, cognizioni speciali, matrimoni e vedovanze		
Statura m. l. <i>1,75</i> Torace m. c. <i>92</i>	Bocca <i>quadrata</i>	Professione o mestiere (5)
Qualità fisiche in genere (6)	Dentatura <i>quadrata</i>	Grado d'istruzione (6)
Capelli { colore <i>castani</i>	Mento	<i>Contadino</i>
{ forma <i>lisci</i>	Segni particolari	
Viso	All'atto dell'arruo: { leggere? <i>no</i>	Cognizioni extra professionali (7)
Colorito <i>bruno</i>	{ scrivere? <i>no</i>	
Occhi <i>castani</i>	(8)	
Sopraciglia		
Fronte		
Naso <i>quero</i>		
Ammogliato con il _____ (8) con autorizzazione del Comandante		
N'assito vedovo il _____		

(4) Irregolarità, servizi, promozioni ed altre variazioni matricolari	DATA
<i>Soldato di leva 1° categ. classe 1890 distretto di Milano già riformato e reintegrato a servizio il 27-8-1914 e tornato in congedo illimitato</i>	<i>6 30 1914</i>
<i>Assegnato alle armi equite</i>	<i>5 11 1914</i>
<i>Colo nel deposito al 42° Regg. Fanteria</i>	<i>16 11 1914</i>
<i>Decorato senza fissa pagella</i>	<i>26 9 1914</i>
<i>Invitato in licenza illimitata a servizio 339</i>	<i>5 8 1914</i>
<i>Colo nel deposito in 42° Regg. Fanteria sed.</i>	<i>5 8 1914</i>
<i>Assunto di congedo illim. in data obbedienza in licenza illimitata dal 5-8-1914</i>	<i>15 8 1914</i>

Residenza all'atto dell'arruolamento *Covo*

(1) Nelle copie indicare il corpo. — (2) Nelle copie si promettono le parole: Copia del... — (3) Indicare se posato e letto, muscoloso o no; se abbia diffezioni fisiche e quali. — (4) Indicare a seconda del caso: dispensato dall'esperimento accertante il grado d'istruzione letteraria; oppure: superato l'esperimento accertante il grado d'istruzione e fu dispensato dal frequentare la scuola elementare; oppure: non superato l'esperimento accertante il grado d'istruzione e fu iscritto nella (1ª o 2ª) sezione della scuola elementare. — (5) Indicare esattamente la professione o il mestiere. — (6) Evitare l'indicazione generica di: studente; specificare i titoli di studio oppure: possidente di motori, del pilotaggio aereo, di costabilità, d'artigianato, stenografia etc. (Specificare ove sia possibile il documento presentativo). — (7) Per coloro che contrassero matrimonio prima di giungere alle armi, cancellare le parole: con autorizzazione etc. e sostituirle con le altre: prima di giungere alle armi.

Folha de matricula e caracteristica do soldado Emanuele Tironi (cópia do original – ano 2011)

O primeiro dado que imediatamente saltou aos meus olhos foi o fato de que Emanuele tinha realmente problemas com seus dentes. De fato a sua dentadura como "gasta", mas é de se supor que esse julgamento foi extremado ou manobrado por algum "suborno" pago pelo pai Alessandro para tentar evitar ao filho os horrores

da guerra. Pessoalmente fiquei muito impressionado com este detalhe porque corresponde exatamente à descrição que era feita pelo meu avô Peppino. Eu sempre tinha imaginado que a definição de " dentes gastos" era uma maneira que meu avô usava para se explicar, uma italianização forçada por um termo dialetal, mas em vez disso, era de fato uma definição correta em língua italiana, que podia ser utilizada em um documento oficial. Este fato significa que meu avô não queria simplesmente explicar o problema de seu pai, mas tinha entrado em contato com esta carta de matrícula, e queria assinalar a verdadeira definição ali relatada que, obviamente, graças à sua incrível memória, se recordava ainda perfeitamente.

A carreira militar de Emanuele foi brevemente descrita, mas infelizmente não há muitos detalhes: pertenceu ao distrito militar de Milão, portanto provavelmente estava sob a chefia de Milão, para onde devia viajar para fazer várias visitas. Foi visitado uma primeira vez (não está dito exatamente quando), e foi reformado. Depois foi novamente revisitado no dia 6 de outubro de 1917, e também desta vez foi deixado em licença ilimitada.

Um mês mais tarde (mesmo no dia 05 de novembro, como a irmã Angelina relatou em sua carta escrita no dia anterior) foi convocado, novamente visitado e julgado hábil, e então associado ao 42 ° Regimento de Infantaria, onde chegou no dia 14 de novembro de 1917, e a partir daí, começou seu calvário nas trincheiras. Não se esclareceu, porém, nem os locais precisos para onde fora destinado, nem suas possíveis tarefas. Não se fez menção nem de licenças especiais, nem de eventuais promoções (portanto se deve supor que tenha permanecido um simples soldado, e como tal, tenha sido pago), e nem da ferida na perna da qual se falava.

Terminada a guerra, as tropas não eram imediatamente desmobilizadas, e Emanuele continuou por mais muitos meses enquadrado no exército. Há uma anotação feita em 26 de fevereiro de 1919 onde se diz que foi "exonerado sem um prazo fixo". Eu não sei o que pode significar esta nota, talvez seja justamente a desmobilização da linha de frente.

As últimas notas de sua vida como soldado o veem já no caminho de volta para casa: foi enviada uma "licença ilimitada" junto ao Depósito de Lodi do Regimento de Infantaria, no dia 5 de agosto de 1919, e logo provisionado de "descanso ilimitado", para em seguida receber a "licença ilimitada" que lhe possibilitou de retornar para Covo e abraçar a sua esposa Rosa e os seus filhos, no dia 15 de agosto de 1919. Ele ficou fora de casa por um ano e nove meses.

### *9.5.3 – Os anos na Battaglia juntamente com seu tremendo pai*

Durante este ano de sofrimento no qual Emanuele esteve na frente de guerra, sua esposa Rosa permaneceu junto com seus dois filhos (Ângelo e Giuseppe) na casa Tirloni com o velho sogro Alessandro e todas as cunhadas.

Como já se disse, a família não viveu mais na fazenda Battagliona porque, tendo partido todos os homens e, portanto, tornando menor a força de trabalho, o velho Alessandro tinha tomado a decisão de alugar a terra para alguns membros da família Colzani (os mesmos parentes de Rosa por vínculos matrimoniais) que de acordo com o que Angelina escreveu: "*.. Agora (pai) alugou a fazenda e os terrenos aos vizinhos Colzani...*" Provavelmente já viviam em uma das casas colocadas na mesma fazenda ou em outra fazenda na vizinhança, ou tinha se retirado a viver em um sítio no centro da vila, logo atrás da Igreja, naquela estrada que agora tomou o nome de Via della Repubblica n ° 3.



Fazenda onde se retirou a família Tirloni durante a primeira Guerra Mundial (Google – ano 2011)

Não se tem certeza a este respeito, mas pode ser que Alessandro tenha chamado para junto de si as duas filhas já casadas, Angelina e Francesca, porque os maridos destas últimas também tinham partido para a frente de guerra. Esta hipótese vem do fato de que, na carta escrita por Angelina em 1917, ela mesma escreveu à sua irmã: "... (O pai) não escreve porque está sempre ocupado com o trabalho, mas agora verás que quando ele vier aqui perto de mim te escreverá mais vezes..." e, em seguida, continuou adicionando os detalhes da família que se recompõe inteiramente, escrevendo: "*... Como agora a nossa família volta a ficar todos juntos [= voltam a viver todos juntos] porque nossos irmãos, como te disse, vão embora a servir com soldados, se eles tiverem a sorte suficiente para voltar de novo para casa (o pai), pensará em colocar-se novamente em sua terra...*"

Se esta hipótese fosse verdade, significaria que, como já foi explicado, o velho Alessandro depois de passar toda a sua vida a construir empresas épicas e corajosas, e ter dirigido dezenas de homens e trabalhadores de ambos os lados do oceano, encontrava-se agora, aos 65 anos, sozinho, a ter que gerenciar e cuidar de um exército de mulheres e de crianças. Ele estava, de fato, em casa com:

- A Nora Lucia (esposa do filho de Vittorio) e seus filhos: Augusta de 2 anos e Alessandro que nasceu durante este ano.
- Angelina e a filha Narcisa de 6 anos (a maior dos seus netos italianos)
- Nora Rosa (a esposa de Emanuele) e seus filhos, Ângelo de 5 anos e Giuseppe de 2 anos.
- Vitória, seu braço direito, ainda solteira

- Francesca (que começou a sofrer de uma doença misteriosa que levaria à morte prematura) e seu filho Bruno que também nasceu durante este ano.
- Antônia, a filha mais nova, que era ainda solteira



Gli adulti della famiglia durante la Grande Guerra:  
il patriarca Alessandro Tirloni

le figlie Angelina Tirloni Nava, Vittoria Tirloni, Francesca Tirloni Pesenti, Antonia Tirloni  
le nuore Lucia Cucchi (moglie di Vittorio Tirloni), Rosa Morosini (moglie di Emanuele Tirloni)

Podemos facilmente imaginar como esta situação teria andado por causa do gênio no velho Alessandro, que teria se sentido numa prisão, e teria tornado a vida impossível para todas essas doze pessoas que viviam ao seu lado!

Como foi mencionado, esta situação durou por um ano inteiro. Depois finalmente a guerra acabou e felizmente todos os homens retornaram para suas casas e as famílias se recompuseram. Mas a recém-criada paz internacional reconstituída depois da guerra não correspondia também a uma paz interna na casa Tirloni.

Não é totalmente claro o que aconteceu precisamente durante esses anos. Infelizmente é difícil de fazer coincidir as histórias dos nossos avós, com as provas escritas, mas a versão mais credenciada é que a família voltou a viver na fazenda Battagliona, mas que, nos anos seguintes, foi novamente cedida para alugar. Filhas casadas voltaram a morar em suas casas junto com maridos, e na Battagliona voltaram a viver juntamente com seu idoso pai: Vittorio e sua esposa e dois filhos, Emanuele com sua esposa e dois filhos, e os três irmãos mais novos, ainda não casados (Vittoria, Eliseu e Antônia).

Precisamente deste período imediatamente após o fim da grande guerra existe uma carta escrita por Eliseu, a sua carta mais antiga encontrada no Brasil. Assinalou a data do dia 16 de Dezembro de 1919, e as notícias nela contidas são um verdadeiro tesouro:

- Eliseu voltou para casa apenas no dia 30 de outubro (ou seja, quase um ano após o fim da guerra), depois de quase 5 anos de vida militar dolorosa e perigosa.
- Também Vittorio e Emanuele retornaram da frente de guerra e estavam todos bem
- Alessandro decidiu comprar algumas terras a mais para fazer frente às necessidades da família que ia aumentando.
  - Poucos dias antes a família recebeu notícias de um tio vivendo em Porto Alegre que comunicou o desaparecimento dos dois outros tios: Batista e Fermo.

Como se pode ver nesta carta, um dado muito importante é o fato de que Eliseu regressou para casa depois de quase um ano depois do fim das hostilidades. Obviamente desmobilizar todas as tropas não era uma coisa pequena que se resolvesse em alguns dias, porque se tinha que fazer muitas operações de controle e de segurança de novas áreas conquistadas que diziam respeito primeiro aos militares, e então apenas em um segundo momento, com a situação estabilizada, eram deixadas às forças paramilitares da polícia e dos Carabinieri.

Pode ser que também Emanuele tenha voltado para casa bastante tempo após o fim da guerra. Pode-se pensar que tenha sido ferido durante as últimas fases aceleradas da batalha de Vittorio Vêneto e, em seguida, tenha passado os meses de recuperação em um hospital militar de Triveneto.

O fato de que seu irmão Eliseu, em sua carta, não mencione absolutamente as disputas entre o velho pai Alessandro e seu irmão Vittorio, faz quase pensar que todos os homens tinham voltado para casa, fazia pouco, e as "hostilidades domésticas" não tinham ainda retomado. Na verdade, realmente muito bela é a frase escrita por ele sobre seus irmãos maiores: *"Também os irmãos estão todos os dois na família e estamos todos muito bem"*, o que pode muito bem ser entendido no sentido de que em casa reinava a harmonia.

O jovem Eliseu não era, por certo, um daqueles que se adaptava para as convenções e os formalismos da chamada "vida tranquila". No futuro não teria proble-

mas para denunciar as coisas que não iam bem, por isso seu silêncio e delicadeza talvez seja compreendida neste sentido: o velho pai Alessandro estava contente de ter reabraçado todos os seus filhos, e por outro lado todos os filhos estavam felizes de terem tido a graça de rever seus entes queridos, e portanto, pelo menos durante um período limitado, as coisas prosseguiram tranquilas.

Também neste caso, no entanto, a tranquilidade foi de curta duração. Toda a correspondência encontrada no Brasil (que se desenrola ao longo de uma década, mas é altamente concentrada em um período de tempo nestes anos entre o fim da guerra e 1922) bem revelava que a vida da família retornava em breve a ser inabitável, e todos iriam pagar as consequências.

Na casa Tirloni todos os membros da família estavam ofuscados pela figura do velho patriarca Alessandro, cujo caráter se agravava e endurecia cada vez mais ao longo dos anos (como é evidente, com todas as letras). Como foi mencionado, a coisa que mais o caracterizava era a sua mesquinhez que chegava ao exagero, juntamente com um grande dinamismo e uma fibra fortíssima. Ele era um trabalhador incansável, mesmo em idade avançada. Ele nunca ficava doente, acordava todos os dias às 04 da manhã, e ia bater na porta do quarto de seus filhos, pretendendo que se levantassem imediatamente. Comandava a todos com o punho de ferro, e tinha o controle total das economias familiares. Diante dele passam os livros contábeis os quais ele controlava sempre meticulosamente.

Naqueles tempos não se usava pagar a cada compra. O lojista marcava nos livros a conta de cada família, e o saldo a pagar vinha em dias predeterminados. Era então que o velho Alessandro, quando todos estavam dormindo, começava sua revisão das contas, e se não se enquadravam naquilo que ele achava, começavam os problemas, porque isso significava que tinha sido comprado algo sem seu conhecimento. Meu avô Peppino lembrava uma cena do velho avô Alessandro que tentava entender o porquê de uma conta, em sua opinião particularmente exagerada, e pensando em voz alta, dizia: *"por que 3,80 liras? Elas não teriam comprado sabão de mulheres"?*

Pois bem. O sabão era um desses bens de luxo que não se podia por certo permitir. Exatamente como o açúcar que se podia comer somente quando se estava doente. Tendo chegado na Itália com dois sacos cheios de moedas de ouro, Alessandro fazia sua família viver quase na miséria. Era geralmente costume comprar as frutas que começavam a apodrecer (em dialeto se dizia: "col pulesì bagnat = com o bico molhado") para que ele pudesse pagar menos. Meu avô Peppino sempre contava esta anedota de seu avô Alessandro que pessoalmente supervisionava meticulosamente cada fruta, para descobrir a que começava a apodrecer, e por isso negociar o preço.

Nesta louca corrida para poupar a todo custo feita pelo velho patriarca Alessandro, a pagar o preço mais elevado foi Rosa. Apesar do velho sogro recorrer frequentemente a ela – que era alfabetizada – para fazê-la escrever cartas para os filhos no Brasil (de fato ele nunca abandonou a esperança de que um dia pudessem vir para a Itália, e para convencê-los, em várias cartas sugeriu a Rosa que escrevesse

que na Itália: *"era sempre Primavera"*), não perdia a oportunidade para denegri-la diante de todos, sempre que surgisse uma oportunidade. Rosa, apesar de não ter ainda 30 anos, começou precocemente a envelhecer. As gravidezes fizeram dela uma mulher bastante robusta, mas infelizmente começou logo a sofrer de doenças cardíacas que, naqueles tempos, não eram curadas corretamente. (*"Ogne tant el dutur ghe daa de bif argot, ma prope quant la staa mal.* Traduzindo: De vez em quando o médico lhe dava algum medicamento para tomar, mas só quando ela ficava ruim" recordava a tia Lucia Cucchi, por todos chamada de "tia Cia". Muitas vezes faltavam-lhe o fôlego e as forças, e tinha seguramente necessidade de alimentar-se melhor do que aquilo que a mesa da casa Tirloni oferecia todos os dias.

Em uma dessas ocasiões, a família estava reunida na mesa, e Emanuele renunciou à sua porção de comida para dá-la para sua esposa, que já tinha terminado a parte que lhe cabia. A cena foi notada pelo velho Alessandro que ameaçou imediatamente com um ditado em voz alta: *"Ecco, te ta mangiareset anche le gambe del taol"* Traduzindo: Eis que tu comerias até mesmo as pernas da mesa".

Como em toda a realidade daquele tempo, também na casa Tirloni, onde certamente dinheiro não falta, a procura de alimento era o problema que mais angustiava a todos, porque o velho Alessandro impunha para que todos fossem moderados a todo o custo, para evitar as despesas. Pior ainda porque era impossível fugir à guarda da jovem vitória que, a partir da morte de sua mãe, tinha herdado o papel de "regidura = matriarca". Vitória era a única em seu gênero: executava à letra os desejos do velho pai, e era tão escrupulosa em sua tarefa que não lhe escapava qualquer coisa. Sobre a vontade expressa de seu pai, chegava mesmo a contar todas as manhãs as frutas sobre as árvores para garantir que ninguém as tinha roubado durante a noite.

Um dia, Rosa e a cunhada Lucia (com quem ela mantinha uma cumplicidade forte), movidas pela fome, decidiram realizar um "roubo" aos bens da família. Observaram que uma planta de pêssegos, naquele ano, tinha dado uma abundância de frutas, tanto que mesmo a cunhada Vitoria tinha dificuldade de contar, e decidiram recolher alguns crescidos em pontos dificilmente visíveis na planta. Os pêssegos eram ainda verdes e Lucia decidiu escondê-los debaixo da cama até que ficassem maduros. Mas os pêssegos eram realmente lindos e chegaram rapidamente ao amadurecimento, enchendo com seu aroma característico todo o quarto. A coisa provocou não poucos problemas, porque as "ladras" foram inevitavelmente desmascaradas pelo velho Alessandro, o qual foi literalmente à cólera, seja com as duas noras, seja com a filha Vittoria que não se deu conta da falta das frutas.

Também meu avô Peppino entrou em alguns apuros por causa da comida. Ele tinha cerca de 2 anos quando, sentindo fome, pediu a sua mãe um pedaço de queijo (stracchino). Sua mãe, secretamente, o levou para a cozinha, e lhe deu uma pequena fatia daquele queijo, explicando para prestar atenção e não se deixar ver por qualquer pessoa, especialmente pela tia Vittoria. O pequeno Peppino fechou entre as mãos o pedaço de queijo e deixou a cozinha com as mãos atrás das costas. Ao fazer isso, se deparou com a tia Vittoria que, vendo-o com as mãos atrás das costas, suspeitou de alguma coisa e lhe perguntou: "Deixe-me ver o que você está a ocultar em

suas mãos!" e meu avô respondeu: *"no, perché me mamma ma dit de fatel mia vet!* Traduzindo: Não, porque minha mãe me disse para não deixar você ver! "

Nós não sabemos como terminou esta história, mas pode-se acreditar que não ficou limitada a uma discussão entre as duas cunhadas Rosa e Vitória. Certamente o velho avô Alessandro teria sido informado destes fatos, e teria ficado furo de raiva com a pobre Rosa, homiliando-a novamente. Provavelmente depois teria cabido a Emanuele remediar de alguma forma, primeiramente acalmando e encorajando sua esposa e, em seguida, tentando mediar com sua irmã Vittoria, (porque, como se disse muitas vezes, com o velho Alessandro era mesmo inútil tentar. e até mesmo contra-producente, tentar falar).

Pelas histórias contadas pelo meu avô Peppino, sabemos que o velho avô Alessandro transmitia ordens precisas às noras para evitar que a prole crescesse com "mãos abertas", anulando todo o esforço que ele fez para tornar-se rico, e era assim que Rosa encontrava-se no dever de inculcar a ideia de poupança e parcimônia para seus filhos ainda crianças. Meu avô Peppino disse que aos 4 anos, sua mãe tinha ensinado o conceito de poupança, tudo por vontade do velho Alessandro.

A contínua deterioração do caráter do velho patriarca não fez outra coisa do que aguçar todos os problemas de relacionamento que já tinham surgido, fazia longo tempo, mas que a guerra tinha amainado temporariamente. Enquanto alguns dias antes de Natal de 1919 o irmão Eliseu escrevia para o Brasil com toda a sua alegria pelo fato de que todos tinham sido poupados da morte nas trincheiras e estavam em casa, já dois meses após, a correspondência nos leva ao conhecimento de uma tragédia real e autêntica que aconteceu no seio da família, diante dos olhos impotentes de Emanuele e Rosa: a doença longa e dolorosa de irmã Francisca.

Francesca, casada em 1915 com Agostino Pesenti, tinha já começado em 1917 a sofrer de uma doença que não podia ser curada. Após 3 anos de sofrimentos, amedrontada pela forte deterioração que a consumia totalmente, (o que parecia ser muito claro) e não lhe deixava mais esperanças, recolheu suas últimas forças e escreveu para o Brasil uma desesperada carta de pedido de ajuda.

*Covo, 24-02-1920*

*Querida irmã e cunhado.*

*Com muita dor te devo dar conhecimento de minhas tristíssimas condições de saúde. Agora faz 36 meses que estou doente a ponto de eu não poder me servir em nada. Eu tentei por todos os meios, cada mês, para recuperar a minha primeira saúde. Eu tentei em casa e no hospital de Berganho por dois meses. Fui aconselhada a ir para Gênova para um especialista, e fiquei ali por quatro meses no hospital com as despesas de 11 liras por dia, e agora eu estou em casa, e eu estou ficando pior a cada dia.*

*Outra coisa que talvez agrava minha longa e dolorosa doença é o "nosso pai!" com aquele egoísmo de dinheiro!!! Acredite em mim, pelo meu nome e pela cabeça dos meus queridos filhos: nosso pai não teria nunca me oferecido sequer um copo de água se ele custasse cinco centavos.*

*Você sabe o que acontece? Além disso, ocorre que nosso pai fez o testamento, e já sabemos como foi feito: para nós filhas concedeu 5.000 libras, enquanto em vez os irmãos vão ficar com 60.000 libras cada um. Veja qual proporção existe? E ninguém pode dizer qualquer coisa. Ele continua com aquele caráter terrível*  
*Termino com a esperança que com a tua primeira carta quererás dizer algo para nosso pai a meu respeito, porque agora eu preciso muito de um socorro.*  
*Para você ver: meu marido e sua família quanto eles têm feito por mim, quanto e quanto dinheiro eles gastaram, e o nosso pai, que possui muito mais do que a família Pesenti, nunca colaborou com uma pequena despesa a meu favor, nunca, nunca, nunca.*

*Mais vezes eu te escrevi, mas nunca tive uma resposta diretamente para mim.*

*Saudações infinitas para você e sua cara família. Saúda em meu nome também os nossos irmãos, e conta-lhes a respeito de minhas tristíssimas condições de saúde.*

*Termino porque não posso mais me manter, minha cara irmã, eu estou desfalada, as forças físicas todos os dias vão desaparecendo; agora tenho uma perna morta e devo me dirigir com as muletas e o colete metálico, dia e noite.*

*Saudações infinitas.*

*Sou tua irmã amada.*

*Francisca*



Francesca Tirloni ed Agostino Pesenti (fotografia - anni '10 ed anni '50)

Não é necessário comentar esta carta, e infelizmente não sabemos como se comportaram Emanuele e Rosa diante desta desgraça. Espero que pelo menos a piedade e a bondade que sempre os distinguiu tenha prevalecido, e tenham tentado ajudar esta jovem mulher e seus dois filhos, pelo menos em necessidades materiais. Francesca morreu dois meses depois de escrever esta carta, tinha apenas 26 anos, e para Emanuele era já a segunda vez que participava do funeral de alguém jovem da família.

Esta carta desoladora destaca uma vez mais toda a crueldade a que chegou o velho patriarca em nome do deus dinheiro, e por isso podemos bem imaginar como era difícil viver junto. Disputas com o velho pai estavam praticamente na ordem do

dia, porque levava todos ao desespero. Mas enquanto as filhas, uma vez casadas, viviam fora de casa, não precisavam mais “fazer as contas” com a sua incômoda presença. Emanuele e seus dois irmãos, Vittorio e Eliseu, em vez disso, deviam lidar com seu pai a cada momento, e depois de anos de paciente submissão, chegam todos a não poderem mais aguentar.

O primeiro a chegar a um gesto extremo foi o irmão mais velho Vittorio. Já na carta escrita por sua irmã Angelina em 1917 se fez menção do fato de que já antes da guerra Vittorio e seu pai tinham passado 6 meses sem se falarem, e agora, na carta que Angelina escreveu para o Brasil em 24 de fevereiro de 1921, foi dito que Vittorio e sua família, não podendo mais aguentar, retiraram-se da Battagliona e estavam passando momentos realmente de dificuldades (fato este confirmado pelo próprio irmão Vittorio em uma carta que ele escreve para Brasil cerca de um mês após a carta de Angelina).

Não sabemos ao certo, mas creio que o bisavô Emanuele teria tentado certamente falar com seu irmão Vittorio para convencê-lo a suportar o velho pai, e ficar em casa. Provavelmente terá pedido expressamente a Rosa para fazer o mesmo com a cunhada Lucia, mas afinal, depois de entender que o irmão estava firme em sua decisão, ele o teria saudado calorosamente e desejado boa sorte. Talvez Emanuele terá ouvido do irmão a pergunta *"e tu, o que esperas para ir-se embora"*? e ele provavelmente deve ter respondido como sempre, reiterando sua obediência ao pai.

A primeira coisa que eu pensei ao saber desta historia foi um grande desprazer em relação à bisavó Rosa. Desta forma Rosa perdeu sua cúmplice na "guerra doméstica" contra o sogro Alessandro. Permaneceram o marido Emanuele e também o cunhado Eliseu que, por certo, não estava em plena harmonia de pontos de vista com o velho Patriarca. Mas isso certamente não era o suficiente para preencher a ausência de outra mulher que poderia compreendê-la melhor do que ninguém, uma amiga com quem concordasse, a quem pudesse confiar todos os seus pensamentos e seus problemas de mulher, esposa e mãe.

Mesmo que Rosa e Emanuele fossem muito unidos e vivessem em sintonia, naqueles tempos, determinadas coisas e certos problemas femininos não eram nem sequer discutidos com o marido, porque se encontravam entre as coisas que, por pudor, se tinha vergonha de dizer, e no máximo eram confiadas somente a irmãs ou amigas. Mas agora, para Rosa, não era tão fácil encontrar algum momento para falar com outras mulheres, uma vez que estava sozinha numa casa de fazenda, fora da vila.

Agora Rosa se encontra a ser a única mulher da casa, já não tinha um ombro em que se apoiar para a gestão da família, e devia cuidar de todos, sozinha, sem a ajuda de qualquer pessoa, sem esquecer que Lucia (mulher sempre descrita como determinada e enérgica, certamente mais forte e corajosa que Rosa) foi aquela que "ousou" bater de frente contra o velho sogro, ou de outra forma, fazer notar situações óbvias de serem corrigidas. Enquanto antes, talvez, Rosa pudesse permitir-se de fazer algumas críticas contando com a ajuda e a coragem de sua cunhada, Lucia, agora, definitivamente, lhe cabia abaixar novamente a cabeça e suportar em silêncio,

como lhe tocava fazer, anos antes, quando esposa nova havia entrado nesta difícil casa.

Emanuele, por seu lado, encontrava-se de ter que fazer todo o trabalho da fazenda sem a ajuda de seu irmão. Portanto também a ele cabia arregaçar as mangas e suar muito mais do que antes. Mas além deste problema, também precisava manter o irmão mais novo, Eliseu, que exasperado pelo comportamento despótico do seu pai, chegava ao ponto de já não poder aguentar, e estava chegando até a um esgotamento nervoso.

Em uma carta do Outono desse mesmo ano de 1921, Eliseu decidiu desabafar sem freios e escreveu essas fortes palavras: *"... não se pode suportar o papai... Não se pode andar de acordo um minuto, nos torna a todos, loucos... Se soubesses querida irmã, como se tornou o pai, nos faz sofrer a todos por um centavo e não se pode mais viver. Este é o presente que me faz por termos vinda para a Itália ... Em casa, com o pai, eu não fico mais, porque eu estou com medo de que algo aconteça. Eu continuo a chorar todos os dias ... "*

Estas palavras não foram escritas por um rapazinho revoltado, mas por um homem de 26 anos. Podemos facilmente imaginar a situação em que estava, para chegar a escrever semelhantes coisas. Portanto podemos facilmente entender também a difícil situação de Emanuele que se encontrava a precisar fazer mediação entre todos esses problemas.

Para dizer a verdade, também o próprio Emanuele começava a não poder mais aguentar as atitudes de seu pai, e sua proverbial paciência chegava a terminar, ou quanto menos, não conseguia esconder sua fadiga diante das contínuas reclamações e acusações que devia suportar do seu pai. De fato, o irmão Eliseu escreveu na mesma carta: *"Também o irmão Emanuele, que tem família, passa mal na companhia do papai"*.

Em todas as cartas encontradas, esta é a única vez que se menciona explicitamente a Emanuele (exceto a carta de Angelina de 1917, em que dizia-se que Emanuele teria partido para a guerra). A única vez que se falou especificamente sobre ele foi para comunicar que até ele, que sempre teve um caráter suave e sempre chegou a ser paciente mesmo em face de situações tão tensas e difíceis, agora faz fadiga a aceitar este clima que se respira em casa. O velho Alessandro chegava a fazer perder a paciência e a levar ao desespero até o Emanuele.

Como se pode ver, o caráter horrível do velho patriarca, endurecido cada vez mais com o avançar da idade, chegava a exasperar todos os seus filhos. Nem mesmo a promessa de uma herança tão atraente (como descreveu sua irmã Francesca em sua desesperada carta de ajuda) era suficiente para garantir que todos secundem o velho pai por um "quieto viver".

É ruim falar desta forma mas também temos de considerar este fato: o velho Alessandro enquanto todas estas coisas aconteciam, chegou ao limite dos 70 anos. Esta era uma idade, na época, muito notável, e que poderia se comparar com 90 anos de um homem da época atual. Embora o Patriarca gozasse de excelente saúde, basta-

va uma simples febre ou bronquite para mudar prontamente seu destino e fazê-lo passar em brevíssimo tempo para uma vida melhor. Portanto, para os seus filhos não convinha discutir qualquer coisa com o pai que, conhecendo o seu caráter, poderia chegar a querer deserdá-los. Convinha ser condescendente e ser paciente para com ele, mas em vez disso, vemos como todos chegavam a não poderem mais aguentá-lo, e preferiam ir embora, em vez de ficar perto. Isso mostrava que para todos os irmãos, a serenidade valia mais do que o dinheiro do velho pai!

Enquanto tudo isso acontecia, Rosa ficava grávida novamente e começava a sua quarta gravidez. Tudo iria ocorrer bem, e de fato nasceu um outro menino a quem foi dado o nome de Alessandro Antônio. Como foi dito, na hora de fazer o registro da criança, a parteira inverteu os nomes do recém-nascido. Emanuele e Rosa tinham agora ter três filhos homens.

Se para os eventos familiares que ocorreram nestes primeiros anos de após guerra eram claros. Uma coisa que realmente não se pode compreender, e que realmente deixa muitos pontos obscuros, é o que aconteceu com a propriedade familiar: quando os homens retornaram da guerra, Alessandro retomou a gestão da fazenda Battagliona, tanto é verdadeiro que Eliseu, no final de 1919 escreveu: *"(a terra) que tínhamos antes por outros sete anos não podemos mais tê-la"*.

A notícia relacionada com a terra é muito útil, pois sabemos que provavelmente Alessandro, no passado, não havia adquirido a posse de mais terras, mas simplesmente ele tinha tomado em arrendamento de outras pessoas. Esta interpretação deixa em aberto algumas dúvidas, porque em uma carta escrita em Março de 1921 (portanto depois de um pouco mais de um ano) pelo cunhado Agostino Nava, marido de sua irmã Angelina e testemunha de casamento de Emanuele, se descobre que o velho Alessandro cedeu a fazenda em aluguel.

Não se sabe, e sobretudo não se consegue entender por que o velho patriarca mais uma vez alugou a fazenda e as terras, tanto mais que, precisamente por causa da crise econômica, agora o locatário estava ganhando muito dinheiro com a venda de produtos agrícolas, e Alessandro devia contentar-se com a renda do aluguel. Este fato é realmente absurdo e seu cunhado Agostino Nava não teve escrúpulos de defini-la como uma autêntica loucura!

A passagem desta carta de Agostinho é realmente muito pesada porque nos deixa adivinhar o total desespero e a raiva de todos os filhos (incluindo inevitavelmente Emanuele, o humilde e obediente servo do velho pai). Agostinho escreve: *"Eu não esquecerei nunca mais de nossa pobre mãe. Mas o nosso velho pai deixa muito a desejar, e eu não gostaria que chegasse um dia em que viesse a cair em outra loucura, como aquela que ele fez ao ceder em aluguel a fazenda e toda a terra, para assim o locatário lucrar muito nestes tempos tão bons, e ele se encontrar cheio de imprecações de seus filhos que agora se encontram sem terra e sem teto, sendo patrões de tudo. Em suma, certas coisas repugnam, e especialmente aos seus filhos. "*

Honestamente, eu não tenho muita ideia de como explicar esta história porque existem muitas lacunas e poucos são os relatos. Não sabemos por quanto tempo a fa-

zenda permaneceu em aluguel, e não sabemos onde a família viveu neste período. Talvez o velho Alessandro tenha mantido como propriedade a pequena fazenda no centro de Covo, para onde se tinha mudado com sua família durante a guerra, e agora tinha voltado para lá com os filhos Emanuele (e sua família) e Eliseu. Pode bem ser que o velho Alessandro tenha deixado a terra porque seus dois filhos sozinhos não eram suficientes para enfrentar todo o trabalho necessário. Ninguém sabe!

A única coisa certa é que em 1923 Eliseu se casou, e a jovem esposa Giuseppina Martinelli (Pina) veio em socorro de Rosa na gestão das tarefas domésticas, mas especialmente na difícil gestão do velho e arrogante sogro, nos últimos anos de sua vida.

Ligado a este período existe uma lembrança citada por esta jovem cunhada que conheceu o sogro apenas por cerca de 2 anos, mas pôde experimentar suficientemente em sua própria pele, a desmesurada ganância dele. Alessandro, como se sabe, manteve de tal maneira o equilíbrio das contas que toda a família sofria fome porque a comida era restrita. Na casa estavam as jovens mulheres grávidas ou em período de aleitamento. O estômago estava sempre vazio, e assim as mulheres se uniram e discutiram um plano para burlar os controles do velho.

Aconteceu também que à noite, na mesa, as noras continuavam a derramar o vinho no copo do patriarca para embriagá-lo, e então colocá-lo na cama. Em seguida, elas fechavam-se na cozinha e amassavam o macarrão grosso que, em seguida, imediatamente cozinhavam e comiam. Tendo em conta os bons resultados, decidem repetir várias vezes. O velho Alessandro percebeu que a quantidade de farinha continuava a diminuir mais rápido do que o habitual, mas nunca descobriu o subterfúgio. Pelo menos nessa ocasião as barrigas eram preenchidas sem problemas!



São mesmo estes os anos em que meu avô Peppino passou ao lado do velho e tremendo avô Alessandro, de quem tinha mantido lembranças de todas as humilhações sofridas pela mãe Rosa, por causa das acusações de velho sogro, bem como da fome sofrida constantemente, a poupança a todo o custo, e o único presente que as crianças recebiam do velho avô: as castanhas cozidas, no dia da festa da vila.

Este era um momento quase inacreditável para as crianças, mas também para os adultos, pois aquele avô que entrava em crise cada vez que tinha de pagar impostos, e que obrigava sua nora Rosa a ensinar o conceito de poupança, por sua própria vontade colocava dois dedos no bolso do colete e retirava algum dinheiro que lhes dava para gastar! Certamente mesmo Emanuele e Rosa ficavam sempre espantados à frente desta cena!

Eu nunca pedi a meu avô Peppo qual teria sido o julgamento que seus pais tiveram nos relacionamentos com o velho avô Alessandro, e não sei nem mesmo dizer se meu avô tinha uma afeição genuína para com este avô, ou se somente tinha um fortíssimo senso de respeito. Lembro-me quando ele também contava as coisas mais desagradáveis feitas por seu avô, que o fazia balançando sua cabeça mas nunca num tom de denúncia. Parecia quase comentar como se seu avô vivia em um estado de loucura, mas que o absolvía e o isentava por uma manifesta “incapacidade de compreender e de querer” (como nós diríamos nos dias de hoje), no sentido de que o velho quase já não se dava conta do que ele dizia, e da gravidade das coisas que dizia.

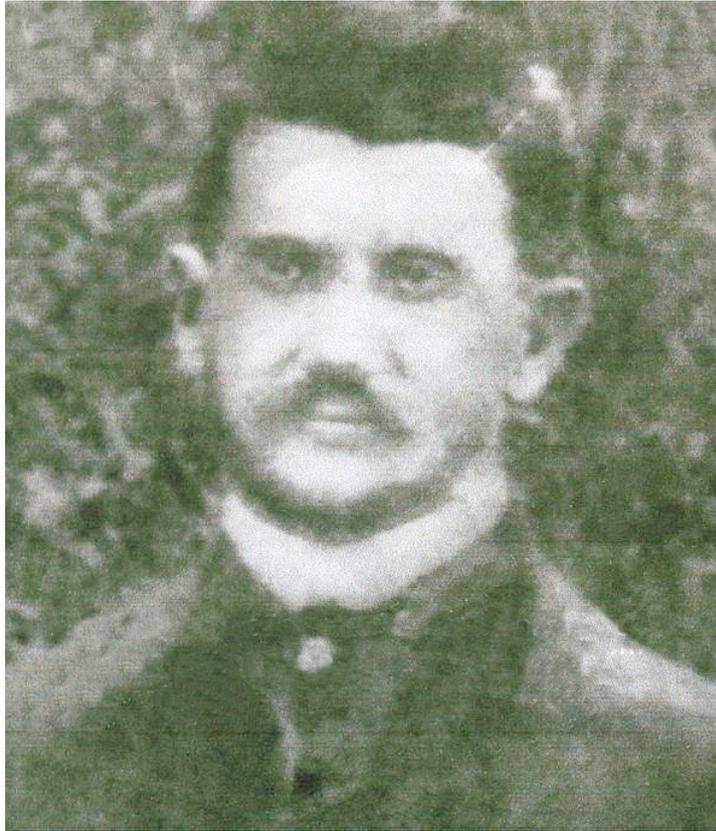
Naqueles tempos, principalmente no relacionamento com os pais, se dirigia tratando de “vós” e nunca de “tu”, como uma forma de respeito e de submissão. Sabemos que Emanuele e Rosa, a respeito disto, eram muito modernos e eles nunca pretenderam (algo muito raro na época) um tratamento semelhante da parte dos filhos. Mas é de acreditar que ao velho Alessandro todos se dirigissem tratando-o de “vós” ou, melhor dito, de “vu” como era costume dizer em dialeto bergamasco. Especialmente em relação aos idosos se tinha um respeito quase sacral. Os avós deviam ser considerados pelos netos como pessoas de veneração: tinha-se o máximo de reverência, de formalidades e cuidados. Não eram admitidas intimidades, a menos que os avós por primeiro as desejassem.

A este respeito, para bem definir a que ponto chegava o respeito e o cuidado já desde crianças, eu me lembro que meu avô Peppo contava sempre que quando era pequeno, em uma ocasião, ele tinha de passar a noite na casa de sua avó materna, e não havendo outras camas, tinha dormido na cama grande com a velha avó Bìgia. O avô Peppino estava apavorado com a ideia de perturbar o sono da avó, e de propósito, colocou-se na borda da cama, cuidando para não se mover. Ele mesmo tinha se proposto de não dormir para evitar incomodá-la, mas infelizmente não conseguiu o seu propósito, e na manhã seguinte sua avó Bìgia comentou: *“stanott te süghütat a tirà le gambe”* Traduzindo: esta noite continuavas a mexer os pés”.

Observando todas as considerações descritas e contextualizadas em tudo nos anos vinte de 1900, pode-se imaginar que o julgamento feito por um observador ainda criança, possa ter sido desviado e julgado com um sentido pouco objetivo. Pelo mais, é preciso ter presente que nunca um pai teria se autorizado a falar mal de seu pai ou sogro na presença de crianças, então também Emanuele e Rosa não se permitiriam indelicadezas nos relacionamentos com o velho patriarca, e nunca teriam exposto tudo isto publicamente, mas teria permanecido entre eles.

Em 1924 Rosa levou a efeito sua quinta gravidez, e deu à luz o seu quarto filho, que também é masculino, de nome Dante. Obviamente grande foi a alegria de todos, especialmente de seu avô Alessandro que viu um outro menino que levaria avante seu sobrenome e que ajudaria no trabalho da terra. Mas apenas alguns meses depois a família foi abalada por uma má notícia que veio do Brasil: a morte de seu irmão brasileiro, João, com apenas 38 anos, por uma infecção de tétano contraída após um acidente enquanto cortava uma planta para sua serraria no Garabel.

Para Emanuele, este era o terceiro irmão que o precedia para a outra vida. Este irmão, porém, era mais "significativo" do que os outros, porque ele era o irmão mais velho, com quem tinha partilhado os trabalhos durante a adolescência e a juventude no Brasil, mas também porque foi com aquele irmão que tinha partilhado o dilema de vir para a Itália ou permanecer no Brasil, porque 15 anos antes, no momento da partida, eram mesmo Emanuele e João que precisavam optar entre seguir as razões do coração e permanecerem no Brasil com suas namoradas, ou seguir a "razão de estado de filhos" e ir para a Itália com sua família. Emanuele tinha abaixado a cabeça e tinha obedecido (como sempre), enquanto seu irmão João tinha desobedecido. Justamente aquele irmão que agora tinha encontrado uma morte prematura e dolorosa, provavelmente tinha colocado em crise Emanuele e tinha feito vacilar seu espírito de obediência. Certamente agora Emanuele teria parado para repensar como teria se passado sua vida no Brasil, e talvez tenha até pensado que poderia ter estado no lugar do irmão naquela maldita jornada no mato do Garabel.



Joao Tirloni nell'unico ritratto giunto fino ai giorni nostri (fotografia - anni '10)

Estes foram os anos em que a fortuna voltou suas costas para nossa família e Emanuele era um expectador absolutamente impotente, porque todas as decisões eram ainda tomadas por seu pai, Alessandro.

Como já foi escrito, depois do fim da grande guerra começava um período de forte depressão econômica (bem testemunhada em todas as cartas encontradas) onde podemos ver um aumento de preços para o consumidor, causada pela forte inflação. O ponto culminante de tudo isto ocorreu no curto prazo no qual o velho Alessandro tinha alugado a fazenda e a terra, e Agostino Nava comentara esta escolha como uma verdadeira "loucura", porque os produtos agrícolas aumentavam seus preços, mas tudo isso beneficiava apenas o locatário que, portanto, neste período, chegou a fazer negócios de ouro.

Neste clima, a situação política da Itália viu uma forte agitação porque ao final de 1922, em seguida da Marcha sobre Roma, tinha subido ao poder Benito Mussolini – conhecido como "Il Duce" – e o governo ditatorial fascista começou a pôr em prática todas as manobras consideradas necessárias para retomar a economia italiana que estava de joelhos.

Uma manobra realmente difícil de superar era aumentar o poder de compra da moeda italiana. Naquele tempo a comparação era feita com a libra esterlina inglesa, e para comprar uma libra esterlina era preciso um pouco mais de 150 liras italianas. O arriscado objetivo fascista foi revalorizar a moeda italiana em 40% até chegar a uma relação de troca de 90 liras para 1 libra. A famosa "cota 90"!

A política deflacionária lançada pelo governo nos inícios de 1925 consistia numa queda acentuada dos preços que se refletisse em uma diminuição imediata das receitas de todos os produtos do comércio. Isto levava a uma recessão econômica inicialmente sentida principalmente por empresários e, em seguida, refletiria em cadeia sobre a economia de toda a população. Caindo os preços, caíram os salários e o valor de cada coisa. Isso pesou fortemente sobre as receitas e os lucros do velho Alessandro (que provavelmente, neste período, tinha retornado com seus filhos para a condução de fazenda Battagliona) que em pouco tempo viu desaparecer substancialmente todas as suas riquezas, as quais já não tinham se beneficiado pela inflação dos anos anteriores.

O pai Alessandro, apesar de tudo, chegou a não ser totalmente dominado pelos acontecimentos, demonstrando mais uma vez a seus filhos a sua habilidade proverbial. Graças à sua determinação e à sua coragem, despertou a sua perspicácia empresarial, e gerencia – não se sabe como – a recorrer às correções, evitando a falência. Mais uma vez conseguiu emergir das dificuldades e limitar parcialmente os danos mas, infelizmente para toda a família Tirloni, o império econômico do patriarca foi literalmente dizimado!

Esta foi a última vez que Emanuele e todos os seus irmãos assistiram a prova da força e da vontade de seu velho pai, porque no início do mês de maio, a forte fibra de Alessandro, que tinha 72 anos, dava os primeiros sinais de iminente falência. O velho patriarca foi pego por febres que não acenavam de passar. Esta foi a primeira vez que seus familiares viram o pai enfermo, e imediatamente pareceu claros para todos, incluindo Alessandro, que o destino do patriarca estava assinalado.

Aquele que até poucos dias antes tinha sido um homem de têmpera e de coração de aço, que tanto tinha aterrorizado a todos, agora jazia impotente por dias inteiros naquela cama em que ele estava acostumado a passar apenas algumas horas durante a noite. Sua fragilidade de idoso emergiu em toda a sua naturalidade e o conduziu para os últimos dias junto de seus familiares, que o viram em uma peça de vestuário, na qual ninguém, até agora, tinha sido acostumado a vê-lo. Agrada pensar que, pelo menos nesse momento, todos aqueles ressentimentos com os filhos tenham sido superados pela piedade cristã do extremo momento, e todos teriam ido para a última saudação.

Rosa e sua cunhada Giuseppina não faltaram aos seus deveres, e auxiliaram o velho sogro durante sua doença. Provavelmente este, para Rosa, foi um momento de "resgate", porque agora aquele sogro que sempre a tinha aterrorizado, dependia completamente dela, e não podia mais exercitar a sua autoridade. Provavelmente foi difícil servi-lo mesmo durante esses primeiros momentos da doença, mas para Rosa isto não importava porque diante da evidência da morte, também os rancores se amainam.

Podemos imaginar que talvez Emanuele aproveitou esses momentos para falar com o pai, para pedir coisas que até agora sempre tinha evitado perguntar por medo

de sua ira. Possivelmente pai e filho chegaram finalmente a falar com tranquilidade e serenidade, confrontaram-se, se explicaram, e talvez enfim se entenderam. Emanuele talvez tenha recebido os últimos avisos e recomendações daquele pai que sempre tinha sido duro e intratável, mas depois de alguns dias, a mente do idoso pai se tornara difusa e seus olhos se perdiam nas brumas da breve agonia.

Às 4.30 do dia 9 de Maio de 1925, mesmo no momento em que todos estavam costumados de serem acordados pelo velho chefe de família que os chamava para começar um dia de trabalho duro, Emanuele e Rosa, cercados pelos filhos e por vários membros da família presentes, inclinam-se em oração à frente do último suspiro do avô Alessandro.



Alessandro Tirloni (fotografia - anno 1912)

O corpo do avô Alessandro foi enterrado no cemitério de Covo, na mesma grande tumba familiar, na qual treze anos antes fora enterrada a vovó Elizabetta. Os irmãos fizeram preparar também para o avô Alessandro um longo e poético epitáfio para colocar sobre a lápide (como era moda na época) o qual descrevia a vida e as virtudes do falecido, e que ficou exposto por cerca de 40 anos.

Nada permaneceu destes epitáfios, e nunca saberemos como foi exarada a história humana do velho Alessandro. Meu avô Peppo recordava que enquanto para a avó Elizabetta tinham sido exaltadas as virtudes humanas, para seu avô Alessandro não tinham sido usadas falsas retóricas, mas tinham sido exaltadas, acima de tudo, as

obras realizadas por ele. Lembrava meu avô Peppo que o epitáfio de sua avó recitava frases como: "... *mulher exemplar, mãe amada ... improvisamente tirada do afeto dos seus queridos ... deixou um vazio impreenchível ... dor e tristeza...* Enquanto aquele do avô dizia mais ou menos: "... *nascido em Bariano no dia 26/11/1852, não se deixou impressionar pelos perigos e emigrou para o Brasil [ou, mais provavelmente, "América"] mas não esquecido de sua terra natal, a Itália ... trabalhador incansável, experto agricultor, comerciante perito ...*". Como se vê, no caso do avô Alessandro, deliberadamente foram evitadas palavras doces e referências aos sentimentos ou bondade!

Passados os dias de luto foram realizadas pelos filhos todas as práticas de sucessão hereditária, e graças à história dos velhos tios do Brasil, João Tirloni e Durval Luiz Maestri, chegou-se a descobrir qual foi o montante, qual foi a herança deixada pelo antigo "siùr Americà:" 75.000 Lira, ou seja, apenas 27% do quanto possuía 5 anos antes. As perdas sofridas por Alessandro após a famosa cota 90 foram abissais, mas suficientes para defini-lo como um homem rico. Os filhos decidiram manter mais igualdade entre as cotas que correspondiam a cada um e se decidiu de dividir essa cifra em 5.000 liras para cada mulher e 10.000 para cada filho homem. Assim foi feito, e quatro cotas foram mandadas para o Brasil.

#### 9.5.4 – *O último decênio na Battagliona e a escolha de fazer-se à parte.*

Não é muito fácil de entender o que aconteceu com a fazenda Battagliona após a morte do avô Alessandro, porque os relatos definidos neste lapso de tempo, durante a década de 1920, nunca foram totalmente claros e exaustivos.

O irmão Vittorio, como foi dito, tinha ido embora da fazenda, já há alguns anos, por causa de fortes divergências e atritos que tinha com o velho pai. Certamente continuava com suas atividades de corretor. Não sabemos exatamente o que decidiu fazer o irmão mais novo, Eliseu. Provavelmente ainda permaneceu a viver por um curto período de tempo na fazenda juntamente com Emanuele, e os dois irmãos

teriam continuado juntos a levar a terra. Mas não está excluído que com o dinheiro recebido em herança apenas há pouco (que certamente não era uma soma notável, mas mesmo assim não era miserável) tenha decidido andar e enfrentar uma atividade por própria conta, deixando Emanuele sozinho. Sabemos que também ele, Eliseu, fazia o trabalho de corretor, e depois havia entrado para trabalhar num consorcio agrário local)

O que é certo é que o bisavô Emanuele permaneceu na fazenda Battagliona até 1937 (relatório do Sr. Aceti, residente na fazenda Battagliona, e atual proprietário de uma parte dela), continuando as atividades de agricultor.

Emanuele, uma vez separado seu irmão mais jovem, depois de tantos anos de obediência à vontade de seu pai, encontrava-se a ser o patrão de sua terra e podia finalmente dispor como quisesse da fazenda Battagliona.

Obviamente deve-se pensar que Emanuele tenha contratado alguns trabalhadores para ajudá-lo, pois seria impensável que ele, mesmo ajudado por dois filhos maiores, pudesse sozinho enfrentar todo o trabalho que uma fazenda, embora pequena, exigia. A agricultura e a reprodução de gado que era praticado na Battagliona naquele tempo não era ainda de considerar-se como se fosse do tipo intensivo como está em uso hoje em dia, mas certamente não era também de mera subsistência. O cultivo dos campos era planejado para que a maior parte da produção fosse comercializada para obter lucro, e portanto, seguramente trabalhavam lavradores que ajudavam o patrão Emanuele.

Emanuele finalmente estava satisfeito com sua nova posição, ele, o jovem sempre obediente que preferia abaixar sua cabeça em vez de litigar, e que agora começava a colher os frutos – talvez mesmo econômicos — daqueles que tinham sido tantos anos de sofrimentos e humilhações, e tudo isso deve ter influenciado positivamente até mesmo dentro das muralhas domésticas.

Aquela que por muito tempo tinha sido uma casa movimentada com pessoas perpetuamente ocupadas, na qual soavam as ordens imperativas do velho e rude patriarca, agora se tornou uma residência tranquila, onde viviam os dois cônjuges, Emanuele e Rosa, juntamente com seus quatro filhos. Em 1925 Emanuele e Rosa tinham respectivamente, 32 e 35 anos, enquanto seus filhos tinham: Ângelo, 12 anos, Giuseppe 9 anos, Alessandro 3 anos e Dante 1 ano. Pode-se dizer sem medo de ser desmentido que só agora o casal conseguiu encontrar um pouco de paz, e sua qualidade de vida, finalmente, mesmo se por pouco, de fato melhorou. Compreendamos porém uma coisa: isso não significa que a família Tirloni podia permitir-se de levar uma vida de "ricos", antes, pelo contrário, porque sempre foi preciso trabalhar duro, e nunca parar com aquela proverbial parcimônia que sempre tinha caracterizado todos os componentes desta grande família.

Como prova desta observação feita, lembro-me de uma coisa que contava meu avô Peppo: ele desde a infância revelava uma inteligência notável, mas não tanta vontade de se esforçar. Na execução das tarefas preferia aproveitar o pouco tempo livre, para dedicar-se a brincar com os amigos na praça da igreja, mesmo sob a janela da casa do professor, o qual, quando ele via todas as crianças jogar, sempre tenta-

va atemorizá-las com perguntas ameaçadoras. É óbvio dizer que essas ameaças não tiveram resultados, porque Peppo tinha uma grande memória, e para aprender bastava apenas prestar atenção na classe.

O professor percebeu o potencial de Peppo, e sempre que ele encontrava a avó Rosa tentava convencê-la dizendo, "*Rosa, fal stodià chel fiöl le perché le inteligent, Traduzindo: Rosa, faça estudar esta criança porque é inteligente*". Mas a resposta que Rosa dava ao professor era sempre a mesma: "para estudar é preciso ter dinheiro, e os Tirloni não podem se permitir isso!" Considerando a insistente atenção com a qual o professor tentava por todos os meios convencer Rosa para fazer estudar seu segundo filho, é de imaginar que esses eventos ocorreram no último ano do ensino básico de Peppino, ou seja, cerca de 1926/27.

Honestamente, parece estranho que a família não tivesse a disponibilidade econômica para permitir a realização de estudos para, pelo menos, um dos filhos. Basta pensar que no Brasil, já alguns anos antes, como indicado na carta escrita por Eliseu em 1920, os primos maiores do que Peppino (filhos de Joana e Rosa Tirloni) foram encaminhados para os estudos. Certamente era um gasto não fácil de administrar, mas não absolutamente impossível. Provavelmente aquela era uma resposta "confortável" que Rosa encontrava no confronto com o professor. Peppino realmente não tinha muita vontade de continuar nas escolas, e isso deu lugar aos Tirloni para economizar dinheiro que a sua instrução teria justificado.

Durante este mesmo período, no início de 1927, Rosa estava tendo aquela que seria a sua última gravidez. Todas as gestações anteriores tinham trazido filhos homens, e de acordo com o que o meu avô Peppo contava, já por algum tempo Emanuele fazia pesar à mulher o fato que "*l'era mia buna de fa na fiöla*", traduzindo: "*ela não era capaz de lhe dar uma filha*".

Até há não muitos anos, pensava-se que as mulheres eram responsáveis pelas gravidezes e especialmente pelo sexo dos nascituros, e por isso eram culpadas de todas as falhas de esterilidade possível do casal, ou da falta de nascimentos de filhos homens que, como foi mencionado, ajudavam no trabalho dos campos e levavam avante o nome da família. Cada família esperava ter filhos homens, mas além dos homens eram necessárias também filhas porque serviriam no trabalho doméstico, e especialmente representam uma assistência aos pais, uma vez que estes últimos se tornassem idosos ou doentes.

A coisa que a maioria das vezes acontecia era que, de acordo com a possibilidade, pais idosos eram hospedados na casa da filha mais nova – o que não aconteceu com o velho Alessandro – e em alguns casos até mesmo chegava-se ao extremo de que a filha mais nova não se casava e permanecia ao serviço de seus pais ao longo de toda a vida.

O acaso quis que mesmo para completar esta falta que muito desagradava Emanuele, na parte da manhã de 27 de outubro, Rosa começou o trabalho de parto e, ao mesmo tempo em que meu avô Peppo estava na cozinha para esquentar água "*Me sie so'n chusina a fa scoldà el parol de acqua per netala*", traduzindo: "*eu estava sozinho na cozinha para aquecer a panela de água para lavá-la*" lembrava o

avô, trouxe ao mundo, uma menina a quem foi dado um nome bastante incomum para a época: Íride.

Depois deste nascimento, Rosa certamente não teve nenhuma outra gravidez, pois na família não há memória de outros irmãos natimortos. Não temos conhecimentos de outras gestações que não tenham ido ao final mesmo se se considera que uma gravidez era escondida, tanto quanto possível aos olhos do mundo, porque, como já foi referido, a modéstia daquele tempo fazia com que as mulheres sentissem vergonha de aparecer, mas também só de fazer saber que estavam grávidas.

Naqueles tempos a gravidez não podia ser programada como se faz hoje em dia. Um pouco pela falta geral de cultura (mesmo em questões específicas), mas também por uma questão religiosa: a união dos casais devia gerar filhos e confessar que não se queriam mais filhos era uma coisa inadmissível, e muitas vezes os sacerdotes das paróquias da campanha não queriam nem sequer aceitar confissões semelhantes, e induziam os penitentes para que fossem para o Santuário de Caravaggio, como um sinal de expiação, e também para ouvir as opiniões dos sacerdotes mais experientes. Somente se os sacerdotes do santuário dessem a aprovação, o casal era readmitido aos sacramentos.

Rosa tinha apenas 34 anos, e portanto, como todas as suas coetâneas ainda poderia ter pelo menos mais três outras crianças, mas sua saúde era muito precária, e como foi mencionado acima, já fazia alguns anos que sofria muito de coração e devia, portanto, ter cuidado, porque uma gravidez era um esforço muito grande para ela, com riscos sérios para pôr em perigo a sua vida.

Como foi dito, este período que começava a partir de meados da década de 1920, pode ser que era realmente o único período de sua vida de casada em que Rosa, afinal, estava melhor, e talvez foram os seus melhores anos. Rosa, para fazer frente à sua cardiopatia, tinha especialmente necessidade de tranquilidade. Devia resguardar-se e evitar esforços tanto quanto possível, como devia permitir-se descanso e alimentação suficiente. Só agora, depois de quase 15 anos de casamento, podia permitir-se repousar porque ela já não era pressionada por seu sogro.

Pelo menos agora podemos dizer que os piores anos de sua vida passaram, e os filhos, especialmente os primeiros com mais idade, tornam-se grandes, e começaram a tornar-se úteis não só nos trabalhos rurais, mas também em casa, para vir ao encontro de sua mãe e desocupá-la o quanto possível, do esforço doméstico. (Aliás, algo não usual para a época em que os trabalhos domésticos eram considerados inadequados e absolutamente não apropriados para homens, e portanto absolutamente para serem evitados)

Para oferecer suporte a minha tese sobre a melhor qualidade de vida que afeta positivamente sobretudo na saúde de Rosa existem duas fotografias que chegaram até aos dias de hoje, representando os dois cônjuges Rosa e Emanuele durante este período da segunda metade da década de 1920.



Os cônjuges Rosa Morosini e Emanuele Tirloni (fotografias – final da década de 1920)

Considerando que a aparência das mulheres naquele tempo envelhecia muito rapidamente, especialmente no período que variava entre 40 e 50 anos, e considerando outra foto que foi feita alguns anos mais tarde, nós podemos inferir que Rosa, no momento desta fotografia tinha cerca de 35 anos.

Esta é, com efeito, excluindo aquela feita em uma idade muito jovem, uma das melhores fotos de Rosa. Seu rosto já não estava inflado como na foto precedente, retratada junto com seu marido e seu filho primogênito, e é verdadeiramente notável a semelhança com sua irmã menor Ângela.

Era uma mulher que aparece em toda a sua beleza, dada a modéstia que uma boa mãe de família devia manter. Não era por nada vistosa, tinha os cabelos ainda absolutamente escuros e estava penteada de uma forma muito simples (como sempre ela apareceu). Não tinha nenhum sinal de disfarce, mas apesar disto, a pele do seu rosto estava sem rugas e parecia bem preservada. O único enfeite, se assim podemos dizer, que aparecia em Rosa eram os brincos bastante grossos e bem vistosos, mas diga-se que naquele tempo todas as mulheres usavam brincos (também, digamos, de pouco valor) praticamente por toda a vida.

A compostura e a seriedade de sua expressão eram mais devidas a uma forma de "respeito" para com o fotógrafo que a retratava (também na década de 1920 não era usual ser fotografado, e portanto se tendia a ser sério e formal). Provavelmente uma cópia desta foto teria terminado em seu documento de identidade e, portanto, maior razão para a seriedade e postura eram uma obrigação. Também o olhar direcionado para a câmera fotográfica era feito mais por um conceito de "defesa" para algo que não se estava habituado, em vez de ser um "desafio" (como por exemplo aconteceu no caso de seu sogro Alessandro, dirigindo seu olhar duro para o fotógrafo).

A foto parece ter sofrido retoques porque o capote (ou jaqueta) usado por Rosa aparece realmente muito essencial e com um minimalismo quase não natural que deixa pensar de fato num retoque de um bom desenhista. É preciso considerar que

naqueles tempos, retocar as roupas era praxe de praticamente todos os fotógrafos para embelezar a pessoa fotografada, talvez mesmo desenhando roupas mais "modernizadas" em comparação com aquelas que as pessoas realmente usavam. O capote na verdade está em perfeita conformidade com as regras da moda dos primeiros vinte anos do fascismo e francamente parece estranho que uma pessoa como Rosa, na sua simplicidade de mulher rural, fosse assim emancipada de ter abandonado as longas saias às quais estava habituada para vestir de forma tão moderna.

Também para Emanuele valem os mesmos comentários feitos para sua esposa Rosa. Nós podemos hipotizar que nesta foto tinha uma idade entre 35 e 40 anos, e continuava a se conservar o belo cavalheiro distinto que estávamos acostumados a ver nas fotos precedentes. Seu rosto, ainda jovem e livre de rugas, sempre manteve inalterada a expressão bondosa e o sorriso pacato que Emanuele nunca deixou de fazer emergir em suas fotos, sinal de serenidade e de otimismo que sempre o distinguiram, e que provavelmente agora, neste momento de nova e qualitativamente melhor vida que estava vivendo, eram ainda mais acentuados e vinham expressas pela face da sua boa pessoa.

Embora ainda jovens, seus cabelos começaram já precocemente a se tornarem grisalhos, característica que Emanuele herdou de seu pai e transmitiu para alguns dos seus descendentes. Os longos bigodes eram já considerados obsoletos na época em que esta foto foi tirada, mas Emanuele parece não se importar e, ao contrário, os ostenta com muita desenvoltura e segurança como para dizer que ele não sentia a necessidade, ou mesmo não precisava se padronizar com as modas do momento para ser "aceito". Isso mostra que, embora Emanuele fosse uma boa pessoa, era um homem seguro de si mesmo, de suas qualidades e capacidades.

Ele estava vestido elegantemente, tanto é que a sua foto, também desta vez, não foi retocada, e o confirma com sua roupa, mesmo se o pescoço de sua camisa traia a idade e já não era coerente com a moda do tempo que impunha colarinho muito mais fechado e vistoso.

Eis como se apresentavam ao advento da década de 1930 os cônjuges Tirloni: duas pessoas bem distintas, embora não vistosas, dedicados ao trabalho e aos valores profundamente enraizados na família e fé. Embora fossem proprietários de terras, certamente não podiam permitir-se muitos luxos e lazeres, mas no entanto não estavam mais reduzidos à tirania do velho e complicado "siur Americà" que os tinha oprimido até alguns anos antes com o punho de ferro e, portanto, raramente poderiam conceder-se algo a mais do que muitos agricultores realmente pobres que se encontravam também em Covo.

Para enquadrar o que foi dito, vem em ajuda as únicas histórias que meu avô Peppino e a tia Íride contavam a respeito destes anos na fazenda Battagliona: a história do meu avô Peppo concentrava-se especialmente sobre os pormenores de economia familiar, enquanto a história da tia Íride prendia-se com o único luxo que os pais se permitiam de tempos em tempos.

Meu avô dizia que, embora na mesa fossem sete pessoas, um frango inteiro devia ser suficiente para dois dias, e seu pai muitas vezes fingia estar saciado e deixava uma grande parte de sua porção para as crianças ou, mais frequentemente, para sua esposa que, devido a problemas de saúde, precisava sempre de cuidados.

A Tia Íride, em vez disso, recordava que já durante sua infância, seus pais ocasionalmente permitiam-se ao luxo de alguns dias de férias nas Termas de Gaverina, uma localidade montanhosa no vale de Cavallina, nos pré Alpes bergamascos. Conta a tia que seus pais Emanuele e Rosa quase se sentiam envergonhados de deixar os filhos sozinhos em casa, porque apesar dos maiores (Ângelo e Peppino) serem já jovens em torno de 20 anos, a tia Íride ainda era uma criança, e o tio Dante era um pouco maior do que ela. A tia ainda se lembra da cena típica que acontecia em casa mesmo enquanto se preparava o jantar, no momento em que sua mãe Rosa se aproximava de um dos filhos mais velhos e dizia, acentuando que a sua era só uma hipótese. *“Escuta, Peppo, nós pensamos sobre ir passar alguns dias em Gaverina, nas termas...”).* Prontamente chegava a resposta tranquilizante dos filhos, também para sublinhar o fato de que para eles não havia nenhum problema, e provocando a irmã pequena Íride, respondiam: *“se, se: ‘ndi! Pensì osto a sistemà chela stranfugnina lè e ‘ndi so che noter se rangiom per nost chunt!* Traduzindo: *“Sim, sim, ide! Pensai apenas para acomodar esta criança, e ide lá, que nós nos arranjamos por nossa conta.*

A tia Íride, a stranfugnina, termo que literalmente significa "desarrumada", termo que era usado como uma forma de ternura em relação às crianças para com quem se demonstrava afeto, dela zombavam seus irmãos mais velhos. Provavelmente era levada para a casa de algum parente (talvez de alguma irmã de Rosa) e os pais partiam para uns dias de tratamento e repouso, sabendo que os campos e os animais eram bem cuidados pelos filhos que já conheciam muito bem o trabalho, (além das atividades domésticas, coisa rara para a época) com plena autonomia.

Temos duas fotografias que nos mostram os jovens filhos de Emanuele e Rosa como eles deviam parecer na década de 1930: uma fotografia mostra o segundo filho Giuseppe, e foi tirada em um estúdio de fotografia, enquanto a outra mostra os três irmãos mais novos Alessandro, Dante e Íride, e é uma fotografia feita não profissionalmente no pátio da fazenda.



Alguns dos filhos de Emanuele e Rosa Tirloni (fotografias – primeiros anos de 1930)  
na foto à esquerda Giuseppe Tirloni. Na foto à direita Alessandro Tirloni, Dante Tirloni, e Íride Tirloni.

Estas histórias revelam muitos detalhes: as muitas atenções que Emanuele consistentemente reservava para sua esposa, a grande afeição que os irmãos maiores dedicavam à irmãzinha, apesar de que entre eles houvesse uma diferença de idade que não permitia que tivessem muito em comum, a atenção e a parcimônia nunca esquecidas, mas acima de tudo estas histórias estavam unidas por um comum fio condutor: a saúde de Rosa!

Infelizmente a sua situação de saúde, após a melhora inicial devido a melhores condições de vida nos últimos anos, tornou a agravar-se. Rosa superou os 40 anos, e para uma mulher que sofria de coração dos anos de 1930, que suportou o peso de seis partos e uma dura vida de trabalho, esta idade começava a tornar-se cada vez mais problemática. O físico não era mais considerado jovem e começava a ir ao encontro dos problemas devidos ao envelhecimento, que naqueles tempos era muito mais acentuado nesta faixa de idade, especialmente para as mulheres.

Rosa muitas vezes se sentia cansada e acusava descompensações cardíacas que infelizmente a medicina daqueles tempos não chegava a curar, especialmente em uma realidade agrícola como aquela de Covo. Como recordava a tia Cia (Lucia Cucchi, esposa de Vittorio Tirloni, cunhada de Rosa): *"el dutur ogne tant al ga daa bif argot, ma prope quanda la staa mal"* Ou seja, *"o médico de vez em quando lhe dava alguma coisa para tomar, mas somente quando ela passava mal"*.

Nas grandes cidades havia médicos especialistas, mas tenha-se em mente que estes mesmos médicos pouco podiam fazer porque a medicina ainda estava em nível muito atrasada. Certamente os grandes médicos sabiam fazer análises muito mais precisas e detalhadas do que os médicos das áreas rurais que cuidavam de Rosa,

mas infelizmente quanto à cura destas doenças também esses médicos pouco podiam, porque remédios se conheciam bem pouco. (Ver, por exemplo, o caso de Francesca, irmã de Emanuele, que apesar de ter sido cuidada por anos por especialistas muito caros, nada puderam contra sua doença, e ela morreu aos 26 anos de idade) Eis pois uma solução que muitas vezes era proposta pelos médicos: o descanso em termas.

Ir para termas era uma coisa realmente para poucos, e especialmente se se considerasse as pessoas de Covo, era preciso imaginar que poucos casais poderiam se permitir. A estadia na termas tinha uma forte conotação social. As termas eram frequentadas por um público seletivo, representado pela classe dominante do tempo. Era um ponto de encontro de pessoas "à vista", ou seja, da sociedade burguesa que via na cidadezinha termal, além de uma oportunidade de cura, também um lugar de lazer e férias. Portanto havia dois aspectos estreitamente ligados: de um lado, o bem-estar e a saúde, e do outro lado, a felicidade de cultivar relações interpessoais, para afirmar a sua própria participação social.



Vila das termas (fotografias – 1930)

Eis então que Emanuele e Rosa preparavam as malas e iam para Romano di Lombardia para apanhar o trem que iria levá-los precisamente até as Termas de Gaverina, e ali eles se concediam alguns dias de descanso e lazer. Para Emanuele estes

eram momentos únicos de descanso, depois dos meses que passou no navio durante a travessia do oceano, que o tinha levado 25 anos antes para a Itália, enquanto para Rosa estas permaneceram as únicas férias de sua vida, porque eu acredito que ela, como quase todas as mulheres de sua época, por exemplo, nunca viram o mar!

O local escolhido pelo casal eram as termas de Gaverina sobre os pré Alpes de Bérgamo. Esta, por certo, não era uma entre as mais luxuosas, em absoluto. As pessoas realmente mais ricas preferiam viajar para outra área, não muito distante e mais elitista, as termas de Boario, mas isso não significa nada para a sorte dos cônjuges que, graças a algum dinheiro guardado ao longo de muitos anos de trabalho, poderiam se permitir pagar este descanso.

Nós gostamos de imaginá-los na tranquilidade das termas para curar-se com vários banhos e inalações, e entreterem-se com outros clientes. Pelo menos por alguns dias podiam desfrutar, dedicar-se a eles mesmos e pensar na própria saúde, porque após isso, eles retornavam à vida de sempre, mas corroborados pelos cuidados recebidos, satisfeitos e relaxados pelos belos dias passados. Certamente Rosa se beneficiava desses períodos de cuidados e de férias, mas também Emanuele apreciava estes momentos, tanto é verdade que vão continuar a tê-los por toda a vida.

É precisamente deste período que existe uma carta que Ângelo, o filho mais velho, escreveu para o Brasil, para a tia Rosa Tirloni Tridapalli, irmã mais velha de Emanuele, residente em Nova Trento, carta esta que nos ajuda a enquadrar os acontecimentos políticos e certas dinâmicas familiares da época:

*Covo li 23-1-34*

*Caríssima Tia Rosina.*

*Ao abrir a vossa prezada carta percebi logo que vós e vossa família estais muito bem de saúde, e este é o nosso desejo. Agora, depois de tanto tempo, vos dou notícias de minha família. Nós gozamos de ótima saúde, e o mesmo desejamos hoje a vós todos.*

*Caros tios, o desejo de meu pai seria de vir para o Brasil para ver-vos a todos ainda por uma última vez, e por certo esse desejo também seria de todos vós.*

*Cara tia, vós me escrevestes que se meu pai quiser vir para ali, por certo não permaneceria morando à beira da estrada porque vós tendes muitas casas e muita terra, mas que também ali é preciso trabalhar muito para não se perder aquilo que se tem. Quando chegam cartas pelo correio, meu pai fica muito triste, e diz que quer deixar a Itália e ir para a sua terra natal, [Porto Franco], mas isso ele diz só quando as coisas não andam bem.*

*Cara Tia Rosinha, para viver nós temos o suficiente. Trabalho temos também aqui, porém, em última análise, ainda vivemos discretamente bem. Neste tempo de crise, não se pode ganhar dinheiro, mas talvez esse tempo passe depressa, e se aproxime um outro melhor.*

*Repito o desejo de meu pai, que seria o único. Mas quando? Qual a hora em que seria o momento propício para reabraçarem-se?*

*Que alegria vós haveríeis de experimentar?*

*E qual o desejo que permaneceria em meu Pai?*

*Quer queiramos ou não, é preciso que as coisas andem um pouco melhores. Mas nestes anos, precisamos deixar de lado esse desejo o mais depressa possível, porque também nós somos ainda muito jovens. No que se refere aos tios e às tias do Brasil, daquilo que ouvimos em vossa carta, o que mais nos preocupa é a tia Narcisa, que vai mal. Ela não quer ouvir os vossos bons conselhos, mas que fazer? Procurai saber o que se passa com ela, e fazei-lhe o bem enquanto puderdes. Sei que sois ricos, e por certo, os bons conselhos que lhe dareis, um dia terão a sua recompensa junto de Deus.*

*Cara Tia, por enquanto nos nossos tios e tias passam todos bem. Faço-vos saber que a vossa carta, apenas lida, nós a fizemos ler por todos. Ao dar-nos a vossa resposta, fizeti-me saber se alguém daqui encontrou tempo para vos escrever. Para interesses, sempre há tempo. Mas quando se trata de escrever, não se encontra tempo para duas linhas.*

*Meus caros tios, faço-vos saber que morreu a Narcisa Nava, primeira filha da tia Angelina. Estava no convento das reverendas Irmãs Canossianas, mas depois de um ano de escola, foi acometida de meningite, e depois de oito dias precisou deixar a vida terrena. Era uma das primeiras alunas, nos estudos, em seu colégio. Os tios estavam maravilhados com ela, como também os padres de nossa vila, e todas as assistentes eclesiásticas. Mas Deus a quis para si, como uma linda flor.*

*Cara tia Rosina, no mês de março devo apresentar-me para o serviço militar, mas o meu tempo será curto, de apenas seis meses, enquanto muitos ainda servem por dezoito meses. Eu, sendo o primogênito, por uma lei decretada pelo ministério, recebo cartas de segunda classe, o que aliás, ocorre com muitos. Mas se isto não for ainda mudado, porque não somos nós os que mandam.*

*Meus caros tios e primos, sou eu que escrevo e me dirijo a vós, mas sempre em nome de meu pai, porque, como sabeis, cara tia, ele nunca frequentou as escolas, e por isso ele não é capaz de escrever.*

*Agora vos escrevo como vão as coisas referentes aos nosso genros.*

*Neste ano tiveram uma grande baixa [econômica] e a causa principal é o leite, que para nós é o produto mais importante, pois conseguimos meio quintal ao dia, como média anual. A queda é de 9 liras por quintal.*

*O gado também teve uma queda ainda pior, como também o trigo. No ano passado conseguimos 110 liras por quintal, mas neste ano não conseguimos mais do que 80 liras por quintal. O milho, no ano passado, era vendido por 58 liras, mas agora vale só 48. Portanto, vós podereis fazer um cálculo, porque, por certo, deve ser assim também ali, pois o mercado mundial neste ano está em baixa. Os impostos governamentais, ao contrário, subiram muito. Essas coisas não as digo por dizer, mas afirmo tudo isso com sinceridade e verdade. Portanto, é preciso cuidar bem com o que se faz, para não ficar com menos do que se tem.*

*Já não sei mais o que dizer-vos. Termino saudando-vos de todo coração, bem como ao tio Carlos e aos primos. Eu vos peço que me façais o favor de saudar muito, muito, a tia Narcisa e aos seus filhos, que para mim, também eles são meus primos primeiros, como todos os outros. Mesmo à distância os recordo sempre como se*

*fossem meus irmãos. Fazei-me saber como vai a tia Narcisa, se está melhor, ou como vai.*

*Quem sabe. Talvez um dia possamos nos encontrar.*

*Agora vos deixo as mais cordiais saudações, como as de meu pai, e também de toda a minha família.*

*Adeus! Adeus!*

*Sou para sempre vosso sobrinho Ângelo.*

*E meu pai Emanuele.*

*Esperamos uma pronta resposta.*

Esta carta, realmente bonita e rica, revela plenamente um vislumbre da vida da Itália agrícola dos meados de 1930. Não falta absolutamente nada. Imediatamente após a saudação inicial e convencional (que como sempre, tranquiliza quem lê sobre os parentes italianos que estão com saúde, incluindo mamma Rosa, saúde aliás definida como ótima – escrevendo isto talvez mais por hábito do que por convicção) Ângelo começou logo a falar da vontade nunca satisfeita de se pai Emanuele de rever aquele que é bem definido como "seu país nativo".

Como já foi dito, para Emanuele e para todos os seus irmãos, o Brasil permanecerá sempre aquele lugar de contos de fadas e encantado em que tudo é belo, para onde todos querem retornar. A nostalgia é realmente forte, e para Emanuele basta apenas o pensamento de que a qualquer momento possa partir e voltar para o Brasil para tranquilizar-se. É a sua válvula de escape e sua âncora: se as coisas chegassem a ficar más, ele poderia sempre ir para o Brasil e encontraria ajuda!

Este detalhe da vontade de Emanuele retornar ao Brasil foi o elemento recorrente na presente carta. Ele foi pontuado bem três vezes somente na parte inicial, e essa continuou a ser a insistência do tio Ângelo, certamente devido ao fato de que seu pai Emanuele realmente tivesse sempre em mente o Brasil, e cada ocasião era boa para lembrar-se dele. É engraçado, mas a imagem de que Emanuele ia à cólera quando vinham os impostos para pagar, era a mesma coisa que acontecia com seu pai Alessandro, pelo menos nisto eles se assemelham.

A carta continuava a dizer que o trabalho não faltava para ninguém, mas devido à crise global (iniciada alguns anos antes na América com a grande depressão de 1929), não se chegava a poupar, - ou seja: "a colocar à parte", como se usava dizer naqueles tempos – nem mesmo um pouco de dinheiro. Este detalhe serviu para o tio Ângelo para sublinhar o detalhe de que, por enquanto, o pai Emanuele estava totalmente impossibilitado de ir para o Brasil sozinho, porque havia muitas tarefas para lidar, e servia especialmente a sua liderança e a sua experiência do chefe de família. Escreveu textualmente o tio Ângelo: "... nós somos ainda muito jovens" e isso significa, não tanto que sozinhos não chegassem a fazer frente ao trabalho diário, mas sim que os irmãos Tirloni tinham ainda precisão de orientação e experiência de seu pai para tomar decisões e resolver todos os problemas, também burocráticos, ligados às suas atividades.

Os filhos de Emanuele, ao menos para o momento, não se sentiam ainda à altura de assumir também o poder de decisão que ainda era deixado nas mãos de Emanuele.

Informando-se sobre a sorte dos parentes distantes, o tio Ângelo desde o início se deteve mais vezes( repercutindo também nas saudações finais) sobre a realmente preocupante situação da tia brasileira Narciza, viúva de seu tio João, morto já há dez anos, num acidente ocorrido no mato próximo à serraria em Garabel, para onde havia se mudado. No momento desta carta, a tia Narciza juntamente com todos os seus filhos, esgotada pela triste vida que levava no meio do mato e convencida por sua mãe que, aliás, tinha lhe doado uma pequena casa, fazia alguns anos que havia mudado para Nova Trento, sua cidade natal, na mesma vila onde vivia tia Rosa, a quem Ângelo estava escrevendo, e que portanto tinha a oportunidade de encontrar sua cunhada. Ninguém sabe quais eram precisamente os conselho dados pela tia Rosa, e que a tia Narciza não estava disposta a compreender. Provavelmente eram sugestões econômicas dadas para evitar ulteriores pioras a longo prazo, mas é realmente difícil pensar que na situação de gravíssima pobreza na qual vivia, Narcisa pudesse pensar em fazer economia em previsão a um bem-estar futuro.

Entre estas duas cunhadas, os relacionamentos não eram certamente os melhores, mas afinal eram parentes, e nos momentos de maior dificuldade, deve-se recorrer também a eles. Provavelmente em um destes momentos, Narcisa deve ter falado com a cunhada Rosa expondo seus problemas, talvez com a esperança de receber ajuda, e Rosa tenha se sentido compelida a adverti-la sobre os prováveis riscos aos quais ia ao encontro.

Infelizmente, quando se deve lidar com a comida de todos os dias e com a fome, tudo parece razoável, e também a manobra economicamente mais errada (tal como vender a casa recebida da mãe) aparece como a única solução para colocar alguma comida no estômago, e sobreviver!

Analisando esta carta, torna-se claro o conselho que transparecia através das palavras de seu sobrinho Ângelo. Como quer que estivessem as coisas, o jovem Ângelo sugeriu à tia Rosa de ter paciência e compreensão diante da situação verdadeiramente trágica da tia Narciza, chegando a sugerir mesmo de "fazer o bem" ou seja, de ajudá-la economicamente, e este ato certamente receberia uma recompensa na vida após a morte.

Ângelo, naquele tempo, era um jovem de 20 anos e poderia parecer francamente atrevido pelo fato de dar uma sugestão semelhante a uma senhora já de 50 anos de idade, mas é preciso considerar que Ângelo sempre escrevia em nome do seu pai Emanuele, e seu trabalho era de relatar fielmente o que era sugerido pelo pai, e é nessa chave que se deve ler a advertência, por escrito, dirigida à tia do Brasil: Emanuele, preocupado com o destino da sua cunhada Narcisa e com seus filhos sugeriu à rica irmã Rosa de "colocar a mão sobre o coração" e ajudar de algum modo os parentes em dificuldades. Emanuele não se omitiu nem sequer desta vez, fez prevalecer o seu bom senso do dever e de ajuda para com os mais necessitados sobre o orgulho e sobre a raiva.

Falando em vez dos parentes italianos, o tio Ângelo levou-nos ao conhecimento do hábito bonito ainda em uso em toda grande família Tirloni de fazer de todos, participantes da correspondência recebida do Brasil. As cartas continuavam a manter um valor muito preciso e não eram escondidas escrupulosamente, mas eram divulgadas a todos para que todos estivessem cientes das notícias de parentes no exterior. Mas tio Ângelo não deixou de mover uma forte crítica aos tios e primos italianos, os quais frequentemente não respondiam às correspondências com a mesma diligência que se esperava.

Até mesmo chega a pedir a sua tia Rosa uma prova de que os parentes italianos lhe tinham respondido, e isto estava demonstrando como Emanuele e sua família se esforçavam para que os parentes italianos cumprissem os seus deveres, e não faltassem de os cumprir no relacionamento com os parentes do Brasil.

Um parêntesis deveras poético foi a descrição que o jovem tio Ângelo fez à tia brasileira, sobre a prima Narcisa Nava, que veio de repente a morrer apenas aos 22 anos, enquanto estudava como noviça em um convento canossiano, depois de uma breve doença fulminante. Realmente tocante é a imagem com que o tio Ângelo descreveu a prima que ainda não se tornara uma freira, definindo-a como “uma pura flor”.



A primo Narcisa Nava (fotografia – primeiros anos de 1030)

Estas poucas linhas fazem-nos colher plenamente todas as potencialidades e recursos que o tio Ângelo, simples jovem da vila, com apenas 5 anos de estudo, tinha como escritor, como também a sua nobreza de ânimo que conseguia colher e tornar de um modo tão tocante, também um triste argumento como o do desaparecimento de uma jovem destinada a se tornar uma freira, mas logo capturada por um mal que naquele tempo não deixava nenhuma chance.

Somente a este ponto Ângelo deu notícias de sua realidade na qual ele vivia, dizendo que teria de fazer o serviço militar, e fazendo uma prestação de contas especialmente a respeito do custo de vida (uma característica que manteria na correspondência que enviou por toda a sua vida) e a forte depreciação das mercadorias devido à grande crise que o próprio Ângelo define com segurança como "global". Na última parte da carta, o tio Ângelo nos dá uma prova oficial do analfabetismo de Emanuele. De fato diz expressamente que seu pai nunca frequentou a escola e não era capaz de escrever. Infelizmente não nos diz nada sobre a capacidade de seu pai para ler, mas acredita-se que pelo menos ler, Emanuele aprendeu já em tenra idade.

Interessante é o conceito bem expresso por tio Ângelo *do "não chegar a ter menos do que se tem"*. Significa que se deve ser muito cuidadoso e prudente nas despesas, uma vez que os impostos eram muito elevados e os ganhos eram reduzidos devido à depreciação dos mantimentos, e corria-se o risco de gastar mais do que se ganhava – o que não era aceitável em nossa família – portanto, a atenção para as despesas devia ser sempre muito alta!

Nas saudações finais, o tio Ângelo retomou pela última vez o desejo de encontrar os parentes do Brasil. Para dizer a verdade ele usou a palavra "rever" quando na verdade ele nunca encontrou nenhum dos parentes do Brasil. Mais uma vez vemos que a carta foi escrita sob ditado ou supervisão de seu pai Emanuele, que confiava a seu filho mais velho a tarefa de colocar seus pensamentos e suas emoções no papel.

É bom pensar que em momentos como este, talvez à noite, após um longo dia de trabalho, pai e filho sentavam-se juntos à mesa, e o jovem Ângelo punha-se a escutar do pai que, enquanto se prepara e se concentra para pôr ordem em seus pensamentos e detalhes, corria com a memória à sua juventude. Emanuele, como todos os seus irmãos, não se escondia e não escapava de seus sentimentos. Os exteriorizava no todo, e todos aqueles que estavam perto tornavam-se parte integrante de suas emoções e suas histórias, também por causa de tanta ênfase que ele infundia ao contá-los. Talvez era também mérito seu, a sua maneira de fazer que todos os seus filhos fossem capturados pela magia do Brasil, que Emanuele deliberadamente queria transmitir aos seus parentes.

Na carta não fez referência direta sobre a mamma Rosa mas, como já foi referido, o filho Ângelo escreveu que a saúde de todos – portanto, incluindo a mãe – é excelente. Como sempre, é preciso ter em mente que esta era mais uma formalidade "literária" à qual ninguém se subtraía, e que servia para tranquilizar os leitores. Basta pensar que alguns anos antes (em 1920) Eliseu, irmão mais novo de Emanuele, escrevendo para o Brasil, dizia precisamente que toda a família gozava de boa saúde, enquanto sua irmã Francesca estava extremada e consumada por muitos anos de doença, e estava se preparando para viver o último mês de vida!

Como foi dito, na realidade a saúde de Rosa começava a deteriorar-se lentamente, mas de forma constante os seus problemas cada vez mais se faziam sentir, tanto é verdade que precisava ir para as termas para relaxar e voltar saudável. É evidente que também seu físico começava a sofrer os problemas de saúde, e de fato as

últimas fotos que possuímos dela no-la apresentam em uma imagem infelizmente muito comprometida.



Última foto de Rosa Tirloni (fotografia – segunda metade da década de 1930)

Não sabemos com exatidão quando esta foto foi tirada, mas acreditamos que tenha sido feita neste período durante os meados dos anos 30, e isso digo porque eu me lembro que uma vez, na casa de meus avós, eu tinha visto uma foto sucessiva a esta (provavelmente a última feita), que infelizmente foi perdida, e trazia no verso a data de 1938.

Infelizmente a qualidade da foto é muito pobre, mas é suficiente para nos fazer perceber a forte decadência física acometida a Rosa. Parece de fato muito envelhecida, especialmente quando se considera que tinha no máximo 42 ou 43 anos. Seus cabelos ainda estavam, completamente escuros (ao contrário do que aconteceu com seu marido Emanuele, precocemente encanecido), mas este era o único elemento que podia ajudá-la a não dar de si uma imagem de uma mulher mais velha. Agora suas linhas jovens estavam completamente desvanecidas, e seu rosto, embora mantendo-se emagrecido como na foto precedente, já assumiu os traços endurecidos da maturidade.

Sua figura aparece, no conjunto, proporcionada e não inchada. Tendo sido retratada não durante uma pose "oficial" em um estúdio de fotografia, mas no contexto

doméstico da fazenda onde vivia, ela é vista vestida de um modo muito sóbria e simples, sem absolutamente nenhum babado, e a foto não foi retocada mas foi transmitida em toda a sua forte originalidade.

Sua boca estava fechada de uma maneira muito forte, quase não natural, e a sua expressão não deixava transparecer muita serenidade, mas sim quase uma tristeza resignada. Parecia quase uma mulher já cansada, sem qualquer entusiasmo e interesse para o que ainda podia acontecer. Comparando esta imagem com aquela da sua sogra, a avó Elizabetta, que certamente ela conheceu, mas com ela não conviveu senão para alguma saudação quando a encontrava, esta diferença é gritante. Enquanto a avó Elizabetta parecia uma mulher certamente cansada, mas satisfeita e todavia ainda pronta para dar a sua contribuição, ao contrário, Rosa parecia muito menos corajosa do que a sogra. Problemas de saúde em constante agravamento infelizmente lhe tiraram o seu entusiasmo!

Poder-se-ia quase hipotizar que esta foto teria sido tirada no mesmo dia em que foram retratados os seus três filhos mais jovens, porque as duas fotografias foram tiradas no mesmo contexto e, provavelmente, no mesmo período. É realmente difícil comparar as duas fotos e pensar que esta pudesse ser a mãe de três crianças ainda tão pequenas!



Rosa Tirloni e os filhos mais novos (fotografias – segunda metade da década de 1930)

Não sabemos se Rosa se considerava uma mulher doente e "diferente" ou somente mais "desafortunada" das outras que eram saudáveis. Certamente, apesar de não ser uma médica, ela percebia que seu coração fraco e gasto a limitava muito, apesar de talvez não compreender totalmente os riscos que corria por ser cardiopata. Não sabemos nem sequer se ela tinha pleno conhecimento do seu quadro clínico, portanto nós não sabemos se no seu coração ela chegou a pensar em uma morte prematura, mas é preciso dizer que naquele tempo se era muito mais sensível do que agora à doença, também porque sabiam que a medicina tinha muitas limitações e poderia ajudar muito pouco. Tanto que muitas vezes até pessoas mesmo ricas que vi-

viam em cidades e podiam pagar, não queriam ser hospitalizadas porque o hospital era visto mais como o recipiente de bactérias das quais não se escapava.

Certamente a pobre Rosa estava bem ciente de que não viveria por muito tempo, mas é de se acreditar que talvez vivia com um constante medo de que o próximo ataque cardíaco que a acometeria, seria fatal e que iria deixar três filhos ainda pequenos, e uma família onde a figura da mãe ainda era indispensável.

Para Rosa era gratificante, pelo menos, saber que seus filhos Ângelo e Giuseppe já eram grandes o suficiente para serem capazes de pensar seriamente sobre seu futuro e, de fato, não apenas chegou ao conhecimento da "simpatia" (como se costumava dizer, naqueles tempos, quando havia interesse entre dois jovens) que seu segundo filho Peppino experimentava por uma jovem de Covo, há pouco retornada à vila depois de muitos anos passados como emigrante na França juntamente com toda a sua família, a jovem Cesarina Bosetti, filha de uma amiga de Rosa.

Nós não sabemos exatamente quando, e de que forma esta coisa chegou ao conhecimento de Rosa e Emanuele, mas minha avó Cesarina se recordava muito bem da história que lhe tinha contado sua mãe Agostina Frigè: em 1936 os dois jovens Peppino e Cesarina encontraram-se pela primeira vez, e imediatamente Cesarina confessou à sua mãe, descrevendo o jovem desconhecido que realmente lhe fez uma boa impressão.

A partir da descrição feita pela filha, Agustina afirma *"ga de ise el fiol dela me amisa Rosa"*. Traduzindo: *"eu acho que é o filho de minha amiga Rosa. Seja como for, a dúvida permaneceu. Os dois jovens continuaram o namoro, e logo se tornou público o fato de que, entre os dois jovens, não só existia uma "simpatia", mas talvez mesmo já o "i se parla", isto é, "eles se falam" – como se dizia naquele tempo para indicar um início de relacionamento de amor entre dois jovens.*

A voz desta "simpatia" chegou também aos ouvidos de Rosa que literalmente entusiasmada com o fato de que julga Cesarina uma boa menina e esperava sinceramente que um dia ela entrasse para fazer parte da família Tirloni, correu direto para a casa da família Bosetti para confidenciar com a amiga Agostina, mãe da jovem. Rosa declarou-se abertamente entusiasmada com a coisa, e feliz por seu filho Peppino. Confirmou que seu filho era um bom rapaz, sério e de bons princípios, embora talvez às vezes se comportasse um pouco como valentão, portanto Cesarina podia ficar tranquila. Rosa, aliás, usou "mel" demais para "segurar" como nora a jovem que muito lhe agradava, e chegou a dizer para sua amiga Agostina: *"ghe dise alla so fiola che, se ghe pias mia el me secunt, ghè anche el prim che la ghe piasares"* Traduzindo: *"Diga à sua filha que, se ela não gosta de meu segundo filho, Peppino, existe também o meu primeiro (Ângelo) a quem lhe agrada"*.

Agostina, mulher de fé granítica e cheia de temor a Deus, quase não conseguiu acreditar o que seus ouvidos ouviram, e de fato se embarçou com o fato de que uma mulher como Rosa chegasse a dizer uma coisa semelhante. Para a educação daquele tempo, e como estavam acostumadas a falar especialmente as mães de família, propostas como essa estavam quase ao limite de um escândalo. Mas defronte da reação de Agostina, Rosa foi rápida para reiterar que havia dito todas essas coisas mesmo

porque desejava muito que Cesarina se tornasse sua nora. Agostina aconselhou Rosa, alegando que estas coisas deviam ser deixadas para os jovens decidir, e “*seja o que Deus quer*”.

Esta história realmente divertida sempre me agradou muito. Eu me lembro que a avó a contava sempre de modo divertido, especialmente reafirmando o incrível espanto de sua mãe, que ao ouvir a proposta de Rosa comentava: “*ma cusa l'è adreè a di chela fonna che?*” Traduzindo: “*mas o que está dizendo aqui esta mulher?*”) Isto para indicar o grau de loucura que uma proposta semelhante podia gerar em uma devota mãe de família.

Uma coisa interessante a notar na frase de Rosa é o uso do “vu” (= Vós) mesmo enquanto conversava com uma amiga que conhecia desde a infância. Há não muitas décadas atrás era praxe falar o “vós” para qualquer um, até mesmo para uma amiga. Uma vez que se tornasse esposa e mãe, adquiria um status social que se devia respeitar também mesmo na simples conversa. Especialmente para uma mulher devia-se mostrar reconhecimento, dirigindo-se, de fato, desta forma.

Durante todos estes anos conhecidos como Vintênio Fascista (o período que vai de 1922 a 1943) Emanuele e seus familiares deviam naturalmente se submeter ao regime ditatorial de Benito Mussolini, conhecido como “Il Duce”.

Já a partir do biênio 1925-1926 são emitidas uma série de medidas opressivas: foram dissolvidos todos os partidos políticos e associações sindicais não fascistas, foi supressa toda liberdade de imprensa, de reunião ou de palavra, foi restaurada a pena de morte e criado um tribunal especial com amplíssimo poder, capaz de enviar para a prisão com uma simples medida administrativa as pessoas que não eram bem-vistas do regime.

O fascismo caracterizava-se especialmente por uma profunda e forte presença mesmo a nível local. O clima de controle e a subjugação estabelecida pelo regime chegava até mesmo nas pequenas aldeias do campo, e todos os cidadãos italianos deixaram de ser livres, de exprimir-se e comportar-se como quiserem. Para não incorrer em cassetetes ou nos expurgos baseados em óleo de rícino perpetrado por camisas negras, cada cidadão devia comportar-se como um bom fascista, de acordo com precisos ditames instituídos pela máquina de propaganda. Toda a oposição foi destruída na nascença, e a imprensa foi totalmente colocada subserviente ao fascismo. Toda a população italiana foi enquadrada em organizações independentes e nem mesmo as crianças foram poupadas: já pelos primeiros anos, foram enquadradas esquematicamente com base no sexo e na idade em vários corpos:

- Corpos masculinos:
  - Filhos da Loba: 6-8 anos.
  - Tabela: 9-10 anos.
  - Balilla mosqueteiro: 11-13 anos.
  - Vanguardistas: 14-18 anos.
- Corpos femininos:
  - Filhas da Loba: 6-8 anos.
  - Pequenas italianas: 9-13 anos.

- Jovens italianas: 14-17 anos.

A Itália inteira com o tempo chegou a se acostumar com o regime, a ponto de chegar em não poucos casos a mesmo proclamar hosanas ao líder. Não sabemos o que Emanuele e Rosa pensavam do fascismo, sabemos, porém, quase com certeza que não se expunham. Eles simplesmente se limitavam a fazer o que se lhes pedia para evitar os pesados cassetetes.

Os filhos menores do casal foram enquadrados neste esquema rígido, mas parece que Emanuele não aderiu aos “Fasci di Combattimento” (grupos de combate fascistas) ou mais facilmente, não foi obrigado a fazê-lo, o que infelizmente aconteceu com seus irmãos. Na verdade principalmente para pessoas ricas ou famílias "que davam na vista" – como poderia ser julgada a família Tirloni – era fortemente solicitada a adesão ao partido e à exposição como pessoa importante a influenciar sobre o povo de agricultores, que vendo os patrões e os ricos (portanto, pessoas "superiores") aderirem e acreditarem na ideologia fascista, eram mais motivados para obedecer, e por sua vez a tomar partido também mesmo por um discurso de cega fidelidade ao próprio patrão.

Também em 1936, enquanto Peppino começou a namorar Cesarina (fazendo com que o entusiasmo irreprimível de Mamma Rosa se manifestasse), o estado governado por Benito Mussolini bateu na porta e na casa Tirloni, e depois de quase 20 anos, tornava a fazer a sua aparição em nossa família um "cartão de preceito". No ano anterior, o Duce fez guerra contra as tropas de Negus, o somaliano Hailè Sellasiè (1892-1975) na tentativa de conquistar a desejada "tomada de oceano". Para esta guerra, que foi conhecida como a guerra da Etiópia, foram chamados os de classe de nascidos em 1903 e 1913 e, portanto, Ângelo foi o primeiro a ser mobilizado e enviado para a Abissínia, no início de 1936. Permaneceu na África quase um ano, participando de todas as etapas mais recentes da conquista do Império, até a captura de Adis Abeba em 5 de Maio de 1936.

Eu acredito que Ângelo não tinha atribuições perigosas, de fato nunca reclamou sobre sua situação. Aliás, era todo feliz porque o salário que o exército pagava era muito elevado. Ele sempre enviava para casa uma parte mais abundante (“*L’era asè de paga tri omen*” quer dizer: “*era o suficiente para pagar três homens*” recordava o tio Ângelo). Com esse dinheiro, seu pai Emanuele não só podia pagar um homem que substituísse o filho no trabalho dos campos, mas podia permitir-se guardar como poupança a cota que sobrava dessa soma.

Exatamente como para Emanuele durante a primeira Guerra Mundial, também durante a guerra da Etiópia os soldados não eram imediatamente demitidos e não podiam retornar para suas famílias imediatamente. Assim também o filho Ângelo permaneceu na África, enquadrado no exército durante muitos meses. Emanuele e Rosa puderam abraçar o seu filho mais velho apenas em 7 de fevereiro de 1937, o dia em que Ângelo foi definitivamente desconvocado e pôde reingressar são e salvo para sua família que, neste momento, podia finalmente retomar o cotidiano da vida laboriosa habitual.

Agora os filhos de Emanuele e Rosa começaram a ficar suficientemente grandes: Ângelo tinha 23 anos, Giuseppe tinha 20 anos, Alessandro tinha 14 anos, Dante tinha 12 anos e Íride, a pequena da família tinha apenas 9. Embora os dois últimos homens ainda fossem crianças, no entanto ambos já eram grandes o suficiente para dar uma mão forte em trabalhos agrícolas, e desenvolviam já, sem problemas, todas as tarefas necessárias para um homem da campanha, e portanto a família Tirloni podia contar com a força de cinco homens.

Por causa disto, todos se deram conta bem depressa que a fazenda Battagliona, com suas 700 pértigas de terra era decididamente pequena em relação ao potencial destes 5 homens, que poderiam muito bem gerenciar sozinhos um terreno muito maior e, por conseguinte, podiam aspirar a um maior volume de negócios. Especialmente os filhos, logo começaram a sofrer com as restrições a que eles eram obrigados por causa da pequena fazenda Battagliona, em começaram a expressar de uma maneira cada vez mais evidente a seu pai, a sua crescente desilusão.

Emanuele se viu cada vez mais cercado pelos filhos que o questionavam com suas ideias e ofereciam suas sugestões para expansão, mas estas ideias não estavam de acordo com seu gênio e o assustaram um pouco... Não era um homem de negócios, como tinha sido seu pai, Alessandro. Ele se assustava com "o risco de empresa" e preferia se contentar com aquilo que tinha, em vez de arriscar em uma aventura para a qual talvez não se sentia de todo à altura.

Emanuele tentou resistir como pôde à pressão cada vez mais insistente de seus filhos, tentando adiar decisões. Tomou o alibi dos contratos dos terrenos e dos prazos, sabendo muito bem que todas as decisões agrícolas eram sempre planejadas e decididas no dia de Sant'Antonio Abate (17 de Janeiro), mas atualizadas somente no dia de São Martinho de Tours (11 de novembro) como sendo um bom tempo, neste dia, aproveitando o curto verão de São Martinho "(como são chamados aqueles poucos dias de verão próximos da comemoração do Santo, no qual muitas vezes ocorriam dias serenos e quentes), terminava em muitas áreas do norte da Itália o ano de trabalho dos camponeses. Se o mestre do campo não lhes pedia para continuar a trabalhar para ele também no ano seguinte, eles tinham que se mover e ir procurar outro mestre e outro alojamento. Também na cidade se tornou habitual, para quem tinha alugado um alojamento, mudar de casa próprio em São Martino, portanto "fazer São Martino" significava: mudar de casa.

Diante das hesitações de Emanuele, que certamente era defendido e apoiado por sua esposa Rosa, a qual tentava fazer seus filhos desistir de suas ideias, os jovens irmãos Tirloni decidiram colocar os pais em aperto, e Emanuele encontrou-se contra os filhos que, unidos entre eles, lhe impuseram um "aut-aut" peremptório: ou se transferiria para uma fazenda maior, ou iriam trabalhar em uma fábrica em Milão! Para Emanuele, este foi um momento realmente crucial em sua vida. Certamente nunca teria pensado em encontrar-se diante de uma encruzilhada como esta porque percebeu imediatamente que os filhos estavam falando seriamente.

O atrativo de Milão e do trabalho na fábrica atraía já há muitos anos, muitos jovens empreendedores que deixavam o campo em busca de fortuna, e mudavam-se para a cidade. Emanuele reconheceu nos filhos a mesma desenvoltura que foi de seu pai, Alessandro, e que ele nunca tinha tido. Talvez até mesmo tinha inveja dos filhos que estavam dispostos a lutar por aquilo no qual acreditavam, e chegavam mesmo a desobedecer a seu pai. Ele nunca se havia permitido de fazer uma coisa semelhante.

O gesto de seus filhos era francamente descarado no relacionamento com um pai: praticamente chegaram a dizer que estavam dispostos a abandoná-lo. Emanuele não poderia absolutamente permitir-se de conduzir a fazenda sozinho, precisaria, portanto, contratar camponeses que custariam muito. Sem a ajuda de seus filhos, Emanuele estaria praticamente perdido, destinado "à ruína econômica". Os filhos estavam basicamente dizendo que eles estavam dispostos a lhe virar as costas!

Nós não sabemos como Emanuele teria julgado este ato de rebelião, só podemos fazer suposições. Estava definitivamente muito amargurado e indeciso sobre o que fazer, mas ele era ainda demasiado bom para lançar o desafio a seus filhos: o bom pai não queria por qualquer motivo assustar os filhos e, acima de tudo, se opunha firmemente contra a dissolução de sua família, e isto talvez tenha sido o argumento que, mais do que qualquer outro, iria empurrá-lo para tomar a decisão final. Na verdade, eu acho que foi o grande amor que ele sentia pelos seus filhos que lhe fez decidir, não só concordando com sua proposta, mas também para não manter o rancor deles. Em seguida, Emanuele consentiu na implementação do plano dos filhos!

Eu admito que sempre quis saber o que teria acontecido se, em vez, tivesse ocorrido o oposto. Eu gostaria de saber se realmente todos os filhos teriam tido a coragem de ir viver em Milão, abandonando a família!

Esta, que aparentemente pode parecer uma das muitas ocasiões da vida de Emanuele em que ele teve que se dobrar para obedecer à ordem imposta por outras pessoas, foi talvez a única vez em que Emanuele fez uma escolha e impôs a sua vontade: escolheu a unidade do seu grupo familiar, exigiu, com isso, que os filhos permanecessem junto dos pais! Esta foi realmente a única vez em que Emanuele quis a todo o custo que prevalecesse a sua decisão!

Até mesmo em seu gesto estava evidenciada a diferença total entre ele, Emanuele, e seu pai Alessandro que, até o último momento de lucidez pretendeu comandar a família com um punho de ferro, sem ser absolutamente contrariado em suas escolhas pela opinião das outras pessoas. Emanuele era diferente, ou talvez percebeu suas limitações, seus medos e sua menor capacidade empresarial. Ele encontrou-se tendo que prover uma família e a administrar toda a herança herdada de pai Alessandro.

Assumi plenamente as suas responsabilidades e deveres para com sua esposa e seus filhos, seja nos confrontos com seus pais que o haviam precedido e, à custa de grandes trabalhos, lhe tinham deixado um terreno de propriedade. Ele garantiu para sua família uma vida decente e digna, e não desperdiçou ou perdeu o que ele tinha recebido em herança. Portanto, temos que reconhecer que ele era um bom adminis-

trador que, apesar de não se ter ainda emancipado mais, pelo menos tinha conseguido evitar a incursão em erros que poderiam causar grandes prejuízos, apesar de ter tido que atravessar a crise econômica do início dos anos' 30.

Agora decidiu se render diante das provas a ele mostradas pelos filhos e, acima de tudo, decidiu acreditar neles! Daí em diante eles iriam gerir os negócios da família e seriam eles que teriam todas as decisões econômicas.

#### *9.6- A transferência para a fazenda Tesouro de Romanengo e a viuvez*

São os filhos de Emanuele que pensam em tudo. Provavelmente já há algum tempo tinham começado a "olhar ao redor" e se tinham confiado às mãos de um corretor experiente, residente na vizinha vila de Fontenella, de nome Benedito Gattini que, no futuro, se tornará de fato consogro de Emanuele, porque um de seus filhos, chamado Giuseppe casou-se com Íride, a única filha de Emanuele.



Retrato da família Gattini. (Foto dos anos 30)

Em ordem de posição se veem:  
Giuseppe, Giulia, Dino,  
Maria Lupo Pasini, Benedito Gattini, Dante, Vincenzo

O Senhor Gattini, depois de ouvir as solicitações dos jovens irmãos Tirloni, e tendo examinado todas as propostas em seu conhecimento, propôs-lhes a fazenda chamada "Tesouro" (não se sabe por que este nome tão estranho), localizada em Romanengo, um lugar situado cerca de 15 quilômetros ao sul de Covo, mas já na província de Cremona.

Esta fazenda, localizada não em meio aos campos, como era a Battagliona, mas apenas fora do velho círculo de casas (mas agora plenamente integrada na vila), ao lado da praça principal da vila, tinha cerca de 1.200 pértigas, muitos mais do que as irrisórias 250 pértigas da fazenda Battagliona, e para os filhos de Emanuele representava o justo ponto de virada para tentar o seu processo de emancipação econômica.



Município de Romanengo, vista aérea que mostra a localização da fazenda Tesouro (Google - ano 2011)

Apesar de toda essa terra exigir muito mais horas de trabalho, os cinco homens, todos juntos, poderiam ser capazes de conduzir esta empresa e, portanto, uma vez que o pai Emanuele, colocado em apuros, deu o seu consentimento, a decisão foi tomada, e os contratos foram assinados. Infelizmente, a tia Íride, única testemunha ainda viva desses momentos, não se recorda a quem foi cedida a fazenda Battagliona, de propriedade de seu pai Emanuele, e nem se lembra do nome do real proprietário da fazenda Tesouro, porque era uma pessoa que não cuidava pessoalmente da sua terra, mas a deixava para ser gerenciada por um administrador: o engenheiro Valdameri de Crema. Seria sempre com este administrador que Emanuele, agora novo locatário da fazenda Tesouro, iria falar sempre que necessário sobre a propriedade.

Precisamente nisto está a maior preocupação de Emanuele: a família obviamente não tinha dinheiro suficiente para comprar uma fazenda grande, por isso a única solução era alugar a fazenda Tesouro, e isto era precisamente o que mais preocupava Emanuele, o qual, mesmo quando após a primeira fase de ajustamento descobriu que a escolha dos filhos se revelara correta, comentaria sempre: "*Sim, mas agora eu não sou mais o proprietário*".

Após todo o esforço que Emanuele tinha feito, e mais ainda especialmente seu pai Alessandro, antes dele, para tornar-se proprietário da terra na qual trabalhava, agora os filhos de Emanuele decidiram “jogar para o espaço” a “posse” da terra (com as seguranças que uma propriedade oferece) para seguir a miragem dos negócios que, obviamente, envolviam muito mais riscos, porque a qualquer momento poder-se-ia arriscar de “ir para o menos do que aquilo que se tinha” (como escreveu Ângelo, em sua carta ao Brasil). Os aluguéis a serem pagos eram proporcionais ao tamanho da fazenda e, portanto, neste caso, eram relativamente altos. Bastaria um ano de más colheitas, ou uma mortandade das vacas, ou simplesmente um mal-entendido com o proprietário, para encontrar-se sem dinheiro ou, pior ainda, sem um telhado para debaixo dele poder dormir.

Seus filhos, porém, não pareciam se preocupar com essa coisa. Acreditavam em suas capacidades e se entregaram a uma boa sorte, porque se sabe que “a sorte favorece os corajosos” e os filhos de Emanuele tinham vontade e coragem para “dar e vender”, assim como tinha tido no passado o velho avô Alessandro. Talvez tenha sido mesmo para imitar os feitos do bravo e desdenhoso avô, (a quem alguns deles tinham conhecido bem durante a infância, mas que certamente era lembrado muitas vezes em histórias de família) que os filhos de Emanuele e Rosa decidiram tentar a sorte e melhorar ainda mais as suas condições.

Poucos meses antes desta transferência chegou à casa Tirloni outro cartão de preceito militar, e desta vez coube ao segundo filho Giuseppe ter de cumprir os deveres militares, mas para ele o tempo de serviço militar foi muito maior do que para o seu irmão Ângelo, foi de 15 meses. Giuseppe partiu no dia 17 de maio de 1937, destinado para servir no 6º Regimento de Artilharia Armada, com o trabalho de Autierre, e esta era para ele a oportunidade de ser capaz de ver os lugares mais bonitos do mundo, porque sua sede estava localizada sobre as Dolomitas. Continuou sempre a ser muito fascinado pela beleza daqueles lugares encantados, e sempre falava muito bem do Lago de Misurina e das várias paisagens dolomíticas. Emanuele e Rosa puderam abraçar seu filho só depois de 22 de agosto de 1938, data em que foi colocado em baixa militar.

Graças à folha de serviço militar de Giuseppe, a qual chegou até os nossos dias devido à meticulosa investigação realizada por Rinaldo Monella e Anna Maria Calegari, editores do livro sobre os combatentes Coveses, tem-se uma confirmação do relato feito pelo Senhor Aceti sobre a data da transferência da família Tirloni de Covo a Romanengo, porque este folheto fornece as seguintes notas: “Residência no ato de convocação: Fazenda Battagliona - Covo” e “Residência eleita no ato de envio em licença do serviço militar: Romanengo, via Coschetto 16”.

A transferência, portanto, teve lugar em 1937, no dia mesmo de São Martinho, mas como era de costume, algum tempo antes desta data todos os quatro filhos se transferiram para Romanengo e começaram a administrar a fazenda e a cuidar da semeadura do trigo, enquanto Emanuele e Rosa, com a pequena filha Íride, que tinha apenas 10 anos, permaneceram por algum tempo na Battagliona. A tia Íride, desde então, começou a fazer o trajeto entre as duas fazendas para cuidar de seus irmãos nas coisas da casa, porque se, na verdade, as duas vilas não eram confinantes, esta-

vam dentro do alcance fácil por bicicleta, tanto é que todos os membros da família continuaram a manter frequentes contatos com a vila de origem e com os parentes, especialmente Peppino, que ia constantemente para encontrar a jovem namorada Cesarina Bosetti.

A Tia Íride gosta de dizer que em uma dessas ocasiões, sua mãe Rosa tinha cozinhado uma galinha e disse: “ Olha, Íride, eu cozinhei um frango, leva-o aos irmãos e, enquanto você estiver ali, coloca em ordem a pequena casa). Íride, em seguida, foi para Romanengo, (não sei se foi sozinha ou acompanhada por alguém, porém voltou logo), mas quando entrou em casa não encontrou ninguém porque os irmãos estavam nos campos. Íride, embora ainda fosse uma menina, já tinha prática do trabalho doméstico e, em seguida, aproveitou a oportunidade da ausência dos irmãos, arrumou a casa, mudou os lençóis das camas, lavou as roupas e, finalmente, colocou a galinha perto do fogo para aquecê-la. Quando os irmãos retornam para a casa foram surpreendidos pelo cheiro gostoso do frango e, satisfeitos com a inesperada surpresa, eles se sentaram à mesa com sua irmã e desfrutaram uma refeição preparada por sua mãe. Devemos portanto pensar que os jovens irmãos Tirloni eram capazes de cozinhar (coisa que naquela época poucos homens sabiam fazer), mas, naturalmente, apenas pratos simples: polenta, sopas, e por certo não alimentos complicados ou trabalhosos. Portanto a surpresa do frango assado foi ainda mais agradável .

Graças às histórias da tia Íride, aprendemos uma pequena história muito legal que por uma noite inteira envolveu toda a família (incluindo os pais que ainda viviam em Covo), deixando-a com a respiração suspensa. Isto aconteceu por causa de uma pessoa cujo nome foi destinado ao esquecimento, mas o sobrenome foi gravado com segurança pela tia Íride (também porque era um nome bastante popular nessas áreas): Zerbo. Mesmo pelo fato de que a fazenda Tesouro era grande demais para ser administrada (especialmente a nível econômico) pela nossa família, encontrou-se uma maneira de dividir o aluguel da terra, e a família Zerbi assumira cerca de 250 pértigas desta terra . Quando, antes da festa de São Martino, os irmãos foram transferidos para a fazenda Tesouro a fim de fazer a semeadura do trigo, este Zerbi tinha se juntado a eles, e todos tinham ido morar em uma pequena casa destinada aos agricultores e, portanto, por um determinado período de tempo, este Zerbi tornou-se parte integrante da nossa família.

Apenas os jovens se haviam transferido para a nova fazenda para começar a organizar a produção do estábulo, Emanuele entregou ao filho mais velho, Ângelo , 16.000 liras, uma quantia com a qual os filhos pudessem comprar 16 vacas de leite de boa qualidade, compra feita junto a um grande agricultor local: o senhor Crotti. Esta era uma soma muito grande, basta pensar que a famosa canção" Mil liras por mês" (um número que o cantor alegou que lhe permitiria encontrar toda a felicidade), seria escrita apenas 2 anos após esses eventos.

Obviamente, não era mais como em tempos antigos. Só para dar uma ideia do poder de compra de mil liras, é preciso pensar que em 1914, antes da grande guerra, com mil liras poder-se-ia comprar uma carroça. Em 1920, após uma desvalorização de 42% durante a guerra, e 82% depois da guerra, podia-se comprar apenas uma bicicleta (sempre considerada um luxo, um bem para poucos).

Em 1939, ano do lançamento do filme "Mil liras por mês", referindo-se à música famosa, o custo do pão era de 1,60 liras por quilo; 2 liras por um quilo de arroz; as batatas custavam 50 centavos (sempre por quilo); os ovos 4 centavos cada um; um casaco comum de uma mulher, 475 liras; o primeiro ferro elétrico, custava de 40 a 60 liras. Eram estes, no final dos anos 30, os tempos em que aqueles que tinham a sorte de ganhar três mil liras por ano eram considerados realmente como alguém que tinha um "bom ganho" (como se dizia naquele tempo para indicar um jovem que garantia segurança econômica de uma esposa). Não eram muitos na verdade os que se encontravam nessas condições, porque por exemplo, um médico clínico geral, ganhava um pouco mais do que cem liras por mês, enquanto os professores ganhavam bem menos: 50 a 55 liras por mês.

Hoje em dia, considerando o fato de que o valor de uma vaca leiteira é muito inferior ao daquele tempo, estima-se que aquelas 16.000 liras seriam um valor comparável a € 30/40.000 euros atuais, de modo que era inevitável que o medo de roubo teria sido tanto, porque nenhum dos irmãos Tirloni estava acostumado a lidar com tanto dinheiro. Talvez tenha sido a primeira vez que Ângelo tenha visto uma tal soma de uma só vez!



Notas de mil liras em circulação nos anos 30: O grande "M" (esquerda) e a rainha do mar (à direita)

Depois que Emanuele e seu filho Ângelo se despediram, este último, na expectativa de ir para fazer a compra, decidiu esconder o dinheiro em suas botas, mas obviamente essa expectativa o impedia de manter a calma. A preocupação era tanta que muitas vezes Ângelo ia conferir se o dinheiro ainda estava em segurança no esconderijo onde ele o tinha guardado. Uma noite, porém, durante a realização dos controles habituais, antes de ir para a cama, ele descobriu que o dinheiro já não estava mais.

Ângelo literalmente entrou em crise de espanto. Talvez verificou várias vezes na área onde ele havia colocado o dinheiro dentro das botas, na esperança de que por um acaso tivessem ficado fora das botas, mas precisou render-se à realidade. A primeira coisa que fez foi consultar todos os seus irmãos para perguntar se, por acaso, sem seu conhecimento, eles teriam pego o dinheiro, (talvez para escondê-los melhor), mas também seus irmãos foram tomados pelo mesmo espanto, porque eles desconheciam o paradeiro do maço de notas de 16 mil liras.

Quem poderia tê-los roubado? Quem poderia mesmo apenas saber que na casa havia todo esse dinheiro? E como fez o ladrão para encontrá-lo? As suspeitas caíram sobre o ajudante Zerbi que era o único, fora dos irmãos, a viver em casa, e estar ciente da compra das vacas. Provavelmente este Zerbi notou os movimentos de Ângelo, o vigiou, esperou para estar sozinho para agir livremente roubando o dinheiro..

Os jovens irmãos ficaram apavorados, mas acima de tudo estava Ângelo. Ele era o mais velho e por isso era inevitável que, mesmo sem culpa, ele sentia sobre si toda a responsabilidade pelo incidente e, sobretudo, sentia sobre ele o peso da sua posição de "cabeça" que aquele bando de jovens lhe impunha. Ele precisava encontrar uma solução. Mas o que fazer? Como fazer? Não tinha nenhuma evidência para indiciar diretamente o ajudante Zerbi. Sem saber como se mover, deixando em casa os irmãos para acompanhar atentamente o personagem suspeito (tomando cuidado para não fazê-lo desconfiar de qualquer coisa), Ângelo toma a "bicicleta" e apesar da hora adiantada dirigiu-se imediatamente para Covo para pedir conselhos a seu pai Emanuele.

Na Battagliona era noite avançada quando Ângelo chegou. (5 da manhã, lembre-se Tia Íride). Emanuele, Rosa e Íride, ainda pequena, estavam dormindo quando de repente foram despertados pelos gritos de uma pessoa que batia com força e insistentemente na porta. Os três acordam atordoados pelo sono interrompido abruptamente e começam a se perguntar o que está acontecendo, e quem estaria fora da porta.

Rapidamente chegaram a se refazer do entorpecimento do sono, e a voz do lado de fora, tornava-se mais clara, até que se pôde distinguir claramente as palavras: "Pai, abra a porta, sou eu, sou Ângelo!". Dentro do quarto a agitação foi grande. Todos pensaram que algo de ruim deveria ter acontecido, talvez até mesmo uma desgraça, caso contrário não haveria razão para Ângelo tomar a sua bicicleta e vir a Covo para acordá-los no meio da noite. Emanuele saiu da cama e foi direto para abrir a porta, enquanto alguém provavelmente acendeu uma lâmpada para iluminar a sala. Ângelo entrou na casa e certamente muito agitado, contou o que aconteceu com o dinheiro.

Emanuele, pego de surpresa por esta notícia, precisava encontrar uma solução para recuperar os bens roubados, e sugeriu a seu filho para enfrentar o ajudante Zerbi de forma inteligente e determinada, mas correta, sem deixar-se descontrolar, ou, pior, sem usar a violência. De fato o pai disse a Ângelo: "Procure fazê-lo falar, aperte-o". Ângelo se despediu, e enquanto tomava a bicicleta para retornar a Romanengo, Emanuele fechou a porta da casa. A luz foi desligada e todos voltaram para a cama esperando que tudo corresse da maneira certa.

Há razões para acreditar que provavelmente naquela noite ninguém teria dormido. Talvez, como se fazia toda vez que ocorria algum caso de perigo iminente, Emanuele e Rosa se tenham confiado à oração para invocar a intercessão do Alto. Assim aconteceu. Os jovens conseguiram recuperar o dinheiro roubado, e provavelmente algum deles foi para Covo para comunicar aos pais a solução do caso. (Ou talvez teria sido o próprio Emanuele a viajar pela manhã de bicicleta para Romanengo para saber dos acontecimentos) .Poucos dias depois, as vacas foram com-

pradas, e finalmente podia-se dizer definitivamente terminada esta história que manteve a respiração suspensa da família Tirloni inteira.

Nós não sabemos o que aconteceu com o ajudante Zerbi, mas pode-se acreditar que tenha sido mantido muito bem controlado a partir daquele dia, e eu também acredito que a notícia de seu furto teria girado por todo Romanengo para manter todos em guarda diante de uma pessoa tão desonesto.

Recordo muito bem que quando tinha escutado esta história que me foi contada pela tia Íride, eu havia ficado fascinado mesmo por aquilo que estava por detrás do fato enquanto tal. Se desviarmos por um momento a atenção do furto enquanto tal e da ansiedade e medos que, sem dúvida, ele provocou, podemos tirar considerações muito belas e interessantes sobre todos os nossos velhos familiares.

Antes de tudo, a reação dos rapazes. Justo eles que haviam colocado o pai contra a parede obrigando-o a deixar a fazenda Battagliona, com a ameaça de que, de outra forma, o deixariam sozinho, agora, apenas encontrando-se em dificuldades, correram de súbito a ele, mesmo que fosse em altas horas da noite. Ângelo, com o unânime conselho de todos os seus irmãos, tomou a bicicleta e correu a ponto de perder o fôlego para Covo para ouvir aquilo que sugeriria o seu pai. Reconhecendo nele uma autoridade e uma sabedoria que eles ainda movidos pelo furor juvenil e pela inexperiência que eles tinham defronte de uma situação assim grave, buscaram a ajuda e os conselhos do pai.

Por outro lado, tenho que pontualizar sobretudo a reação e a sabedoria de Emanuele, que também nesse momento demonstrou ainda uma vez os grandes dotes humanos e intelectuais, o seu valor e a sua inteligência, antes de tudo não investindo contra o filho, acusando-o de haver escondido mal o dinheiro, de ter escolhido mal o ajudante, de tê-lo deixado descobrir o lugar do dinheiro enquanto controlava para que o dinheiro estivesse no seu posto. Antes disso, Emanuele se concentrou sobre o problema para encontrar uma solução. Ele tinha deixado que os filhos agissem com liberdade, eles que o haviam apertado e confrontado. Teria sido este o momento de dizer ao filho o clássico: “Eu te havia dito!”, para dar desafogo talvez à sua eventual raiva ou desilusão por aquilo que os filhos haviam feito. Em vez disso, voluntariamente não o fez.

Um outro detalhe de fato bonito do seu comportamento é a solução que Emanuele propôs aos filhos: diplomacia (portanto, usar as armas da inteligência) e honestidade, também defronte a um ladrão que se havia aproveitado da boa fé dos seus filhos. Nada de uso de violência (coisa que naqueles tempos funcionava para maior parte). Nos tempos de Brasil, seu pai Alessandro tinha sido muito menos piedoso para com o ladrão que, de noite, roubava no empório. De fato se tinha voluntariamente disposto a agir com violência, e quando o tinha colhido roubando, lhe havia atirado um peso da balança, chegando a cometer um verdadeiro homicídio premeditado.

Emanuele a partir desse relato, saiu ainda mais elevado sob cada ponto de vista que se queira analisar: um pai bom que não se desafogou contra os filhos, mas

partiu do pressuposto de que teriam agido da melhor forma de suas possibilidades; um homem honesto que excluiu, a priori, o uso da violência (em 4 contra 1, os irmãos Tirloni teriam podido chegar a um final de tirar a vida do ajudante desonesto) e uma pessoa inteligente pois sugeriu aos filhos não tanto de encontrar as provas, mas fazer de modo que o ladrão mesmo se revelasse diante das perguntas dirigidas. Emanuele era verdadeiramente uma pessoa excepcional, ainda mais porque se escondia na humildade.

Passado pouco tempo, Emanuele, Rosa e a pequena Íride fecharam pela última vez a porta de sua casa na fazenda Battagliona, entregaram as chaves ao novo proprietário e, carregados todos os móveis e as suas coisas sobre um carro, deixaram para sempre Covo, e se transferiram definitivamente para a fazenda Tesouro. Para Emanuele era a segunda transferência de sua vida, mas desta vez era uma coisa muito menos difícil em respeito a quando com 18 anos havia deixado o Brasil para vir para a Itália.

Emanuele viveu na Battagliona por 28 anos. Ali havia entrado quando era um jovem, para ali tinha conduzido a sua esposa, tinha tido a sorte de retornar depois da grande guerra, tinha visto a sua casa encher-se e esvaziar-se mais vezes (encher-se quando chegaram do Brasil, esvaziar-se quando as irmãs se casaram, encher-se novamente quando nasceram as crianças, para depois esvaziar-se definitivamente quando, morto o papai, os irmãos se separaram). E agora se preparava para deixá-la para sempre. Muitas eram as imagens nos seus olhos, as recordações da sua mente ligadas àquela fazenda: desde as mais horríveis, como a do corpo de sua mãe afogada no riacho; as mais difíceis, como o cansativo relacionamento com o pai, e até as mais belas, como aquelas ligadas à sua extremada família.

Também para Rosa valiam as mesmas considerações. Aquela fazenda a havia visto chegar jovem e tímida esposa. Havia vivido as suas primeiras alegrias, mas também todas as suas penas e sofrimentos. Agora, depois de 25 anos de casamento, preparava-se para deixá-la, a fim de enfrentar aquela aventura desejada pelos seus filhos, sem saber que para ela a vida duraria pouco tempo.

Finalmente a família se recompôs e a fazenda começou a ser trabalhada em pleno ritmo. Com efeito, os filhos de Emanuele tinham visto que as suas previsões se tinham-se demonstrado corretas. De fato, os cinco homens chegaram a estar na frente da maior parte da lavoura e do trabalho que a fazenda Tesouro exigia. A sorte os assistia, e portanto não precisaram fazer frente à morte de animais, ou a fortes temporais de verão que poderia ter irremediavelmente prejudicado as colheitas. Portanto, quando se encerrou o primeiro o ano, como se costuma dizer, feitas as contas, o balanço foi muito positivo.

Os afazeres corriam objetivamente muito bem e continuavam a melhorar. Como foi dito, parecia evidente, desde já, que a escolha tanto desejada pelos seus filhos se revelava vencedora. Emanuele obviamente bem o percebia, mas não obstante esta evidência dos fatos, lhe permanecia ainda por longo tempo uma preocupação básica. De fato, como recorda ainda bem a tia Íride, seu pai, embora contente por ver

os resultados alcançados, muitas vezes ainda comentava: “ *Sim... mas eu agora não sou mais o patrão!*”

Este comentário Emanuele o pronunciava mais vezes (como conta a tia Íride), e significa que não era uma frase que escapava a Emanuele “por acaso”, mas uma coisa na qual ele acreditava muito, e portanto repetia muitas vezes. O fato de ter deixado a terra da qual era proprietário, cansativamente suada e conquistada a preço de imensas fadigas por seu pai Alessandro, representava para Emanuele o mesmo sonho acalentado por cada pessoa do campo. Todos os camponeses daquele tempo sonhavam mesmo de se tornarem patrões de sua própria terra, e não tanto, por exemplo, de se tornarem nobres, ou de viver em cidades.

Isto era o máximo na direção do qual a ambição de todos se manifestava. Os Tirloni, já no início do século, tinham chegado a consegui-lo. E agora, para Emanuele, deixar a terra sobre a qual era patrão para se fazer um locatário, como se definia naqueles tempos no mundo agrícola aquele que pagava aluguel para trabalhar, - e viver sobre a terra de propriedade de uma outra pessoa - significava retroceder a uma categoria de pessoa mais desafortunada, também se, como no caso dos Tirloni, as perspectivas de crescimento eram claramente melhores do que antes.

Na mente de Emanuele (e de muita gente daqueles tempos) permanecia sempre o conceito que ninguém podia levar embora qualquer coisa que era de sua propriedade. Enquanto se vivia e se trabalhava na propriedade de um outro, não se podia fazer aquilo que se queria, mas sobretudo se estava sempre sujeito aos caprichos do patrão, o qual podia intimar a abandonar as suas propriedades em qualquer momento, deixando o locatário na miséria mais sofrida.

Não era de todo errado o modo de pensar de Emanuele: seria melhor ter menores possibilidades, menos lucros que fossem seguros e garantidos, ou seja, melhor a certeza do pouco, antes do que a incerteza do muito. É o típico raciocinar de uma pessoa que tinha pouca atitude empresarial, mas era também o fruto de uma cultura na qual a propriedade privada contava de maneira absoluta, e dava as maiores seguranças e garantias.

Também nesta ocasião, para os Tirloni não era difícil encontrar novos relacionamentos e novas amizades na nova vila na qual iniciaram esta aventura. Exatamente como havia sucedido a Emanuele e a seus irmãos apenas chegados do Brasil, agora cabia ao seus filhos fazer a sua experiência na sociedade rural desta nova vila, mas obviamente agora as coisas eram mais fáceis.

Emanuele, mesmo que não pudesse mais apresentar-se como um proprietário de terras, permanecia, no entanto, sempre um muito honrado senhor, uma pessoa de um certo status, superior aos simples agricultores, e portanto, foi de imediato aceito também entre as pessoas de bens de Romanengo. O seu bom caráter o ajudava a inserir-se e a ser aceito também entre a gente simples e humilde, que reconhecia nele uma pessoa de bem e de bom senso. Estas considerações feitas para Emanuele valem também para o seus familiares: a mulher Rosa, brava e respeitável dona de casa, suave e generosa, amável para com os seus familiares, temente a Deus, era um protótipo da mãe de família ideal na sociedade rural, portanto também ela foi logo aceita.

Provavelmente pareceu de imediato claro a toda a gente de Romanengo que são os filhos de Emanuele que gerenciavam pessoalmente os afazeres da família, e a estes rapazes era reconhecido o valor de empreendedores juvenis, e da vontade de emergir. Todos esses eram valores procurados e premiados nos jovens, sobretudo durante a época fascista

Bem depressa pareceu claro que também os Tirloni estavam dispostos a fortes sacrifícios para se emanciparem e manter a mente direcionada para os seus sonhos e para as suas esperanças. Portanto também a proverbial parcimônia que sempre caracterizou a família, não tardou a emergir de maneira mais que visível, e em algumas ocasiões transformava os Tirloni em objetos de fortes críticas sarcásticas.

Como prova desse fato, a tia Íride recorda bem uma história que tinha como protagonistas os seus irmãos. Esses evitavam o quanto mais possível gastar dinheiro inutilmente, portanto, não se faziam problemas de vestir roupas velhas, feias ou rasgadas para o trabalho nos campos. Às vezes acontecia a eles de passar com as carroças por meio da vila, e o trajeto mais curto impunha de percorrer a via principal de Romanengo que passava diante da praça da igreja. Os irmãos Tirloni não faziam disto nunca um problema, porque a coisa fundamental para eles, naquele momentos, durante o trabalho, era fazer a menor fadiga possível, e não por certo aparecer bem vestidos. Mas bem depressa o povo notou as suas calças rotas, remendadas da melhor maneira pela mãe Rosa, e logo se iniciaram os comentários sarcásticos e os coros de deboche contra os irmãos Tirloni, dizendo: “eles acreditam de estarem fazendo quem sabe que coisa, e depois vão em torno com as calças remendadas!”

É inútil dizer que estes deboches não faziam minimamente a diferença aos jovens irmãos Tirloni, os quais não se importavam minimamente com isto, e em vez disso, faziam de si mesmos auto ironias. A tia Íride tem ulterior confirmação desse fato, e gosta de continuar o relato dizendo que os seus irmãos não só não faziam caso da figura de esfarrapados, mas ao contrário, toda vez que passavam na vila eram objeto de olhares de apreço por parte de muitas garotas, porque eram evidentemente belos jovens, e entre todos, sobretudo o irmão Alessandro era aquele que mais fazia sucesso entre as jovens coetâneas de Romanengo.

Na metade de 1939 chegou uma outra triste notícia do Brasil: a morte de Rosa, a irmã de Emanuele, que vivia em Nova Trento, e que sempre havia conservado a troca de correspondência que chegava do Brasil aos parentes da Itália.



Única fotografia de Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli (foto dos anos 20 e 30)

Não sabemos qual teria sido a causa da morte de Rosa, mas podemos notar que ela morreu decididamente jovem (tinha apenas 55 anos) e também esta foi a marca característica comum a muitos dos irmãos Tirloni: morrer jovem.

Durante todos estes anos de permanência em Romanengo, Emanuele manteve sempre contatos com os familiares e os amigos de Covo. Ele muitas vezes de bicicleta cobria os 15 km que separavam as duas vilas, fosse para encontrar e visitar os vários parentes, ou para fazer a visita ao cemitério, no qual jaziam os seus genitores, os seus sogros e tantos conhecidos. A tia Íride recorda que era sempre o seu pai Emanuele que tomava os cuidados para manter sempre bem cuidada e em ordem a tumba da família. A tia Íride conta que muitas vezes sucedia que Emanuele se dirigia ao cemitério e recebia as saudações do administrador do cemitério, que a ele se dirigia dizendo: "Escuta Emanuele, repara que se tinha rompido um pedaço da tumba do teu pai e de tua mãe, e eu fiz os reparos como melhor pude". Súbito Emanuele agradecia pela ajuda, mas sobretudo lhe dizia: "Por favor, diga-me quanto dinheiro devo ter dar", e depressa colocava a mão na carteira para reembolsá-lo prontamente das despesas que o administrador tinha feito.

Obviamente a afirmação de Emanuele não era tanto para ressarcir o administrador do cemitério das despesas por ele feitas, pelo pouco cimento, por alguns pedaços de lápide e poucos minutos de trabalho, que certamente não tinham custos altos. A verdadeira vontade de Emanuele era mesmo de demonstrar uma forma de agradecimento nos relacionamentos do amigo que se tinha preocupado de controlar e manter em ordem a tumba dos seus genitores.

Enquanto Emanuele, nestes tempos, andava tranquilamente de um lugar para outro entre Romanengo e Covo, de bicicleta, percorrendo em um único dia cerca de 30 km, provavelmente a mulher Rosa não podia permitir-se semelhante esforço, porque a sua saúde não lhe teria mais permitido. Recordo que durante a minha adolescência tinha visto em casa dos meus avós uma fotografia que fora feita de Rosa mesmo no ano de 1939, mas que, no entanto, com a morte dos meus avós, não mais

encontrei. Recordo muito bem que naquele momento eu não era absolutamente capaz de reconhecer naquela a mulher retratada, a minha bisavó.

Recordo bem o meu atônito estupor, misto sobretudo de incredulidade, que tinha experimentado quando a minha avó Cesariana, respondendo à minha pergunta de esclarecimento, me tinha dito que a mulher retratada era mesmo a bisavó Rosa. Havia sempre ouvido contar a história da bisavó, de todos os seus problemas de saúde e do seu prematuro e imprevisto desaparecimento, mas nunca teria imaginado que lhe fosse destinado um desaparecimento assim tão rápido. O rosto da bisavó Rosa, para mim, era sempre associado àquele da jovem moça retratada antes do matrimônio. (Imagem que mostrava a sua beleza, em um grande retrato afixado no velho quarto dos avós, no qual eu dormia toda vez que eu ficava na casa deles a passar uma noite). Portanto, eu a associava à decorosa mãe de família de trinta anos, mas esta nova fotografia que propunha ao observador o último aparecimento de Rosa, manifestava aos meus olhos a imagem de uma mulher envelhecida de uma maneira verdadeiramente impressionante.

Rosa havia sido fotografada ao ar livre, sentada no pátio. Estava vestida pesadamente, portanto pode-se crer que a fotografia havia sido feita ou ao início da primavera ou, ao contrário, no outono, isto é, nos curtíssimos meses que lhe sobraram de vida. Os seus cabelos eram ainda totalmente escuros, e não davam qualquer sinal de branqueamento, mas o seu rosto, o seu vulto, era uma máscara de sofrimentos. A pele já muito caída, era escura e dura, quase como se fosse queimada pelo sol; as linhas eram fortes, marcadas, mas a face apresentava pesadas rugas, como a indicar um imprevisto emagrecimento. Os olhos ainda mais escavados, debaixo de suas pesadas sobrancelhas, eram reduzidos a dois pequenos pontinhos que olhavam com uma impotente resignação, quase pavorosa, como dizer a todos: "olhai a que fui reduzida".

Parecia uma velha de 80 anos! E o fato de que tinha os cabelos ainda totalmente escuros tornava ainda mais evidente o contraste entre a sua imagem e a sua real idade. Fiz notar essas coisas à minha avó, e também ela, que inicialmente para defendê-la tinha tentado dizer: "Naquele tempo as mulheres envelheciam muito depressa", precisou se render à evidência e comentou: "*pobrezinha dela, quem sabe quando terá sofrido*".

Infelizmente esta fotografia, como dizia, não foi mais encontrada, portanto agora podemos só fazer uma hipótese de como devia parecer Rosa nestes últimos meses de 1939, com seu vestido ainda de aparência dos anos 1.800, com a saia comprida até ao chão, que não deixava perceber nem sequer os sapatos, enquanto, sem saber, se preparava para viver os seus últimos meses de vida.

Neste mesmo período, o jornal que sempre entrava em família, que era lido por todos, trazia ao conhecimento terríveis coisas que aconteciam no norte da Europa. O ditador alemão, Adolfo Hitler, no início de setembro, tinha ordenado a invasão da Polónia, tinha obtido uma vitória instantânea e muito fácil, e em seguida estava se lançando para a conquista da Áustria. Ninguém, em nenhuma parte do mundo poderia, por certo, imaginar quais traumáticas consequências haveria trazido aquele ges-

to. Ninguém poderia imaginar que, dali a pouco, todo o mundo estaria sendo atingido pelo evento bélico mais sangüinário e horrendo jamais vistos, uma guerra que fazia materializarem-se as piores consequências para as quais pode conduzir a barbárie humana e, sobretudo, o ódio racial: a segunda guerra mundial.

Seguramente também em Romanengo se teria falado desses fatos que aconteciam na longínqua Alemanha, sem porém imaginar - ao menos neste período inicial - que estes acontecimentos poderiam bem depressa atingir também a Itália. Todos, porém, estavam cientes de que o eixo Roma - Berlim (assim vinha denominada a aliança entre italianos e alemães) teria podido trazer muitos problemas também aos nossos compatriotas.

Os temores de uma guerra que atingiria depressa também a Itália estavam provavelmente presentes em todas as pessoas medianamente informadas, mas talvez se esperava que o ditador alemão se contentasse em anexar esses dois países ao terceiro Reich, e parasse uma vez completada esta deliberada ação, evitando que também o povo italiano devesse tomar de novo as armas.

Foi talvez com esse espírito que Rosa se apressava a confiar a Deus suas preces de mãe dos filhos retidos às armas, neste Natal que estava às portas.

Segundo a história contada pela tia Íride, um ou dois dias antes do Natal, essa tia e a sua mãe Rosa foram ao padeiro da vila fazer compras, e este, num gesto de cortesia para com gente que evidentemente devia merecê-lo, presenteia-as com um pequenino panetone. Era a primeira vez que na casa Tirloni entrava um semelhante doce. Mas Rosa imediatamente compreendeu que o panetone era muito pequeno para sete pessoas, e portanto cada um poderia comer só um pequenino bocado que não seria suficiente nem sequer para perceber o seu sabor.

Rosa, depois de haver pensado um momento, decidiu fazer talvez o único gesto de "sadio egoísmo" de toda a sua vida, e disse para a filha: "Escuta Íride, este pequeno panetone não é suficiente para dividir entre todos nós, em casa; não digamos nada a ninguém, e o comeremos só nós duas".

Íride, que naquela época tinha 12 anos, se deixou facilmente convencer pela mãe Rosa. Com efeito o raciocínio de Rosa não era errado, enquanto seria um absurdo dividir o panetone em sete, pois assim não ficaria quase nada para ninguém. Era melhor comê-lo em duas e chegar a saborear como se deve. Certamente seria mais errado arriscar-se a fazer-se ressentir alguém, por não receber um pedaço.

Com toda honestidade admito, porém, que eu me teria admirado se tivesse acontecido o contrário. Creio mesmo que se Rosa tivesse comunicado em casa o presente recebido, e feito suas considerações com o marido Emanuele, este teria seguramente consentido de deixá-lo só para a mulher e para a filha. Penso que seguramente também os filhos maiores teriam seguido a mesma linha do pai. Mas estou de outra forma seguro que, a esse ponto, Rosa não teria se sentido bem de aproveitar assim publicamente da bondade dos filhos e do marido, e teria sentido desconforto de comer a sua parte. No fim das contas, foi melhor assim, pois como diz o provérbio: "O que o olho não vê, o coração não sofre". Exatamente como tantos anos antes, quando tinha procurado enganar a vigilância do tremendo sogro, roubando e escondendo.

dendo os pêssegos da árvore com a cumplicidade da cunha Luzia, agora era ela a arquitetar tudo com a cumplicidade da jovem filha. E eu, com toda honestidade, absolvo plenamente a bisavó Rosa! Pobre mulher, depois de ter passado toda uma vida a fazer sacrifícios e trabalhos, com todos os seus problemas de saúde, fez bem a conceder-se uma “doce regalia”.

Assim aconteceu: no dia depois do Natal, dia **26 de dezembro de 1939**, aproveitando o fato de que os homens estavam ocupados nos campos, Rosa e a filha Íride, na tarde daquele dia, pegaram o pequeno panetone que tinham escondido, sentaram-se à mesa da cozinha, e ao calor do fogão o comeram tranquilamente.

É inútil dizer que o degustaram com agrado, porém a tia Íride conta que a mãe Rosa se sentia um pouco culpada por não ter compartilhado com o marido e com os filhos, culpando-se de “pecado” cometido, dizendo: “*Que pena que não havia bastante para fazê-lo experimentar a todos, tão bom que ele era!*”

Naquela mesma tarde, logo depois da ceia, meu avô Peppo se preparou, cumprimentou a todos e saiu de casa. Tomou a bicicleta e apesar do pungente frio invernal se dirigiu para Covo para encontrar a sua namorada Cesarina, como fazia habitualmente já há dois anos. Em casa, na hora em que estavam acostumados a apagar as luzes e retirar-se para dormir, a família se retirou aos leitos. Talvez teriam sido feitas as orações, teriam organizado as coisas para o dia seguinte, depois a luz foi apagada, e depressa no quarto começou a reinar o silêncio restaurador do sono. Mas alguma coisa não estava andando pelo caminho certo, porque o destino, mesmo naquela noite, decidiu se manifestar!

Pouco depois de 23 horas, poucos minutos antes que o filho Peppo voltasse para casa, Rosa se acordou porque iniciava a experimentar fortes dores. Provavelmente no início pensou que seria um daqueles costumeiros ataques que às vezes lhe aconteciam, aos quais estava habituada. Mas em poucos minutos percebeu que a situação era bem pior, porque a dor era lancinante, e todo o seu corpo estava sendo afetado. Parecia que nada funcionava como deveria: o estômago se revoltava, a cabeça lhe doía muitíssimo, a respiração se tornava cada vez mais rápida e pesada, e fazia fadiga para fazer fortes espiorações.

Mesmo não sendo uma médica, Rosa de imediato percebeu que provavelmente tinha sido acometida por um fortíssimo infarto, e com um último fio de voz que lhe restava, desesperadamente gritou duas vezes ao marido: “*Chama os nossos filhos porque eu estou morrendo!*”!!

Podemos imaginar o espanto que se apoderou de Emanuele naquele momento! Não era a primeira vez que via a mulher doente e a sofrer de crises cardíacas, mas seguramente não a tinha nunca visto assim antes, e não a tinha ouvido dizer uma coisa semelhante! A crença popular sustenta que todos se dão conta quando são chegados ao final dos seus dias. Portanto, de imediato Emanuele compreendeu que estes eram os últimos instantes de vida de sua Rosa. Impotente e atônito diante de tudo aquilo que estava acontecendo de maneira assim improvisa, correu de imediato a acordar os filhos, gritando a eles de virem de imediato para o quarto de sua mãe, para dar-lhe a última saudação pois ela estava morrendo.

Não sabemos precisamente o que aconteceu naquele momento e que coisa passou na mente de todos. A única coisa que sabemos é que, tentando uma última desesperada ação, o filho mais velho, Ângelo, talvez pela sugestão de alguém, talvez mesmo pela indicação do pai Emanuele, ou talvez mesmo por sua espontânea iniciativa, correu imediatamente para fora do quarto e se precipitou para cozinha para acender o fogo e esquentar água, de modo a fazer com que a mãe bebesse alguma coisa de quente, talvez um café.

Esta era a cena que se apresentava ao meu avô Peppo, que neste meio tempo havia retornado. Apenas tendo entrado na fazenda, viu o seu irmão Ângelo em pijama correndo precipitado pelas escadas abaixo, entrando na cozinha, dizendo que a mãe estava muito mal. Também Pepino teve a intuição imediata de que desta vez era pior do que de costume. Não sabemos se Ângelo teve tempo de preparar alguma coisa para dar de beber à mãe Rosa já agonizante. Tudo aconteceu com uma rapidez tremenda, e agora já era tarde demais para fazer alguma coisa. Antes que a torre da igreja tocasse 23:30, cercada pelo marido e por todos os filhos, Rosa entregou a alma a Deus. Tinha 46 anos, dos quais 27 passados ao lado do seu Emanuele, em uma união feliz.

A recordação desses fatos permaneceu-me viva na memória porque durante a minha infância e adolescência, todos os anos, no dia depois do Natal, eu partia para a montanha com os avós, e a noite de 26 de dezembro, às 23:30, eu que dormia sempre no quarto com os avós, ouvia o avô Peppo que, apenas escutava a torre, dizia: “A esta hora, há tantos anos, morria minha mãe”. Dizia-o em italiano, não em dialeto. Compreendia-se que lhe vinha naturalmente a recordação daquele momento tão empático, tão tumultuoso, e a velocidade com que a vida de toda a família tinha mudado, e tinha permanecido impresso por toda a vida. Depois de pronunciar estas palavras, fazia o sinal da cruz e começava a rezar.

Nunca pedi ao avô Peppo de me contar detalhadamente o acontecimento da morte de sua mãe, porque temia que para ele seria um sofrimento contá-lo para mim. Sempre me limitei a escutar essas poucas palavras, e em algumas ocasiões um breve aceno ao fato de que a morte tinha acontecido em um brevíssimo tempo. Só na distância dos anos, talvez na mesma ocasião, eu pedi à avó Cesarina se ela sabia como tinham acontecido os fatos, e ela me contou tudo detalhadamente. Recordo que enquanto contava, ela se comovia.

Ela não tinha nunca conhecido a sua futura sogra, se não talvez em esporádicas ocasiões nas quais se limitava a lhe dirigir a saudação, mas sustentava que elas andavam sempre muito de acordo.

Ao surgir o sol da manhã, a família certamente estava ainda sob o choque. Dada a rapidez com a qual tudo havia acontecido, pode ser que Rosa não tenha nem sequer tido o tempo de receber os confortos religiosos. No entanto, agora, mesmo sem nenhuma vontade para fazê-lo, era preciso organizar tudo: comunicar o falecimento, avisar os parentes e organizar o funeral. É naquele momento que em casa se decidem de comunicar o falecimento como tendo acontecido na madrugada 27 de

dezembro, de tal modo a atrasar por um dia o funeral, e para manter o corpo da mãe Rosa em casa por um dia a mais, para permitir a mais pessoas de fazerem a visita, e também para poderem ter a querida mãe um pouco de tempo a mais, junto a eles. Mesmo por este motivo, para que não fosse definitivamente depositado o seu corpo, sobre a lápide de Rosa estava escrito como dia da morte: 27 de dezembro de 1939.

A notícia da morte de Rosa chegou de imediato a Covo, onde viviam a maior parte dos irmãos de Emanuele e de Rosa, e logo a notícia chegou também à avó Cesarina. Era uma manhã gelada, recordava a avó Cesarina. O tio Giacomo Costa (marido de Vittoria, e portanto cunhado de Emanuele e Rosa) se apresentou diante da casa Bosetti para pegar a jovem Cesarina, e juntos os dois partiram de bicicleta na direção de Romanengo, porque a avó Cesarina não sabia aonde ficava Romanengo, nem a fazenda na qual habitava o seu namorado com a família.

A avó recorda que aquele dia era agitadíssimo. Chegou em Romanengo com o rosto vermelho e cortado pelo frio. Inevitavelmente chamou a atenção de todos que iniciaram a tomar conta dela, fazendo-a sentar-se perto da estufa e dando-lhe bebidas quentes. Era uma moça de 19 anos, e era a primeira vez que entrava na casa Tirloni, ainda mais em um momento delicadíssimo como aquele.



Cesarina Bosetti e Giacomo Costa ( foto de 1939 e dos anos 60

Nesta história se vê uma trágica semelhança que ligava Rosa e Cesarina: a ambas coube a dura sorte de fazer o seu primeiro ingresso na casa Tirloni na triste ocasião da morte da mãe do seu namorado.

O funeral de Rosa aconteceu mesmo nos últimos dias do ano. Rosa foi sepultada no cemitério de Romanengo, e os seus restos mortais ficaram nesta tumba até o início dos anos 50, quando foram trasladados para a grande tumba de família que havia sido apenas construída no cemitério de Soresina, cidade para onde mais tarde se transferiram seus filhos.

A tumba de Rosa seria muitas vezes visitada pelo seu marido Emanuele e por seus filhos e, como prova da grande devoção que toda a família teria para com aque-

le lugar, foi feita uma fotografia que, aliás, foi expedida também para os parentes do Brasil, pela qual se pode ver que para Rosa foi escolhida uma bela sepultura, debaixo do pórtico, portanto a salvo da chuva que a pudesse deteriorar. A fotografia que foi escolhida era mesmo aquela batida na metade dos anos 20, e que mostrava a mulher de 30 anos, retratada em um momento no qual a sua saúde era boa, e a sua imagem aparecia aquela de uma digna mãe de família.



Sepultura de Rosa Morosini no cemitério de a Romanengo (fotografia dos anos 40)

### *9.7 Os anos de viuvez e a transferência para fazenda Peschiere de Soresina*

No dia sucessivo ao funeral de Rosa, por toda parte o povo se preparava para festejar o novo decênio que estava para se iniciar: os anos 40. Um decênio que ficaria tristemente famoso em todo o mundo, e viria a ser recordado para sempre por todos, por que seria para sempre associado à tragédia maior que até agora a humanidade inteira havia vivido, isto é, a segunda guerra mundial.

Como já foi dito, ao menos nestes dias de fim de ano, os italianos esperavam talvez que uma semelhante tragédia não se verificasse a tão pouca distância do conflito bélico anterior. A grande primeira guerra havia terminado apenas a 22 anos, e todos tinham ainda em mente os exageros, os sofrimentos, a grande perda de vidas

humanas a que tinha levado aquela horrenda carnificina consumada sobre as montanhas da cadeia alpina, e provavelmente todos imaginavam que nenhum ser humano seria tão louco de embarcar novamente em um abominável ato do gênero, que, por outro lado, impunha também enormes esforços econômicos aos quais provavelmente nenhum estado europeu seria ainda capaz de fazer frente.

Provavelmente também firmados nestas ideias, todos os italianos se apressavam a festejar a chegada deste novo decênio, inclusive a família Tirloni. Em Romanengo, na fazenda Tesouro, porém, havia bem pouco para festejar.

Em casa, a família iniciava talvez somente agora a se dar conta do que tinha acontecido. Tudo tinha acontecido tão velozmente que nenhum familiar provavelmente estava plenamente nas possibilidades de assimilar o triste acontecimento. Nos dias imediatamente precedentes ao funeral, tinha-se visto a presença, na casa, de muitíssimas pessoas vindas a fazer a visita a esta mulher morta ainda em jovem idade. O corpo da mãe estava exposto em casa, e portanto, embora fria e imóvel dentro de um caixão, se podia vê-la, a sua presença era ainda bem palpável. Mas as coisas mudam mesmo apenas depois das exéquias: os parentes e os amigos se vão, voltam para suas casas, para sua vida. A mãe já não é vista andar pela casa, por toda parte se veem os seus objetos, as suas vestes, as coisas de uso cotidiano, a cadeira na qual estava acostumada a assentar-se, mas ela não estava mais! Não se ouvia mais a sua voz, não era mais vista na cozinha quando se voltava dos campos, não se viam mais os seus gestos cotidianos. Coisas que talvez antes eram de pouca importância, às quais, até há pouco tempo antes não se dava algum peso, agora criavam um vazio cada vez mais impenhável. A falta da mãe começou a fazer-se sentir, e muito!

Era preciso reorganizar toda a vida de um modo diferente. Era exatamente como quando se tinham transferido para a fazenda Tesouro, e os pais tinham ficado em Covo. Agora todos os jovens irmãos Tirloni deviam repartir as tarefas e assumir de serem independentes, mas enquanto antes esta era uma condição momentânea, e portanto podiam se adaptar também às condições mais incômodas porque seria durante pouco tempo, agora, em vez, seria para sempre, e portanto as coisas que todos sabiam fazer era se organizar, se impondo regras bem precisas e tentar mantê-las sem desvios. Mas não era fácil!

Provavelmente a pessoa a quem mais seria difícil, neste primeiro momento, era o próprio Emanuele! Ele tinha apenas 49 anos, jamais esteve habituado a viver sem a sua Rosa. Estavam casados há 27 anos, e para mantê-los um pouco separados um do outro tinha sido preciso uma guerra. Mas também para todos os seus filhos não devia ter sido nada fácil. Emanuele sabia muito bem o que estavam provando seus filhos, porque quando tinha perdido sua mãe, ele tinha 21 anos, e sua irmãzinha Antônia, a menor da família, tinha apenas doze anos.

Os filhos de Emanuele e Rosa tinham respectivamente: Ângelo 26 anos, Giuseppe 23 anos, Alessandro 17 anos, Dante 15 anos, Íride 12 anos; mesmo como a sua tia Antônia. Os primeiros dois eram afortunadamente já grandes. Sandro e Dante eram jovens, contudo naquela época a sua idade já era considerada suficientemente

grande para poderem enfrentar a vida. Íride, em vez, ainda tão jovem, deveria abraçar o peso de toda a gestão familiar.

Era uma pequena dona que devia cuidar de um exército de cinco homens que deviam trabalhar duro, mas enquanto a ela, como talvez aos dois filhos homens menores, seria permitido deixarem-se tomar pelo desconforto, e desabar em um pranto libertador em momento de crise. Mas a Emanuele isso não era permitido. A sua oposição incluía o dever de dar o bom exemplo a todo custo. Ele não podia por certo deixar-se tomar pela raiva, pelo desprazer, ou pelo desconforto, porque a ele cabia fazer o papel de timoneiro e dirigir sem vacilações os seus filhos indicando-lhes a vida a seguir, e sobretudo, como foi dito, dando um bom exemplo.

De novo este homem que se tinha voluntariamente colocado à parte para deixar que os filhos dirigissem a fazenda, era novamente chamado à ação, e lhe vinha sendo pedido de retomar o controle da família (ao menos do ponto de vista doméstico e moral) e ele não poderia e nem queria retirar-se para trás. Também nesta ocasião se poderia ver que o bom Emanuele, embora dilacerado por uma dor imensa não escapava aos seus deveres de pai de família e encontrava a coragem e a força para preencher também a este ingrato dever que o destino lhe tinha reservado.

A avó Cesarina recordava muito bem como tinha encontrado o futuro sogro Emanuele quando tinha vindo a Romanengo de bicicleta, na manhã seguinte da morte de Rosa. Parecia um homem totalmente destruído, mas que não obstante chegava a manter uma imagem composta a transmitir uma forte dignidade! Tinha uma família para cuidar, e sobretudo uma filha ainda muito jovem e inevitavelmente assustada e chocada pelo que aconteceu, portanto tentava de todos os modos de dar-lhe segurança ostentando uma triste mas muito composta dor.

Emanuele, naquela ocasião, não reservava particular atenção à jovem Cesarina, limitava-se a saudá-la educadamente com um aceno de cabeça e um triste sorriso, mas sem pronunciar nenhuma palavra. Obviamente, dada a situação na qual se encontrava, ninguém o culpava por esse modo de agir. A própria avó Cesarina o absolvía plenamente, e de fato dizia: “Pobrezinho, com tudo aquilo que lhe passava pela cabeça, não tinha mesmo como estar ali a usar de maneiras gentis e cerimoniais comigo!”

Baseados sobre todas estas considerações, se pode estabelecer uma hipótese para atribuir uma data a uma fotografia de Emanuele encontrada em Soresina. Não temos provas irrefutáveis de quando tenha sido feita, mas muitos são os indícios que nos levam à conclusão de que tenha sido a primeira foto de Emanuele como viúvo, e tenha sido feita mesmo pouco tempo depois da morte de Rosa, isto é, nos primeiros meses de 1940.



Emanuele Tirloni como devia a parecer nos primeiros meses de viuvez (fotografia dos anos 40)

Esta foto de Emanuele foi tirada em um estúdio fotográfico, e não é portanto uma foto que foi feita privadamente. Provavelmente foi feita porque dela precisava para os documentos. Talvez documentos de identidade que sendo renovados a cada cinco anos, a foto poderia ter sido feita mesmo no início de 1940.

Emanuele aparece pela primeira vez sem o seu costumeiro sorriso pacato ao qual nos estávamos habituados a ver em todas as suas fotografias precedentes, mas ao contrário, a sua expressão é de tristeza. Embora a foto seja de pouca qualidade, podemos estar certos de que a veste de Emanuele não foi a retocada, tanto é verdade que se nota alguma coisa saindo do bolsinha do paletó, provavelmente os óculos, e portanto podemos notar que também nesta ocasião Emanuele era um belo senhor, vestido elegantemente.

Agora, os longos bigodes que ostentava com orgulho nas fotografias juvenis deixaram lugar a um corte curto, que já era de moda por toda parte no mundo, e os seus cabelos aparecem muito mais esbranquiçados do que aqueles das fotos prece-

dentos, mas ainda agora sobressai um certo percentual de cabelos escuros. Aparece muito emagrecido, mas a sua pele aparece ainda fresca e juvenil. Todas essas considerações, bem como a comparação com todas as suas fotos sucessivas chegadas até nós nos deixam supor que tenha sido retratado em torno dos 50 anos de idade.

Um particular que me chamou atenção foi o vistoso sinal de luto que trazia sobre a lapela esquerda do paletó! Naquele tempo era costume, em ocasião de um grave luto, portar um sinal que indicasse a quem quer que seja, a particular condição emotiva que se estava atravessando, mesmo para fazer de modo que todo aquele que, aproximando-se, evitasse particulares atos, conversas ou qualquer propensão de ânimo particularmente jocoso que pudesse trazer distúrbio ou fastio à pessoa que tinha ainda o ânimo turbado por uma grande desgraça.

Nada, porém, nos garante com certeza que aquele sinal estava sendo levado propriamente por aquela ocasião da morte da esposa. Bem poderia ter morrido alguma outra pessoa. Mas que sentido faria para Emanuele portar luto e até mesmo fazer-se fotografar em uma foto formal com aquele sinal, se não em ocasião da perda da sua mulher? Obviamente a minha é só uma suposição, mas creio ter uma boa probabilidade de ter dito a verdade.

No dia 10 de junho de 1940, seis meses depois da morte de Rosa, na tarde, depois do horário do trabalho, toda a Itália parava a fim de escutar uma proclamação do Duce, que parecia ser muito importante. A propaganda tinha trabalhado bem, também nesta ocasião, e eis que cada italiano do império fazia um empenho de encontrar-se próximo a um rádio, ou talvez nas praças de cada vila, na qual a tempo tinham sido montados amplificadores para fazer de modo que toda vez que Benito Mussolini falasse à nação, todos pudessem escutar em massa. (Ideia querida para criar quanto mais possível um espírito de unidade e agregação entre os vários “camaradas”, como eram chamados, naquele tempo, os italianos com espírito fascista

Não sabemos se na casa Tirloni existia um rádio, portanto é mais provável acreditar que Emanuele e todos os seus filhos tenham acorrido à praça de Romanengo para ouvir o discurso que, por muito tempo, assinalaria de maneira muito dura a sorte de todos os nossos familiares.

O ditador italiano, no seu discurso pronunciado de memória (coisa que hoje parece incrivelmente digno de louvor, mas naquele tempo era praxe) como sempre, não usou meias medidas, e as suas palavras pronunciadas com as suas características pausas, a sua típica entoação, e a sua mímica corpórea estudada até nos detalhes, foram de fogo!

Afortunadamente conservo em casa uma velha estampa da página do Corriere della Sera, dos dias sucessivos que recorda fielmente quanto aconteceu naquela infesta data, e minha intenção é de reproduzir assim como aparecia no jornal, mas obviamente abreviado. É de verdade interessante este documento que bem ajuda a enquadrar como foi submetida a imprensa do regime, mas sobretudo como foi eficiente a contínua lavagem cerebral realizada pela propaganda para sujeitar as mentes da grande maioria dos italianos.

No dia 10 de junho de 1940, o ministro do exterior Conde Galeazzo Ciano, recebeu no palácio Chigi, às 16 horas e 30 minutos, o embaixador da França, ao qual entregava o seguinte comunicado: "Sua Majestade e Rei imperador declara que a Itália se considera em estado de guerra com a França e a Grã-Bretanha a partir de amanhã, 11 de junho". Às 16: 45 convocou o embaixador da Grã-Bretanha, ao qual deu uma idêntica comunicação.

A Itália entrou na guerra e contemporaneamente a rádio iniciou a dar o anúncio: "Atenção, às 18 horas falará o Duce!" Já se imaginava o conteúdo do discurso, e toda a Itália se encheu de três cores. Nas praças eram colocados alto-falantes para permitir a todos escutar a voz do fundador do império. Uma multidão imensa se reuniu na praça Veneza, lugar onde se encontrava o palácio Veneza, sede geral do partido fascista.

A expectativa era entusiasmante. Milhares eram as bandeirinhas que acenam para o Duce, e milhares eram os cantos que se entoavam na área, em expectativa. Toda a nação olhava o relógio, quando num instante a janela do balcão central se abriu e apareceu o Duce. Um grito apaixonado se elevou da multidão reunida. Capoferri, alto hierarca fascista, lançou a "saudações ao Duce" e o povo gritou: "A nós!"

Naquele momento, não só à praça Veneza, mas todo o império (tendo presente que também na África e na Albânia tinham sido instalados alto-falantes) todos se prepararam para escutar as palavras do chefe.

Eis o texto do discurso pronunciado pelo Duce.

*“Combatentes de terra, de mar, do ar; camisas pretas da revolução e das legiões; homens e mulheres da Itália, do império e do reino da Albânia, escutai! Uma hora assinalada pelo destino bate no céu de nossa pátria, (do meio da multidão se levantou um imenso grito) a hora das decisões irrevogáveis. (As aclamações se tornaram gigantescas) A declaração de guerra já foi comunicada aos embaixadores, (aclamações intermináveis. A invocação da multidão era grandiosa e ardentíssima: Duce! Duce) aos embaixadores da Grã-Bretanha e da França.*

*Desçamos ao campo contra as democracias plutocráticas e reacionárias do ocidente que, em todos os tempos, tem criado obstáculos à marcha, e muitas vezes insidiado a existência mesma do povo italiano. (Aclamações ao fundador do império) Alguns lustres da história mais recente podem ser resumidos nesta frases: promessas, ameaças e recados, e ao fim, qual o coroamento do edifício, o ignóbil assédio societário de 52 estados. (aclamações)*

*A nossa consciência está absolutamente tranquila. (sim! Sim! Grita a multidão) Convosco, o mundo inteiro é testemunha de que a Itália fez quanto era humanamente possível para evitar a tormenta que envolve a Europa, mas tudo foi em vão. (Aclamações: Duce! Duce!) Bastava não rejeitar a proposta que o Furer fez no dia 6 de outubro do ano passado, depois de terminada a campanha na Polônia. (aclamação) Agora tudo isto pertence ao passado.*

*Se nós hoje estamos decididos a afrontar os riscos e os sacrifícios de uma guerra, é porque a honra, os interesses e o futuro ferrenhamente o impõe, porque um grande povo é verdadeiramente tal, se considera sacros os seus empenhos e se não foge das provas supremas que determinam o curso da história. (Aclamações)*

*Nós empunhamos as armas para resolver, depois do problema resolvido de nossas fronteiras continentais, o problema de nossas fronteiras marítimas. (aplausos)*

insistentes) *Nós queremos despedaçar as cadeias de ordem territorial e militar que nos sufocam no nosso mar, porque um povo de 45 milhões de almas não é verdadeiramente livre, se não tem liberdade de acesso ao oceano.* (Duce!. Duce! grita a multidão em um coro formidável que parece não deva mais ter fim)

*Esta luta gigantesca não é senão uma fase, e o desenvolvimento lógico de nossa revolução é a luta dos povos pobres e numerosos de braços, contra os esfo-meados que detêm ferozmente o monopólio de todas as riquezas e de todo o ouro da terra.* (a multidão frenética eleva ainda mais o seu grito que ressoa de lá para a praça com a potência do som) *É a luta dos povos fecundos e jovens contra os povos estéreis e voltados para o ocidente, é a luta entre dois séculos e duas ideias.*

*Italianos!*

*Em uma memorável intervenção em Berlim, eu disse que, segundo as leis da moral fascista, quando se tem um amigo, se caminha com ele até o fim.* (Do peito da multidão se levanta poderoso o grito de Duce! Duce!, acompanhado do grito de Hitler! Hitler!) *Isto fizemos e faremos com a Alemanha, com seu povo, com suas vitoriosas forças armadas.* (O aplauso poderoso ainda se eleva em uníssono da multidão) *Nesta vigília de um acontecimento de importância secular, volvemos o nosso pensamento à Majestade do Rei e Imperador* (a multidão prorrompe em grandes aclamação para o endereço da Casa Savoia, e os gritos de viva o rei se sucedem com crescente ardor) *que, e como sempre, tem interpretado a alma da pátria, e saudamos a voz do Furer, cabeça da Grande Alemanha aliada.* (Agora o grito da multidão se eleva longamente: Hitler Hitler!) *A Itália proletária e fascista está pela terceira vez em pé, forte, férrea e compacta como nunca antes.* (Agora a multidão não sabe conter o seu entusiasmo e explode em fragorosa ovação, sobre as quais sobressai o grito: sim!)

*A palavra de ordem é uma só, categórica e empenhativa para todos. Essa já voa e acendeu os corações desde os Alpes ao oceano indico: VENCER!!!* (do peito da multidão se eleva em um crescendo uma irrefreável ovação, de súbito coberta pelos gritos de: Duce! Duce!)

*E venceremos!* (Com voz unânime o povo grita: sim!) Para dar finalmente um longo período de paz e de justiça à Itália, à Europa, ao mundo. (Aclamações e grito: Duce. Duce! fundem se e ainda mais acendem o já envolvente entusiasmo da multidão)

*Povo italiano, corre às armas e demonstra a tua tenácia, a tua coragem, o teu valor!*

(As últimas palavras do Duce pronunciadas com voz masculina e ostensiva, são coroadas de um mar impetuosa, ardente de demonstração da parte da multidão que aclama prolongadamente o fundador do império.)



O discurso do Duce trazido pelo Corriere della Sera e algumas imagens do evento.

Emanuele não era, por certo, um fervente e apaixonado fascista, e como ele não o eram nem sequer os seus filhos. Portanto, é preciso imaginar que as vozes dos Tirloni não estavam por certo misturadas aos gritos de júbilo dos vários fascistas de Romanengo que se encontravam vizinhos a eles, ou aos gritos de todo o povo italiano que chegavam via rádio da praça Venezia, em Roma (lugar no qual havia a sede e o palácio do fascismo)

Pode-se crer que sobretudo Emanuele, que tinha vivido pessoalmente o horror da guerra, teria tido medo pelo seus filhos que seriam seguramente chamados para a frente de guerra, mas afortunadamente ao menos para o primeiro ano de guerra nenhum dos Tirloni foi chamado, e dessa forma a família pôde continuar a trabalhar toda unida.

Emanuele já era velho demais, portanto não havia riscos de ser chamado ao frente de guerra, mais por outro lado era ainda um homem em plena força e hábil para o trabalho da terra, e portanto, seguramente, não se punha à parte toda vez que precisava arregaçar as mangas.

Não sabemos precisamente se tinha uma incumbência fixa e estabelecida, ou se ao menos por quanto se refira ao trabalho específico de todos os dias, fosse ainda

ele o regente, ou talvez também nisto se tenha mantido à parte. Mas certamente continuava a empenhar-se toda vez que houvesse necessidade, ou guiando os filhos com a sua experiência, ou talvez seguindo as indicações que esses últimos lhe davam.

Os ajudava como podia, mas os deixava sempre mais livres para tomar as suas escolhas, sem absolutamente intrometer-se para condicionar. Antes, em alguns casos, usa a sua astúcia para protegê-los, como por exemplo, em 1941, quando os seus filhos iniciaram seriamente a pensar em expandir-se ulteriormente, e puseram os olhos sobre uma grande fazenda situada nos confins da vila de Ticendo: a Motta!

Como já foi dito, neste período os afazeres da família Tirloni andavam de fato muito bem. Conta a tia Íride que tinham muitas vacas, e para cuidar delas tinham contratado dois tiradores de leite. Agora a estrebaria não era mais empregada como fonte de auto sustentação para a família, mas ao contrário, a maior fonte de riqueza vinha da venda do leite, e os campos, na verdade, serviam quase unicamente para sustentar as vacas da estrebaria. Era evidente que se quisessem aumentar os ganhos era preciso aumentar o número de vacas, e para aumentar número das vacas era preciso ter à disposição muito mais campos para o seu sustento, e obviamente a sobre produção do campo podia ser vendida para aumentar os ganhos.

É mesmo nesta ótica que deve ser lida a ideia que passava na mente dos jovens irmãos Tirloni no que se referia à Motta. Em casa se ouvia falar dessa fazenda, de fato muito grande, de cerca de 1.600 pértigas, de propriedade do senhor XXX, situada na vizinha vila de Ticengo, e os filhos de Emanuele iniciaram a se fazer mais do que um pensamento. Tratar-se-ia também, neste caso, de um contrato de aluguel, mas vista a grandeza da terra para cultivar, tratar-se-ia de um grande salto de qualidade há apenas quatro anos do precedente.

Neste caso intervêm também um dito popular que diz: “Se eu o digo, não acontecerá”. Já que a normal intenção era de não fazer as pessoas saberem das próprias intenções, assim todas as tratativas foram feitas em silêncio, mas a notícia extrapolou e chegou de imediato a Romanengo. A tia Íride conta de como seu pai Emanuele se divertia a dar mostras de não compreender, quando os seus amigos no bar lhe perguntavam a respeito da Motta. Voltava para casa ainda visivelmente divertido e dizia aos filhos: “*No bar os meus amigos me disseram: “Emanuele, eu ouvi que os teus filhos querem tomar em gestão a Motta”*”. E depois acrescentava: “*E eu lhes respondia: o que significa Motta? Que coisa é pois uma Motta?*”

Recordo bem a primeira vez que eu ouvi contar esta história pela tia Íride, eu me diverti bastante. Ainda agora a tia Íride chega a imitar muito bem a expressão de absurdo estupor que seu pai fingia, enquanto contava aos filhos a conversa ocorrida com os amigos no bar situado debaixo dos pórticos da praça de Romanengo. A tia contava que em casa tinham rido muitíssimo com esta história, e eu devo admitir que esta foi uma verdadeira surpresa, porque me fez chegar ao conhecimento de um aspecto do meu bisavô que eu nunca teria imaginado: a sua habilidade e astúcia! Todos os relatos escutados até este momento me haviam levado a conhecer uma pessoa boa, pacata, tranquila, e portanto, nunca teria imaginado que ele tivesse também um

brilhante pensamento tão sagaz, uma prontidão de reflexão acentuada e uma mímica assim hábil.

Emanuele resumia em si muitas ótimas características, mas quando lhe era conveniente, a inteligência o impulsionava a desfrutar também os seus dotes de es-  
perteza. Enfim, era também ele um "bom vendedor de si mesmo", nisto diferente de  
seu pai que usava a força. Ele deixava prevalecer o intelecto e a fineza, chegando  
próximo da definição de "genialidade" como firmeza, intuição, golpe de vista e rapi-  
dez de execução". Em suma, Emanuele era um bom homem, mas não era certamente  
um cordeirinho em meio aos lobo, e quando lhe era conveniente, sabia muito bem  
também defender-se.

À luz de tudo isso, se pode ainda melhor apreciar esse personagem, e relendo  
toda a sua vida se pode ver que todas as suas escolhas, também nos casos mais difí-  
ceis, (como, por exemplo, nos confrontos com seu pai e nos confrontos com os seus  
filhos) foram feitas ou por obediência ou por amor, mas nunca por covardia ou sim-  
plicidade!

Esta aquisição foi realizada de fato em 1941, mas os filhos de Emanuele desta  
vez tentaram, de fato, fazer um passo maior possível, porque foi tomada a decisão de  
não deixar a fazenda Tesouro, mas de gerir ambas as fazendas.

Não tenho ideia de como foi tomada esta decisão e com que lógica os compo-  
nentes da família decidiram subdividir-se, mas o resultado final foi que para a Motta  
transferiram-se os filhos Ângelo, Giuseppe e Dante (que era um rapaz de apenas 17  
anos), enquanto Emanuele permaneceu na fazenda Tesouro juntou com Sandro e Íri-  
de (que mesmo neste período iniciava frequentar um colégio em Lodi, e voltaria para  
casa só por ocasião da férias escolásticas). A esta altura, a família de Emanuele inici-  
ava a verdadeira separação, porque de agora em diante não aconteceria mais que os  
vários irmãos viessem a morar todos juntos, em um único núcleo familiar. Como re-  
corda bem a tia Íride, durante o primeiro ano na fazenda Motta os irmãos Tirloni de-  
cidiram semear abóboras, e a colheita foi muito superior às melhores expectativas, e  
isto infundiu ainda mais entusiasmo e esperanças em toda a família.

Como já foi dito, Emanuele foi bem introduzido e bem acolhido entre a gente  
de Romanengo. Eram muito apreciados sobretudo os seus dotes humanos e, portan-  
to, tinha muitos amigos, seja entre as pessoas de poucos bens, como também entrem  
aqueles da Romanengo rica. As pessoas tinham prazer de estar em sua companhia, e  
muitos procuravam manter contatos com ele para ouvir a sua opinião. Entre todos  
esses amigos, junto dos quais Emanuele gozava de confiança, pode-se recordar um  
muito particular, que muito bem ajuda a enquadrar aquilo que foi dito, ou seja, a fa-  
mília Bracco.

Era esta uma família originária de Neresine, uma pequena vila situada na bela  
ilha de Lussinpiccolo na Istria, onde tinham nascido, seja o velho chefe de família  
Eliodoro Bracco, (1884 - 1961 ) seja o jovem filho Fúlvio Bracco (1909-2007).

Eram ambos pessoas de sentimentos fortemente italianos e resistentes que os  
tinham levado ambos a submeter-se às antipatias do regime, com o cárcere para Elio

e a detenção em campo de concentração para Fúlvio, quando, antes da grande guerra, a Dalmácia estava sob o domínio austríaco. A família transferiu-se para Milão no ano de 1927, onde Elio fundou a sociedade farmacêutica que hoje leva o seu nome, e a dirigiu até o final do segundo conflito mundial, quando se retirou e cedeu a gestão ao filho Fúlvio.

Fúlvio tinha o estabelecimento de Lambrate, quartel general do grupo, e deixou a atividade no novo setor da diagnostica medica, personificando nos meios de contraste o setor privilegiado de produção, de pesquisa e desenvolvimento sobre o qual se debruçava. Fúlvio Bracco tornou-se um expoente de primeira grandeza da química farmacêutica italiana e figura de projeção no mundo industrial do nosso país. Foi, além de tudo, o vice-presidente da confederação da indústria, presidente da Assofarma (hoje Farmindustria) e Aschimici (hoje Federchimica). Foi nomeado cavalheiro do trabalho em 1963. Em 2001 recebeu do presidente Carlos Azelio Ciampi o colar de Decano da ordem do mérito do trabalho. Nos anos 80, Fúlvio decidiu retirar-se e cedeu o lugar à filha Diana Bracco, que é ainda hoje presidente e a administradora do legado desse colosso, e assumiu também o difícil empenho de presidente da Expo 2015.

Desde o início de sua aventura empreendedora, a família Bracco iniciou a investir os recursos pessoais retirados do grande colosso farmacêutico, na compra de terrenos, e a capacidade para os negócios os impulsionou até às nossas terras, e de fato compraram uma grandíssima fazenda agrícola situada nas campanhas a nordeste de Romanengo, no bizarro mas quanto mais evocativo nome de "Cà de Polli".

Sobretudo o gerente, homem de velho naipe, que não renegava uma fala dialetal (obviamente falava um dialeto vêneta, mas aprendeu bem depressa também as cadências lombardas) era o clássico empreendedor que preferia sempre controlar pessoalmente tudo quanto ocorresse, (exatamente como o nosso antepassado Alessandro) e portanto dirigia-se muitíssimas vezes à propriedade de Romanengo, e ali tomava todos os cuidados, por dias inteiros, de modo a poder ter uma visão de tudo aquilo que existia e que servia para verificar todas as contas.

Toda vez que ia a Romanengo, Elio Bracco permanecia sempre também na vila. Misturava-se com o povo e se oferecia para ajudá-lo como podia (em alguns casos, assumindo-os junto de sua empresa) e todos sabiam bem quem era aquele elegante senhor que falava um dialeto tão diverso do deles. Criou amizade também com Emanuele, graças também à sua simplicidade e ingenuidade, características típicas dos vênetas. Os dois entraram depressa em confidências.

Uma história que se conta junto da família é que o velho empreendedor, falando dos negócios com Emanuele, para fazer compreender que a sua empresa era de fato valida, utilizava uma comparação conhecida no mundo agreste, dizendo: "*Senhor Tirloni, a minha vaquinha não se torna nunca enxuta*", dando a entender que, enquanto uma vaca qualquer, por um período de tempo fixo durante o ano não produz leite, e de fato se diz que "a vaca fica a enxuta", a sua fonte de riquezas produzia resultados todos os dias do ano.

Temos uma outra foto de Emanuele que provavelmente foi tirada a pouca distância da foto precedente, e que, portanto, podemos dizer, nos apresenta Emanuele durante o primeiro ano da segunda guerra mundial.

Na foto, a sua aparência está praticamente idêntica; a costumeira elegância no vestir, sempre bem cuidado e com a pele ainda fresca. A sua expressão era sempre pouco inclinada ao sorriso, e de fato a sua boca está bem flechada e decididamente reta e séria. As únicas diferenças que se possam notar são o fato de que o seu rosto aparece menos carnudo e o seus cabelos estão mais esbranquiçados, sinal que transcorreu o tempo entre as duas fotos, provavelmente pelo menos um ano.



Emanuele Tirloni como devia parecer ao início da segunda guerra mundial (fotografia do início do anos 40)

Mesmo neste período, enquanto a guerra já havia se iniciado há um ano, os irmãos Tirloni se haviam dividido entre as duas fazendas que agora gerenciavam como locatários, e no dia 31 de dezembro de 1941, Emanuele participou do primeiro matrimônio de um dos seus filhos: O segundo filho Giuseppe se casou com a já histórica namorada Cesarina Boseti (neta de César Boseti, o rico agricultor de Covo que era amigo do seu pai Alessandro, mas que era considerado por esse último como um gastador). Dez meses depois, no dia 15 de outubro de 1942, este casal o torna pela primeira vez avô do seu primeiro neto. Era um menino a quem, como por tradi-

ção foi lhe dado, em sua honra, o nome de Emanuele Ferdinando. Infelizmente, na alegria desse nascimento não participaria o jovem pai Giuseppe, porque neste entre meio tempo foi convocado para a guerra.

Os anos de guerra foram difíceis para todos, e também na nossa família se pagou o preço desta loucura humana. Aquela que inicialmente parecia ser uma guerra relâmpago que em pouco tempo iria levar a uma vitória as armas do Asse, se revelou, em vez, uma longa e extenuante carnificina. Os confrontos foram eletrizantes e ocorreram em todas as frentes, e o Duce foi colocado em minoria (com a famosa ordem do dia Grandi) e no dia sucessivo, 25 de julho de 1943, foi afastado por ordem do rei Vittorio Emanuele III. O fascismo assim caiu definitivamente, e o governo foi assumido pelo marechal da Itália, general Pedro Badoglio (1871 - 1956), que cerca de 40 dias depois assinou o armistício com as forças aliadas, assinando a saída da Itália das forças do ASSE.

O armistício entrei a Itália e os aliados, assinado no dia 3 de setembro, e tornado público na tarde do dia 8, sem as precisas instruções para as tropas italianas, deixou na confusão total um país já em debandada. A Itália se dividiu, naquela que depois foi em definitivo uma guerra civil, entre aqueles que se uniram com os aliados (que controlaram parte meridional e a Sicília), e aqueles que, em vez, aceitaram prosseguir o conflito ao lado dos alemães (que, no entanto, ocuparam o norte e grande parte da península, encontrando uma débil resistência da parte das tropas italianas deslocadas para as fronteiras e nas proximidades de Romanengo e de outras localidades). Neste entre meio tempo, o Rei com parte da família, Badoglio e os seus principais colaboradores, fugiram para a Puglia, colocando-se sob a proteção dos ex-inimigos anglo-americanos: ali constituíram um governo sob a supervisão aliada, que declarou guerra à Alemanha no dia 13 de outubro.

Mussolini logo depois do seu afastamento, foi primeiro retido em uma caserna dos carabinieri em Roma, em seguida foi transferido para a ilha de Ponza (27 de julho). Mas os alemães estavam andando sobre as suas pegadas. Para despistá-los, foi levado para a ilha da Madalena (7 de agosto - 27 de agosto de 1943), e por fim, no Campo Imperatore sobre o Gran Sasso, um lugar considerado inatacável a partir do exterior. Mas no dia 12 de setembro foi libertado por um comando de paraquedistas alemães.

Depois da libertação, foi conduzido para a Alemanha, onde no dia 14 de setembro encontrou Hitler em Ratenburg. Este o convidou a formar uma república protegida pelos alemães. No dia 18 de setembro, de Múnico, Mussolini pronunciou, pela rádio, o seu primeiro discurso depois do seu afastamento do dia 25 de julho, no qual terminou dizendo: “Depois de um longo silêncio eis que novamente chega junto de vós a minha voz, e estou certo que a reconheceis”. Depois de ter feito uma ampla exposição sobre aquilo que estava acontecendo na Itália, lançou a responsabilidade de sua destituição ao Rei, aos generais, e aos grupos fascistas, aos quais acusou de alta traição. Ao final do discurso anunciou a reconstituição do estado, de suas forças

armadas e do partido fascista, com a nova denominação de Partido Fascista Republicano (PFR).

Mussolini retornou para a Itália no dia 23 de setembro, e constituiu um novo governo. Entre o dia 23 e o dia 27 de setembro de 1943, Mussolini se instalou em Gargnano, sobre o lago de Garda. Ainda a maior parte dos escritórios do governo foi distribuída em localidade limítrofes a Brescia. A agência de imprensa oficial se instalou em Salò, do qual veio o nome não oficial de "república de Salò", por causa da intenção dos comunicados de rádio e jornal.

Para o povo comum isto significava uma represália a não acabar mais, porque seja os alemães como também os republicanos (como eram chamados os dirigentes, membros do exército, sustentadores e militantes da república social italiana) a este ponto começaram a passar sistematicamente ao rastreamento cada uma das casas, na tentativa de encontrar quanto mais possível os desertores e partidários, para deportá-los depois para os cárceres e para os campos de concentração nazista. Se alguém opunha resistência durante o rastreamento, era imediatamente julgado por Alta Traição, e o mais das vezes fuzilados na mesma hora.

Não sabemos precisamente como andaram os fatos na nossa família, portanto não se sabe quem tenha partido por primeiro para a frente de guerra, e como tinham evoluído todas as particulares histórias, mas se sabe por certo que:

- Ângelo talvez chegou a escapar do horror dessa guerra porque foi reconhecido como tendo um problema de pés chatos (problema que não tinha sido considerado nos anos precedentes, nos quais havia sido expedido a participar da campanha da África)
- Giuseppe que no início de 1940 havia sido chamado e julgado hábil só para serviços sedentários, foi novamente visitado na primavera de 1942, julgado hábil e expedido para Savona, para um depósito de munições, no qual ficaria até a queda do fascismo, no dia 8 de setembro de 1943, mas antes de continuar a combater nos corpos partidários, retornou à Motta, onde prosseguiu a trabalhar, mas escondido das forças da ordem, por medo dos rastreamentos dos republicanos ou dos alemães.
- Alessandro não se sabe com precisão o que lhe reservou a sorte, mas infelizmente foi feito prisioneiro (ou encontrado em um dos rastreamentos que frequentemente aconteciam) e foi expedido para a Alemanha para um campo de concentração, **CHIEDERE** do qual chegou milagrosamente a escapar salvando-se de morte certa.
- Dante provavelmente chegou a evitar a guerra (não por deserção, mas talvez como renitente à leva) e deveu passar também ele, vários anos a esconder-se pelo medo dos rastreamentos. **CHIEDERE**

A única nota positiva acontecida durante esses anos de guerra foram os outros matrimônios que ocorrem na família, isto é, o matrimônio de Ângelo em 1943, com

Inês Bocchi, e de Dante em 1946, com Eleonora Capellini (chamada Noris), além do nascimento de outros dois netos de Emanuele: meu pai Ferdinando (o segundo filho de Giuseppe) em 1944, e Rosana (primogênita de Ângelo) em 1945.

Terminada a guerra, afortunadamente Emanuele pode constatar que a boa sorte ajudou a sua família, porque todos os seus familiares escaparam ilesos. Até mesmo o filho Sandro, prisioneiro na Alemanha, chegou a escapar com a cumplicidade de um soldado alemão, e pode abraçar todos os seus familiares. O filho Sandro foi aquele que mais do que todos teve a pior sorte nesta guerra, mas afortunadamente a sua saúde não se ressentiu, e com seu forte ânimo chegou a superar todas as dificuldades que, por certo, experimentou durante a prisão.

Não sei o que pensar sobre o que haveria experimentado Emanuele ao ouvir os relatos que, com certeza, teria feito o filho, porque naquele tempo, até que não tivesse terminado a guerra, ninguém tinha sequer podido suspeitar quais e quantos tormentos loucos e horrendos os alemães haviam realizado nos campos de concentração. Emanuele tinha participado da Grande Guerra, e ainda tinha nos olhos as imagens horríveis das trincheiras, mas não eram nada se comparadas às loucuras do ditador alemão! Seguramente o fato de poder ver o seu terceiro filho ainda em casa, vivo e vigoroso, era seguramente o motivo que impulsionava Emanuele a agradecer a quem do Alto o tinha guardado com olhos benevolentes, e havia protegido este seu desventurado filho.

A alegria por ter escapado do perigo, tomou logo novos ares, e a vida de todos os dias abrandava as perturbações destes anos horríveis. Talvez também para deixar definitivamente no passado todas estas tristes recordações da guerra, a casa Tirloni depressa se revestiu de festas para celebrar um outro matrimônio: mesmo aquele do filho Sandro, que em 1946 casou-se com a namorada Elisabeta Pesenti, chamada "Lisa".

Este matrimônio foi deveras particular porque Elizabete não era uma moça qualquer, mas sim era a filha de Agostinho Pesenti e Francesca Tirloni. Francesca era aquela desafortunada irmã de Emanuele que, no ano de 1920, tinha escrito uma triste carta à irmã no Brasil, para comunicar as suas trágicas condições de saúde, e tinha denunciado abertamente as cruéis omissões perpetrada pelo velho pai Alessandro. O pai de Lisa, Agostino, havia emigrado para a França, já fazia algum tempo, na procura de trabalho para encontrar o dinheiro suficiente para o tratamento de sua mulher enferma, a qual morreu somente dois meses depois de ter escrito aquela triste, mas ao mesmo tempo preciosa carta (preciosa por seu conteúdo).

As duas crianças do casal Agostino e Francesca foram primeiramente colocados a aos cuidados de uma instituição, mas em seguida foram cuidados e feitos crescer pelos seus parentes, porque Agostino, depois da morte de sua esposa continuou na França por toda sua vida. O filho maior, de nome Bruno, apenas pôde, decidiu seguir o pai nesta aventura nas terras além dos Alpes, enquanto Elisabetta não se sentiu segura de dar o mesmo passo, e decidiu permanecer na Itália

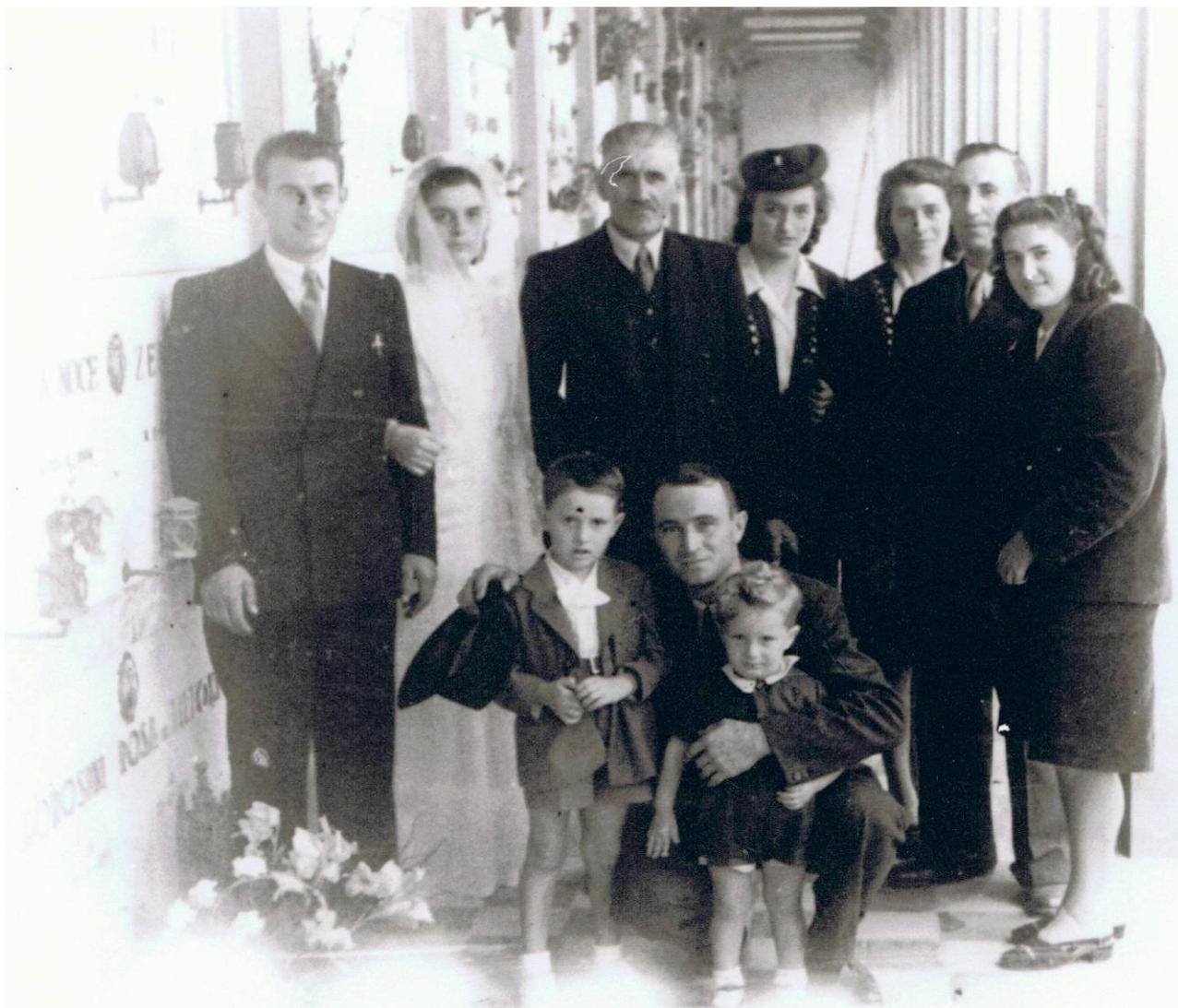
A jovem veio, portanto, a encontrar-se sozinha, e foi acolhida por Emanuele que, ficando sem a mulher e com a única filha Íride que tinha iniciado a frequentar um colégio, tinha necessidade de uma ajuda doméstica. Eis, portanto, que Elisabetta começou a viver na casa Tirloni, juntou com o tio Emanuele e com os primos.

Pode-se imaginar que quando os primos de Elisabetta decidiram se transferir-se para a fazenda Motta, ela em vez permaneceu em Romanengo juntou do tio Emanuele e do primo Sandro, e esta escolha (não estamos certos, mas talvez ditada também pelo fato de que já havia alguma coisa de simpatia amorosa entre os dois jovens) seria fundamental para toda a vida de Elisabetta, porque a simpatia (como se ousava dizer naquele tempo, quando dois jovens se amavam) entre a jovem e o primo Alessandro - mais jovem do que ela três anos - se transformou, com o transcorrer do tempo, em alguma coisa maior, e os dois começaram um namoro e, terminada a guerra, decidiram coroar o seu sonho e formar a sua própria família.

Não foi, por certo, assim simples para os dois jovens chegarem de fato ao casamento, porque sendo primos de primeiro grau, antes de subir ao altar tiveram necessidade de particulares autorizações do tribunal eclesiástico, mas os dois não se deram por vencidos, e de fato a concessão tão desejada chegou da Cúria, e os dois jovens se encontraram com o caminho aberto para unir definitivamente os seus caminhos.

Por ocasião desse casamento foi feita uma grande festa, da qual chegaram até os nossos dias muitos detalhes, entre os quais o menu. Mas coisa ainda mais importante foi o chamado de um fotógrafo que realizou o único retrato de Emanuele junto de sua família, fotografia que chegou até os nossos dias.

Esta fotografia deveras maravilhosa foi tirada em um lugar bastante insólito, se considerarmos o acontecimento da festa de casamento, mas não por certo bizarra ou estranha, se considerarmos o modo de ser de nossa família. De fato, foi feita no cemitério de Romanengo, diante da lápide da mãe Rosa, morta já há mais de seis anos. Isto está a indicar a grande consideração de todos, de Emanuele, como também dos seus rapazes, para com esta mãe que os tinha precocemente falecido. O afeto de todos era de tal forma grande, o vazio deixado por ela era de tal forma grande, e a recordação dela era ainda de tal forma viva, que impeliu os componentes da família a fazer-se retratar, não fora da igreja, ou talvez na fazenda onde foi feita a recepção, mas antes em um lugar assim aparentemente tétrico, como de fato pode ser um cemitério. Mas isto para eles não era um lugar tétrico a evitar, mas sim era um lugar onde repousava a sua mãe e esposa, portanto era um lugar onde vinham encontrá-la, e também a única maneira de fazer com que também a sua mãe participasse dessa festa para sempre.



Família de Emanuele Tironi retratada por ocasião do casamento de Sandro e Elisabetta  
(fotografia - ano de 1946)

Em ordem de posição se vê:

Os esposo Sandro e Lisa, o patriarca Emanuele, Noris (mulher de Dante) Cesarina (Mulher de Giuseppe) Ângelo e Íride, o neto Emanuele, Giuseppe, e o neto Ferdinando

Eis! Este era o único modo de fazer com que também a sua mãe estivesse presente na foto, na qual foram retratados todos juntos, de modo tal que também ela esteja presente para sempre na alegria deles.

Analisando essa belíssima fotografia, salta logo aos olhos um detalhe: todos estão sorridentes exceto uma pessoa bem precisa, isto é, o próprio Emanuele. Seguramente ele, como sempre elegantíssimo no seu terno negro, sentiu muito mais o peso da falta de sua Rosa, neste momento de festa. Certamente também ele estava feliz e contente pelo filho e pela neta que coroaram o seu sonho, mas quando chegou ao cemitério de Romanengo, diante da tumba de sua mulher, ficou preso pela nostalgia. Era um homem forte, e portanto, não chorou, "também para não arruinar a atmosfera de festa. Conservou em si mesmo toda a sua tristeza, mas esta lhe fechava o estômago e o induzia àquela tristeza expressa nos lábios fechados, que lhe escavavam ainda mais o seu rosto magro, como bem se vê na foto.

Nessa foto se encontram quase todos os componentes da família. Partindo da esquerda se veem os dois esposos: Sandro e Lisa. Enquanto Sandro está radiante e sorridente, se nota que Lisa está muito séria e composta. Talvez este seu modo de posicionar-se era devido também a uma pequena dose de timidez, mas é preciso pensar também que Lisa provavelmente nesse momento estava pensando na sua pobre mãe, morta quando ela tinha apenas três anos, e em seu pai que já há muitos anos havia emigrado, e se encontrava na França (e portanto quase seguramente não estava presente à esta cerimônia da filha).

No lado direito da fotografia, bem ao lado de Emanuele, se veem as duas noras Inês e Cesarina; estão ambos em posição de fileira, num segundo plano, para deixar a cena aos membros diretos da família, enquanto à extrema direita se veem os irmãos Ângelo e Íride. Em primeiríssimo plano se vê Giuseppe que está em posição acocorada - como se diria na linguagem futebolística - que abraça os dois filhos Emanuele e Ferdinando (meu pai) que ocupavam o lugar em primeiro plano diante de todos.

Para completar a família nesta foto faltaram: Dante "que talvez fez as vezes de fotógrafo, portanto se encontrava por detrás da objetiva da máquina fotográfica) e de Inês, mulher de Ângelo, que provavelmente permaneceu em casa para cuidar da sua pequena filha Rosana, que era recém-nascida.

Em breve tempo nasceram outros netos, e Emanuele começou a sua nova profissão de "avô", que ele gostava muito de fazer! Meu pai ainda se lembra muito bem quando, como criança na Motta, junto com seu irmão mais velho, Emanuele, foi levado para Romanengo com charrete, ou em caso mais afortunado, com o Fiat Topolino - por muitos anos o carro da família - para encontrar seu avô Emanuele. Lembra que o avô sempre era muito animado por vê-los, e eles passaram quase todo o tempo em sua companhia. Estes foram os melhores anos de Emanuele, os anos de merecido descanso. Pode-se dizer que agora ele começava cada vez mais a distanciar-se dos trabalhos agrícolas, cuidava das tarefas mais leves e podia desfrutar plenamente de sua bela família, cercado por todos os seus netos, que representavam o seu futuro. Foi nestes anos que Emanuele foi retratado em sua fotografia mais famosa.



Emanuele Tirloni. (Foto - 40s)

Esta é a fotografia mais famosa que retrata Emanuele: a fotografia conhecida de todos, e que é definitivamente a melhor. Embora esta fotografia, apesar de ter sido tirada em um estúdio de fotografia, não precisava ser retocada e, aliás, dá-nos um retrato fiel de Emanuele: um belo Senhor de meia idade, realmente distinto, e que não deixa de demonstrar alguma classe invejável.

Seus cabelos, como também o seu bigode, estavam cada vez mais grisalhos, mas mantidos com grande cuidado, e o seu sorriso que tinha esboçado em todas as imagens da juventude, reapareceu, e talvez seja ainda mais tranquilo do que

antes. Até as rugas que começaram a emoldurar seu rosto e seus olhos vivos, serviam para realçar mais o olhar que transmitia a sua mais serena satisfação.

Olhando para esta fotografia devo admitir que Emanuel, apesar de não ser mais novo, sempre manteve o seu charme inquestionável e invejável. O que se costuma dizer: "o charme de um homem maduro"!

Lembro-me bem como minha avó descrevia o sogro Emanuel, que então passou a viver com eles. Ela lembrava-se dele como um belo cavalheiro, e sempre tinha em mente uma cena em particular que ocorria a cada semana, no dia de domingo. Lembrava a avó, que sempre ficava impressionada quando todo domingo de manhã, ele estava pronto para ir à missa, saía do seu quarto, e ela o via descer as escadas e entrar na cozinha. Contava a avó: "Eu o vi descendo as escadas, todo bonito, bem vestido, bem preparado, bem colocado ... era de fato uma figura bonita!". Então, toda vez que ela falava de seu sogro, no final de cada história sempre acrescentava: "Ele estava sempre sorrindo, tudo lhe andava muito bem! Ele tinha um caráter muito bom!".

Em 1947, Emanuel perdeu outro membro de sua grande família: a irmã mais velha Angelina que morreu aos 58 anos.



O casal Angelina Tirloni e Agostinho Nava (fotografias - anos 30 / anos 40)

Esta era a irmã mais velha do que ele, e que imaginamos ter sido ele seu companheiro de brinquedos na primeira infância, e somos propensos a acreditar que Emanuel era muito afeiçoado a esta irmã que vivia com o marido em Covo. Nós não sabemos a causa que a levou à sua morte, mas como se pode ver, ela, como os outros 5 irmãos mortos antes dela, veio a faltar em uma idade ainda jovem.

Durante todos esses anos pós-guerra, os negócios da família iam muito bem. Estes foram os anos em que uma economia em expansão que atingiria o seu pico na década seguinte, anos em que a boa vontade e o empenho eram recompensados pelos bons resultados. Os filhos de Emanuele viram materializarem-se em breve os resul-

tados de todos os seus esforços, toda a sua perspicácia e sua visão geral, tanto assim que, depois de apenas 7 anos, desde que adquiriram a fazenda Motta, em 1948 decidiram adquirir a Peschiere, fazenda localizada em Soresina, cidade cerca de 12 km ao sul de Ticengo, ao longo da estrada de Cremona.

A fazenda Peschiere, onde ainda hoje residem em nossos primos, (filhos de Sandro e Lisa) é uma fazenda grande e bonita, localizada a sudeste da cidade de Soresina, a poucos metros da associação de criadores de gado leiteiro que forma a Laiteria Soresinese, cujos produtos são frequentemente anunciados na televisão. É uma fazenda muito grande, talvez até mais do que 1.600 Pértigas da fazenda Motta.

Também neste caso se tratava de um contrato de arrendamento, e o proprietário, depois de mais de 60 anos, permaneceu o mesmo. Tratava-se do advogado Meroni de Soncino, que ainda hoje, com a idade de 102 anos, vividos de uma forma incrível, ele ainda mantém firmemente o controle do comando, e administra todas as suas terras e suas posses.

Também esta fazenda era muito grande, e os filhos de Emanuele perceberam que eles certamente não poderiam conduzir 3 empresas (mesmo por uma questão de despesas de aluguel) e, por isso, decidiram deixar a fazenda Tesouro.

Nós não sabemos o que Emanuel achava desta decisão, mas pode-se crer que não se opôs a qualquer coisa sobre esta escolha de seus filhos. Talvez a única coisa que retinha era a memória de sua esposa. Cada coisa e cada lugar na fazenda Tesouro era para Emanuel fonte de imortal memória de sua amada esposa. Via-a na cozinha onde costumavam comer, nas várias salas da casa onde ela costumava fazer o trabalho doméstico, no pátio onde havia sido retratada em fotografias recentes, mas especialmente no cemitério, onde ela estava descansando, e no qual Emanuele ia visitá-la frequentemente, se não diariamente.

Talvez para Emanuele ir embora de Romanengo parecia quase "abandonar" a sua Rosa, deixá-la sozinha, mas é claro que ele não podia se apegar a essa memória para forçar seus filhos a não deixar a fazenda do Tesouro. Como diz o ditado - "a vida continua" e, portanto consente na mudança. No dia de São Martinho de 1948, fez a última mudança da vida. Ficava no passado para sempre a década vivida em Romanengo, e há razão para acreditar que, nesta ocasião, assim como quase quatro décadas atrás, quando ele deixou sua terra natal, teria se voltado para trás para ver pela última vez aquela fazenda onde passou onze anos, dos quais apenas dois com sua amada Rosa.

Emanuele, uma vez abandonada Romanengo, não decidiu se mudar para a Motta, fazenda muito perto Romanengo e colocada a meio caminho entre Soresina e Covo, e equidistante dos lugares que lhe interessavam. Optou por estabelecer-se neste novo local que estava equidistante de Romanengo e de Covo, e não sabemos por que esta solução foi tomada. H razão para acreditar que, doravante, não mais cobriria estas distâncias de bicicleta, mas ele se faria levar de carro pelos filhos que durante a guerra tinham aprendido a dirigir.

Para homenagear seu pai, que tinha decidido transferir-se mesmo para essa fazenda, os filhos decidiram afixar na porta da frente uma placa com seu nome, e desde então esta placa nunca foi retirada. Ainda hoje na entrada principal do lado voltado para a rua se pode ler: "E. Tirloni "

Junto com ele, em Soresina, foram viver: o filho Peppino com sua esposa e 3 filhos (que inicialmente viviam na Motta), seu filho Sandro com sua esposa e seu filho primogênito, e Íride, filha mais nova que então já havia iniciado a namorar Giuseppe Gattini, chamado de "Beppe", terceiro filho do corretor Benedito Gattini. Foi este corretor que os irmãos Tirloni recorreram quando tinham decidido vender a fazenda Battagliona de Covo, para depois ir como locatários em Romanengo. Na fazenda Motta, em vez, permaneceram o seu filho Ângelo com sua esposa e duas filhas, e o filho Dante com sua esposa e filha.

As escolhas combinadas, seja de Emanuele, seja de seu filho Peppino, de transferir-se para viver em Soresina foi, para mim, uma sorte, porque a partir deste momento, Emanuele praticamente começou a viver em função dos dois netos mais velhos, filhos de seu segundo filho Peppino, netos estes, meu tio Emanuele, e meu pai Ferdinando. Os três passaram a dormir no mesmo quarto, e ambos os meninos se ligaram por um vínculo muito forte com o seu avô. Meu pai era então apenas uma criança muito pequena, mas ainda lembra muito bem desses momentos que dividia com o avô, do qual praticamente nunca mais se separou.

Lembro-me bem que minha avó Césara contava que cada vez que depois do almoço toda a família se retirava para a sesta da tarde (que na casa Tirloni sempre foi considerada um momento fundamental do qual não se podia renunciar, e a única vez que vi meu avô Peppo não tirar o sono da parte da tarde, foi no dia da festa de suas bodas de ouro matrimonias) foi o momento em que as crianças entraram no quarto com seu avô, Emanuele. Este dormia em uma cama de solteiro, enquanto o meu pai e tio Emanuele dormiam em uma cama de casal colocada ao lado da cama de seu avô.

Pontualmente, contava a minha avó, se escutava o avô Emanuele contava qualquer coisa às crianças que o ouviam em silêncio e atentamente, mas depois o avô adormecia. Elas, ao invés de terem vontade dormir, começavam a brincar, e então, prontamente começavam a fazer barulho e a rir. O avô Emanuele no semi sono os abordava gentilmente dizendo-lhes de fazerem-se bonzinhos, mas em alguns momentos tudo retornava como antes. As coisas acabavam sempre com as crianças, entre risos, correndo para fora da cama, caindo no chão, com o avô fingindo de perse-

gui-los, e dizendo-lhes: "*Que travessos são vocês*"! Eventualmente as crianças também se cansavam e todos podiam fazer o descanso da tarde tranquilos.

As histórias de meu pai, e aquelas que, antes de sua morte prematura contava meu tio Emanuele, em muitos casos são concordes, e em alguns outros, divergentes. Não me surpreendem, porque estas são as memórias de duas crianças muito jovens, de 8 e 6 anos, e então é inevitável que eles fossem influenciados por diferentes particulares. A diferença de idade entre as duas crianças fazia com que os dois pequenos se comportassem de maneiras muito diferentes.

As histórias que contava o tio Emanuele sobre seu avô, centraram-se principalmente sobre a sua figura: o lembrava como um homem muito alto, muito magro e seu rosto magro e escavado. Lembrava que era um homem sério, especialmente se colocado em comparação com o outro seu avô, Ferdinando Bosetti, que pelo contrário era um homem muito alegre e cheio de sagacidade.

O tio Emanuele e meu pai eram crianças muito inteligentes, mas meu tio, sendo maior do que o meu pai, era também o mais "ousado", e por isso era inevitável que corresse muito mais riscos e andava ao encontro dos "perigos" das punições.

Lembro-me que o tio Emanuele disse que seu avô tinha uma bela bicicleta Bianchi, da qual tinha muitos ciúmes, e que dela cuidava com o maior cuidado. O tio Emanuele era fascinado pela beleza da bicicleta do avô e aproveitava todas as oportunidades para levá-la e girar em torno na fazenda. Isto não agradava ao avô, e depois quando ele descobria a liberdade do neto, repreendia-o, e em seguida àquela reprovação, o neto talvez até mesmo era surrado por seus pais. Mas o tio Emanuele era de tal forma atraído por aquela bicicleta a ponto de se tornar reincidente. Por isso quando era descoberto por sua mãe, esta lhe dizia: "*Deixa de usar a bicicleta do avô, por que você quer arriscar-se de levar uma surra?*".

Lembro-me bem que o tio Emanuele toda vez que falava de seu avô sempre insistia muito no fato das surras recebidas diretamente dele, mas isto não deve ser mal interpretada. Isto não quer dizer que o velho avô Emanuele era uma pessoa violenta. Até a alguns anos atrás era um prática comum a todos: quando as crianças não escutavam as recomendações da família ou faziam de propósito para desobedecer, a única maneira de fazê-los entender que eles estavam errados (especialmente para evitar a repetição dos mesmo erros no futuro) era precisamente de surrá-los.

Notoriamente o método mais utilizado até a poucos anos atrás, era a de escutachar os seus próprios filhos, ou em casos extremos, se poderia até dar uns tapas. A grande diferença era que naqueles tempos usava-se o cinto das calças, e este causava mais dores. Mas a ideia sobre a "violência" como é entendida hoje, estava bem longe de ser pensado ou de ser posta em prática! !

Como eu disse, ninguém se eximia de tais práticas quando se percebia a sua necessidade, e todos os pais tinham pelo menos alguma vez surrado os próprios filhos para educá-los. Não havia direito de preferência, portanto uma criança imperti-

nente podia ser surrada por quem o pegava errando, fosse um irmão mais velho, um tio ou um avô. É bem possível então que também Emanuele tivesse por vezes passado por essas práticas.

As lembranças de meu pai, em vez, estavam mais focados nas tarefas de Emanuele. Meu pai lembra que seu avô era um supervisor em todas as atividades da empresa, mas também tratava pessoalmente da produção de vinho. Todos os dias, verifica a fermentação do mosto e decidia tomar as medidas necessárias, como a adição de açúcar, as transferências de tinas etc. Sua experiência era a única palavra que importava!

Lembra-se meu pai, diferentemente do tio Emanuele, que o avô era uma pessoa muito doce e bom, especialmente com seus pequenos, e sempre admitiu de não lembrar de cenas específicas em que seu avô Emanuele tivesse gritado ou espancado. Contava que, pelo contrário, os defendia sempre que suas travessuras eram descobertas por eles, e sempre tentava evitar que eles fossem espancados por seus pais. (Coisa que era muito comum naqueles tempos, e considerada perfeitamente normal, especialmente nos seus confrontos, porque eles eram meninos muito desobedientes). Obviamente, quando as crianças estavam exagerando, então mereciam um castigo, e por isso, às vezes acontecia que ele mesmo era o primeiro a puni-los.

A bem da verdade, porém, deve-se dizer que as memórias dos dois filhos eram muito nítidas, mas ainda se concentravam em um período muito curto de tempo, porque Emanuele passou muito pouco tempo nesta fazenda, por duas razões opostas. Uma das razões foi a surpresa muito grande que recebeu de seus filhos, e outra razão foi o destino que logo se lançou sobre ele.

Nós não sabemos exatamente como ocorreram os fatos. Mas o que é certo é que poucos meses depois que Emanuele se mudou para a fazenda Peschiere de Sorecina, seus filhos decidiram oferecer-lhe um presente que poderia parecer uma loucura. Certamente o melhor presente que poderia receber!

Em todas as correspondências que chegaram até nós, sempre se lê sobre a vontade de todos os irmãos Tirloni da Itália, de retornar ao Brasil para abraçar os seus entes queridos, e com certeza, nas cartas de respostas, os irmãos brasileiros sempre convidavam seus entes queridos para retornar a Porto Franco. Devemos lembrar que para todos "casa" é onde está a sua família, mas as "raízes" não podem ser apagadas da memória, e as raízes de Emanuele estavam sempre do outro lado do oceano, na pequena vila perdida no meio do mato no sul do Brasil.

Pois bem, os filhos de Emanuele decidiram oferecer um presente muito grande para seu pai. Para provar ao pai idoso toda a sua boa vontade, decidiram realizar seu maior sonho, e declararam estarem dispostos a pagar a sua viagem de visita ao Brasil!

Podemos imaginar a grande felicidade que sentiu Emanuele ao ouvir uma tal coisa de seus filhos. Ele com certeza foi literalmente tomado pela alegria ao ouvir uma coisa semelhante! Tudo dependia dele: se ele estivesse disposto, e se ele se sen-

tisse em condições de empreender tal viagem, então todos os problemas estariam resolvidos, porque o dinheiro para a viagem existia e estava à sua disposição!

Este não era apenas um empenho de pouca importância por parte dos seus filhos, porque naqueles tempos ninguém viajava. Não era como agora que uma viagem para os Estados Unidos está quase ao alcance dos bolsos da maioria das pessoas. Em 1949, enfrentar uma despesa semelhante, significava para as pessoas comuns como dar fim à poupança de uma vida toda, e para as pessoas medianamente ricos (como no caso da nossa família) significava colocar à disposição uma soma muito grande, capaz de se poder fazer muitas coisas úteis. Eu acho que poderia ser quantificado como o ganho equivalente a um ano inteiro de trabalho.

Tia Íride ressaltava que todos os filhos de Emanuele estavam orgulhosos com o fato de as pessoas chegarem a saber o que eles estavam dispostos a fazer por seu pai. Portanto pode-se crer que esta notícia foi logo circulando entre os amigos, mas sobretudo também entre os familiares, talvez até divulgada pelo mesmo Emanuele, ainda quase sem poder acreditar!

Quanto ao que diz respeito a Emanuele, este presente representava para ele a única oportunidade que tinha para dissipar a certeza que, até então, tinha sempre ligado todos os emigrantes: quando se saudava no momento da partida era um "adeus" para durar uma vida toda e que nunca voltariam a se ver novamente. Emanuele já estava bem consciente de que era um caso quase único aquele ocorrido na fortuna de seu pai e sua mãe, que depois de tantos anos tinham podido retornar como ricos para a sua terra natal. Mas uma coisa era emigrar, e outra conta era fazer uma viagem, ou para dizer melhor, fazer umas férias nas Américas, somente para rever sua própria gente.

Na imaginação do povo daquele tempo era quase impensável o que estava para acontecer a Emanuele, pois nunca se ouviu falar sobre pessoas fazendo umas longas férias do outro lado do mundo (ainda que para fins nobres como os de Emanuele).

Para Emanuele, poder abraçar após 40 anos sua irmã Albina (a única que restava viva), para conhecer seus sobrinhos, que muitas vezes lhe escreviam, para ver seus amigos de infância e os lugares onde ele nasceu e cresceu, era uma oportunidade única para ser desfrutada.

Não foi tão fácil. Para Emanuele não bastava dizer-se disposto a ir para Brasil e para assumir essa aventura, porque embora ele tivesse apenas 58 anos, naquela época já era considerado um homem velho, e enfrentar uma tal viagem poderia ser arriscado. Por isso ele devia primeiro realizar todos os exames médicos necessários para ver se seu corpo lhe permitiria um tal esforço.

Emanuele, nesta situação, revelou-se uma pessoa cuidadosa, pois planejou tudo com um cuidado muito meticuloso. Ele passou pelo médico de Soresina para ouvir a sua opinião, e quando este o aconselhou a procurar a orientação dos mais experientes especialistas, ele concordou de boa vontade e começou a fazer todas as

visitas a especialistas, incluindo especialmente a mais importante, a de um cardiologista.

Realizou tudo cuidadosamente o que lhe é dito pelos médicos, sem omitir nada, sem cair no descuido típico que acontece às pessoas que, talvez, devido à falta de cultura, não dão a devida importância ao que eles ouvem, porque eles acreditam que, agindo de forma diametralmente oposta ao que foi recomendado, o resultado final não seria alterado e não haveria efeitos estranhos.

Tia Íride lembra ainda muito bem quando seu pai dizia aos filhos: *“Lembrem-se que amanhã vocês têm que me levar para o doutor em Cremona para realizar este exame!”*. Neste particular emerge o rigor totalmente tradicional e a típica atenção que todos os Tirloni tinham sido muitas vezes capazes de manter, especialmente quando se empenhavam por fazer a coisa certa.

Não temos certeza, mas provavelmente já desde estes primeiros momentos, as eventuais cartas que seus filhos enviaram para no Brasil já começaram a falar da possibilidade de uma vinda do velho Emanuele para no meio deles. E por certo as respostas recebidas dos primos do outro lado do oceano estavam cheias de esperanças entusiásticas. Talvez houve uma série de cartas com pálidas esperanças, com medo de desmentidos, com fracas confirmações, ou talvez tenha havido um "crescendo de notícias", nas quais se regozijavam sobre os bons resultados das várias consultas médicas e as esperanças de bons resultados mesmo para aquelas consultas que ainda tinha que fazer. Mas a única coisa certa é que em algum momento todos os médicos passaram a dar o veredicto final: Emanuele pode fazer a viagem!

Podemos facilmente imaginar a grande alegria, talvez mesmo a euforia, que tomou conta de Emanuele ao ouvir dizer que sua saúde era boa e poderia viajar sem problemas! Teria pedido aos filhos de escrever para no Brasil, anunciar a sua iminente chegada em Porto Franco e, neste ponto, teria iniciado junto com a família a fazer a parte mais "técnica" da preparação desta maravilhosa oportunidade.

Além de organizar a viagem, também devia pensar na "burocracia" e, em seguida, começou a fazer toda a papelada necessária para o passaporte. Mas além de várias certidões necessárias para este documento, era provavelmente também necessária uma fotografia para este documento, e provavelmente foi mesmo para isto que Emanuele dirigiu-se para um estúdio de fotografia e se fez retratar em uma pequena foto que veio até os dias atuais: a última foto que o mostra vivo!

Esta foto traz no verso a data de 1949 e, em seguida, mostra-nos como Emanuele aparecia no tempo da viagem mais agradável da sua vida. Assim o conheceram todos os seus sobrinhos no Brasil, os quais ainda preservam na sua memória, uma imagem que, infelizmente, começou a se distanciar das várias imagens de sua juventude, de meia idade e início da idade adulta, às quais estávamos acostumados a vê-lo.



Última fotografia de Emanuele Tirloni (fotografias - ano 1949)

Esta foto, felizmente, não foi retocada, e portanto tudo o que se vê é autêntico. Mesmo nesta última ocasião em que foi fotografado, Emanuele aparece muito elegante, como sempre éramos habituados a vê-lo, mas pela primeira vez, vemos nele fortes sinais de velhice.

Estava quase totalmente com os cabelos brancos, e o bigode, que na foto precedente conservava em grande parte a sua cor original, agora aparecia quase inteiramente branco. O rosto parecia mais magro, e as rugas ao redor dos olhos eram mais pronunciadas, indicando que a pele havia perdido a firmeza e o frescor que, até poucos anos antes, eram mantidos a despeito dos anos.

A sua expressão que antes sempre era moldurada por um sorriso bem-humorado de costume, e os seus olhos que não tinham mais a vitalidade e o brilho que mostrava na imagem anterior, ao contrário pareciam mais "apagados" e "remissivos", mais parecidos com as fotos tiradas durante os primeiros anos de viuvez.

Neste foto Emanuele tinha apenas 59 anos - talvez ainda não feitos - e demonstrava realmente todos os seus anos. Observando-o bem, não mais vem à mente

uma pessoa de meia-idade, mas um homem mais velho, objetivamente um avô em todos os seus aspectos. Dá a sensação de ter envelhecido muito mais rápido nesses últimos anos, e portanto bem se compreende porque todos os exames e diagnósticos a que teve que se submeter para ver se ele ainda era capaz de enfrentar uma viagem para o Brasil. Mas, felizmente para ele, o veredicto foi positivo.

Admito que a primeira vez que vi esta fotografia, fiquei surpreso e ao mesmo tempo, quase tocado, porque eu nunca imaginei que aquele homem bonito de meia-idade que com tanta classe levava seus cabelos grisalhos ressaltando aquilo que se afirma ser "o charme da maturidade" (sorte que não acontece para todos), o homem que eu costumava ver em sua foto mais famosa, que me lembrava o olhar orgulhoso e a mesma força e firmeza que eu reconhecia no patriarca Alessandro - seu pai - mas também em tantas pessoas na minha família, tivesse envelhecido tão prematuramente, mas como disse, essa coisa tinha mesmo me tocado porque me apresentou de uma forma mais humana de velho avô.

Esta imagem de velho avô não viria à mente associada, por exemplo, a seu pai Alexandro, que no famoso retrato de família foi fotografado com a mesma idade que agora tem Emanuele, mas a ideia que nos dá de si mesmo está longe de ser a de fraqueza da velhice, pelo contrário, parecia ainda forte e muito determinado, assim como Emanuele sempre apareceu em suas fotografias em que, acima de tudo, aquela de grupo tirada no casamento de seu filho Sandro, continuava a manter perfeitamente evidente a sua autoridade indiscutível do chefe de família.

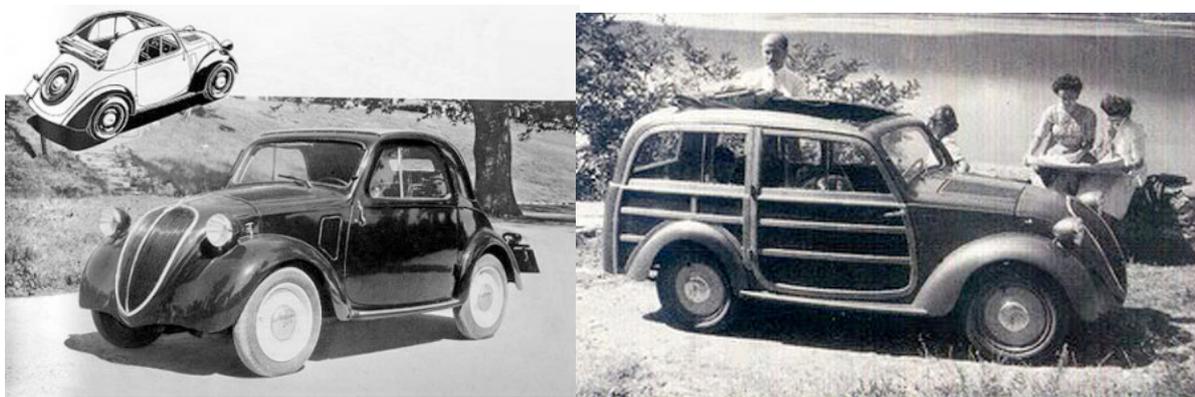
Uma vez fixada a data de partida pode-se imaginar que Emanuele teria literalmente começado a contar os dias que o separavam do reabraçar sua irmã Albina que não via há quase 40 anos!

Quem sabe o que devem ter pensado os seus irmãos italianos quando souberam que Emanuele iria retornar para o Brasil. Por certo todos teriam sido tomados por um aperto no coração e a saudade do Brasil teria envolvido a cada um deles! Certamente teriam recomendado a Emanuele de ir encontrar pessoas particulares, rever locais específicos e levar as suas saudações a todos que encontrasse. E ele, Emanuele, teria se tornado uma garantia de todos aqueles sonhos, aquelas palavras, aqueles pensamentos que seus irmãos e irmãs simbolicamente entregavam às suas palavras.

Lembro-me de que, mesmo no presente, o tio Primo Costa, o filho de Vitória Tirloni e, portanto, sobrinho de Emanuele, me disse que sua mãe, até o último dia de sua vida, continuava com a esperança de poder rever o Brasil. Enfatizando, dizia o tio: "Minha mãe iria a pé para o Brasil", e eu acho que para todos os outros irmãos valeria o mesmo comentário!

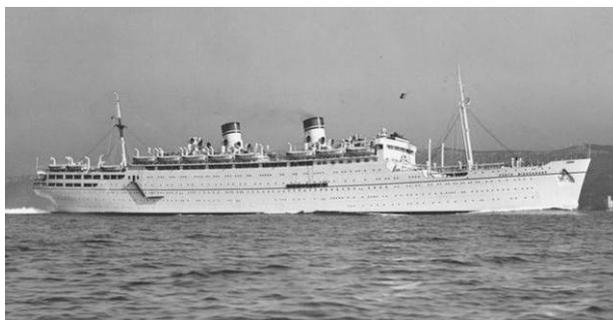
O grande dia finalmente chegou para Emanuele, preparadas as malas e vestindo um terno bonito, estava preparado para sair de casa saudado por toda a sua família. Certamente não faltaram as recomendações de todos para ter cuidado, não se cansar muito, e comunicar para a Itália logo que chegasse ao Brasil, para não preocupar sua família. Mas acima de tudo, com certeza, todos os presentes participaram de sua alegria imensa e por certo houve muitos sorrisos de satisfação e fortes abraços de alegria.

Emanuele sobe no carro (talvez mesmo o pequeno Fiat Topolino), no qual o esperavam seus filhos Giuseppe e Sandro que o acompanharam nesta primeira parte da viagem. E quando o carro começou a mover-se lentamente no terreiro da fazenda, olhava para todos os membros da família que estavam presentes, e enviava-lhes um último adeus. O carro passou por baixo do pórtico, deixou o grande portão e foi para Gênova, primeira etapa dessa longa jornada que estava apenas começando.



Fiat Topolino Saloon e Giardiniera (fotografias - final dos anos 40)

Após pelo menos quatro horas de viagem ao longo das estradas que atravessavam as planícies e escalavam os Apeninos da Ligúria, o carro parou na zona portuária de Gênova. Provavelmente Emanuele se lembrava de algo a respeito desta cidade a qual ele tinha visto muitos anos antes, quando, ainda jovem, havia desembarcado do vapor que o tinha trazido do Brasil. Talvez reviveu os momentos tristes passados tantos anos atrás, quando a viagem de volta para a Itália, para ele e sua família tinha sido atormentada pela triste morte do jovem irmão Ângelo. Certamente não teve muito tempo para se dedicar a todos esses pensamentos, porque quando saiu do carro e esticadas as pernas, era preciso procurar o cais de embarque do qual partiria o Conte Biancamano, elegante navio de linha, e orgulho da frota mercantil de nossa nação, que para a sua remodelação recente, após a conversão que tinha sofrido na guerra, tinham participado nomes como os pintores Mário Sironi e Roberto Crippa e decoradores como Gio Ponti.



O transatlântico Conte Biancamano retomado no porto de Gênova (fotografias - 50 anos)

Este transatlântico, com a capacidade para 25.000 toneladas, foi o navio mais belo daquele tempo na Itália (perdendo apenas para o mais famoso Rex, que foi afundado durante a guerra) foi o primeiro navio de a ser restaurado, e os conceitos e os estudos aplicados para a sua reconstrução serviram de modelo para projetos subsequentes. Podia transportar até 1.750 passageiros, e durante o período 1949/1950 havia sido utilizado para a linha de Gênova - Buenos Aires, e portanto sobre esta bela nave Emanuele tinha reservado uma cabine na segunda classe, ou talvez até mesmo em classe turística.

Era hora de dizer adeus. Os filhos, depois de lhe terem feito as recomendações finais e as saudações, lhe entregam as malas, e Emanuele caminhou ao longo das

calçadas e subiu no transatlântico. Procurou a cabine que lhe era destinada, e colocados os seus pertences saiu para o parapeito do navio em busca dos filhos misturados entre a multidão que se concentrava no cais para dar um último adeus aos fortunados viajantes. O velho Emanuele, de pé no convés, talvez tenha conseguido ver os filhos e trocar um último gesto de saudação, e depois o branco transatlântico soltou as amarras, e o apito da sirene anunciou a sua partida. As pessoas que se aglomeravam no cais tornaram-se cada vez mais pequenas até se tornarem invisíveis, e também os rebocadores que acompanharam o navio até sair do porto pararam e o grande navio tomou o caminho do mar.

Esta era uma cena que Emanuele já tinha vivido muitos anos atrás, mas agora as emoções eram diferentes. Quando jovem, deixou sua terra, o único mundo que ele conhecia, provavelmente com um certo receio inevitável se preparava para enfrentar uma vida nova e desconhecida. Agora, porém, era um velho senhor que gozava do melhor presente de seus filhos e se preparava para retornar aos lugares que o tinham visto nascer e crescer.

Nós não temos certeza, mas certamente durante a travessia do oceano, Emanuele (que embora os navios fossem muito mais rápidas, a viagem era sempre longa) chegou a conhecer outros viajantes, e é de crer que ele contou a sua história a quanto mais gente possível. Talvez conheceu pessoas que viajavam para a América do Sul a turismo, e que não tinham ideia de que tipo de natureza e que mundo os esperas. Ele então reforçado pela sua experiência, podia contar-lhes todas as suas memórias e surpreendê-los com suas histórias. Por certo Emanuele era um bom companheiro de viagem e se encontrava muito bem nessa situação em que, de repente, se improvisava como narrador, explorador e viajante, em suma, podia desempenhar o papel da pessoa de experiência, o homem "do mundo". Talvez com um toque de orgulho e de glória, que por outra, eu considero muito justificado.

Tudo sobre este navio era incrivelmente moderno. Os artistas do pós-guerra que haviam sido chamados para tratar da reorganização do transatlântico - que durante a Segunda Guerra Mundial, estando em território americano foi aprisionado e incorporado à Marinha dos EUA, sendo adaptado como um navio para o transporte de tropas - optaram por eliminar totalmente qualquer elemento que o reconduzisse às pesadas alfaias do início do século XX. Os pesados painéis de madeira haviam sido removidos, o reboco foi removido e as alfaias, que eram uma herança da Belle-Epoque, foram totalmente substituídos. Por toda parte se destacavam linhas simples e limpas, e não mais o estivo do Império, ou as decorações barrocas. Até mesmo os mais banais adereços ou decorações foram estudadas e mostravam os ditames dos desenhos que iriam encontrar o seu triunfo na década de 50.



A primeira classe do transatlântico Conte Biancamano em seu papel de pré-guerra (fotos - 30 anos)

Todas as cabines, mesmo as mais modestas, eram equipadas com eletricidade, água corrente e todas as comodidades básicas. Mas não sabemos o que Emanuele pensasse sobre estas escolhas tão terrivelmente modernos em relação àquilo a que estava acostumado. Poderia estar literalmente fascinado, ou ao contrário, achá-los horríveis e frios. Pessoalmente estou inclinado a acreditar que ficou muito fascinado

pela "vida de bordo", mas não chegasse a compreender o significado e o potencial de todo o modernismo.



A segunda classe do transatlântico Conte Biancamano reabilitado no pós-guerra (fotografias - 50 anos)

Nós não sabemos exatamente quando Emanuele partiu do porto de Gênova, por isso não sabemos quando chegou no Brasil, e por quanto tempo ali permaneceu. As notícias e as histórias ouvidas são muito discordantes, e é realmente difícil tentar buscar uma solução. Tia Íride afirma que seu pai estava fora da Itália cerca de 4 meses, e o tio Dorval diz que ele ficou no Brasil por cerca de 2 meses. Considerados os

dois meses da viagem, os dois dados combinam perfeitamente. Mas quando ele saiu? E quando ele voltou?

Isto é realmente difícil dizer porque a este respeito as memórias das pessoas tornaram-se muito incompatíveis entre si. Tia Íride afirma que seu pai voltou para a Itália em julho, e portanto a data de sua saída poderia ser colocar em março. Mas as histórias ouvidas no Brasil abrem novas possibilidades. Algumas vozes de parentes afirmam que Emanuele estava presente em Porto Franco durante a missa do Ano Novo, o que faria tudo voltar atrás alguns meses, em relação àquilo que foi dito acima. Mas outra história ouvida no Brasil (e relatada por muitos) afirma que enquanto Emanuele estava no Brasil, chegou uma carta da Itália em que alertava para o nascimento de um de seus netos.

Não há certeza de qual neto seria. Alguns dizem que foi o Ezio Tirloni, segundo filho de Sandro, que nasceu em setembro de 1949. Mas o que me deixa um pouco perplexo a dar razão para essa data é a sequência das histórias (a presença no Ano Novo e o retorno para a Itália em julho) mostraria que Emanuele permaneceu no Brasil por quase um ano inteiro, o que parece excessivo.

Eu posso estar errado, mas partindo do pressuposto de uma estadia no Brasil por dois meses, e dois meses de viagens pelo mar (ida e volta), e um retorno para a Itália durante o verão de 1950 (no mês de julho, como diz precisamente a tia Íride), uma solução poderia ser a seguinte: Emanuele partiu no final de fevereiro, o neto que nasceu não seria Ezio Tirloni, mas Enrico, terceiro filho e primeiro homem de seu filho Ângelo (nascido em 2 de março de 1950) e Emanuele não estava presente em Porto Franco na Missa de Ano Novo, mas sim na Páscoa ou na festa de São José em 1 de maio.

Finalmente, depois de dias no mar, o grande transatlântico chegou à vista da costa brasileira. Neste ponto Emanuele começou uma breve mas arriscada aventura, a qual correu o risco de ser perdida para sempre na escuridão do tempo, e ao invés disso, recentemente no-la foi narrada por uma testemunha da época: o Tio brasileiro Dorval Luis Maestri, filho de Albina Tirloni e sobrinho de Emanuele.

Tio Dorval, a esta data tem 87 anos, mas ainda se lembra bem do tempo passado no Brasil por seu tio "Maneca" (apelido este que é ainda aplicado a Emanuele pelos nossos parentes no exterior); Conta o tio Dorval que Emanuele chegou ao porto de Itajaí, após 30 dias no mar. Mas por uma série muito estranha e infeliz de eventos, quando Emanuele desembarcou do navio, ninguém estava esperando por ele, e ele se viu sozinho no porto!

Nós não sabemos como isso aconteceu. Há muitas hipóteses possíveis, mas pode ser simplesmente que nos dias de hoje, na apreciação dos fatos, pecamos por "excesso de modernismo" e não contextualizamos a realidade daquele tempo. Admito que quando ouvi pela primeira vez essa história, eu comentava que era algo muito estranho e absurdo. Pensei que o navio pudesse ter encontrado as condições de mar adversas, que tivesse atrasado a sua travessia, ou tinha pensado que o navio havia atracado em outro porto diferente daquele previsto. Com isto Emanuele não teria encontrado exatamente o lugar onde acreditava estar chegando.

Ouvindo bem as histórias do tio Dorval, parece que muito mais simplesmente a verdade esteja no fato que, mesmo não estando mais no século mil e oitocentos, as incógnitas de viagem ainda eram tantos, que ainda era impossível estimar uma data real de chegada para a travessia do oceano.

Se assim fosse, nada de mais fácil do que pensar que Emanuele, ciente deste problema, imaginasse de ser capaz de cuidar de si mesmo, porque ele conhecia muito bem a cidade de Itajaí (já que ali tinha estado muitas vezes quando jovem) e, em seguida, iria tentar sozinho encontrar um meio de chegar a Porto Franco.

A pior coisa porém não havia sido calculada. Emanuele tinha permanecido com suas lembranças do Brasil, as quais já tinham passado 40 anos. Tinha imaginado um mundo povoado por colonizadores europeus, nos quais muitas vezes se encontravam italianos originários da região do Vêneto italiano ou mesmo de Bérghamo. Com eles seria fácil para Emanuele falar, porque os vários dialetos eram muito semelhantes entre si, mas agora já não era assim. No Brasil, o governo ditatorial liderado por Getúlio Dornelles Vargas (1882 - 1954) promulgou ações de forte nacionalização para dar coesão a um grande estado que era basicamente dividido em muitas realidades difíceis de gerir, e para início tinha desencadeado uma forte campanha de educação, com a qual tinha absolutamente proibido o uso de idiomas locais dos diferentes migrantes. Não se podia mais falar em dialetos, era preciso falar apenas em Português e, obviamente, Emanuele não era capaz.

Podemos imaginar como deve ter sido difícil esse momento para Emanuele! O tempo passava e ele não via quem se aproximasse dele. Estava isolado no meio de pessoas que ele não conseguia entender o que eles diziam. Conta o tio Dorval que quando chegou em Itajaí não sabia como fazer, porque não se entendia com aquela gente, porque ele não era capaz de falar em português, nem sequer uma palavra, e por isso não compreendia nada. O que poderia fazer em uma situação semelhante?

Emanuele não se deu por vencido, e não cedeu ao desânimo e ou ao medo. Saiu da área do porto e encontrou um lugar para passar a noite. Depois tentou de todas as maneiras entrar em contato com alguém, ou para se fazer reconhecido por alguém. A partir da história de seu tio Dorval sabemos que Emanuele tinha levado consigo da Itália algumas fotografias de família, (alguns fotos velhas do tempo em que ele era jovem, e de todos os seus outros irmãos) e teve a brilhante ideia de usá-los para seu próprio objetivo.

Fixadas todas as fotografias no chapéu e no paletó de seu terno, de modo que ficassem bem visíveis, começou a vagar por todas as ruas da cidade, estando bem atento para colher os olhares de todos aqueles que o notavam, na esperança de encontrar alguém que reconhecesse alguma daquelas fotos antigas. Isso não foi suficiente para obter algum resultado, mas perseverou em sua tática chegando ele mesmo a perguntar ao maior número de pessoas se reconheciam alguém nas fotos que ele mostrava.

Não era uma coisa simples, e à medida que o tempo passava, mais e mais Emanuele estava propenso a perder as esperanças. Mas perseverou em sua busca sempre com este estratagema. Sua busca desesperada por alguém que o reconhecesse

durou mais de 8 dias, e depois, por um golpe de sorte, ele encontrou um velho que compreendia o dialeto de Bérghamo e se oferece para ajudar! Naquele tempo, diz seu tio Dorval, não havia telefones nas casas, havia apenas duas centrais telefônicas: uma em Itajaí e a outra em Brusque. O velho levou Emanuele para a central de Itajaí e dali telefonou para Brusque. Desta forma chegou-se a um dos sobrinhos de Emanuele: Pedro Morelli, que trabalhava e morava em Brusque.

Para Emanuele foi o fim de um pesadelo. Do outro lado do telefone, finalmente, ouviu uma voz amiga que o tranquilizava, dizendo que algum de seus sobrinhos iria buscá-lo imediatamente. De fato foi o próprio sobrinho Pedro Morelli que foi imediatamente buscar o tio italiano.

Pedro Morelli era o sexto filho da irmã Joana e do cunhado João Morelli, ambos já mortos. Tinha 36 anos e não era sequer nascido quando Emanuele havia navegado para a Itália com a família. Durante estes anos, pela correspondência trocada entre os dois ramos da família, também haviam sido trocadas fotografias. Por isso provavelmente os dois já se conheciam através de fotografias. Mas esta era a primeira vez que um parente brasileiro ouvia a voz e podia abraçar um parente italiano: o tio "Maneca".

Certamente os dois partiram imediatamente para Porto Franco. Embora os longos dias passados no mar e o grande choque sentido quando desembarcou no Brasil, certamente deixaram Emanuele muito cansado, e este não via a hora de poder ver sua irmã Albina, seu povo e sua terra natal!

A viagem para Porto Franco deve ter sido, para Emanuele, um crescendo de emoções das mais belas. Certamente em algum momento começou a reconhecer os lugares da sua juventude, os cumes das montanhas, as várias localidades por onde passava, o rio Itajaí-Mirim por ele percorrido tantas vezes em sua juventude com as pilhas de madeira, nas balsas..

Certamente vinham-lhe em mente muitas cenas de tantos anos antes. Ele se via com os irmãos mais novos enquanto conduzia a madeira ao longo do rio; repensava todos os riscos passados, pensava nas pessoas que agora já não existiam mais. Mas não havia muito tempo para esses pensamentos tristes, e finalmente chegou o momento de sua entrada em Porto Franco. Era agora que a alegria de Emanuele começava a tornar-se verdadeiramente incontrolável!

As impressões de Emanuele devem ter sido incríveis diante dessa nova imagem da sua Porto Franco. Recorda o tio Dorval que Emanuele disse: "*Eu pensei que com o tempo estas montanhas tinham se rebaixado*", indicando que tinha passado tanto tempo e que por isso elas poderiam ter sofrido erosões.

A realidade que se apresentava diante dos olhos do velho Emanuele havia mudado drasticamente em relação àquelas que ele se lembrava. Certamente nas varias correspondências os parentes no Brasil escreviam que, neste meio tempo, a vila tinha mudado. Mas uma coisa era ler, e outra coisa era ver com os seus próprios olhos. Já não era um grupo de pobres casas de madeira engolidas pelo mato, mas uma vila bem organizada, com uma infraestrutura digna de uma vila desenvolvida, com ruas,

lojas e até mesmo uma sala de projeção (construída anos antes pelo já falecido cunhado João Morelli). Mas acima de todas essas novidades havia uma presença reconfortante que, embora muito melhorada, coincidia com sua memória, seria reconhecida imediatamente, e o fez sentir-se de volta "para casa": a pequena igreja de São José, colocada bem em cima de uma pequena colina na parte posterior da estrada principal, de forma claramente visível acima das casas.



Porto Franco como devia parecer no momento da visita de Emanuele (fotografias – 40 s)

Na chegada em Porto Franco pode ser que Emanuele tenha imediatamente parado na casa de velhos amigos, ou talvez junto de pessoas que, tendo ouvido falar de sua chegada, pararam-no para saudá-lo e falar com ele. Mas com certeza ele ardia no desejo de poder rever sua irmã, e então certamente foi levado imediatamente para a casa dela, sem primeiro fazer uma parada em algum outro lugar.

Não sabemos exatamente em que lugar ocorreu o encontro entre dois velhos irmãos. Pode ter ocorrido na vila, onde Albina com seu marido José e a família foram para aguardar a sua chegada e recebê-lo. Mas o encontro mais provavelmente ocorreu no pátio da casa de Albina.

Devemos portanto pensar que naquela época não havia maneira de se comunicar facilmente com Porto Franco. O sobrinho Pedro, apenas acabado de receber a notícia de seu tio, tinha ido imediatamente buscá-lo na cidade portuária onde ele estava, e depois trouxe-o para Porto Franco. Certamente para fazer essas viagens deve ter gasto um bom de tempo, algumas horas pelo menos, e era impossível Albina saber quando os dois teriam chegado. Então era inútil para ela ficar na vila o tempo todo esperando por sua chegada. É portanto provável que tenha ficado em casa esperando com aquela ansiedade típica de quando se está esperando por boas notícias, até ouvir o barulho do carro do sobrinho, ou os gritos de festa das pessoas que a chamavam e incitavam a sair casa.

Onde quer que tenha acontecido este momento, podemos imaginar que a realidade dos fatos provavelmente tenha sido conforme foi imaginado: havia chegado o momento em que Emanuele vinha precedido pelos gritos de alegria e de festa de Albina, que lhe vinha ao encontro. Enquanto eles se aproximavam um do outro, antes mesmo que os olhos pudessem focar claramente os rostos, foi a "voz do sangue" que fez reconhecer os dois irmãos, e este seu reencontro foi um momento de rara e alta

intensidade emocional, realmente muito comovente, mas também muito difícil de transmitir em palavras.

Quando se tinham separado, Albina era uma jovem recém-casada com uma menina recém-nascida, e Maneca era um dos seus "irmãozinhos", um belo rapaz alto e forte (como é visto na primeira foto da família feita na fazenda Battagliona). Esta era a última imagem que tinham um do outro, e agora se encontravam idosos, porque mesmo que tivessem respectivamente 59 e 64 anos, naquele tempo as pessoas eram consideradas já idosas, e ambos totalmente grisalhos .

Embora certamente as fotografias de ambos tinham cruzado o oceano e ambos sabiam que o tempo tinha passado para eles, esse impacto deve ter sido muito tocante para ambos, porque era uma prova tangível de todo o tempo havia passado. Além disso, para aumentar a emoção, era preciso considerar que quando os dois irmãos tinham se saudados pela última vez, ambos sabiam muito bem que jamais voltariam a se encontrar. Mas ao contrário, a sorte quis o contrário, e fez com que acontecesse para ambos um verdadeiro milagre.



Os irmãos Albina e Emanuele Tirloni e seu cunhado José Maestri como devia parecer no momento do seu encontro em 1949

Cada um deles, depois de quase 40 anos, viu o outro. Os dois se aproximaram lentamente, e seus olhos estavam cheios de emoções avassaladoras. Este encontro depois de tantos anos era realmente muito mais do que qualquer um deles poderia esperar da vida, e por isso, quando os dois irmãos se encontram, as palavras eram inúteis, e até mesmo a seriedade, o vigor e a força de ambos diminuíram: os dois irmãos se apertaram num forte abraço, e assim permaneceram por vários minutos, em um mudo silêncio que valia mais do que mil palavras. E absolutamente imóveis, ambos foram tomados pelo pranto copioso e pelas lágrimas que regavam seus rostos marcados pelo tempo e pelas fadigas.

Ninguém se atrevia a interromper este silêncio. Todos os presentes permaneceram imóveis e em silêncio para não perturbar estes momentos que pareciam quase místicos, e deste modo todos decidiram participar deste momento de alegria de Emanuele e Albina.

Este momento deve ter permanecido indelével na memória dos dois irmãos e todas as testemunhas daquele evento, porque de várias partes vieram a mim os registros dessa história, e de todas as várias vozes das quais eu ouvi, concordavam plenamente com esta descrição que acabado de fazer, tanto na descrição do longo e silencioso abraço, como no descrever a quase incredulidade dos dois velhos irmãos que puderam encontrar-se de novo depois de tantos anos.

Lembro-me bem de com quanta ênfase meu avô Peppino e minha avó Cesarina contavam essa história. Ambos, até mesmo meu avô, que era um homem muito forte, colocavam à prova seu autocontrole, e a voz de ambos se entrecortava, e nunca podiam terminar a história sem ceder à emoção. Isto significa que quando Emanuele voltou para a Itália deve ter contado muitas vezes, e certamente com a mesma emoção do momento do abraço com sua irmã. O mesmo deve ter feito Albina aos vários parentes e amigos no Brasil.

Até mesmo Érico Maestri, não diretamente parente nosso, mas parente do marido de Albina e grande amigo de toda a nossa família (o qual nos veio visitar várias vezes na Itália), me contou com igual ênfase e emoção esta história, porque ele tinha sido testemunha ocular. Na época era um menino de cerca de 15 anos, mas a grande curiosidade pela vinda de um italiano o obrigou a ficar em casa dos tios para estar entre os primeiros a vê-lo.

Hoje em dia pode parecer excessivo o comportamento deste jovem amigo da família que queria estar entre os primeiros a ver o velho que vinha de longe. Mas podemos considerar o que poderia passar pelas mentes das pessoas da época quando ouvisses a notícia da chegada de Emanuele da Itália. Em primeiro lugar, devemos considerar o fato de que naquela época as viagens de pessoas comuns eram algo absolutamente impensável. Especialmente as viagens deste tipo não eram sequer concebíveis para pessoas "normais". Só os ricos podiam permitir-se certos luxos! !

Além disso, olhando do ponto de vista da realidade de Porto Franco - naqueles tempos muito mais rurais do que a realidade da Itália - deve-se considerar que as pessoas, especialmente as de uma certa idade, concebiam uma viagem como essa de Emanuele, com os cânones de emigração, ou seja, como uma aventura árdua, arriscada e perigosa.

O fato de que aquele que iria realizar uma viagem como essa era uma pessoa idosa, nascida no Brasil, emigrada para a Itália, e agora se apressava para voltar para ver o seu povo, fazia crescer ainda mais a aura de mistério e o encantamento sobre o velho "argonauta" conhecido por todos, mas visto por poucos, o envolveu no mistério de 40 anos de ausência, e que estava prestes a pôr os pés nesta vila isolada. O velho Emanuele teria sido considerado pela juventude do Porto Franco como um "extraterrestre"!

Quando Emanuele voltou para o seu Brasil, a maior parte de sua família já havia deixado de existir, de fato:

- A irmã Joana e seu cunhado João Morelli tinham morrido, respectivamente em 1934 e 1940.
- Sua irmã Rosa e seu cunhado Carlos Tridapalli morreram respectivamente

em 1939 e 1942

- Irmão João havia morrido em 1924

Da antiga família de Emanuele permaneciam vivos apenas sua irmã Albina com o cunhado José André Maestri, que viviam precisamente em Porto Franco, e sua cunhada Narciza Geselle (viúva de seu irmão João), que entretanto se mudara com sua família para Nova Trento. Era mais que natural que Emanuele ficasse hospedado e tivesse como sua "base de apoio" a grande casa de sua irmã Albina, localizada no Ribeirão de Porto Franco, local onde José Maestri tinha construído fornos para produzir tijolos e telhas.

Sabemos, também a partir das histórias contadas pelo tio Dorval que sua mãe Albina, quando soube que seu irmão Emanuele chegaria no Brasil, havia feito organizar uma pequena casa que estava em sua propriedade, de propósito para hospedar Emanuele, de modo a conservar de qualquer forma a sua privacidade, e certamente Emanuele usou os primeiros dias de sua estada para ficar na casa de sua irmã Albina, sem se mover muito, para que os dois velhos irmãos e seu cunhado pudessem passar a maior parte do tempo conversando entre si.

Albina e José certamente perguntaram sobre todos os parentes italianos ainda vivos, e Maneca não poupou esforços para contar toda a vida de cada um deles, bem como dos filhos daqueles que já tinham morrido. No momento, na Itália ainda estavam vivos quase todos os irmãos e cunhados que eram mais novos do que os brasileiros. Os únicos que morreram eram:

- Ângelo, morreu no mar com cerca de 13 anos, durante a viagem de regresso em 1909.
- Francesca, morreu aos 26 anos de idade, em 1920, depois de uma longa e dolorosa doença com duração de 3 anos.
- A cunhada Rosa, esposa de Emanuele, que morreu aos 46 anos, em 1939
- Angela, morreu aos 58 anos, em 1947
- O rico cunhado Francesco Galliani, o marido da sua irmã mais nova Antônia, que morreu aos 59 anos, cerca de um ano atrás.

Certamente Emanuele falou da vida de todos esses parentes mortos, falou dos primeiros tempos na Itália, da difícil convivência com seu idoso pai Alexandro, que desde que chegou na Itália havia se tornado ainda mais terrível do que já era no Brasil, e certamente lhe foi perguntado para lançar luz sobre os muitos males perpetrados pelo velho patriarca Alexandro, em detrimento dos filhos.

Eram tantas coisas para contar, mas também muitas coisas para ouvir. Albina, por outro lado, contou a respeito dos anos, após a saída da família para a Itália, dos duros trabalhos feitos por todos, e da vida que foi vivida pelas 4 grandes famílias que permaneceram no Brasil. Ela deve ter falado do triste infortúnio que se abateu sobre o irmão João, que havia morrido a mais de 25 anos atrás, por causa do tétano contraído num ferimento em uma perna, causado pela queda de uma árvore, durante o trabalho. Certamente falou sobre os anos difíceis passados pela família de Narcisa, e

pelas incompreensões entre eles, e por fim, contou sobre a vida das irmãs Joana, Rosa e suas famílias.

Obviamente, essas não eram histórias novas, coisas nunca ouvidas, para ambos. Pelo contrário, eram aprofundamentos sobre assuntos que já eram publicamente conhecidos graças às várias cartas que foram escritas em todos estes anos. Só que desta vez, poderiam falar mais, e esclarecer muito melhor do que com algumas linhas escritas em uma carta.

Foram momentos muito bonitos com cenas domésticas muito acolhidas e ouvidas por todos. Tio Dorval lembra bem que, à noite, todos se reuniam na casa de Albina e ouviam as histórias contadas sobre um mundo distante pelo tio italiano. As histórias que os parentes do Brasil ouviam do tio Maneca deve ter parecido, às vezes estranhas e quase fantásticas, especialmente de pessoas mais jovens, porque Maneca falava sobre coisas que ainda não haviam chegado ao Brasil: ele falava da primeira guerra mundial, que era conhecida em toda a Europa como "A Grande Guerra", em que ele lutou com seus irmãos, e onde foi ferido na perna; falava do pesadelo de nazi-fascismo e da Segunda Guerra Mundial, onde lutaram todos os seus filhos e sobrinhos; contava sobre os ataques realizados após o armistício de 1943 pelos alemães, que em sua passagem requisitavam todos os animais que estavam nas fazendas deixando o povo na fome; falava sobre a recuperação econômica que estava ocorrendo no pós-guerra; de como felizmente depois de anos de esforço, agora seus os filhos e netos tinham todas as atividades em andamento.

Os parentes brasileiros ficavam muito surpreso ao ouvir as histórias de Emanuele, especialmente para o que diz respeito ao enorme progresso que a Itália teve em todos os campos, seja durante o período fascista, especialmente depois da guerra. Esta disparidade de conhecimentos ocorria, porque conta-se que já no passado nas cartas que chegavam da Itália sempre foram reveladoras das inovações e avanços, como a invenção de automóveis e das aeronaves, sendo que ambos eram ainda desconhecidos em Porto Franco. Inevitavelmente também os cânones aos quais estavam habituados os italianos sofreram um grande impulso, e por isso, pode-se então perguntar pelo espanto de Emanuele ao ver que na casa de sua irmã ainda existiam colchões cheios de palhas de milho, em vez de lã ou de penas de gansos, como eram usados na Itália, isto não obstante a propriedade da irmã Albina ser sempre descrita como uma casa muito grande, e bela para os padrões brasileiros.

Acima de tudo, deixava todos muito surpresos com a descrição que Maneca fazia das duas fazendas dirigidas por seus filhos. Dizia que suas fazendas tinham trator e todas as diversas máquinas agrícolas (que no Brasil ainda não haviam chegado) e surpreendia a todos falando da agricultura intensiva, em que, imediatamente feita a colheita, as campanhas eram imediatamente replantadas. Acima de tudo, o número da pecuária nas duas fazendas era verdadeiramente surpreendente, tanto que nem todos estavam dispostos a acreditar em suas palavras, e apenas uma década mais tarde, quando o Valdir De Ross, sobrinho de seu irmão João, estudante a tempo no seminário, e Padre José Stolfi estiveram na Itália para estudar por um longo tempo, as palavras de tio Maneca puderam ser confirmada pelos fatos.

Após estes primeiros dias é que Emanuele começou a sair da casa de sua irmã e começou a ver sua vila natal. Ele viu a igreja onde ouviu muitas vezes a Santa Missa, e agora embelezada e digna de sua função. Foi visitar o cemitério onde estavam enterrados seus irmãos Joana e João, como também o cunhado João Morelli. Reviu o "porto seguro" que muitas vezes reapareceu nas histórias de sua juventude, e foi encontrar velhos amigos que ainda estavam vivos.

Tia Maria Montibeller, a esposa do tio Dorval, em suas memórias, nos deu um detalhe muito belo e importante, pois lembra que sua sogra Albina havia chamado para sua casa uma mulher que fizesse de comer e pensasse em todas as tarefas domésticas que normalmente cabiam a ela, a fim de poder estar sempre livre para andar por aí com seu irmão! Conta a tia Maria: “A avó Albina por todo o tempo que esteve aqui seu tio Emanuele, colocou uma mulher em casa para cozinhar e fazer todas os trabalhos ... e ela ficava sempre com seu irmão Emanuele.

Pelo que se conta, também o velho cunhado José Maestri ficou feliz em rever Emanuele, e estava orgulhoso de estar com ele. Por isso colocou-se à disposição e cada vez que podia colocava-se no carro de mola para sair a passear junto com a esposa e o cunhado italiano. Certamente durante a infância e adolescência José e Emanuele não tinham sido companheiros de brinquedos, pois a diferença de idade era bastante, mas a esta altura, ambos eram dois homens com cabelos brancos, que podiam retirar-se dos trabalhos e desfrutar do merecido descanso, após os muitos anos de trabalho duro.

O tio Dorval dizia: "*O pai e a mãe [José e Albina] levavam em torno o tio Emanuele com o carro de mola para encontrar os velhos e os parentes que tinham*". Emanuele durante a sua estada no Brasil estava fortemente dispostos a fazer uma visita a todos os seus sobrinhos, e foi isso que ele fez. Quando Emanuele foi embora do Brasil, provavelmente eram apenas 9 sobrinhos dos quais alguns eram apenas bebês, e mal podia se lembrar deles. No total tinham-se tornado 33, mas um deles, o filho mais velho de seu irmão João, chamado Salvador, tinha morrido há muitos anos, atingido por um tétano, enquanto estudava no seminário de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul.

A fim de visitar todos esses sobrinhos, Emanuele foi levado para a cidade vizinha de Nova Trento, lugar onde ele ainda jovem certamente tinha ido muitas vezes, e na qual, no momento de sua partida, vivia sua irmã Rosa e seu cunhado Carlos Tridapalli. A irmã e cunhado já haviam morrido, mas também aqui, Emanuele foi recebido calorosamente por todos os seus sobrinhos, e a magia dos dias vividos em Porto Franco repetiram-se aqui da mesma forma, entre fortes emoções, recíprocas histórias e longas visitas, mas aqui em Nova Trento não houve só festas ...

Emanuele também desejava ver sua cunhada Narcisa que há alguns anos vivia com todos os seus filhos em Nova Trento, mas para ele esta era uma visita um pouco "arriscada", não certamente tão fácil e triunfante como as outras. Como foi dito, as relações com Narciza - e provavelmente também com seus filhos - deveriam ser de

certo modo bastante "complicadas" pelo fato de que nunca tinha chegado a herança de 10.000 libras que, em vez, tinham chegado às outras três irmãs. Por isso Narcisa e seus filhos acreditavam que os parentes italianos e brasileiros deliberadamente a tivessem excluído do direito de herança, com a morte de seu avô Alessandro. Na verdade não foi assim: a cota devida à viúva de João tinham sido devidamente enviada, mas infelizmente foi interceptada e roubada, e o ladrão, apesar de terem passado 24 anos depois dos acontecimentos, nunca foi descoberto.

Emanuele estava tranquilo com a sua consciência, porque sabia com certeza que ele e seus irmãos italianos fizeram o que era correto. Mas o que pensava Narcisa? Do relato feito pelo tio João Tirloni, o último filho sobrevivente de Narcisa, sua mãe havia escrito três cartas para os parentes italianos nas quais havia pedido uma explicação e uma ajuda, mas da Itália nunca tinha recebido qualquer resposta.

Após uma longa espera, a conclusão a que tinha chegado Narcisa era absolutamente inevitável, e não se pode acusar de culpa esta pobre viúva que estava lutando para alimentar seus filhos, e pediu ajuda apenas para fazer justiça! Ninguém jamais se preocupou em responder, e também o silêncio dos parentes italianos era realmente inexplicável! Pessoalmente eu espero que esse silêncio tivesse sido pelo fato de que as três cartas, por uma infeliz má sorte, nunca tivessem chegado aos parentes italianos e, portanto, eles não sabiam o que aconteceu no Brasil.

Realmente deve-se dizer que a família do falecido João Tirloni foi de fato muito desafortunada, e na segunda metade dos anos 20 foi atingida por muitas desgraças todas ao mesmo tempo, que inevitavelmente lhes marcaram o futuro destino. Se já as relações de Narcisa e das três irmãs do pobre marido João não eram boas, (especialmente com sua irmã Albina), agora o clima de desconfiança que pairava sobre todos havia dividido ainda mais os grupos familiares, tendo piorado ulteriormente ao longo dos anos, alimentado por mal-entendidos posteriores.

Muitas pessoas sofreram, e muitas outras foram injustamente culpadas pelo roubo, porque as suspeitas incidiam sobre todos. Inicialmente os maiores indiciados (também por causa de seu silêncio) eram apenas os parentes italianos, pois eles eram acusados de não quererem enviar a herança, porque seu irmão mais velho havia morrido e sua viúva não teria direito a ela.

Esta era a situação - certamente não agradável - que Emanuele soube que iria encontrar. Então podemos muito bem imaginar a sua preocupação inicial. Não era fácil para ele, mas sentia também que absolutamente devia e queria dar este passo, porque ele também queria ver a cunhada e conhecer todos os seus sobrinhos, os quais não eram sequer nascidos no momento da sua partida.

Narcisa e seus filhos tinham vivido por anos em situação de pobreza extrema e só recentemente chegaram a sair da miséria. Mas apenas avisados pelos primos Tridapalli da chegada iminente de seu tio Maneca, colocaram-se imediatamente à disposição para fazer o que estivesse em seu poder para garantir uma recepção calorosa para o tio italiano. Também Narcisa o recebeu com muita boa vontade em sua humilde casa.

Durante este encontro, os dois cunhados que não tinham se encontrado há 40 anos, e provavelmente por todos esses anos mantiveram uma correspondência esporádica, quase como uma formalidade, tiveram oportunidade de falar e esclarecer os problemas que duraram décadas. É assim que Emanuele, disse o tio João, teve a chance de provar sua inocência e absolver todos os parentes italianos das dúvidas de que eles não haviam considerado nas partições da herança o irmão morto prematuramente. Permanecia ainda em aberto a questão do por que ninguém respondeu às três cartas escritas por Narciza, mas pode ser que elas nunca tenham chegado ao seu destino, e portanto pode-se deduzir que Emanuele pudesse ser desculpado dessa forma também dessa acusação

Narciza demonstrou ser uma mulher sábia, acreditou nas palavras do cunhado, e juntamente com todos os seus filhos se reconciliou ao menos com parentes talianos.



Os cunhados Emanuele Tirloni e Narciza Geselle, como eles deviam parecer no momento da sua reunião em 1949

Superado este que era, sob todos os aspectos o obstáculo mais difícil, Emanuele podia agora desfrutar plenamente esta viagem, e para ele a partir de agora ocorreriam uma sucessão de festividades que lhe reservavam os brasileiros. Sua estada no Brasil durou muito e foi um verdadeiro triunfo. Emanuele foi recebido com todas as honras, não só pelos familiares, mas por toda a comunidade, e se tornou o personagem mais proeminente em Porto Franco e Nova Trento.

As pessoas iam a ele para ouvir as histórias da Itália, da Grande Guerra, e ele estava sempre rodeado por pessoas que competiam para convidá-lo. Já não passava um minuto sozinho, sem a atenção e o respeito de todos, de tal forma que todos os parentes lembram que durante um dia de festa particularmente importante (talvez a Missa do Domingo de Páscoa ou o dia da festa de São José - padroeira de Porto Franco) para Emanuele foi reservado um lugar na primeira fila na igreja de Porto

Franco, e terminada a cerimônia religiosa foi convidado a estar e festejar na companhia dos cantores do coral e das personalidades mais em vista da comunidade.

O tio Dorval lembra muitos fatos da vida cotidiana que o velho Emanuele vivia no Brasil. Conta que se interessava pelos animais que sua irmã Albina e sobrinhos tinham em sua terra. De fato perguntou, por exemplo: "*Pedro, [um dos filhos de Albina] você deu comida para o boi?*" Ou perguntou ao cunhado: "*José, você já foi cuidar de sua vaquinha ?*". Muitas vezes ouvia-se ele dizer que esses animais não eram tratados com extremo cuidado, e em seguida Emanuele sugeria para serem um pouco mais benévolos para com eles.

É interessante ouvir do tio Dorval, que Emanuele retornado ao Brasil, manteve contato com todos os alimentos, principalmente frutas, legumes e tubérculos, que ele havia comido durante a sua infância e adolescência, mas que ele não tinha tido mais a chance de prová-los, porque na Itália não existiam. Emanuele gostava especialmente de mandioca, um tubérculo muito frequentemente cultivado no Brasil, que lembra vagamente uma cenoura grande e branca, que Emanuele não perdia a chance de comê-la, mas sobretudo colhê-la pessoalmente.

Conta o tio Dorval que um dia, ele e seus irmãos estavam voltando de alguns campos que haviam cultivado muito longe da vila e viram um homem descer do topo de uma colina. Era mesmo o tio Maneca que tinha ido de propósito procurar as raízes de mandioca. Os sobrinhos desagradaram-se muitíssimo com este fato e disseram para o tio: "*Mas tio Emanuele, por que o senhor não no-lo disse, que nós mesmos a traríamos para comer!*" Mas imediatamente Emanuele disse: "*Não, não, eu só queria colhê-la eu mesmo para sentir como está a terra*".

É interessante esta história porque mostra o interesse vivo de Emanuele por tudo o que era a realidade da zona rural de Porto Franco, mas principalmente porque nos faz compreender o desejo de que Emanuele tinha de mergulhar completamente na realidade da sua Porto Franco. Queria sujar as mãos, tocar e sentir. Ele queria refazer o que fizera muitos anos antes como um homem jovem, a fim de reviver plenamente cada coisa!

Outra coisa muito mais simples, mas ainda assim digna de nota foi o detalhe que os sobrinhos se dirigiam ao tio italiano chamando-o de "vós", coisa que hoje faz sorrir, mas que naquele tempo era sinal de educação.

Parentes brasileiros Pedrini também lembram muitas histórias deste período porque, muitas vezes, Emanuele entrou em sua grande casa (uma das poucas construída em tijolos, colocada ao longo da rua principal de Porto Franco) para visitar os seus pais Dionísio Pedrini e Ana Morelli, filha Joana Tirloni Morelli, portanto sobrinha de Emanuele. Essa sobrinha era uma das que continuou a gerir um novo empório, enquanto o empório maior e inicial que havia sido aberto pelo patriarca Alessandro Tirloni depois o legou para sua filha Joana. Portanto a sobrinha Ana já era a terceira geração na gestão de empórios que haviam garantido boa renda para o velho patriarca.

Todos esses parentes, ainda que na época fossem crianças, tinham alguma história para contar, porque Emanuele realmente gostava de ficar na casa desses sobrinhos, e estas visitas foram acontecendo com bastante frequência. A única coisa que

me impressionou foi a história que me fez um deles: Ismar Pedrini, que na época tinha apenas 6 anos. Lembra-se este nosso primo que ele e seus outros irmãos, porque eram crianças, não eram autorizadas a estar com os grandes, exatamente para não perturbar. Portanto quando chegava o tio Emanuele eram forçados a entrar em seu quarto e a porta era fechada. Mas eles ficavam em silêncio total, junto da porta, só porque eles também queriam ouvir o que dizia o tio italiano.

Os filhos mais velhos eram autorizados a permanecer junto do tio italiano, e também eles permaneciam ouvindo em silêncio, mas tentavam interagir com Emanuele sempre que podiam. Contam estes que Emanuele gostava de se sentar em uma cadeira de balanço que sua mãe Ana tinha em casa, e que foi chamada, em dialeto de Bérghamo de "cardigù" (cadeira a grande). Ele se sentava ali e falava relaxadamente com os sobrinhos.

A sorte quis que ainda hoje exista a casa de Pedrini, uma das mais antigas e inalterada até hoje, como também o velho cardigù, ciosamente preservado como uma lembrança por Dalmira Pedrini Tomio, filha de Ana e Dionísio . Durante minha visita ao Brasil, eu tive a sorte de ver ambos, e eu tive a honra de sentar-me na cadeira de balanço usada 60 anos antes por meu bisavô Emanuele.



Casa e "cardigù" família Pedrini (fotografias - ano 2009)

Acima de tudo, todos recordam que o velho tio Emanuele falava muito de sua filha Íride, a única que não era casado, e morava na casa. Ele falava tanto que quando nasceu uma menina, poucos meses após, filha do sobrinho Pedro Maestri (o mesmo a quem Emanuele havia recomendado de tratar bem do boi usado para trabalhar no forno de tijolos) estes deram à menina o nome de Íride.

Cada parente de uma certa idade no Brasil, que estava presente durante esses tempos, tinha alguma história para contar. A velha tia Francisca Andreoli de Nova ainda se lembra muito bem da visita do tio italiano, e especialmente gosta de contar a história de quando ela e Palmó Tirloni, seu marido, filho do falecido João (irmão mais velho de Emanuele), haviam hospedado em sua casa para o almoço o Tio Maneca. Como já tive oportunidade de dizer, os parentes Tirloni do Brasil tinham passado tantos anos muito difíceis, e mesmo neste período estavam começando a

emergir de um período de privação, no qual haviam provado uma situação de miséria. Palmo e Francisca, porém, se alegraram de poder receber em sua casa o tio Italiano e fazer o melhor para dar-lhe hospitalidade.

A tia Francisca lembra que para aquela ocasião ela tinha cozinhado a carne de uma determinada cobra que Emanuele, embora não fosse um prato muito popular, ele realmente havia gostado muito, e dizia que seu tio Maneca imediatamente tinha se informado junto do sobrinho Palmo, perguntando: “*Palmo, como você conseguiu matar esta cobra*”? O sobrinho respondeu dizendo que ele a tinha matado com uma velha espingarda, e a mostra para o tio. Este percebeu a baixa eficiência, bem como o perigo a que ele se expôs para matar a cobra. Súbito Emanuele disse, “*Mas com essa arma você têm que ir muito perto do animal. Quando eu voltar para a Itália eu vou dizer aos meus filhos para lhe enviar um rifle novo e bonito para que você possa matar os animais, ficando mais de longe*”.

Lembro-me bem da tia Francisca quando me contava essa história durante a minha visita ao Brasil. Depois de ter dito estas palavras, tornou-se séria e prosseguiu tristemente dizendo: “*Apenas voltou para a Itália, agora está morto*”. A tia Francisca, enquanto falava essas palavras, estava visivelmente emocionada, um sinal de que também ela gostava do tio italiano de seu marido.

Durante os meses de sua estada no Brasil, provavelmente Emanuele começou a sofrer de dor de dente e teve que recorrer a um dentista. Esses mesmos dentes ruins que 35 anos antes o haviam salvo da primeira chamada às armas após o início da Grande Guerra. Provavelmente, justo enquanto estava no Brasil começaram a dar problemas, e foi justamente neste momento que vieram a servi-lo os seus sobrinhos. Conta-se que um deles decidiu fazer um grande presente para o tio italiano, e não se limitou apenas a curar sua dor de dente, mas optou por um tratamento total. Cuidou de todos os dentes do seu tio, cobrindo-os com ouro. Desta forma, garantiu ao tio uma solução para evitar novos problemas dentários. Nós não sabemos quem foi esse sobrinho, e não seria fácil lançar luz sobre esta pessoa. Tanto quanto sei, o único sobrinho brasileiro de Emanuele que era graduado era Vitorio Tridapalli, filho de sua irmã Rosina Tirloni, mas este era um médico e não dentista. Pode ser que esse sobrinho não tivesse feito pessoalmente este trabalho dental para o tio, mas simplesmente o levou a algum dentista conhecido para realizar esse tratamento.

Depois de todos estes belos momentos passados com seus sobrinhos e com sua irmã em sua terra natal, veio para Emanuele o momento de partir de volta para a Itália. Não há relatos especiais e testemunhos do momento da despedida de Emanuele de todos os seus parentes no Brasil. Pode-se supor que foi um momento bastante simples e tranquilo onde todos, Emanuele por primeiro, sabiam muito bem que se era verdade que Porto Franco e o Brasil eram a “terra” de Emanuele, para todos os efeitos, sua “casa” era a Itália.

Não era questão de “precisar voltar”, porque certamente Emanuele poderia permanecer no Brasil todo tempo que quisesse, sem qualquer problema. Por certo não precisaria encontrar um emprego para manter-se, pois um lugar para ele estava

sempre pronto e disponível, porém a sua casa estava em outro lugar. Nem era também a questão de que seus parentes pudessem estar "cansados" de ter que cuidar dele, porque antes, para eles, era sempre um grande prazer, se não uma honra tê-lo em seu meio. Ainda hoje a hospitalidade dos parentes brasileiros é algo que vai além da compreensão humana, de tão grande e calorosamente prestada! Mas... sua casa não estava ali. A casa de Emanuele era onde viviam todos os seus filhos e netos que, aliás, estavam esperando por ele, e de quem Emanuele sentia muita falta.

A permanência de Emanuele no Brasil durou muito, talvez mais do que seria esperado no início de sua aventura. Deveria ser grato por toda essa sorte, mas agora uma voz lhe dizia que era hora de embarcar e retornar para casa.

Foi assim que o velho "argonauta", desta vez auxiliado pela sua irmã e sobrinhas, preparou todas as suas malas e se preparou para deixar a casa de sua irmã Albina. Ele viu todas as pessoas que vieram se despedir pela última vez, reviu os contornos de sua Porto Franco, tão mudada nestes anos, e se pôs a caminho, desta vez em um veículo motorizado para enfrentar a última aventureira viagem de toda a sua vida.

Quem sabe o que ele sentiu quando deixou Porto Franco e seu povo. Certamente veio-lhe à mente imagens de tantas décadas atrás, quando ele partiu. Talvez veio-lhe à mente os seus pais e os vários irmãos que vieram a morrer, enquanto que muitas décadas antes eles tinham feito com ele essa primeira viagem, ou tinha parado para saudar os que partiram... As emoções experimentadas pelo velho Emanuele nesse momento devem ter sido fortes e envolventes, como um rio em sua enchente, mas pelo menos elas podiam ser mitigadas pela certeza de que agora não iria mais ao encontro do desconhecido, como em 1909.

Enquanto ia se distanciando de Porto Franco, talvez no carro dirigido por seu sobrinho Anselmo Maestri, certamente Emanuele olhou de volta para sua vila natal, e percebeu todas as diferenças entre as memórias antigas e imagens atuais que tinham passado diante de seus olhos. Mas afinal, que diferenças poderiam ser estas para um homem velho carregado de nostalgia e de memórias? Para ele, que agora tinha cabelos brancos e rosto marcado pelos anos, havia apenas duas coisas. Só duas lhe preenchiam o seu coração e o cérebro: a alegria pela sorte que teve, e a certeza de que esta era realmente a última vez que via essa cena! O velho Emanuele não via aquelas cenas com os olhos racionalizantes, mas sim com o coração de um velho homem a quem havia acontecido a maior sorte que alguém poderia ter imaginado. Portanto, para ele a cidadezinha agora mais evoluída não era outra do que o pequeno povoado de casas perdidas no mato que o tinha visto nascer.

Quando a última casa, o último pico da montanha desapareceu de sua vista, então o velho Emanuele teria se colocado comodamente no banco, e talvez teria sido capaz de trocar algumas palavras com seu sobrinho. Talvez lhe confiou toda a sua alegria, seu entusiasmo por tudo o que lhe tinha acontecido. Devem ter falado também sobre todas as suas intenções a realizar quando chegasse de volta para casa, porque havia muitas promessas para cumprir, mas acima de tudo havia muita coisa

para contar para toda a sua família, para seus irmãos e irmãs, e nada ficaria esquecido.

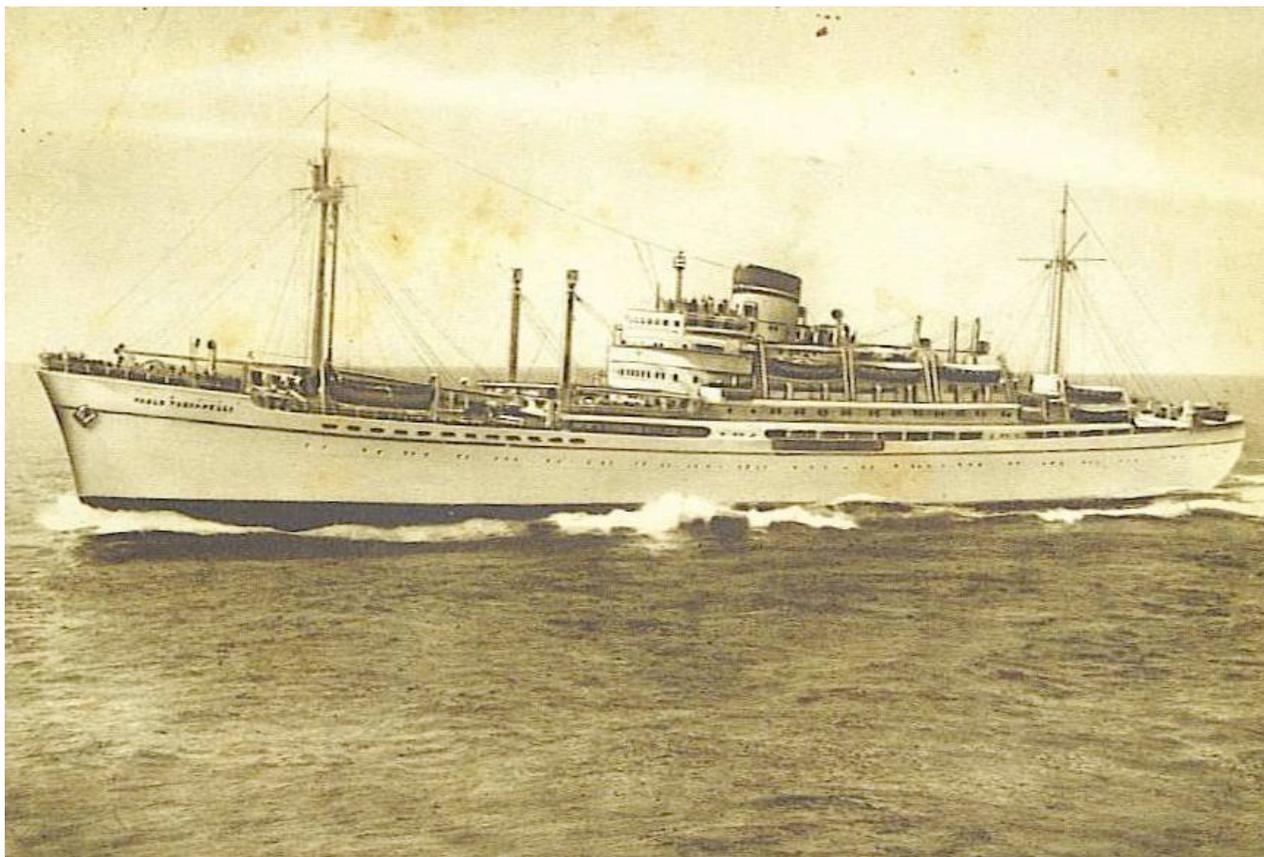
Também esta última viagem terminou, e o velho Emanuele cumprimentou pela última vez, agradecendo cordialmente, seu sobrinho de confiança que sempre se havia colocado a seu serviço. Certamente lhe reiterou pela enésima vez que, quando chegasse na Itália faria com que os filhos de dispusessem para realizar a transação bancária do dinheiro que lhe havia emprestado.

Após as últimas recomendações chegou a hora para embarcar. Desta vez, já não viajava no transatlântico luxuoso utilizado durante a vinda para o Brasil, mas optou por uma mais simples, a turbo nave Toscanelli: um navio cargueiro, mas que reservava uma dúzia de cabines para os turistas em potencial. Esta era uma solução muito mais econômica e pode ter sido tomada especificamente para evitar despesas desnecessárias no final de uma tão longa viagem.

O Navio soltou as amarrações, deixou o porto e tomou a direção do mar para iniciar a longa jornada que levaria o velho Argonauta Emanuele para casa. Também nesta ocasião Emanuele teria olhado para a sua terra natal, até que teria inteiramente desaparecido no horizonte, sabendo que essa era realmente a última vez que ele veria com seus olhos o seu Brasil. Ele tinha conseguido dissipar os mitos da distância, ele havia vencido a saudade e tinha revisto como idoso aquele mundo que o tinha visto abrir os olhos para o mundo. Mas agora era praticamente impossível fazer novamente uma viagem semelhante fosse por razões econômicas, ou principalmente por razões de idade. Ele havia tido a sorte de voltar ao Brasil, de chegar vivo e de aproveitar o longo tempo de permanência. Agora ei-lo, aquele homem velho e de cabelos grisalhos, de volta ao convés do barco a vapor, que viu a terra cada vez mais longe, mentalmente repetindo pela segunda e última vez: "Adeus Brasil".

A primeira vez que havia pensado nesta frase era um jovem que viajava junto com a sua gente: seus pais, irmãos e irmãs mais novos. Agora era um homem velho que certamente despertou a admiração e curiosidade dos companheiros de viagem que tentavam perscrutar os olhos - o olhar profundo típico da velhice - para compreender este distinto cavalheiro de certa idade que continuava a fixar a esteira do navio desaparecer na direção do pôr do sol.

Esta era uma situação mais "relaxada" do que a viagem de ida para o Brasil dobre o Conte Biancamano. Enquanto a viagem de ida fora num navio de luxo e entre tanta gente de posses que, agora se encontrava entre pessoas mais simples com quem era mais fácil falar e dialogar, não só porque o número das pessoas que viajavam era incrivelmente menor, mas também porque o Toscanelli não havia sido projetado com todas as áreas públicas como o Conte Biancamano. Assim aquela era uma situação de menos pessoas em menos espaço. Talvez Emanuele passou muito mais tempo para descansar sozinho em sua cabine, mas pareceria estranho que uma pessoa como ele pudesse isolar-se completamente por um longo tempo. Pensamos nele mais aproximado de todos e logo um amigo de todos, desde os viajantes até os vários membros da tripulação.



A turbo nave Toscanelli (fotografia - 50 anos)

Podemos imaginar que, ao contrário da viagem de ida, desta vez havia muito mais "contato humano" com todos, e portanto não se pode excluir que o velho Emanuele se tenha encontrado a falar diretamente também com o capitão do navio a vapor. Talvez tenham trocado opiniões mútuas e talvez tenham compartilhado as histórias um com o outro. Por seu um lado o velho Emanuele teria contado a sua aventureira vida, e do outro lado teria ouvido todas as histórias do mar, cheias de perigos, as falsas lendas, os mitos interessantes e as histórias até mesmo divertidas.

Um mundo totalmente novo para Emanuele, que havia nascido e crescido na floresta, tinha vivido no campo, tinha lutado na guerra nas montanhas. Agora estava no meio de uma nova aventura e, pouco a pouco, teria se identificado completamente chegando a ser interativo, fazendo perguntas, tentando entender. Nós gostamos de pensar nele, procurando entender um mapa náutico, descobrir um gráfico de comando, ou a exibição de um painel, para ver todas as coisas estranhas que ele via diante de si: bússolas, sextantes, indicadores de pressão etc. ou, porque não, no calor ardente da sala de máquinas, atordoado diante da monstruosidade desses motores gigantes que com altos roncões levam o navio em meio ao mar.

Talvez também possa ter passado por algum momento difícil durante alguma tempestade que provavelmente se bateu sobre o navio, e que inevitavelmente reagiu de maneira diferente em relação ao grande transatlântico usado na ida. Mas também tudo isso afinal acabaria, e depois de muito tempo (talvez mais do que durante a ida)

iria novamente encontrar-se diante da terra firme. Passadas as colunas de Hércules, entrou no Mar Mediterrâneo e, com certeza, começou a se sentir muito "perto de casa."

Talvez tenha pensado que, muitos anos antes, durante estes momentos lhe havia acontecido o infortúnio de ver o jovem irmão Ângelo morrer, e talvez até mesmo tenha contado essa história para os membros da tripulação que o advertiam quando estavam mais ou menos a mesma distância de Gênova, em que tinha ocorrido muitos anos antes essa desgraça. Um pensamento para este pobre irmão que morreu prematuramente terá certamente havido, mas afortunadamente havia para ele pouco tempo para pensar em coisas tristes, porque em breve teria aparecido diante dos olhos toda a silhueta da grande Lanterna que distingue e caracteriza o porto de Gênova. A parte mais difícil, a longa viagem por mar, finalmente havia terminado!

A esta altura Emanuele explodiu de alegria incontrolável por poder voltar a abraçar os seus familiares. Feito o último controle de sua bagagem devidamente acomodada na cabine, foi com tantos outros passageiros para aparecer na ponte, enquanto o navio realizava as operações de atracação. Teria procurado ver entre a multidão presente no cais os rostos de alguns de seus parentes que tinham vindo buscá-lo. Em comparação com a viagem de ida, desta vez as coisas seriam melhores porque o velho Emanuele, observando com cuidado, chegou logo a identificar os rostos dos seus próprios filhos: Ângelo, Dante e a sua Iride.

Ao ver, depois de tanto tempo, os rostos dos filhos, sua alegria foi tão grande que Emanuele explodiu em um enorme sorriso que imediatamente colocou em evidência aos filhos que o observam que a partir do cais, seus dentes novos que agora estavam completamente cobertos de ouro.

O velho Emanuele finalmente chegou e abraçou seus entes queridos, mas certamente ele foi o primeiro a pressionar para se moverem rapidamente, porque tão grande era o seu desejo de ver todos os outros membros da família. Colocadas as bagagens no carro, o grupo partiu imediatamente para Soresina. O pequeno Fiat Topolino, carregado com as pessoas e a bagagem mal podia subir ao longo das encostas dos Apeninos da Ligúria. A certo ponto, chegaram ao cruzamento e começaram a descer em direção ao Vale do Pó. Emanuele nunca mais veria o mar em sua vida.

Aos poucos diante dos olhos cansados mas ansiosos do velho Emanuele começou a aparecer a grande planície, e tudo começou a tomar uma forma mais "familiar": as fileiras de plantas ordenadas e colocadas ao longo da estrada, as grandes campanhas ensolaradas pelo calor do verão, cultivadas por muitos empenhados agricultores. Com o passar dos quilômetros, onde quer que as vozes trazidas pelo vento a partir das janelas abertas, criavam uma satisfação mais agradável para ele. Não era mais como quando no fim da viagem havia desembarcado no meio de estranhos que falavam uma língua estranha, e ele se sentia sozinho e em dificuldade. Agora sua impaciência para chegar a sua casa crescia mais e mais: as cerca de 4 horas de carro parecia-lhe ser pouco ou nada depois de todo o tempo gasto no mar, e em seguida, viajar de carro teria sido para ele uma oportunidade para começar a falar indefinidamente, contando sua experiência e dizer a todos a sua alegria.

Eis que finalmente também esta última viagem terminou. O pequeno carro chegou a Soresina e Emanuele finalmente, depois de tanto tempo, revia a sua pequena cidade, os vários lugares familiares, e talvez passando na rua era cumprimentado por pessoas que o reconheceram sentado à direita do condutor do pequeno carro cheio de pessoas e malas. Eram essas mesmas pessoas a quem muitos meses antes tinha confessado, emocionado, que seus filhos tinham dado um presente realmente grande, essas mesmas pessoas que, talvez, durante todos estes meses, pediram aos seus filhos se eles tinham notícias do pai que estava do outro lado do oceano. Isto era para todos os efeitos o seu triunfo!

Ao final, o pequeno carro desviou para a estrada que levava para a fazenda, passando em frente da fachada externa de sua grande casa, virou para a direita para entrar na grande porta, passou por baixo da varanda alta dos estábulos e, finalmente, fez a sua entrada no pátio. Talvez o motorista buzinou várias vezes para avisar de sua chegada e, enquanto todos saíram para fora da casa fazendo festa, o carro parou, Emanuele abriu a porta, saiu e foi envolvido pelo abraço de toda a sua família e dos netos.

O avô Emanuele estava de volta são e salvo, em casa, no meio do seus queridos que o aguardavam com apreensão. A sua jornada épica estava acabada!

### *9.9 Os últimos meses e a morte súbita*

Apenas Emanuele colocou os pés na fazenda Peschiere e na casa Tirloni começaram as festividades para o avô que havia voltado. A tia Íride lembra que seu pai estava literalmente "louco de alegria". Nunca perdia uma oportunidade de contar, decantando todos os dias passados, as pessoas encontradas, as emoções experimentadas, as impressões vivenciadas. Também o tio Beppe, então noivo de tia Íride, se lembra bem de como seu sogro literalmente "não cabia mais dentro de si", tanta era a sua vontade de contar.

Trouxe do Brasil algumas fotos, mas não sabemos se elas foram fotografias tiradas durante a sua estada no Brasil ou fotografias feitas anteriormente, as quais os parentes do Brasil lhe havia dado para levar para a Itália e mostrar aos vários parentes italianos. Infelizmente não sabemos quais eram as fotografias, e talvez hoje estão perdidas.

Trouxe também algumas fotografias que ele comprou durante suas duas viagens de navio que mostram os dois barcos em que viajou. Meu pai se lembra muito bem dessas fotos. Inevitavelmente sua curiosidade de criança tinha sido catalisada

por essas imagens, e é através da memória de meu pai que os nomes dos dois barcos vieram até os dias de hoje!

Antes de tudo, como sempre naqueles tempos, o dever vem por primeiro e depois o prazer. Portanto Emanuele avisou o futuro genro Beppe - que era um contador e trabalhava no banco - que precisava de sua ajuda para ressarcir o primo brasileiro Anselmo Maestri da soma em dinheiro que aquele lhe havia emprestado enquanto ele estava no Brasil. De fato o futuro genro agiu imediatamente e a dívida foi paga.

Feito isto, os filhos de Emanuele decidiram organizar em homenagem a seu pai um grande almoço para o qual foram convidados todos os vários tios e tias, que desta forma eles viriam cumprimentá-lo e ouvir todas as suas histórias. Este grande almoço foi feito o mais cedo possível, mesmo na própria fazenda Peschiere. Lembro-me bem que a minha avó Césera me dizia que foi feita uma enorme mesa na qual estavam acomodados todos os velhos da família, cada um acompanhado por algum de seus filhos, a saber:

- O irmão mais velho, Vittorio e sua esposa Lucia
- O cunhado Agostino Nava, viúvo de sua irmã Angelina
- A Irmã Vittoria e com seu marido Giácomo
- O Irmão de Eliseu e sua esposa Giuseppina
- A irmã Antônia já viúva.

O único que faltou foi o cunhado Agostinho Pesenti que já há mais de 30 anos vivia como imigrante no sudoeste de França, com seu filho e com sua família que ele havia formado, com uma descendente de outros imigrantes italianos. Acredito que depois da morte da esposa, Agostinho Pesenti teria voltado para a Itália raríssimas vezes .





Os velhos familiares que participaram do grande banquete na Peschiere. Em ordem de posição se vê:

O protagonista Emanuele Tirloni

Os irmãos Vittorio Tirloni, Vittoria Tirloni, Eliseu Tirloni, Antônia Tirloni

Os cunhados Lucia Cucchi (de Vittorio), Giacomo Costa (de Vittoria), Pina Martinelli (de Eliseu), Agostino Nava (viúvo de Angelina)

Daquilo que nos foi contado, o velho Emanuele durante o jantar não saboreou nem sequer um bocado, porque ele estava muito ocupado para falar aos seus irmãos, aliás todos visivelmente emocionados. Mas também muitas foram as perguntas que recebia de todos os irmãos, porque cada um deles queria saber sobre coisas de que tinham maior interesse. Então pode-se imaginar uma cena em que Emanuele continuava a contar, mas estava sempre sendo pressionado pelas várias perguntas de cada um dos irmãos e das irmãs.

Não temos muitas lembranças dessas conversas e não sabemos exatamente o que perguntavam cada um desses comensais, mas há razão para acreditar que as questões incidiam sobre os vários membros da família. Talvez Emanuele também abordou a espinhosa questão da herança roubada de sua cunhada, Narciza, mas certamente acrescentou de imediato que, apesar desse fato, a permanência no meio deles foi muito boa e foi também acolhido pelos sobrinhos Tirloni com um bom coração.

Infelizmente, também neste caso, parece incrível, não foi tirada nenhuma foto do evento, e é uma pena porque seria um material realmente valioso. Quase posso vê-los, todos estes irmãos já velhos, que ouviam o velho Emanuele, com olhos úmidos de saudade e o coração que explodia de alegria. A mesma sensação incrível que meu avô Peppino sentia quando falava ou ouvia falar do Brasil. A sensação que meu avô chegava a transmitir, fazendo coparticipantes todos os que estavam ao redor, envolvia até a minha avó Césara que nunca esteve no Brasil.

Na verdade, é difícil de explicar as emoções que se sente. Eu mesmo fui felizmente "infectado" por meu avô que foi capaz de me transmitir toda a paixão e as emoções que muitas vezes acontece de eu provar, que são uma mistura realmente inexplicável racionalmente: sente-se o sangue ferver de alegria, a gente é tomado por um entusiasmo forte e dominado por emoções realmente incontroláveis. Em uma palavra: é a saudade!

Quando terminou o longo dia e a fazenda se esvaziou, pode-se imaginar que o velho Emanuele estava fisicamente estafado. Mas, no entanto, ainda não esgotou o seu desejo de falar, de contar. De fato todos dizem que passava todo o tempo que lhe restava para viver num contínuo e interminável relato, tanto que 25 anos depois, o meu avô Peppino, quando foi para o Brasil em 1974 (ele foi o segundo italiano para visitar os parentes no Brasil) disse que ele se sentia absolutamente como se estivesse em sua casa, num lugar conhecido desde sempre. Isso dizia meu avô graças às muitas histórias que havia contado seu pai Emanuele! Admito que eu mesmo já ouvira falar muito sobre alguns lugares no Brasil e tenho visto tantas fotografias, que quando em 2009, entrei pela primeira vez em Porto Franco, agora chamada de Botuverá, eu tive um sentimento estranho, porque eu me sentia como se já tivesse estado ali! Eu não me sentia em um lugar estranho, mas me parecia ter estado lá já muitas vezes, como se fosse um local de férias onde eu costumava ir, do mesmo modo como a casa nas montanhas, ou a localidade na Ligúria, onde cada vez que eu chego, eu sinto como se eu nunca tivesse ido embora ...

Os dias de festa iriam terminar em breve e a vida retornava àquela de sempre, mas não para o velho Emanuele que, como mencionado, nunca perdia uma oportunidade de falar e contar a todos sobre a maravilhosa experiência que teve a sorte de viver. Ele não pode ser culpado, afinal, tinha sido muito afortunado. Porque era como se hoje eu tivesse a sorte de fazer uma turnê mundial que durasse por vários anos ... Seria normal que eu sempre tivesse uma história nova para contar ou então conhecendo-me, eu passaria o tempo contando e até mesmo repetindo-me, mas sempre com entusiasmo inalterável!

As chuvas torrenciais e longas de setembro anunciavam o fim iminente do verão de 1950, e na primeira semana do outono Emanuele celebrava um aniversário importante: 60 anos. Não sabemos se foi festejado, mas é provável que o dia, embora fosse a plena realização da década, tudo passou discretamente como era praxe naquele tempo. Certamente, todos apresentaram os seus melhores desejos ao patriarca, que finalmente entrou definitivamente na idade da velhice. Talvez Emanuele foi à missa (o que sempre fazia, aliás) com alguém e, durante a função, em suas orações silenciosas agradeceu a Deus por sua vida abençoada. Talvez com o pensamento voltado para sua esposa Rosa que desapareceu a mais de 11 anos, e que certamente era o seu único sofrimento: estar sozinho sem a sua Rosa!

Seu pai, quando completou essa mesma idade, era viúvo há poucos meses. Ele no entanto, já era viúvo a mais de uma década. Então há esperança de que pelo menos a dor teria sido um pouco amainada pelo tempo, pelas muitas coisas acontecidas

e pelas muitas mudanças que ocorreram, que fez com que a realidade de cada dia fosse tão diferente dos dias em que ele vivia na Tesouro com sua amada esposa.

Com o mês de outubro reabrem-se as escolas, e agora eram dois os netos do velho Emanuele que estavam envolvidos com os livros: meu tio Emanuele, que tinha oito anos e devia estar na terceira série, e meu pai Ferdinando que iniciava o ensino fundamental.

Naquele tempo não era como agora. As classes não eram rigorosamente divididas porque havia muitos estudantes, mas os professores não eram muitos. Então acontecia que na sala de aula havia alunos de classes diferentes. Aos pequenos Emanuele e Nando aconteceu a sorte de estarem na aula juntos, mas este ano o professor que coube a eles era muito ruim e logo as coisas ficam complicadas. Meu pai se lembra, por exemplo, que o professor pediu-lhe para resolver problemas próprios para alunos de terceira série, ele que estava na primeira e não era capaz de fazê-los. Por isso ele foi forçado a sair pela escola levando uma placa que dizia: "Eu sou um burro". Sempre ouvindo os contos de meu pai, descobri que o professor também costumava sorrir as crianças com um chicote, mas infelizmente naqueles tempos era normal .

Meu pai e o tio Emanuele, a certa altura, não aceitaram mais essas humilhações e decidiam começar a faltar à escola. A coisa se repetia continuamente e cada vez mais as crianças concebiam ideias mais sofisticadas para não deixarem-se encontrar e para não serem obrigados a entrar na sala de aula. Os Pais e também os familiares estavam todos no extremo da paciência, porque todos os dias as crianças partiam de casa direto para a escola, e todos os dias meu avô sempre telefonava para a escola para saber se as crianças haviam chegado. Pontualmente a resposta era "não, não estão na classe!", e então começavam as buscas.

A coisa não era de pouca importância, pois as duas crianças eram tão inteligentes e criativas na descoberta de esconderijos, de modo que não só a família, mas também todos os homens que trabalhavam na fazenda eram usados nestas procuras dos meninos. Pode-se então imaginar quão grande era o problema em termos econômicos, porque em vez de trabalhar, todos os homens deviam tornar-se investigadores e procurar em todos os lugares para encontrar as duas crianças.

Toda vez que eram encontradas, as duas crianças passavam dificuldade muito grandes porque, naturalmente, a punição chegava, e naquele tempo o castigo consistia em ser espancado com o cinto, e nisto não se isentava nem mesmo velho avô Emanuele, embora quisesse um enorme bem aos seus netos. Mas encontrando-se todos os dias diante da mesma situação, chegava também ele a perder a paciência. A única coisa que incomodava Emanuele não era a molecagem em si, mas o fato de que as duas crianças continuavam a reiterá-la! Era, aliás, a mesma razão pela qual meu tio Emanuele lembrava que seu avô o surrava cada vez que ele pegava a sua bela bicicleta Bianca da qual era muito ciumento. Para Emanuele havia poucas regras, mas pelo menos aquelas tinham que ser obedecidas. A brincadeira passava despercebida e sem punição, mas a desobediência repetida ele não admitia!

A situação dos dois netos chegou ao auge, quando um dia as duas crianças decidiram ir a pé de Soresina até a fazenda Mota, seguindo a linha do trem a qual passava perto da fazenda Peschiere. As duas crianças também mostraram desta vez muita inventiva e grande capacidade, porque não era uma coisa fácil de ser realizada. Eles conseguiram. Partiram de manhã e chegaram à vista da casa da fazenda no início da tarde. Mas enquanto estavam em pé ao longo da margem do canal, fosso muito grande que corria ao lado da Motta, refletiram sobre a ideia de jogar as pastas no canal para se verem livres dos livros e assim garantir alguns dias a menos de escola. Neste ponto eles foram notados por seu tio Ângelo que os levou de imediato para a casa, alertando Peschiere de que as crianças estavam ali, estavam bem. E depois de terem comido o suficiente ( uma vez que estavam em jejum desde a manhã) os levaram de volta a Soresina de carro.

Meu pai ainda se lembra bem daqueles dias, e acima de tudo, ainda se lembra muito bem do que aconteceu quando eles chegam em Soresina. Todos se lançaram contra as duas crianças que realmente desta vez exageraram! Meu pai diz: "*Continuamos a apanhar, nos surravam continuamente, não terminavam mais.*" As primeiras foram as mulheres da casa, depois os homens, e depois também os agricultores que foram empregados na procura. Cada um que entrava na casa, vendo as crianças, sentiam o direito de desabafar sua raiva.

Agora eu, por primeiro, admito que dada a gravidade desta situação, era preciso dar uma lição às crianças e, acima de tudo, devemos lembrar que até alguns anos atrás todos os pais surravam as crianças quando elas mereciam. (E eu sempre continuarei a sustentar que uma esculachada ou um tapa nunca fez mal a ninguém). Mas nesta situação, se chegou a um ponto onde todos se deixaram tomar pela raiva e não eram capazes de pensar claramente para entender o limite da surra, além da qual não se deve chegar, porque se passa da punição para fins educativos, para a pura, inútil e perigosa violência.

Em meio a todo esse tumulto quando a raiva produziu os seus piores frutos, o único que ainda conseguiu manter um "contato com a realidade" foi o velho Emanuele. A um certo ponto se percebe que, apesar da gravidade do fato consumado pelas crianças, todos estavam realmente exagerando ... O velho Emanuele se impôs de um modo muito inteligente para salvar as crianças da crueldade desnecessária da violência. Lembra-se meu pai de que em certo momento o vovô começou a dizer, para as duas crianças: "*Vamos, vamos, vamos para a cama! Assim, como no quarto eu estou com vocês, ninguém vai entrar para não perturbar-me enquanto eu durmo.*"

Esta foi a única ocasião em que as duas crianças foram para a cama e permaneceram sem discutir e sem perturbar o descanso de seu avô!

Após este caso realmente preocupante, as duas crianças colocavam suas cabeças no lugar, e decidiram não faltar mais a escola, e a vida na fazenda Peschiere continuou a ficar tranquila. O primeiro frio e o nevoeiro persistente começava a limitar cada vez mais a vida da família dentro dos muros domésticos e passado o dia dos

mortes, no início de novembro, todos se preparavam para enfrentar os rigores do inverno iminente.

Para Emanuele estava chegando ao final este ano que começou tão impensavelmente bonito em sua aldeia natal, que agora, por causa do úmido frio e das neblinas que envolviam as planícies, parecia tão distante. Quem sabe quantas vezes, durante os dias frios e monótonos, ele ficava a pensar o que estava fazendo exatamente um ano antes, e quem sabe quantas vezes revia as cenas tão queridas de sua estada no Brasil.

Passaram apenas 4 meses depois de sua chegada na Itália, mas Emanuele olhava ao redor e lhe parecia que haviam passado décadas. O calor característico do Brasil, tão diferente do frio pungente e úmido da Itália, agora se transformou em brumas que envolviam a atmosfera e tornavam incerto todo contorno. Eis que a este ponto Emanuele se refugiou em sua mente, em suas memórias que subitamente ressurgiam fortes, talvez ajudadas por algumas cartas que já haviam chegado do Brasil, nas quais se liam os comentários entusiasmados de muitos sobrinhos que tiveram o prazer de ter entre eles o tio italiano, e essas lembranças o fizeram sentir como apenas desembarcado do navio e tendo em si os aromas e sabores característicos do Brasil.

Talvez em momentos como este, o velho Emanuele fez de propósito usar termos em uso em Botuverá e que aqui na Itália eram naturalmente desconhecidos. Talvez pensasse em algumas coisas que faria escrever na próxima correspondência que filhos enviassem para o Brasil, ou talvez ainda estava atento cumprir as promessas feitas aos sobrinhos no exterior, como o de adquirir e enviar uma espingarda para o seu sobrinho Palmu Tirloni, de Nova Trento. Talvez seja mesmo com todos esses pensamentos em mente e com essas lembranças que lhe aqueciam o coração que o velho Emanuele se preparava para enfrentar seu último dia neste mundo.

A manhã de **28 de novembro de 1950** era uma manhã como tantas outras neste outono frio, e nada deixava pressagiar o que estava para acontecer. Emanuele acordou cedo, se preparou e foi para a cozinha para tomar o café da manhã, como de costume, talvez juntamente com alguns dos seus familiares. Os homens já estavam ocupados no campo, fazia algum tempo. As crianças tinham ido para a escola, desta vez sem problemas. As donas de casa estavam ocupadas nas várias tarefas domésticas.

Emanuele, como provavelmente fazia muitas vezes, se não todos os dias, decidiu ir até o celeiro para verificar as vacas e o leite que fora ordenhado ao amanhecer. A estrebaria ficava mesmo ao lado da grande casa, portanto não precisava percorrer um longo caminho, mas todavia se preparou e se vestiu devidamente para enfrentar o frio. Pegou em seu colo o pequeno neto Franco (filho de seu terceiro filho Sandro) que tinha apenas dois anos, e foi para a estrebaria. Começou a fazer as verificações que ele havia decidido fazer, mas ... algo estava errado.

Apenas chegado na estrebaria, começou a se sentir mal. Começou a sentir tonturas e percebeu sintomas de náuseas. A coisa o espantou, sobretudo porque tudo

aconteceu tão de repente, e por isso decidiu voltar para casa, mas começou a sentir uma forte dor nos membros, e por isso estava difícil até mesmo de manter seu netinho no colo. Ele o tomou pela mão e caminhou lentamente em direção da casa, enquanto todo o seu mal estar se acentuava ainda mais.

Assim que ele pôs os pés na casa, para as mulheres bastou apenas um olhar para verem que o avô não estava bem. Estava visivelmente pálido e suado e as náuseas estavam se tornando mais persistente, tanto que até ele mesmo suspeitou de uma indigestão, pois disse: "*Parece-me que não fiz boa digestão*". As mulheres também apoiaram o seu argumento e suspeitaram que não tenha digerido o leite do café da manhã e, pelo fato de ter ido imediatamente até a estrebaria, o dia frio e úmido lhe teria ampliado o problema.

As mulheres começaram a alarmar-se e todas apressadas decidiram preparar um café quente para ele beber, para tentar restaurar a ordem no estômago. Mas enquanto uma das mulheres, talvez a minha avó Césera, começou a fazer o café, a situação piorou rapidamente. Emanuele estava piorando e seu rosto se tornava mais e mais lívido. Lembro-me bem quando e como minha avó me contou essa história. Nós estávamos na cozinha, sentados à mesa, enquanto falava e imitava os gestos de seu sogro como se tivessem acontecido apenas momentos antes, um sinal de que a coisa a tinha chocado e tocado profundamente.

Assim disse a minha avó: "*Eu me virei para olhá-lo, fiquei espantada, e logo percebi que havia algo de grave. Ele estava sentado à mesa [da cozinha] e segurando a cabeça entre as mãos. Tinha os olhos fechados e respirava forte, com dificuldade, como quando alguém está com falta de ar*".

Todos na casa percebem que a situação era mais grave do que o esperado, e talvez até Emanuele mesmo, neste momento, começou a perceber que estes não eram problemas de indigestão, mas eram fortes sinais de um ataque de coração que estava prestes a cometê-lo: seu destino estava certamente traçado. Alguma das mulheres foi avisar os homens nos campos que ouviram improvisamente dizer: "*Venham correndo para casa, o avô está mal!*". Ao ouvir dizer uma coisa destas, todos se deram conta que não se tratava de um mal estar de pouca importância, e todos correm para a casa porque talvez o tempo era muito curto.

Enquanto isso, em casa, o velho Emanuele piorou ainda mais. O café que estavam preparando ainda não estava pronto, mas ele não podia mais ficar sentado e começou a debruçar-se sobre a mesa. As mulheres o tomaram com força e o levaram para a sala de estar, fazendo-o deitar-se sobre uma grande poltrona, que possuía também um apoio para os pés. Consciente do quanto tinha sido a morte repentina de sua amada esposa, atingida mesmo por um mal idêntico, o próprio Emanuele, neste ponto, percebeu que, considerando a rápida deterioração da situação, agora lhe restavam para viver apenas alguns minutos, e a situação o amedrontava.

Apenas deitado, ocorreu o infarto, e foi mortal: em pouco mais de uns minutos não foi mais capaz de se mover, não podia sequer falar, e seus olhos se voltaram para

trás. Alguns momentos mais tarde, o velho Emanuele perdeu definitivamente a consciência e agonizou.

Naquele momento, entraram na casa todos os homens vindos do campo e a situação que encontram era tremenda. Meu avô Peppo contava: *“Eu voltei para casa e vi meu pai que estava ali estendido. Já não falava mais e tinha os olhos fechados. Fazia esforço para respirar, e eu imediatamente pensei: mas é este homem aqui que está morrendo!!”*

Enquanto os homens estavam entrando em casa e viam esta cena, todas as mulheres, em pânico, não sabiam o que fazer para tentar ajudar. Meu avô lembrava que uma, em especial, a tia Lisa Pesenti, esposa do terceiro filho Sandro, repetia em pânico: *“Precisamos chamar um médico, precisamos chamar um médico!”*.

O relato do meu avô prossegue dizendo que, apenas vista a cena, percebida a gravidade dos fatos, se deu conta do que estavam dizendo as mulheres: *“Havia a tia Lisa que não parava de dizer: É preciso chamar um médico! E eu gritei: “mas que médico o quê! Aqui deve-se chamar um padre! Quando eu disse aquilo, meu pai abriu os olhos novamente e ele imediatamente olhou fixo em seus olhos. Ele tentou falar e moveu a cabeça como para dizer: SIM ... Mas logo estava morto!”*

Emanuele entregou sua alma a Deus em pouco mais de 15 minutos. Ainda era de manhã, provavelmente nem mesmo às 10: horas. A fazenda Peschiere caiu no mais profundo luto pela perda desse querido e tão bom Pai. Desde seu retorno para dentro da casa, a única coisa que conseguiu dizer foi justamente que ele sentia uma indigestão, e depois desse momento tudo foi uma sucessão rápida de eventos, e ele não tinha mais conseguido falar. Ele tinha, como foi dito, 60 anos.



COMUNE DI SORESINA  
PROVINCIA DI CREMONA

UFFICIO DELLO STATO CIVILE

## CERTIFICATO DI MORTE

Il sottoscritto, Ufficiale dello Stato Civile

**CERTIFICA**

che dal Registro degli atti di morte di questo Comune,

dell'Anno **1950** al N. **94** Parte **I** Serie - risulta che:

il giorno **Ventotto**  
del mese di **Novembre**  
dell'anno **MILLENOVECENTOCINQUANTA**  
è morto in **SORESINA**

**Cognome: TIRLONI**

**Nome: EMANUELE**

che era nato in **S. CATERINA (BRASILE)**  
il giorno **DI ANNI SESSANTA**  
di stato civile **VEDOVO DI MOROSINI ROSA DOMENICA**

Si rilascia in carta libera ad uso **Amministrativo**

L'Ufficiale dello Stato Civile  


Certidão de morte de Emanuele Tirloni (scan - ano 2010)

No momento de sua morte, Emanuele era avô de 9 netos, e outros 8 lhe iriam ser adicionados nos próximos 11 anos. Apenas a caçula de seus 5 filhos, Íride, não era casada. Ela se casou dentro de pouco tempo. Não sabemos se ela já havia decidido sobre uma data, mas devia esperar que passasse o longo período de luto para co-roar seu sonho com o seu noivo Beppe Gattini.

No dia após de sua morte, a família começou a atender a todas as formalidades burocráticas seguidas à morte do chefe de família. Provavelmente a nível nome em documentos, sempre havia sido o seu que aparecia sobre todos os contratos e contas bancárias, e portanto foram feitas todas as transferências. Dizemos isso porque ainda hoje é preservada em Soresina uma carteira da conta de poupança que foi aberta apenas um dia após a morte de Emanuele com as assinaturas de todos os 4 filhos homens, como a sublinhar a firme intenção de manter a unidade familiar, união esta que era tão cara para o velho Emanuele. Não sabemos se o valor indicado na carteira era exatamente aquele das economias que Emanuele foi capaz de pôr de lado durante a sua vida ou se cada um dos filhos também acrescentou uma participação pessoal.

Não era uma cifra hiperbólica (porque é preciso considerar a desvalorização maciça que teve a lira depois da guerra), tratou-se de um pouco menos de 1.000.000 de liras, mas de qualquer forma era uma cifra que merecia um determinado respeito.

O corpo de Emanuele foi colocado na sala do lado noroeste da casa, e logo começou uma peregrinação de quem foi prestar homenagem ao velho chefe de família. Foram muitas as pessoas que acorreram, e muitos foram também os cartões de condolências enviadas por várias pessoas distantes, ou talvez impossibilitadas de fazer uma visita. Um desses bilhetes chegou até os dias atuais, é um exemplo de rara "poética", como naqueles tempos se costumava fazer. Estão grafadas palavras de pesar pela partida repentina de Emanuele, elogios para a família (que foi referida como "*uma das poucas a serem considerados como exemplares*") e termina dirigindo um saudoso pensamento à sua filha Íride, a única que ainda não estava casada.

Quantos vieram para fazer uma visita à fazenda Peschiere permaneceram muito impressionados com um detalhe: os dois netos, Emanuele e Ferdinando, passaram todo o tempo ali onde o avô Emanuele permaneceu com seu corpo exposto. Ninguém lhes havia imposto, foi uma decisão que as duas crianças haviam tomado por sua própria escolha. Minha avó Césera contou muitas vezes este fato, dizendo que todas as pessoas que entraram na câmara ardente viam os dois meninos sentados em frente ao caixão, e muitos, surpreendidos por este fato, havia aconselhado as crianças a não ficarem ali sempre. Sua resposta, porém, era sempre a mesma: "*Não, nós vamos ficar aqui para fazer companhia ao avô!*" Os próprios netos maiores, de quem haviam sofrido seus espancamentos, agora se revelaram em toda a sua afeição para com esse avô com quem dividiam o seu quarto.

O funeral provavelmente foi realizado no dia 01 de dezembro. Para a ocasião, seus filhos decidiram fazer algo que à primeira vista poderia parecer, no mínimo, incomum, se não absurda. Mas na realidade era uma coisa que naqueles tempos às vezes acontecia: foi chamado um fotógrafo para realizar um serviço fotográfico em torno de todo o rito funeral, do qual foi feito um álbum que chegou até os nossos dias.

Este documento, decididamente especial – não é preciso negá-lo - quase ao ponto do macabro, tem na verdade um valor muito alto, pois permite-nos a viver pessoalmente naqueles momentos, repondo-nos fielmente o cerimonial de um funeral na realidade rural daqueles tempos.

Hoje em dia a gente permanece realmente um pouco incrédulo diante do que se ouve e se compartilha do que era um funeral. O que hoje é visto como algo "que deve ser evitado ou pelo menos limitar o mais possível" para não prejudicar a paz e a vida cotidiana, tornava-se, em vez, algo muito sagrado que ninguém podia e nem devia se isentar de participar. O funeral era o clímax e quase o mais importante da vida de cada homem, porque representava o nascimento para o céu, ou por certo, o momento em que se faziam as contas para o julgamento final. A partir das fotografias se percebe que tudo era planejado em cada detalhe com muito cuidado. Por incrí-

vel que possa parecer um funeral era mais bem elaborado e solene do que um casamento!

Percorrendo as cerca de 25 fotografias que compõem o álbum, das quais apresentamos só algumas mais fundamentais (por razões de espaço, mas também para não perturbar a sensibilidade de quem pode achar que é demasiado horrível tal coisa), pode-se ver tantos detalhes bem cuidados para dar mais elegância e solenidade à celebração, mas não devemos esquecer, contudo, que a riqueza e sutileza do funeral eram também devidas ao fato de que era um funeral de um homem certamente não é pobre! Os Tirloni eram uma família rica, e portanto tudo era proposto de forma muito mais faustosa do que o normal: a partir das flores e coroas sobre o caixão, carro fúnebre com o caixão ornamentado, e por fim, com panos diversos, velas e ornamentos sagrados usados na igreja!

O álbum começa chamando a atenção para o epitáfio elaborado, como era usado naquele tempo, para poeticamente resumir a vida do falecido. Foi colocado em cima da porta da grande igreja de São Siro, onde foram celebrados os funerais de Emanuele. O epitáfio recita o seguinte: *"Emanuele Tirloni: agricultor perito, um pai exemplar, reverenciado na família, rodeado de respeito e estima, embora residente não muito tempo aqui, não se envergonhava jamais de sua fé, vivendo na prática da fé cristã sob o olhar de Deus, preparado para o chamado que transforma as tribulações em beatitude sem fim"*.

O corpo de Emanuele colocado sobre um elegante catafalco decorado com flores, rodeado por 4 grandes velas e coberto com um paramento de veludo preto decorado com vários sinais sugestivos da morte, da fé e da ressurreição. Notamos que nas mãos de Emanuele foi colocado de forma proeminente um rosário, e sobre o peito foi colocado um pequeno crucifixo (usos que ainda estão em prática hoje) e nas fotografias seguintes se veem os cinco filhos de Emanuele que se permitem estar todos juntos em mais momentos enquanto velam o seu pai.

Na saída do caixão da casa se percebe a presença de grande multidão no funeral de Emanuele, apesar do dia muito frio, sinal tangível do afeto e da estima que Emanuele havia atraído sobre si mesmo durante toda a sua vida, mas também durante a curta estadia nesta nova vila (como bem estava expresso no epitáfio postado acima da porta da igreja). Um particular de fato interessante imortalizado pelo fotógrafo é que no momento em que o caixão saía da casa, todos os presentes, retratados de costas, pois olhavam de frente para o caixão, tiraram o chapéu em sinal de deferência, respeito e cumprimentos (como impunham os bons costumes ditados por aqueles tempos, que não pareciam como sendo constrangimentos, mas eram, ao contrário, profundamente sentidos e seguidos).

O cortejo fúnebre seguiu o seu caminho para a igreja de forma ordenada e precisa: por detrás do crucifixo seguiam as crianças da vila, a partir dos menores até os maiores (coisa realmente incrível nos dias de hoje, especialmente quando as crianças são distanciadas de momentos como este) em seguida as inúmeras coroas de flores transportadas por empresários das pompas fúnebres, alguns dos quais seguiam, em vez, segurando velas acesas e, finalmente, vinham os coroinhas e os padres que precediam o carro fúnebre no qual estavam penduradas outras coroas de flores.

Atrás do carro fúnebre seguiam todos os membros da família: imediatamente ligados ao carro fúnebre, se encontravam os dois netos Emanuele e Ferdinando (que tinham passado os dias anteriores a velar seu avô ininterruptamente), depois estão os 4 filhos (em ordem de posição se vê: Sandro, Ângelo, Peppino e Dante) e na linha detrás deles, se vê sua filha Íride, apoiada por seu namorado Beppe, e todas as noras de Emanuele. Também a partir destas imagens se pode notar um particular interessante: todas as mulheres da casa Tirloni estavam vestidas com peles elegantes! Narram na casa Tirloni que o velho Emanuele tinha dado, não só à sua filha, mas também para cada uma de suas noras um casaco de pele, como se fosse um presente de "boas vindas". Nos dias de hoje, a consciência animalista reduziu drasticamente o interesse por estas roupas de peles, mas até poucos anos atrás, ter um casaco de pele era o sonho de toda mulher (também porque era um objeto muito caro!).

Chegados em frente da igreja foram mesmo os 4 filhos de Emanuele que levaram o caixão de seu pai, o carregavam sobre os ombros e o levaram em procissão para dentro da igreja. O acaso quis que Emanuele tivesse 4 filhos, o número necessário para fazer este serviço, e as fotografias em várias ocasiões mostram-nos que durante todo o funeral, sempre que fosse necessário, eram sempre e só os filhos a ocuparem-se de movimentar o pesado caixão, como a quem fazem o último ato de cuidado para com o seu amado pai!

Apenas uma fotografia foi tirada na grande igreja de São Siro, mas por si só é suficiente para tornar óbvio para qualquer pessoa o grande cuidado e solenidade da celebração deste rito do sepultamento. O caixão de Emanuele foi colocado em cima de um grande esquife, foi coberto com um grande e pesado pano de veludo preto, decorado com o mesmo motivo do paramento dependurado detrás do corpo de Emanuele durante os dias em que foi exposto na casa. Acima deste pano que envolvia tanto o caixão como o esquife, cobrindo-os inteiramente, foi colocado mesmo no lugar que correspondia à cabeça do Emanuele uma almofada também de veludo preto, e em torno do esquife foram colocados 18 candelabros com velas que o rodeavam totalmente.

Eu me lembro que quando vi pela primeira vez esta fotografia eu fiquei realmente muito impressionado, porque é uma imagem que tem um impacto visual muito forte, especialmente quando comparado com as imagens dos funerais de hoje, que ao contrário, são dolorosamente nus e míseros. A nível de visão, é uma imagem de um impacto cenográfico realmente de uma austeridade, gravidade e solenidade como jamais eu havia imaginado!

Terminadas as exéquias, formou-se o cortejo fúnebre, percorrendo as ruas de Soresina, para o grande cemitério localizado ao norte da vila. Minha tia Maria Rosa, a irmã mais nova do meu pai, que na época destes acontecimentos tinha 2 anos e meio, ainda se lembra muito bem da cena do cortejo fúnebre, no qual ela se encontrava junto ao primo Franco, o mesmo que fora para a estrebaria com o velho avô Emanuele quando ele foi atingido pelo infarto que o matou. **CHIEDERE**

Chegados ao cemitério, eis que o caixão de Emanuele foi carregado nas costas pelos filhos que, apesar do peso, percorreram longa distância que separava a entrada, do local de enterro. O cortejo tomou a avenida da entrada nova, ainda sem o pórtico

de entrada que hoje o caracteriza, girou em torno da capela memorial e finalmente, junto com as muitas pessoas que o acompanhava, chegou ao túmulo onde foram enterrados os restos mortais de Emanuele, pondo um fim a este triste dia, e a aventura humana do meu bisavô.





Funeral de Emanuele Tirlohi (fotografias - ano 1950)

O álbum composto por esta oportunidade foi enviado imediatamente para o Brasil e foi visto primeiro por sua irmã Albina, e depois por todas as famílias de seus 32 sobrinhos. Quando todos terminaram de vê-lo, foi devolvido para Itália, e como foi dito, chegou intacto até hoje. Minha avó Césera me contou que a ideia de fazer este álbum e enviá-lo para o Brasil tinha sido muito apreciada pelos parentes do outro lado do oceano, que aliás tinham conhecido apenas alguns meses antes o tio italiano. Na verdade, na varias correspondências todos se diziam gratos por permitir que eles, virando as poucas páginas, sentiam que estavam de alguma forma envolvidos nesta triste cerimônia

Também Emanuele, como sua amada esposa quase 11 anos antes, havia falecido sem os consolos da religião. A rapidez com que tinha ocorrido sua morte, não tinha permitido tirar os pesos de consciência. Mas o que teria cometido de tão grave para fazê-lo temer por sua alma? Nós nunca saberemos, e esta é uma questão que assusta a todos, principalmente a meu avô, que nunca chegaria a tirar da cabeça esta dor, e a pensar que seu pai pudesse ter ido para a condenação eterna. Felizmente, no entanto, após cerca de um mês, ele se sentiu reanimado por uma pessoa realmente muito especial, em cujas palavras acreditou sem sombra de dúvida: o Padre Pio.

Mesmo nos últimos dias desse ano, meu avô foi para São Severo, na Apúlia, no Gargano, para comprar o mais recente corte de forragens para os animais, uma coisa que já fazia e faria por muitos anos. Contava meu avô que naquela ocasião a jornada lhe parecia mais difícil de enfrentar porque sua mente estava muito perturbada por muitas coisas: sua sogra estava muito doente, os médicos haviam diagnosticado que o câncer de mama já tinha metástases, e por isso o prognóstico era apenas de 5 a 6 meses de vida. Além disso, havia sempre o detalhe de seu pai, Emanuele, que pudesse ter morrido com algo sério em sua consciência, tão grave mesmo a temer pela sua alma.

Enquanto se encontrava na vila Pugliese, meu avô Peppo, confiando os problemas de sua sogra com os moradores do lugar, ouviu falar de um personagem, para nós, pessoas do Norte, um desconhecido: o frade com os estigmas, que residia em São Giovanni Rotondo. Meu avô decidiu fazer uma tentativa de falar com ele e pedir sua intercessão em favor da sogra, e isso aconteceu. A bordo do Fiat Topolino com que fazia esta viagem, chegou a São Giovanni Rotondo ainda de manhã cedo, e enquanto estava pronto para bater à porta do convento para pedir uma audiência com esse frei, que ele só tinha visto numa fotografia, a porta do convento abriu-se e meu avô encontrou diante dos seus próprios olhos o santo de Pietrelcina.

Meu avô pediu uma confissão. Padre Pio o calou de forma abrupta, dizendo: "*Cale-se, você tagarela! Você fez ...*" E começou a antecipar todos os seus pecados, coisa que Padre Pio fez muitas vezes. Depois deste fato que deixou meu avô chocado e impressionado diante da figura do velho Frade, o meu avô falou a Padre Pio a respeito de sua sogra. O Santo recolheu-se em reflexão e, em seguida, exortou meu avô e toda a família para a oração, dizendo que ainda havia uma esperança.

Nesse ponto, meu avô fez menção de retirar-se, mas Padre Pio o faz esperar, e aqui vem a segunda coisa que literalmente fez tremer o meu avô Peppo: Padre Pio disse ao meu avô: "*Você não terminou. Por que não me conta a outra coisa que te oprime o coração?*". Meu avô então tomou coragem e disse-lhe que seu pai Emanuele havia morrido sem os consolos da religião, e certamente teria algo de sério em sua consciência. Então contou o particular da morte de seu pai Emanuele, que em seu leito de morte, o olhava pedindo um padre. Neste momento Padre Pio olhou para ele, e sério lhe disse: "*Não se preocupe, seu pai está salvo*".

Para meu avô, estas palavras devem ter soado como uma verdadeira libertação! Eu não sei como andaram os fatos na casa Tirloni, mas eu imagino que o meu avô, logo que pôde, telefonou para casa para dar a todos esta notícia, e logo que vol-

tou a Soresina provavelmente contou todos os detalhes deste encontro, e de todas essas palavras para convencer a sua família da salvação da alma do pai Emanuele!

Os familiares decidiram colocar na tumba a tradicional fotografia de recordação, mas decidiram colocar ambos os genitores. Para Rosa foi escolhida uma fotografia mais antiga que a retratava jovem e bonita, enquanto para Emanuele foi escolhida uma foto tirada na maturidade, que objetivamente era uma das melhores fotografias que temos dele.



Imagem comemorativa de Rosa Morosini e Emanuele Tirloni (scan - ano 2005)

A oração que foi escolhido como epitáfio, indica a particular escolha dos filhos de apontar para o detalhe da forte união deste casal, e de fato esta era provavelmente a inspiração que os levava a fazer uma outra reflexão.

Como vimos nas fotografias do álbum, Emanuele foi enterrado em um túmulo único no cemitério de Soresina, mas este fato desagradava aos filhos, porque os pais foram enterrados, ele em Soresina e ela em Romanego. Os dois cônjuges jaziam separados, e cada um estava "só" em seu cemitério. Talvez os filhos de Emanuele inicialmente levantaram a possibilidade de enterrar os pais no cemitério de Covo, perto de todos os seus entes queridos. Talvez até mesmo no grande túmulo da família onde descansavam por hora apenas os pais de Emanuele. Mas esta hipótese foi rejeitada,

optando por um enterro na vila onde todos viviam, e não em um lugar onde eles poderiam ir apenas ocasionalmente para visitar seus entes queridos.

Os filhos de Emanuele decidiram colocar no cemitério em Covo, no grande túmulo da família, uma pequena placa para lembrar seus pais, e optaram por construir no cemitério de Soresina um grande túmulo de família, para o qual, uma vez concluído, se removeriam os restos de ambos.



Cemitério Covo: detalhe do túmulo da família (fotografia - ano 2009)

Assim tudo foi feito, mas na hora em que toda a papelada havia sido feita e a empresa de construção havia terminado o trabalho, havia passado cerca de um ano. Concluídos os trabalhos e obtidas as licenças, os corpos foram exumados, mas no que se refere à mãe Rosa houve um problema: o caixão no qual ela jazia, estava muito deteriorado e não era adequado para ser transportado. Por isso foi substituído por outro. A tia Íride diz que seus irmãos concordaram em rever a sua mãe, e então, assistiram à operação de reabertura do caixão.

O corpo de Rosa aparecia ainda muito bem preservado e livre dos feios sinais de decomposição. O pano colocado sobre a face de Rosa no momento da sua sepultura, havia aderido perfeitamente aos contornos do rosto, e lembrava a todos os seus filhos que a observavam, uma imagem fiel de sua mãe. Animados com este fato, os irmãos Tirloni ousaram ainda mais: tentaram remover a mortalha para realmente ver o rosto da mãe. Mas infelizmente a pele do rosto de Rosa estava presa à mortalha, e seu rosto se desfez completamente.

Terminada a transferência dos corpos, os dois cônjuges, agora reunidos fisicamente, repousam por cerca de 50 anos no grande jazigo da família no cemitério de Soresina, no qual, com o passar do tempo, também foram colocados os seus filhos e noras que vieram a faltar. As mesmas fotos que foram usadas para os santinhos também foram usadas para as lápides nos cemitérios de Covo e de Soresina.

Após o término do tempo previsto na lei, por volta de 2000 foi decidido de re-exumar seus restos mortais e colocá-los permanentemente em ossários abaixo do piso da capela grande, e sua memória existe uma placa colocada na parte interna da capela à direita do altar, sobre a qual foram aplicadas as fotos utilizadas originalmente.



Cimitero di Soresina: tomba di famiglia Tirloni (fotografia - anno 2012)

Nos dias de hoje, no início de 2012, dos seus cinco filhos permanece viva apenas Íride, que tem 84 anos. Estão vivas também duas noras e o genro. Inês Bocchi - esposa do filho mais velho, Ângelo - que recentemente comemorou 91 anos; Eleonora Noris Cappellini - esposa do quarto filho Dante - que tem 87 anos, e seu genro Giuseppe Beppe Gattini, marido coetâneo de Íride, com quem acabou há pouco de celebrar as bodas de diamante.

Dois de seus 17 netos, dois já vieram a faltar: Emanuele, filho maior de Giuseppe, e Eduardo, último filho de Ângelo. Este foi penúltimo neto que Emanuele nunca conheceu, o qual veio prematuramente a faltar em um infeliz e horrível acidente que ocorreu no campo.

A descendência de Emanuele é composta de 28 bisnetos nascidos entre 1966 e 1994, e 12 trinetos nascidos desde 2000.

Neste ponto, terminou definitivamente a longa história de meus bisavós Emanuele e Rosa. Muitas foram as pessoas que me ajudaram a transmitir esta longa história, e seus nomes aparecem em várias seções deste capítulo. No entanto gostaria de mencionar especialmente, mais uma vez: a tia Íride Tirloni Gattini e os tios brasileiros Dorval Luiz Maestri, Francisca Andreoli Tirloni e João Tirloni.

A todos eles, mas também a todas as outras pessoas a quem me referi neste capítulo, vão os meus agradecimentos mais sentidos e sinceros!